

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA
EDUCAÇÃO**

**ALFABETIZAÇÃO COMO CONDIÇÃO DE LIBERDADE: UMA
ANÁLISE DA CARTILHA *¡VENCEREMOS!* COMO RECURSO
PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO HOMEM NOVO EM CUBA**

DAYANE DE FREITAS COLOMBO ROSA

**MARINGÁ
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO**

**ALFABETIZAÇÃO COMO CONDIÇÃO DE LIBERDADE: UMA ANÁLISE DA
CARTILHA *¡VENCEREMOS!* COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA
FORMAÇÃO DO HOMEM NOVO EM CUBA**

Tese apresentada por DAYANE DE FREITAS COLOMBO ROSA, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação

Orientador:

Prof. Dr.: JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO

Coorientadora:

Prof^a. Dra.: ROSELI GALL DO AMARAL

MARINGÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R788a

Rosa, Dayane de Freitas Colombo

Alfabetização como condição de liberdade : uma análise da cartilha venceremos! Como recurso pedagógico na formação do Homem Novo em Cuba / Dayane de Freitas Colombo Rosa. -- Maringá, PR, 2024.
320 f.color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo.

Coorientadora: Profa. Dra. Roseli Gall do Amaral.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Educação - Cuba. 2. Alfabetização - Cuba. 3. Homem Novo - Cuba. 4. Jovens Maestros. 5. Identidade. I. Melo, José Joaquim Pereira, orient. II. Gall do Amaral, Roseli, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Fundamentos da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

CDD 23.ed. 370.97291

Jane Lessa Monção - CRB 9/1173

DAYANE DE FREITAS COLOMBO ROSA

**ALFABETIZAÇÃO COMO CONDIÇÃO DE LIBERDADE: UMA ANÁLISE DA
CARTILHA *¡VENCEREMOS!* COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA
FORMAÇÃO DO HOMEM NOVO EM CUBA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo (Orientador) –
UEM

Prof^a. Dr^a. Roseli Gall do Amaral (Coorientadora) –
UTFPR - Apucarana

Prof. Dr. Alexander Gonçalves - UENP

Prof^a. Dr^a. Maria Elisabeth Blanck Miguel – UFPR

Prof. Dr. João Paulo Pereira Coelho – UEMS

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Gomes Machado – UEM

Maringá, 23 de novembro de 2023

Dedico este trabalho a Deus, minha força; aos meus pais, meu filósofo e colérica preferidos; a um anjinho que sentiu comigo, por nove semanas, as dores e alegrias desse processo; ao meu querido esposo Márcio; à minha princesinha Emily e aos meus Professores, fontes de inspiração, Dr. José Joaquim Pereira Melo e Dr^a. Roseli Gall do Amaral.

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa, além de fontes, discussões e análises, também é feita por pedacinhos de outras vidas que, de uma maneira ou de outra, vão deixando marcas em nossa alma. Marcas que nem sempre são bonitas ou felizes, mas que nos transformam, amadurecem e fortalecem. Enfim, que nos humanizam. Por isso, agradeço a todos e todas que fizeram parte deste ciclo, permitindo-me crescer e escrever mais uma etapa da minha história com os pedacinhos que deixaram em mim.

De maneira especial agradeço:

A Deus, pelo seu amor, sua bondade e misericórdia. Por escolher as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias e, as fracas, para confundir, as fortes.

Ao meu esposo, Márcio, pela parceria, incentivo e paciência.

Aos meus pais, Djair e Marlene, pelo amor materializado nesses quatro anos, em forma de cuidado e motivação.

Aos familiares mais próximos, por compreenderem as faltas nos compromissos e celebrações.

Às minhas amigas, Roseli, Joyce, Stela, Derli, Maria Luciane e Adriana, pelas orações e momentos de comunhão, nos quais sempre me estimularam e não me deixaram desistir.

Ao Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo, pela orientação rica em conhecimento, carinhosa e paciente.

À Prof^a. Dr^a. Roseli Gall do Amaral, pela dedicada coorientação, imprescindível para a realização desta pesquisa, como também, por sua amorosidade, gentileza e humanidade.

Aos membros da banca examinadora, pelas excelentes contribuições.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, pelo incentivo e valorosas discussões.

Aos jovens maestros que participaram da Campanha de Alfabetização Cubana, por serem fonte de inspiração.

[...] Para los educandos se abrían nuevos mundos que sus alfabetizadores les contaban. Pero quienes más cambiaban eran los alfabetizadores. Aprendían de dónde viene el café que se habían tomado desde niños todas las mañanas, cómo se lava en los ríos, qué difícil de manejar es el hacha para tumbar un palo del monte. Y casi sin percatarse, aprendían otras cosas más sutiles que les durarían para toda la vida. La más importante es que aprendían a ser hombres y mujeres de otra manera (MURPHY; CAIRO, 2014, p.6).

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda (PAULO FREIRE).

Se as coisas são inatingíveis..., ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora A mágica presença das estrelas! (MARIO QUINTANA).

ROSA, Dayane de Freitas Colombo. **ALFABETIZAÇÃO COMO CONDIÇÃO DE LIBERDADE: UMA ANÁLISE DA CARTILHA *¡VENCEREMOS!* COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO HOMEM NOVO EM CUBA**. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo, Coorientadora: Prof.^a Dr.^a. Roseli Gall do Amaral da Silva. Maringá, 2023.

RESUMO

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa História e Historiografia em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e vincula-se ao grupo de pesquisa Transformações Sociais e Pensamento Educacional - GPTSPE. O objetivo central foi analisar a contribuição da Cartilha *¡Venceremos!* e sua instrumentalização, por parte dos jovens maestros, à possível formação de um homem novo cubano para a sociedade socialista, identificando suas características para a tentativa de seu reconhecimento. Como fonte primária, utilizou-se a Cartilha *¡Venceremos!*. E, como fontes secundárias, delimitou-se o Manual do professor *Alfabetemos*; reportagens divulgadas nas Revistas *Verde Olivo*, *Bohemia* e *INRA*, bem como os discursos de Fidel Castro no dia 26 de setembro de 1960, na sede das Nações Unidas; de 28 de janeiro de 1961, no Ato de inauguração da Cidade Escolar Abel Santamaria e, o de 22 de dezembro de 1961, quando declarou Cuba o primeiro território livre de analfabetismo da América Latina. E, os discursos: *O que deve ser um jovem comunista* de 20 de outubro de 1962 e *O Socialismo e o Homem em Cuba* de 12 de Março de 1965 de Ernesto Che Guevara. O pressuposto abordado para o tratamento das fontes foi o entendimento de que elas se configuram no ponto de partida da construção dos registros historiográficos, e, que ao levantar materiais didáticos-pedagógicos como fonte, cabe ao historiador interpretar as relações sociais, políticas e econômicas identificadas nos mesmos. Ao examinar as fontes primárias e secundárias, buscou-se compreender o papel atribuído à educação, em especial à alfabetização em Cuba entre 1961-1965 para atender o modelo social que o governo revolucionário pretendia construir. Além de instrumentos didáticos, os impressos pedagógicos são vestígios que podem desvelar valores culturais e um ideal de homem vinculado a interesses políticos de uma sociedade situada em um tempo e um espaço. Desse modo, a pesquisa foi estruturada por um caráter bibliográfico tendo a análise histórica e as transformações materiais que aconteciam na Ilha como fio condutor. As questões problematizadoras para esse estudo foram: de que forma e em que medida a Cartilha *¡Venceremos!* expressa a formação ideal do homem novo pretendido em Cuba? Como foi compreendida a alfabetização em Cuba no ano de 1961? Como a alfabetização, naquele período, em Cuba, pode ter contribuído para o desenvolvimento da identidade e autonomia do povo cubano, especificamente o camponês, o operário e os jovens maestros? Essa proposta formativa se materializou na sociedade cubana naquele período? De que forma? Os resultados obtidos permitiram inferir que a alfabetização em Cuba no período de

1961-1965 foi sistematizada com a finalidade de formação de consciência, condição de liberdade e consolidação da Revolução. Conforme consta nos impressos pedagógicos, especialmente em *¡Venceremos!*, e nos meios publicitários, a forma como ela foi instrumentalizada levou ao desenvolvimento de um relacionamento entre professor-aluno, contribuindo de forma significativa para a construção da identidade, da autonomia e da autoestima do povo cubano. Aproximando-se de uma proposta formativa omnilateral que objetivava o surgimento de um homem novo, principalmente porque fomentava o trabalho como categoria de mediação da práxis social. Nesse sentido, a tese proposta é que em 1965, quando o homem novo foi vislumbrado por Che Guevara, na realidade era ainda um objetivo a ser atingido, sendo os jovens maestros os que mais se aproximavam desse ideal de formação. Contudo, Cuba demonstrou que erradicar o analfabetismo é uma tarefa árdua e complexa, mas, possível quando articulada ao significado da alfabetização enquanto instrumento de conscientização e humanização.

Palavras-chave: Alfabetização; Jovens Maestros; Identidade; Autonomia; Omnilateralidade; Homem Novo.

ROSA, Dayane de Freitas Colombo. **LITERACY AS A CONDITION OF FREEDOM: AN ANALYSIS OF THE BOOKLET ¡VENCEREMOS! AS A PEDAGOGIC RESOURCE IN THE TRAINING OF THE NEW MAN IN CUBA.** 320 p. Thesis (Doctorate in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo, Co-Supervisor: Prof^a. Dr^a. Roseli Gall do Amaral da Silva. Maringá, 2023.

ABSTRACT

This work is part of the research line History and Historiography in Education of the Graduate Program in Education at the State University of Maringá (UEM) and is linked to the research group Social Transformations and Educational Thought - GPTSPE. The main objective was to analyze the contribution of the Booklet ¡Venceremos! and its instrumentalization, by the young conductors, in the possible formation of a new Cuban man for the socialist society, identifying its characteristics for the attempt of its recognition. As a primary source, the booklet ¡Venceremos! was used. And, as secondary sources, the Alfabetemos teacher's Manual was delimited; reports published in Verde Olivo, Bohemia and INRA magazines, as well as Fidel Castro's speeches on September 26, 1960, at the headquarters of the United Nations; on January 28, 1961, at the inauguration of Cidade Escolar Abel Santamaria, and on December 22, 1961, when Cuba was declared the first illiteracy-free territory in Latin America. And, the speeches: What should be a young communist of October 20, 1962 and Socialism and Man in Cuba of March 12, 1965 by Ernesto Che Guevara. The assumption approached for the treatment of the sources was the understanding that they are configured at the starting point of the construction of historiographical records, and that, when raising didactic-pedagogical materials as a source, it is up to the historian to interpret the social, political and economic relations identified ourselves. By examining the primary and secondary sources, we sought to understand the role attributed to education, especially literacy in Cuba between 1961-1965 to meet the social model that the revolutionary government intended to build. In addition to teaching instruments, pedagogical forms are vestiges that can reveal cultural values and an ideal of man linked to political interests of a society located in a time and space. In this way, the research was structured by a bibliographic character, having the historical analysis and the material transformations that took place on the Island as a guiding thread. The problematizing questions for this study were: how and to what extent the ¡Venceremos! does it express the ideal formation of the intended young man in Cuba? How was literacy understood in Cuba in 1961? How could literacy, in that period, in Cuba, have contributed to the development of the identity and autonomy of the Cuban people, specifically peasants, workers and young teachers? Did this training proposal materialize in Cuban society in that period? In what way? The results obtained allowed us to infer that literacy training in Cuba in the period 1961-1965 was systematized with the aim of raising awareness, a condition for freedom and consolidation of the Revolution. As stated in the pedagogical publications, especially in ¡Venceremos!, and in the advertising media, the way in which it was instrumentalized led to the development of a teacher-student relationship, contributing significantly to the construction of

identity, autonomy and self-esteem of the student. Cuban people. Approaching an omnilateral formative proposal that aimed at the emergence of a new man, mainly because it encouraged work as a category of mediation of social praxis. In this sense, the proposed thesis is that in 1965, when the new man was envisioned by Che Guevara, in reality it was still a goal to be achieved, with young conductors being the ones who came closest to this training ideal. However, Cuba demonstrated that eradicating illiteracy is an arduous and complex task, but possible when articulated to the meaning of literacy as an instrument of awareness and humanization.

Key words: Literacy; Young Masters; Identity; Autonomy; Omnilaterality; Man New.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Capa da Cartilha <i>¡Venceremos!</i>	54
Figura 02 – Capa do Manual <i>Alfabetecemos</i>	60
Figura 03 – Sumário do Manual do professor <i>Alfabetecemos</i>	62
Figura 04 – Capa e Contracapa da Cartilha <i>¡Venceremos!</i>	68
Figura 05 e 06 – Lição <i>Poesia, Alfabeto e Números</i> da Cartilha <i>¡Venceremos!</i> ..	71
Figura 07 – Imagens das aulas utilizando <i>¡Venceremos!</i>	75
Figura 08 – Lição <i>¡YA LLEGÓ EL AÑO DE LA EDUCACIÓN</i>	77
Figura 09 e 10 – Imagens da lição: <i>¡YA LLEGÓ EL AÑO DE LA EDUCACIÓN!</i>	80
Figura 11 e 12 – Imagens da lição: <i>Cada Cubano Dono de Sua Casa</i>	82
Figura 13 – Charge de divulgação da Campanha de Alfabetização	87
Figura 14 – <i>2 Armas contra la Ignorancia</i>	88
Figura 15 – Decalque para propaganda da Campanha de Alfabetização	95
Figura 16 – Pausa de Felicidade	96
Figura 17 – Jovens Maestros recebendo instruções sobre a Campanha de Alfabetização.....	99
Figura 18 – Jovens Maestros embarcando para iniciar a Campanha de Alfabetização.....	102
Figura 19 – Jovens Maestras embarcando para iniciar a Campanha de Alfabetização.....	103
Figura 20 – Imagens do Manual <i>¡Cumpliremos!</i>	111
Figura 21 – Imagens do Manual <i>¡Cumpliremos!</i> sobre a importância da Alfabetização.....	111
Figura 22 – Imagens do Manual <i>¡Cumpliremos!</i> sobre a importância de ser um professor brigadista	113
Figura 23 – Código de conduta do professor brigadista	114
Figura 24 – Cartaz da fórmula QTATA	116
Figura 25 – Cartaz de Mario Masvidal de maio de 1961	118
Figura 26 – Alfabetização e Conscientização	119
Figura 27 – Reportagem <i>estamos Vencendo</i>	120
Figura 28 – <i>¡Todos a la Batalla Final!</i>	126
Figura 29 – <i>Una luz distinta en el Faro de Maisí</i>	129
Figura 30 – Fidel Castro e a alfabetizadora Bárbara Palenzuela	132

Figura 31 – Lições da Cartilha <i>¡Venceremos!</i> INRA e <i>Las Cooperativas de La Reforma Agraria</i>	151
Figura 32 – Lição da Cartilha Produzir-Ahorrar-Organizar	154
Figura 33 – <i>La Revolución gana todas las batallas</i>	158
Figura 34 – Lição da Cartilha <i>¡Venceremos!</i> La Tierra	160
Figura 35 – Un pueblo sano en una Cuba Libre	171
Figura 36 – Epígrafes contidas em <i>¡Venceremos!</i> - Instrução Intelectual	173
Figura 37 – Carta para Fidel Castro	176
Figura 38 – Las Milicias	179
Figura 39 – Exercício A da Lição <i>As Milícias</i> de <i>¡Venceremos!</i> - Instrução Física.....	180
Figura 40 – Exercícios A e C da Lição <i>A Terra</i> de <i>¡Venceremos!</i> - Instrução Politécnica.....	183
Figura 41 – Tema XVII do Manual <i>Alfabetecemos - Operários e Camponeses</i> ..	185
Figura 42 – <i>¡Usted también puede hacer que haya más técnicos cubanos!</i>	186
Figura 43 – Para el hombre que sabe lo que quiere: <i>¡y ahora lo está haciendo!</i>	188
Figura 44 – Exercícios A e B da Lição <i>INIT</i> de <i>¡Venceremos!</i> - Instrução Artística e Cultural	192
Figura 45 – Trecho 01 da Reportagem Clodomira Crisol	197
Figura 46 – Trecho 02 da Reportagem Clodomira Crisol	198
Figura 47 – Reportagem sobre o Centro Vocacional para Maestros Primários.	207
Figura 48 – Contracapa da <i>Revista Verde Olivo</i> : Edição de Abril de 1961	222
Figura 49 – Texto de abertura da Lição <i>As Milícias</i> de <i>¡Venceremos!</i>	226
Figura 50 – Exercício A, tarefa número 3, da Lição <i>Cuba não está só de ¡Venceremos!</i>	227
Figura 51 – Exercício B, tarefa número 3, da Lição <i>Cuba não está só de ¡Venceremos!</i>	228
Figura 52 – Edição da Revista <i>Bohemia</i> publicada em 12 de novembro de 1965.	229
Figura 53 – Edição da Revista <i>Bohemia</i> publicada em 12 de novembro de 1965, Reportagem: <i>O Che Guevara: A Revolução com Amor</i>	231
Figura 54 – Exercício A da Lição <i>O Povo Trabalha</i> de <i>¡Venceremos!</i>	238
Figura 55 – Exercício B da Lição <i>O Povo Trabalha</i> de <i>¡Venceremos!</i>	239
Figura 56 – Propaganda em 1965 do Centro de Vocacional de Maestros Primários	240

Figura 57 - Reportagem <i>Como se forma um maestro na sociedade socialista</i>	242
Figura 58 - Trecho 01 da Reportagem <i>O PURSC no MININT Comunismo</i>	244
Figura 59 - Trecho 02 da Reportagem <i>O PURSC no MININT Comunismo</i>	245
Figura 60 - Trecho 03 da Reportagem <i>O PURSC no MININT Comunismo</i>	246
Figura 61 - Trecho 04 da Reportagem <i>O PURSC no MININT Comunismo</i>	247
Figura 62 - Trecho 05 da Reportagem <i>O PURSC no MININT Comunismo</i>	247
Figura 63 - Exercício C da Lição <i>Os Pescadores Cubanos de ¡Venceremos!</i>	250
Figura 64 - Cortadores de Cana premiados pelo bom desempenho no trabalho voluntário	243
Figura 65 - Reportagem <i>O Ensino e o Trabalho Frutífero e Criativo</i>	256
Figura 66 - Propaganda do Conselho Nacional de Educação para estimular o estudo e o trabalho nas Ciências Agropecuárias	257
Figura 67 - Reportagem <i>A Recompensa: primeiro pastoreio em rotação verdadeiramente científico</i>	262
Figura 68 - Reportagem <i>Cientistas cubanos investigam sobre o câncer</i>	267
Figura 69 - Trecho da Reportagem: <i>O povo inventa: Dez casos, entre centenas, de operários que inventam ou inovam - A força anônima da criatividade popular frente ao bloqueio imperialista</i>	269
Figura 70 - Reportagem da Revista Bohemia: <i>Tem que se fazer um trabalho adequado na distribuição dos alimentos</i>	274
Figura 71 - Fala de Fidel à Revista Bohemia sobre o Temperamento de um Trabalhador Revolucionário	281

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Apresentação das lições da Cartilha <i>¡Venceremos!</i>	55
Quadro 02: Acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento da 2ª Etapa da Campanha de Alfabetização Cubana.....	108
Quadro 03: Reportagens sobre professores brigadistas entre os meses de setembro e dezembro de 1961.....	134
Quadro 04: Textos mapeados nas Revistas Bohemia e INRA sobre a formação do homem do futuro	194
Quadro 05: Reportagens que enfatizavam as produções técnico-científicas em 1965	260

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Dados do analfabetismo na América Latina na década de 1960.....	37
Tabela 02: Dados do analfabetismo em Cuba em 1953.....	39
Tabela 03: Número de matrículas, escolas e professores nos anos de 1955 e 1958	42
Tabela 04: Organizações representadas na Campanha Nacional de Alfabetização a partir de outubro de 1960.....	91
Tabela 05: Dados anuais sobre a Educação Operário-Camponesa entre 1961-1965	202
Tabela 06: Dados anuais sobre a Educação Técnica entre 1961-1965	203

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	20
2. A CARTILHA <i>¡VENCEREMOS!</i> COMO RECURSO PEDAGÓGICO DA CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO CUBANA	31
2.1. Perspectivas da Alfabetização na América Latina na Década de 1960	35
2.2. Histórico da educação em Cuba antes da Campanha de Alfabetização	39
2.3. A importância da alfabetização para a Revolução Cubana	47
2.4. A Estrutura da Cartilha <i>¡Venceremos!</i>	54
2.5. Intencionalidades Da Cartilha <i>¡Venceremos!</i>	64
2.5.1. No Campo	72
2.5.2. Na Cidade	81
3. A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO CUBANA: ESTRUTURA, PLANEJAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO.....	86
3.1. A Primeira Etapa da Campanha de Alfabetização: Elaboração do Material e Divulgação.....	90
3.1.1 O Desenvolvimento da Campanha de Alfabetização Cubana e a Participação Feminina	101
3.2. A Segunda Etapa da Campanha de Alfabetização: A Implementação da Fórmula QTATA	106
3.3. A Terceira Etapa da Campanha de Alfabetização: A Expansão	121
3.3.1. A Contribuição da Imprensa Nacional na Campanha	125
3.4. As Repercussões da Campanha na Divulgação Publicitária.....	133
4. A CONTRIBUIÇÃO DA CARTILHA VENCEREMOS NA FORMAÇÃO DO “HOMEM DO FUTURO”.....	145
4.1. A Gênese da Formação do Homem do Futuro: O Trabalho Como Princípio Educativo.....	147
4.1.1. A Categoria Trabalho Na Cartilha: Superando a Dualidade	156
4.2. A Formação Omnilateral na Cartilha <i>¡Venceremos!</i> : A História me Absolverá	164
4.2.1. A Instrução Intelectual	169
4.2.2. A Instrução Física.....	179
4.2.3. A Instrução Politécnica.....	181
4.2.4. A Instrução Artística e Cultural.....	189
4.3. O percurso histórico da formação de 1961 até 1964: de “homem do futuro” ao “homem novo”	193
4.3.1. A aceleração de Estudos: o Plano de Estudos para o Camponês, o operário e Professores após A Campanha de Alfabetização	200
5. O IDEAL DE HOMEM NOVO NA CARTILHA <i>¡VENCEREMOS!</i>: CONCEITOS, PRÁTICAS E RESULTADOS	210
5.1. As Três Características Ideais do Homem Novo	211
5.1.1. A construção de Uma Nova Identidade Cubana	217

5.1.1.1. A construção da identidade latino-americana	233
5.1.2. A autonomia enquanto construtor de seu próprio destino	237
5.1.3. A formação da consciência do Valor Social do Trabalho	248
5.2. O Homem Novo: O Arquiteto da Sua Própria Libertação	259
6. CONCLUSÃO	284
FONTES	296
REFERÊNCIAS	305

1. INTRODUÇÃO

A formação de um homem que expressasse os ideais revolucionários tornou-se objeto de discussão dos líderes da Revolução Cubana, dentre os quais se destacaram Fidel Castro (1926-2016) e Ernesto Che Guevara (1928-1967). Para esses líderes, dentre outros, quando os cubanos incorporassem uma nova perspectiva em relação ao trabalho, cultura, conhecimento, política e educação se constituiria esse modelo ideal, a princípio intitulado de “homem do futuro”, o qual foi definido por Che Guevara, em 1965, de o “homem novo”.

O interesse em investigar sua formação, quem e como ele seria, tendo como ponto de partida a Campanha de Alfabetização que ocorreu em 1961, surgiu com a elaboração de duas hipóteses. A primeira é de que seus materiais didáticos, recursos publicitários e humanos foram os primeiros instrumentos educativos, políticos e ideológicos utilizados pelo governo para iniciar seu processo formativo.

A segunda hipótese seria que ao serem treinados para operacionalizarem a Cartilha *¡Venceremos!*, e, em meio aos embates da própria Campanha de Alfabetização, os jovens maestros adotaram uma práxis social alinhada aos interesses da ideologia¹ revolucionária se aproximando do ideal de homem novo pretendido pela Revolução.

O interesse de confirmar ou refutar tais hipóteses se articularam à intenção em dar continuidade aos estudos iniciados com a dissertação de mestrado sobre Revolução e os processos educacionais na América Latina, em específico *Cuba e a formação docente revolucionária: a construção do homem novo*.

Cabe ressaltar que esse interesse se intensificou a partir das discussões realizadas em sala de aula na disciplina Revoluções e Educação na América

¹Ideologia em uma perspectiva gramsciana, é uma forma de entender o mundo que ao mesmo tempo que se manifesta na ação, a organiza. Não se trata de um sistema de ideias e uma falsa consciência, é uma concepção de mundo. É “unidade de fé entre uma concepção de mundo e uma norma de conduta adequada a essa concepção” (GRAMSCI, 1975, p.1378-1379). As ideologias são historicamente necessárias e possuem uma validade psicológica na qual moldam o terreno onde os homens de movimentam, desenvolvem consciência de sua posição e lutam. Nesse sentido, determinados grupos sociais podem influenciar a construção e disseminação de ideologias expressando relações de poder.

Latina, no segundo semestre do ano de 2017 do Programa de Pós-graduação em Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá/ UEM, articulado ao trabalho como alfabetizadora no Município de Astorga.

Nessas discussões, compreendeu-se que as revoluções latino-americanas têm sido alvo de discussões teóricas na História da Educação e nas ciências humanas. Contudo, esse fenômeno necessita ser problematizado e divulgado como instrumento formativo da identidade e autoestima do povo latino.

O entendimento foi de que estudar o ideal formativo dos recursos pedagógicos da Campanha de Alfabetização, um evento histórico da Revolução, pode, em muito, contribuir às discussões da área da História e Historiografia da Educação sobre a construção da identidade social cubana, em específico a formação do camponês e do operário que foram alfabetizados em uma perspectiva revolucionária, como também, sobre a importância da alfabetização para a Revolução.

Nas pesquisas realizadas no banco de Teses e Dissertações da Capes, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Google Scholar (Google Acadêmico) foram encontrados alguns trabalhos que tratam sobre a Campanha de Alfabetização Cubana articulada à análise da proposta formativa de seus materiais. Dos trabalhos encontrados, destacam-se duas dissertações sobre a Campanha Nacional de Alfabetização Cubana, sendo elas: *A Campanha Nacional De Alfabetização Em Cuba: Uma Estratégia Bem-Sucedida De Combate Ao Analfabetismo* de Irene Giambiagi defendida, em 1992, na Universidade Federal Fluminense e *A campanha De Alfabetização Em Cuba*, de Vera Peroni, defendida em 1994, na Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Ambas não estavam disponíveis para acesso.

No entanto, a dissertação de Vera Peroni, de 1994, resultou em um livro publicado em 2000 com o título: *A Campanha Que Erradicou O Analfabetismo Em Cuba*, o qual foi editado novamente em 2006, e republicado como *A campanha De Alfabetização Em Cuba*.

Na introdução deste livro, Peroni (2006) explicou que se dedicou a descrever o processo de alfabetização em Cuba e explicitar as formas pelas quais

os discursos dos agentes relacionavam o processo de alfabetização e o processo revolucionário.

Desse modo, a originalidade do tema a que se propõe esta tese está em investigar os impactos da alfabetização em Cuba como pressuposto de conscientização do povo. Mas também, identificar de que forma essa perspectiva articulada aos materiais didáticos utilizados na Campanha, particularmente à Cartilha *¡Venceremos!*; aos meios publicitários e aos princípios de educação direta e indireta e dos princípios da autoeducação, expressavam uma proposta para a formação de um cubano que atendesse aos ideais da Revolução, com identidade, autoestima e autonomia próprias.

E ainda, tecer argumentos que caracterizem o homem novo e sua possível identificação.

A existência de poucas produções sobre essa temática, a importância de estudá-la e de pesquisá-la, bem como a contribuição que ela pode oferecer à educação brasileira, não no sentido de adaptá-la, mas, no sentido de contribuir com o repensar do processo educacional, justifica a necessidade de explorá-la no intuito de contribuir também para reflexões e possíveis debates sobre princípios universais, rupturas e permanências, que envolvem as práticas de alfabetização.

O objetivo geral, portanto, foi analisar a contribuição da Cartilha *¡Venceremos!* e sua instrumentalização, por parte dos jovens maestros, à possível formação de um homem novo cubano para a sociedade socialista, identificando suas características para a tentativa de seu reconhecimento. Tendo como problemática as seguintes questões: de que forma e em que medida a Cartilha *¡Venceremos!* expressa a formação ideal do homem novo pretendido em Cuba? Como foi compreendida a alfabetização em Cuba no ano de 1961? Como a alfabetização, naquele período, em Cuba, pode ter contribuído para o desenvolvimento da identidade e autonomia do povo cubano, especificamente o camponês, o operário e os jovens maestros? Essa proposta formativa se materializou na sociedade cubana naquele período? De que forma?

Para tanto, foi necessário analisar a Cartilha *¡Venceremos!*, como recurso didático, no processo Revolucionário Cubano de 1961-1965, tendo como princípio norteador a alfabetização para a autonomia, compreender como a Campanha de

Alfabetização foi organizada para cumprir seus objetivos, analisar as etapas da Campanha de Alfabetização, destacando o trabalho como princípio educativo na Cartilha *¡Venceremos!* e a sua articulação aos ideais revolucionários por meio da alfabetização, discutir a proposta para o Seguimento dos estudos dos recém alfabetizados, investigar se o que Che Guevara sistematizou para a formação do homem novo em 1965 estava expresso nos conteúdos das lições da Cartilha *¡Venceremos!* e verificar se e como ocorreu a sistematização desse ideal de homem novo para a sociedade socialista cubana, proposto pela Revolução, tendo a educação como instrumento.

A pesquisa teve um caráter bibliográfico, dessa forma foi realizada uma análise da Cartilha *¡Venceremos!* (CUBA, 1961a), do Manual *Alfabetícemos* (CUBA, 1961b), bem como de edições das Revistas *Verde Olivo*, *Bohemia* e *INRA*, de discursos de Fidel Castro, dentre os quais se destacam: o que foi pronunciado na sede das Nações Unidas em 26 de setembro de 1960 e que ficou conhecido como o dia que a Campanha de Alfabetização foi anunciada; o discurso de convocação dos jovens maestros no Ato de inauguração da Cidade Escolar Abel Santamaria em 28 de janeiro de 1961 e o de 22 de dezembro de 1961, quando declarou Cuba o primeiro país da América Latina livre de analfabetismo.

Também foram explorados discursos de Che Guevara, sendo eles: o discurso em comemoração ao segundo aniversário de integração das Organizações Juvenis em 20 de outubro de 1962 que recebeu o título: *O que deve ser um jovem comunista*, e, *O Socialismo e o Homem em Cuba* redigido em forma de carta para Carlos Quijano, editor de *Marcha*, seminário Uruguaio realizado em Montevideu em 12 de março de 1965.

Foram analisados, como apoio, outros materiais didático-pedagógicos utilizados na Campanha como o Manual *¡Cumpliremos!* e a Cartilha de Matemática *Producir-Ahorrar-Organizar*, bem como livros e artigos de periódicos que possibilitaram um suporte histórico relativo ao tema.

A Cartilha *¡Venceremos!* configurou-se em fonte primária desta pesquisa, sua elaboração se deu pela Comissão Nacional de Alfabetização e Educação

Fundamental, criada pelo exército rebelde assim que conquistou o poder em 1959.

Para elaborá-la, A Comissão Nacional de Alfabetização e Educação Fundamental se preocupou em sistematizar um conteúdo válido do ponto de vista histórico e social, expresso de forma acessível, mas não simplista, ou seja, compreensível, mas adequado à faixa etária e à linguagem dos camponeses e dos operários.

Era importante levar em consideração que se pretendia alfabetizar adultos e não crianças e adultos com certo grau de vivência em meio a uma Revolução social. Por isso, também se deveria considerar que era necessário desenvolver um programa educativo que estivesse comprometido com o processo de transformação social em curso.

A Cartilha *¡Venceremos!* deveria expressar aquilo em que Cuba deveria se transformar. Considerando esta perspectiva, viu-se a necessidade de organizar uma investigação nas regiões montanhosas para conhecer a linguagem dos analfabetos e suas concepções econômicas e sociais. Essa investigação durou aproximadamente quatro meses e contou com a participação de 3.000 pessoas maiores de 16 anos.

Foi necessário investigar qual seria o método mais apropriado para ensinar os adultos camponeses, pois, deveria expressar uma linguagem e um conteúdo político-ideológico que elucidasse os problemas específicos do momento, convencesse a população a apoiar e adotar as práticas do novo governo, ao mesmo tempo em que disseminasse as regras de conduta necessárias para consolidar uma nova forma de organizar os bens materiais, por meio do trabalho.

A forma como a Cartilha foi elaborada demonstrava a preocupação dos líderes do governo revolucionário com o desenvolvimento de uma nova mentalidade. Isso porque, estrategicamente, as lições da Cartilha foram fundamentadas de atitudes concretas com vistas a atender os interesses da Revolução, tornando-a num instrumento que contribuísse para que os cubanos adquirissem consciência de sua posição social e de orientação às suas ações. Nela, podemos encontrar informações que permitem reflexões sobre a Revolução, as práticas de alfabetização, seus princípios e ideais da formação.

No que diz respeito às fontes secundárias, cabe ressaltar que o Manual *Alfabetecemos* (CUBA, 1961b) também foi publicado pela Comissão Nacional de Alfabetização e Educação Fundamental em forma de livreto e em papel jornal para ser utilizado na Campanha pelos professores voluntários. E, assim como a Cartilha, esse material tornou-se símbolo nacional, pois representava a libertação da Ilha da ignorância e, por conseguinte, do imperialismo estadunidense.

De forma especial, a Revista *Bohemia*² foi utilizada como fonte secundária porque se tornou um dos maiores periódicos cubanos de publicação semanal no período estudado. Nessa tese, foram utilizados os exemplares publicados nos anos de 1959 a 1965 com o objetivo de verificar se e como a formação de um homem novo, idealizada nas lições de *¡Venceremos!* ocorreu na prática.

A Revista *INRA*, elaborada pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária, foi um periódico de edição mensal dos anos de 1960 e 1962. A *Revista Verde Olivo* pertencia às Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, foi fundada, em forma de tabloide semanal, em 10 de abril de 1959 por Che Guevara, Raul Castro e Camilo Cienfuegos.

Tanto a Revista *Bohemia*, quanto as Revistas *INRA* e *Verde Olivo*, naquele período, foram utilizadas pelo Governo Revolucionário como instrumentos formativos de índole moral e patriótica. Atuaram diretamente enquanto uma estratégia de marketing para fomentar opiniões positivas em relação à Revolução, exercendo uma pressão ideológica tanto nos que já estavam envolvidos na Campanha quanto no restante da população que poderia se identificar com o que era exposto nas reportagens.

Atualmente, cabe afirmar, que essas Revistas fazem parte de um Programa de formação de bibliotecários cubanos denominado: *Revistas Cubanas De Los Años Sesenta, Fuentes Bibliográficas Para El Estudio De La Historia Patria*.

² Esse periódico estudado é o mais antigo e culturalmente diverso, foi fundado em 1908 por Miguel Angel Quevedo. Passou pelo processo de estatização e seu dono “[...] abandonou-a de forma trágica, deixando uma carta de suicídio até hoje utilizada pela imprensa autointitulada independente - formada por cubanos residentes em Miami e que mantêm, entre seus meios de comunicação, diversas páginas eletrônicas na Internet - como documento contra a Revolução. Na carta, de agosto de 1969, o dono – que era contra Batista e apoiou os revolucionários publicando, por exemplo, um manifesto da Sierra Maestra – afirmou com ressentimento que se matou porque Fidel Castro e os revolucionários de Sierra Maestra o enganaram” (SILVA, 2007, p.33).

Sobre os discursos de Fidel Castro, cabe justificar que se tornaram fonte secundária dessa pesquisa porque apresentavam caráter pedagógico e, portanto, podem ser considerados instrumentos formativos da consciência revolucionária daquele período. Os discursos de Che Guevara, além do caráter pedagógico, apresentavam as sistematizações da pedagogia revolucionária que delineavam as características do projeto antropológico da época.

As fontes em análise, ao se tratarem de instrumentos utilizados para formação humana, ou seja, educativos, expressavam uma totalidade de relações histórico-sociais, ao mesmo tempo em que contribuíram para a produção dessas mesmas relações. Desse modo, podem demonstrar como os líderes revolucionários procuraram elaborar um projeto educacional articulado às suas necessidades materiais imediatas e garantir os meios que lhes dariam o controle do modelo social em construção.

Sendo assim, a contextualização e interpretação das fontes se deram a partir das relações econômicas, políticas, sociais e culturais vivenciadas pelos cubanos naquele período. Como também, do entendimento gramsciano de que a educação é “[...] uma luta contra os instintos ligados às funções biológicas elementares, uma luta contra a natureza, a fim de dominá-la e de criar o homem ‘atual’ à sua época” (GRAMSCI, 2000, p.56).

De acordo com essa concepção, a educação não é uma opção porque ela é inerente à humanidade, todo homem sempre aprende e ensina. É um ser ativo, que se autoproduz na medida em que se relaciona com os demais para garantir a sobrevivência, transformando a natureza e a si mesmo pela práxis.

O fenômeno educativo, nesse sentido, pode ser considerado como um processo movido sempre por uma necessidade que demanda a realidade presente. Uma necessidade relacionada ao modo de organização material dos homens, ao mundo objetivo e histórico-social.

Buscou-se demonstrar que a educação se opera “na sua unidade dialética com a totalidade, como um processo que conjuga as aspirações e necessidades do homem no contexto objetivo de sua situação histórico-social” (CURY, 1986, p.13).

Portanto, as características que a alfabetização assume em cada país são determinadas por um modo de organização da vida dominante e, em Cuba, no período delimitado, essa organização estava em processo de transformação, ou seja, em processo de luta entre uma velha ordem social e uma nova que se pretendia estabelecer. O que torna o objeto de análise ainda mais especial e complexo porque exige a investigação das possíveis contradições que podem estar implícitas nas fontes. Na perspectiva de Cury (1986) “[...] conceber uma tal metodologia sem a contradição é praticamente incidir num modo metafísico de compreender a própria realidade” (CURY, 1986, p.27).

Compreende-se que os homens reais, ao mesmo tempo em que são produtos, também produzem suas ideias e representações condicionadas por determinado desenvolvimento das suas bases materiais e, que o intercâmbio que a estas correspondem, até às suas formações mais avançadas, estão dotados de contradições, contradições humanas que não os fazem melhor ou pior, apenas comprovam sua humanidade e constroem história (PEREIRA MELO; AMARAL, 2007).

Dessa maneira, procurou-se dialogar com as fontes a partir das categorias de totalidade, trabalho, práxis, transformação social e contradição, dentre outras. Porque as mesmas podem ser consideradas construto do saber social, ou seja, foram estrategicamente elaboradas no interior das relações sociais que encontraram terreno fértil para florescer.

Ao analisar as fontes educativas cubanas, foi essencial examinar como o conteúdo veiculado em lições, textos e imagens, relacionava-se com o contexto histórico, político, social e cultural da época. Bem como, a forma como esses elementos foram apresentados, seja por meio de linguagem, design gráfico ou estrutura narrativa, pois desempenhavam um papel essencial na construção do significado global das fontes.

O conteúdo de uma lição específica sobre a luta contra o imperialismo poderia estar intrinsecamente ligado ao contexto político de Cuba naquele momento, refletindo a resistência à influência estrangeira. A forma como essa lição era apresentada, seja através de imagens de solidariedade nacional ou de

narrativas de heróis revolucionários, também contribuiu para a construção da mensagem global.

Assim, ao considerar a interconexão de elementos, buscou-se compreender como cada parte das fontes contribuiu para a construção de um significado mais amplo e complexo. A análise isolada de conteúdo, contexto ou forma pode não capturar a riqueza da totalidade expressa nas fontes educativas, por isso, foi sendo necessário explorar suas relações e interdependências para uma compreensão mais abrangente.

Assim, o trabalho foi dividido, além dessa introdução e das considerações finais, em mais quatro seções.

Na primeira seção, *Introdução*, apresentou-se o tema, a fonte primária e as secundárias, os autores comentadores que possibilitaram o melhor desenvolvimento da pesquisa, os objetivos do trabalho - geral e específicos -, a problemática, justificativa, método e metodologia, o plano de desenvolvimento do trabalho, os possíveis resultados e conclusões.

Na segunda seção, *A Cartilha ;Venceremos! Como Recurso Pedagógico Da Campanha De Alfabetização Cubana*, buscou-se elucidar o contexto internacional, propício aos movimentos sociais, na década de 1960 e os antecedentes da Campanha de Alfabetização para analisar como surgiu a preocupação com a alfabetização e sua relevância para a Revolução. Apresentou-se a estrutura da fonte primária da tese: a Cartilha ;*Venceremos!*, seu contexto, pretexto, forma, conteúdo e destinatário e como seus conteúdos foram organizados para atender os alunos do campo e da cidade.

Com a terceira seção, *A Campanha De Alfabetização Cubana: Estrutura, Planejamento E Implementação*, concentrou-se em discutir como foi organizada a Campanha de Alfabetização. Procurou-se, identificar a contribuição da Imprensa Nacional para a efetivação da Campanha, os resultados dela em nível nacional e internacional e seus princípios norteadores sobre a superação do problema do analfabetismo e a importância social da alfabetização.

Essas seções tiveram como objetivo conceituar de forma historiográfica a Campanha de Alfabetização Cubana para dar suporte à compreensão do movimento de transformação social que estava ocorrendo na Ilha, e, o sentido

que a alfabetização ganhou nesse processo de formação do homem novo desde sua gênese até a tentativa de sua consolidação em 1965.

Para a quarta seção, *A Contribuição Da Cartilha ¡Venceremos! Na Formação Do “Homem Do Futuro”*, analisou-se a gênese teórica e prática do homem novo em Cuba, como as lições da Cartilha apresentavam o princípio do trabalho educativo articulado aos seus quesitos de formação intelectual, física, politécnica e artística cultural e como essa formação incentivava a superação da divisão entre trabalho material e intelectual, naquele período.

Discutiu-se, de que forma a Cartilha *¡Venceremos!* expressava uma formação omnilateral com vistas a proporcionar ao cubano seu reconhecimento enquanto sujeito histórico social. E, como essa formação se intensificou quando a Campanha Nacional de Alfabetização terminou e iniciou-se o Plano de Aceleração de Estudos para camponeses, operários e jovens maestros, objetivando que se tornassem arquitetos de sua libertação e destino.

Objetivou-se, na quinta seção, *O Ideal De Homem Novo Na Cartilha ¡Venceremos!: Conceitos, Práticas E Resultados*, identificar as três características ideais para a formação de um homem novo, elucidadas por Che Guevara em 1965 e investigar se elas já apareciam nas lições da Cartilha *¡Venceremos!* em 1961.

Pretendeu-se também analisar os dados veiculados n/dos meios de comunicação da época e n/dos recursos didáticos utilizados, a sistematização da proposta idealizada pelos líderes revolucionários no processo educacional. E, ao mesmo tempo, demonstrar a forma como a alfabetização, seus recursos didáticos e meios publicitários foram instrumentalizados para contribuir com a construção de uma identidade cubana e latino-americana.

Nesta seção, discutiu-se se o homem novo expresso no ideal formativo da Cartilha *¡Venceremos!* e vislumbrado por Che Guevara em 1965, era de fato um objetivo a ser atingido a longo prazo. Por meio da análise das fontes buscou-se identificar quais as suas características, na tentativa de identificá-lo e reconhecê-lo.

Na sexta seção, *Considerações Finais*, são apresentados os resultados alcançados por meio do exercício metodológico realizado no decorrer da

pesquisa, as respostas das questões que nortearam a investigação e as possíveis conclusões.

A pretensão desta pesquisa não foi fazer apologia ao sistema cubano, mas, tentar “compreender e explicar porque as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si” (HOBBSAWM, 1995, p.13). Ou seja, tecer uma interpretação de porque e como a alfabetização, seus instrumentos didáticos, o protagonismo dos jovens maestros e o ideal formativo dos líderes revolucionários se articulavam entre si, no intuito de somar as discussões dos trabalhos relacionados à história e historiografia da educação, levando em consideração a erradicação do analfabetismo na Ilha e sua posição de referência na América Latina no campo educacional, especialmente no que diz respeito à alfabetização enquanto processo de conscientização.

Uma contribuição, portanto, desta pesquisa para as discussões que envolvem a alfabetização e seu ideal formativo na atualidade seria a possibilidade de estabelecer interlocuções, aproximações e distanciamentos entre os objetivos trilhados para a alfabetização nos países da América Latina.

2. A CARTILHA *¡VENCEREMOS!* COMO RECURSO PEDAGÓGICO DA CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO CUBANA

Nesta seção, o objetivo foi apresentar a Cartilha *¡Venceremos!* como recurso pedagógico da Campanha de Alfabetização Cubana e sua relevância para a consolidação da Revolução de 1961. Para tanto, antes de elucidar sua estrutura e organização buscou-se compreender o contexto no qual foi produzida a fim de identificar suas intencionalidades e objetivos pedagógicos.

As décadas de 1950 e 1960 caracterizam-se como um período de instabilidade social, econômica e política em grande parte da América Latina e de polarização entre capitalismo e comunismo, marcado pela Guerra Fria. O que pode ter influenciado os debates que denunciavam a necessidade de erradicar o analfabetismo, bem como, as práticas educativas e as formas de compreender a alfabetização.

Essas décadas foram consideradas por Eric Hobsbawm (2017) e Florestan Fernandes (2007) como o momento em que na América Latina, sobretudo entre os instruídos e intelectuais, começou-se a refletir sobre as circunstâncias de dominação estrangeira e subdesenvolvimento, o que pode ter contribuído para fomentar uma necessidade de mudança.

Nesse mesmo período, houve um crescimento populacional de grande escala agravando as condições de miséria das classes menos favorecidas, gerando uma sensação de descontentamento pela maioria da população. O que pode ter provocado uma situação revolucionária³, tendo em vista que tinham se tornado classes ressentidas com os velhos governantes e que se sentiam oprimidas pelas oligarquias de latifundiários.

³ Na perspectiva de Fernandes (2007), uma situação revolucionária pode ser identificada por meio de três indícios básicos. Sendo eles: [...] 1) impossibilidade para as classes dominantes de manter sua dominação sob uma forma inalterada; crise do 'vértice', crise da política da classe dominante, o que cria uma fissura pela qual os descontentes e a indignação das classes oprimidas se abrem um caminho. [...] 2) agravamento, mais do que é comum, da miséria e do desespero das classes oprimidas; 3) intensificação acentuada, pelas razões indicadas acima, da atividade das massas, que se deixam pilhar tranquilamente nos períodos 'pacíficos' mas que, no período tempestuoso, são empurradas, seja pela crise no seu conjunto, seja pelo próprio 'vértice', para uma ação histórica independente (FERNANDES, 2018, p.35-36).

A partir desse cenário, aconteceram embates governamentais de diferentes posições políticas, em nome da democracia liberal ou do comunismo. Dentre eles, os que mais se destacaram foram os que assumiram um núcleo ideológico populista, pois ao mesmo tempo em que defendiam a tradição nacional, difundiam-se como defensores da justiça social.

Essas diferentes posições políticas, fossem elas tradicionalistas, oligárquicas, liberais ou socialistas argumentavam ser necessário quatro mudanças essenciais no território latino-americano: a reforma agrária; a eliminação da economia nos moldes semicoloniais; o desenvolvimento organizado da economia de seus países e reformas sociais.

O conceito revolução tornou-se modismo entre os anos de 1950 e 1960, sendo ecoado para legitimar o pensamento e a ação de revolucionários, reformistas e militares. Os revolucionários, como foi o caso de Cuba, invocaram o conceito para legitimar a revolução socialista, mas também a nacional. Os reformistas, para exemplificar como pretendiam modificar a ordem existente, como aconteceu com Eduardo Frei (1911-1982), que proclamou a Revolução em Liberdade⁴. Os militares, por sua vez, como ocorreu no Brasil, fizeram uso do conceito revolução para legitimar o golpe de Estado em 1964.

Dessa maneira, o fato do conceito revolução ter sido constantemente utilizado durante as décadas de 1950 e 1960 pode indicar três situações de instabilidade: a primeira seria de que as transformações sociais e econômicas que aconteceram durante e depois da guerra exigiam respostas que não haviam chegado ou que não foram suficientes; a segunda é de que, mais uma vez, as instituições democráticas, da mesma forma como havia acontecido em 1930 e 1945, demonstravam não conseguir dar essas respostas aos revolucionários e aos seus opositores. E a terceira situação convergia-se na força dos movimentos

⁴ Para Rojas Aravena (1997), o projeto político de Eduardo Frei Montalva (1911-1982) que ficou conhecido como Revolução em Liberdade, mostrou-se como um contraponto da Revolução Cubana. Configurou-se em um projeto político da democracia cristã com vistas a estruturar um capitalismo nacional mais humanizado, aproximando-se da perspectiva desenvolvimentista propagada pelos Estados Unidos. Para o autor, na propaganda Revolução em Liberdade: “[...] o conceito essencial foi estabelecer uma democracia integrativa. Em sua operacionalização, três aspectos foram centrais: a) o humanismo cristão que coloca o homem no centro da ação; b) uma consciência crescente da elite governamental a respeito do caráter progressivo da marginalização social que caracteriza o subdesenvolvimento e a alta conflitividade que gera; e, c) o respaldo substancial às instituições democráticas” (ROJAS ARAVENA, 1997, p.53).

revolucionários, os quais apresentavam ideologias que almejavam criar uma sociedade coesa e harmônica, tendo a democracia como um conceito social, independente da forma política que assumisse.

Todavia, ao considerar que as palavras podem traduzir relações de dominação, é possível que o conceito revolução foi ecoado pelos contrarrevolucionários, de forma intencional, para dificultar o entendimento por parte dos menos favorecidos e instruídos, sobre o que realmente estava acontecendo, fazendo-os naturalizar e defender os abusos cometidos pelas classes mais privilegiadas de instrução e poder aquisitivo.

Não é por acaso que um golpe de Estado é elucidado como “revolução”, por parte dos que detêm interesses em relação ao mesmo. Além da intenção de aparentar que a democracia não foi interrompida há, para além da causalidade aparente, uma intimidação. Uma vez que uma revolução cria suas leis e seus limites, o que ela extingue ou tolera. Cria-se assim, com o golpe de Estado, uma ordem ilegítima que se diz redentora. Contudo o que se faz é abolir a lei e implementar a força militar.

Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre a relevância em se libertar da égide terminológica burguesa. O que pode contribuir para se desvincular de possíveis relações de dominação que se definem, na esfera cultural, como se fossem simples palavras sem nenhum tipo de intencionalidade ou prerrogativas de determinada classe social. Faz-se necessário compreender que em uma sociedade de classes não existem simples palavras.

Elas podem ser como um selo que contribui para tornar legítimo os atos de controle da vida social de uma classe sobre outra. As palavras ditas e, em especial, escritas tendem a contribuir com a naturalização dos saberes, crenças, ideias, valores ou códigos de quem possui o “direito” de dizer o sentido de tudo, daqueles que ordenam a via, ou seja, ditam as normas da produção material.

Esse pressuposto permite problematizar a importância da alfabetização não apenas enquanto processo de codificação e decodificação de palavras, uma vez que a aprendizagem da linguagem escrita, no plano ontogenético, configura-se como um processo complexo de desenvolvimento do psiquismo humano, pois a palavra pode incluir as coisas do mundo em uma relação conceitual para além

da percepção. A assimilação do significado da palavra em sua referência material (escrita) pode proporcionar um desenvolvimento intelectual que “[...] eleva o psiquismo humano, fazendo-o alçar patamares cada vez mais complexos por meio da apropriação do universo simbólico criado pelo coletivo dos homens” (DANGIÓ; MARTINS, 2018, p.12). O que pode produzir transformações qualitativas no relacionamento do homem com ele mesmo e com o mundo.

A compreensão do processo de aquisição da leitura e escrita, a partir desse pressuposto de transformação das relações do homem com ele mesmo e com o mundo, implica em entender a alfabetização enquanto uma prática social que pode ser responsável tanto para reforçar quanto para questionar padrões de poder e valores presentes na sociedade.

Para Magda Soares (2017), compreender a alfabetização enquanto prática social intrinsecamente relacionada às determinações históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais de uma sociedade, torna inviável separar a técnica de codificação e decodificação do seu conteúdo político social:

[...] impossível distinguir a leitura e escrita do conteúdo que se pode ou se deve ler e escrever, segundo convenções e valores sociais e culturais, e das vantagens e desvantagens decorrentes das formas particulares em que a leitura e escrita são usadas, ou das formas que uma e outra assumem em determinada sociedade e cultura. O conceito de alfabetismo depende, pois, inteiramente, de como leitura e escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social; o alfabetismo é, nessa perspectiva, um conjunto de práticas governadas pela concepção de o que, como, quando e por que ler e escrever (SOARES, 2017, p.158).

A alfabetização, portanto, pode ter em si uma força revolucionária que, dependendo da forma como é conduzida, tende a contribuir para que o homem torne-se consciente de sua realidade e seja impulsionado a transformá-la.

Sob essa ótica, cabe refletir que se é necessário que a classe trabalhadora compreenda o verdadeiro significado da palavra revolução. Dentro da conjuntura capitalista, confundir o significado de certas palavras e não fomentar práticas significativas de alfabetização que possibilitam a sua compreensão configura-se como fundamental interesse de alguns.

Problematiza-se, portanto, ser a alfabetização uma condição de humanização para cada pessoa singular. Mas, a concretização dessa condição é dependente do projeto de sociedade ao qual se insere. O que pode justificar as rejeições às pesquisas que se dedicam ao estudo, debate, reflexões e divulgação do programa educacional pós-Revolução Castrista.

2.1. Perspectivas da Alfabetização na América Latina na Década de 1960

A alfabetização pode ser uma condição de humanização porque “[...] o homem se emancipa, não por adaptação individual, mas sim pela reprodução, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas da espécie humana” (LEONTIEV, 1978, p.270). E a habilidade de ler e escrever foi uma árdua conquista da humanidade e assim também o é para cada indivíduo singular; portanto, a alfabetização configura-se em uma objetivação social e sua apropriação pode proporcionar que cada indivíduo apresente meios que contribuam para a transformação da sociedade.

Desse modo, ao tratar sobre alfabetização torna-se necessário hastear, a importância do ensino para que seja dado ao homem condições, caminhos e possibilidades de apropriação da palavra em suas faces fonética e semântica. O que exige a elaboração de uma metodologia pedagógica que fomente a alfabetização como um fator de desenvolvimento humano consciente.

Entretanto, é importante destacar que essa não foi uma discussão isolada, a importância do ensino e da alfabetização foram intensamente discutidas especialmente na década de 1960, na qual ocorreu a disseminação de programas de alfabetização em toda a região latina em meio ao contexto de crise revolucionária elucidado anteriormente. Desse modo, todas as visões de mundo inconciliáveis (revolucionárias e contrarrevolucionárias) que circundavam a América Latina prometiam “[...] sanar as profundas fissuras sociais não com as ferramentas embotadas da democracia parlamentar, mas com a força da violência revolucionária” (ZANATTA, 2017, p.173).

Se por um lado, a educação era associada como um dos pilares fundamentais ao desenvolvimento econômico, por outro, configurava-se como

instrumento de politização, na medida em que erradicar o analfabetismo possibilitaria que os indivíduos ocupassem novos postos de trabalho e fossem mais produtivos, uma vez que a industrialização era definida como um caminho para o desenvolvimento e implicava a necessidade de mão de obra qualificada.

Ao mesmo tempo, a instrução contribuiria para a formação de novos contingentes eleitorais, tendo em vista que o direito ao voto era negado ao analfabeto e sua prática configurava-se em uma oportunidade de participação na vida social e política. Sob esta ótica, a alfabetização era compreendida como uma técnica e assunto de memória. Ou seja, a ênfase estava na decoração de correspondências fonográficas e sinais gráficos.

Para os críticos dessa perspectiva, erradicar o analfabetismo, além do objetivo de atingir desenvolvimento econômico, significava lutar pela democratização da cultura e contra uma das expressões mais concretas de uma realidade social injusta, bem como, ampliava as possibilidades do homem aprender a escrever sua vida, como autor e como testemunha de sua história. A alfabetização, nesse sentido, estava associada a um instrumento que poderia auxiliar no processo pelo qual os sujeitos poderiam tomar consciência de sua situação e aprender a criar ou a utilizar meios para melhorá-la.

A necessidade de erradicação do analfabetismo também passou a ser amplamente discutida pela UNESCO. Em 1965, publicou-se um informe com o objetivo de tratar sobre o “[...] problema do analfabetismo, que continua frustrando o progresso social e econômico em muitas partes do mundo [...]” (UNESCO, 1965a, p.4, tradução nossa⁵). Nesse relatório, foi divulgado que, na década de 1960, havia na América, em seu conjunto, de 49 a 51 milhões de analfabetos.

Os índices de analfabetismo na América Latina desse período foram detalhados por Manuel Pereira (1989) e podem ser observados na tabela a seguir:

⁵ “[...] problema del analfabetismo, que continúa frustrando el progreso social y económico en muchas partes del mundo [...]” (UNESCO, 1965, p.4).

Tabela 01 - Dados do analfabetismo na América Latina na década de 1960

PAÍS	ANALFABETOS	%
Argentina	1.541.678	13,6
Bolívia	1.109.385	67,9
Brasil	15.272.632	50,5
Colômbia	2.429.333	37,7
Costa Rica	94.492	20,6
Chile	730.124	19,6
Equador	815.464	44,2
El Salvador	644.514	59,0
Guatemala	138.297	70,6
Guiana	55.402	24,0
Haiti	1.718.278	89,3
Honduras	631.999	64,8
Honduras Britânicas	6.845	18,8
México	8.942.399	42,5
Nicarágua	369.376	61,6
Panamá	132.978	30,1
Paraguai	255.411	34,2
Peru	2.071.637	57,6
Porto Rico	335.799	26,7

República Dominicana	677.293	57,1
Venezuela	1.365.888	64,8
Cuba	1.032.849	23,59

Fonte: PEREIRA, (1989), p.69.

Com os dados da tabela anterior, pode-se afirmar que o problema do índice elevado de analfabetismo era vivenciado na América Latina de maneira geral. Uma vez que, com exceção apenas da Argentina (13,6%), os demais países apresentavam uma taxa de analfabetismo superior a 15% e a situação de Cuba não se distanciava desse padrão (23,59%).

De acordo com Patrícia Sposito Mechi (2019), essa padronização de elevadas taxas de analfabetismo em 1960 tratava das evidências de um passado colonial e de seus padrões econômicos fundamentados na monocultura da exportação que por sua vez produzia uma sociedade de marginalização ao acesso dos bens sociais e culturais por parte das massas populares.

Mesmo não fugindo desse padrão, “[...] talvez o problema do analfabetismo em Cuba fosse sentido de maneira mais intensa do que em outras regiões da América Latina” (MECHI, 2019, p.131), devido às tensões nacionais que acompanhavam a Ilha desde sua colonização e que foram intensificadas com o regime neocolonial e a ditadura de Fulgencio Batista (1901-1973).

Historicamente, segundo Fernandes (2007), não se constituiu em Cuba até 1950 uma burguesia hegemônica independente da ordem neocolonial e apta a realizar uma Revolução Nacional, o que possibilitou que a Revolução de 1959, mediante os embates entre a própria situação revolucionária, deixasse de ser nacional-democrática para assumir uma perspectiva socialista, iniciando uma transformação social na qual a educação passou a ter um papel fundamental, intensificando a relação pedagógica que já existia entre exército rebelde e população desde a prisão de Fidel Castro em 1953 e a divulgação do documento de sua defesa *A História me Absolverá*.

Pode ter sido essa relação pedagógica que permitiu que Cuba se destacasse na América Latina em relação à erradicação do analfabetismo. É possível identificar na Cartilha *¡Venceremos!*, por meio de seus textos e suas imagens, como também do próprio slogan, *se não sabes aprende, se sabes, ensina*, essa premissa sobre a importância da relação pedagógica e do ensino, bem como, a perspectiva de alfabetização como meio de transformação. Diante do exposto, interessa saber como aconteceu e quais foram os enfrentamentos desse projeto de alfabetização para a conscientização em Cuba.

Na tentativa de responder a essas perguntas foi necessário, em um primeiro momento, de maneira breve, apreender sobre os condicionantes que delineavam a educação cubana antes da Revolução.

2.2. Histórico da educação em Cuba antes da Campanha de Alfabetização

A educação básica em Cuba, antes de 1959, mesmo sendo obrigatória e gratuita por lei, não estava acessível à grande parte da população. Em termos quantitativos, os dados do Censo de 1953 apontavam para um índice de 23,59% de analfabetismo, ou seja, aproximadamente 1.032.849 pessoas analfabetas em uma população de 4.376.529 habitantes (PÉREZ-CRUZ, 2011), conforme ilustrado na tabela a seguir:

Tabela 02 - Dados do analfabetismo em Cuba em 1953

PROVÍNCIA	POPULAÇÃO	ANALFABETOS	%
Pinar del Río	322.249	99.377	30,83
La Habana	1.264.666	116.269	9,19
Matanzas	300.981	57.770	19,19
Las Villas	777.013	192.850	24,81
Camagüey	465.741	127.007	27,26
Oriente	1.245.879	439.576	35,28
TOTAL	4.376.529	1.032.849	23,59

Fonte: PÉREZ-CRUZ, (2011), p.11.

O censo realizado em 1953, apesar de suas limitações, demonstrava as condições do desenvolvimento social desigual do país. Nas áreas urbanas eram iletradas 11,6% da população, enquanto que no campo esse índice chegava a 41,7%. Já nas províncias orientais não sabiam ler nem escrever 35,28% das pessoas que habitavam esse território e em Pinar del Río, 30,83%. Aproximadamente, um de cada quatro cubanos era analfabeto (PÉREZ-CRUZ, 2011).

Sobre a situação quantitativa da educação cubana antes de 1959, Pérez-Cruz (2011) enfatizou:

[...] 50 por cento das crianças em idade escolar - umas 800.000 -, não compareciam nas escolas. Existiam apenas 170.000 salas de aula, quando se necessitava o dobro, e as escolas estavam localizadas nas zonas urbanas ou semiurbanas. O ensino secundário estava limitado a vinte centros localizados nas grandes cidades e vilas. Existiam 500.000 alunos do ensino primário defasados na idade e no nível e, deles, 200.000 eram maiores de 12 anos. A educação de adultos se reduzia a 304 escolas noturnas, nelas só estavam matriculados 2.965 alunos. Em um país eminentemente agrícola, existiam apenas seis escolas agrícolas criadas em 1909, com uma matrícula próxima a noventa alunos. No ensino tecnológico existia um centro que formava médios técnicos, o restante - cerca de 17 - formavam trabalhadores qualificados (PÉREZ-CRUZ, 2011, p.11, tradução nossa⁶).

Desta maneira, em muitos vilarejos não existiam escolas e, as que havia nas cidades não eram suficientes. Sendo assim, a probabilidade dos filhos dos camponeses, como também dos operários terminarem seus estudos era cinco vezes menor do que a dos filhos dos mais favorecidos que não exerciam o trabalho manual.

⁶ [...] 50 por ciento de los niños en edad escolar –unos 800 000–, no asistían a las escuelas. Solo existían 170 000 aulas, cuando se necesitaba el doble, y las escuelas estaban ubicadas en las zonas urbanas o semiurbanas. La enseñanza secundaria estaba limitada a una veintena de centros ubicados en las grandes ciudades y pueblos. Existían 500 000 alumnos de la enseñanza primaria defasados por su edad con el nivel y, de ellos, 200 000 eran mayores de 12 años. La educación de adultos se reducía a 304 escuelas nocturnas, en las que solo estaban matriculados 2 965 alumnos. En un país eminentemente agrícola, solo existían las seis granjas-escuelas creadas en 1909, con una matrícula cercana a los noventa alumnos. En la enseñanza tecnológica existía un centro que formaba técnicos medios, el resto –unos 17–, graduaban obreros calificados (PÉREZ-CRUZ, 2011, p.11).

Se nas áreas rurais a atenção com educação, por parte do governo de Batista, era praticamente nula, nas cidades, é importante destacar que, mesmo tendo a necessidade de duplicar a quantidade de escolas, havia mais de 10 mil professores sem emprego, além de os cadernos e livros escolares terem um alto custo.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos-OEA, de 1983, no capítulo XIV, informou sobre a infraestrutura educacional cubana das cidades antes de 1959:

10. No início do processo político atual, a infraestrutura educacional (edifícios, salas de aula, materiais, etc.) era muito precária. Num estudo realizado pela Universidade de Las Villas em 1959, por exemplo, foi revelado que 96,2% de todas as escolas da província tinham apenas uma sala de aula, e nessa sala os alunos fluviavam entre a primeira e a 6ª série e recebiam instrução do mesmo professor. A média era de 38 alunos por sala, mas com apenas 20 carteiras. 80% das escolas eram de madeira enquanto 45% tinham telhado de palha, 86% não tinham banheiro e apenas 3% delas tinha água nas canalizações internas. O número médio de livros por aluno era de um, embora fossem ministradas cerca de 15 disciplinas diferentes (COMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS – OEA, Cap. XIV, 1983, on-line).

Torna-se importante destacar que, nas cidades, a discrepância do sistema educacional cubano que antecedeu a Campanha de Alfabetização não ocorria apenas em termos quantitativos. De forma qualitativa, acontecia discriminação em seu funcionamento e o alto índice de evasão era ignorado pelo governo. Assim, mesmo sendo gratuito e obrigatório por lei, ou seja, na teoria, de livre acesso a todos, o que acontecia de fato era que a educação oficial configurava-se como privilégio de uma minoria. A educação, nesse sentido, regia-se por paradigmas que atendiam a manutenção do *status quo*, era instrumento de manutenção da ordem social estabelecida.

A corrupção no Ministério da Educação era vulgarizada, haja vista que muitos professores que nem compareciam na escola, tinham lugares reservados em determinados prédios escolares porque os haviam comprado a preços diversos (entre 500 e 2.000 dólares), como também, grande parte do orçamento

destinado à educação, aproximadamente 19,8%, destinava-se para quitar despesas administrativas (GILLETTE, 1977). Sob essa ótica, o próprio Banco Mundial explicitava que o Ministério da Educação Cubano havia se ajustado no coração de fraudes e privilégios políticos.

As nomeações de especialistas para o magistério das artes, língua inglesa ou música da educação urbana, aconteciam por meio do favorecimento, mesmo que os nomeados não tivessem formação para tal. Cabe ressaltar que os mesmos trabalhavam de duas a três vezes por semana ganhando o salário de um professor integral.

Entre 1955 e 1956, os gastos anuais do Ministério da Educação atingiram a casa dos 74 milhões, um aumento de aproximadamente 22,7% se comparado à década anterior que também teria aumentado significativamente:

[...] as despesas anuais do Ministério elevaram-se de cerca de 11 milhões de dólares em 1940, para 37 milhões em 1945, para 55 milhões em 1950, e para 74 milhões em 1955-1956. Isso representava um aumento de 14,4 por cento para 22,7 por cento do orçamento governamental, e de 2 para 3 por cento da renda nacional (WERTHEIN; CARNOY, 1984, p.31).

Os recursos destinados à educação nos anos de 1957-1958, período relativo aos últimos anos da ditadura de Fulgencio Batista, foram de aproximadamente 79,4 milhões de pesos, aproximadamente uns 11 pesos por habitantes. Entretanto, devido à corrupção, esse valor pode ter ficado apenas em plano teórico (SILVA, *et al.*, 1986, p.88).

Sobre esses dados da educação urbana é curioso observar que na medida em que os custos com a educação aumentavam entre 1955 e 1958, na educação primária, as matrículas diminuía, a quantidade de escolas e professores também, conforme demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 03 -Número de matrículas, escolas e professores nos anos de 1955 e 1958

ANO	NÚMERO DE ESCOLAS	NÚMERO DE PROFESSORES	NÚMERO DE ESTUDANTES MATRICULADOS
1955	7.905	29.119	728.087

1958	7.567	17.355	714.417
------	-------	--------	---------

Fonte: WERTHEIN; CARNOY, (1984), p.32.

Além da diminuição do número de escolas, professores e matrículas, vale destacar que as crianças matriculadas e que frequentavam a escola pública, quando saíam dela, demonstravam um nível de conhecimento insipiente. Fato que consolidava a premissa de que em Cuba a educação refletia a ordem consolidada pelo governo de Batista e a maior parte da população subsistia na miséria, desatenção, insalubridade, frustrações e desesperanças.

Ainda sobre a qualidade da educação, cabe ressaltar que aos filhos dos operários e dos camponeses, aqueles que seus pais matriculavam nas escolas das cidades, era oferecido um ensino inferior quando comparado ao ensino ofertado aos filhos das classes média e alta. Entretanto, nem mesmo a função de servir a minoria era alcançada de forma efetiva. Isso porque o problema não estava no fato da educação contribuir para a manutenção de uma classe, tendo em vista que desde os tempos de colonização a educação assim foi destinada na história da América Latina, mas, o problema residia na circunstância de ter se tornado uma “[...] força de estagnação econômica” (GILLETTE, 1977, p.26).

A economia não estava a expandir e um dos possíveis fatores consistia na má qualidade da educação básica e no acesso ao ensino superior que era limitado, pois poucos atingiam esse nível educacional: “[...] em 1953, apenas 5,5% das pessoas na faixa etária de 20 a 24 anos estavam cursando a faculdade” (COMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS – OEA, Cap. XIV, 1983, on-line). E dos que cursavam, formavam-se especialmente em Direito e Medicina, para serem incorporados na estrutura de Estado governado por Batista. Enquanto por ser uma sociedade agrícola, a necessidade era, segundo Gillette (1977), de engenheiros agrônomos, veterinários e outras profissões que atendessem as necessidades da agricultura e da pecuária. Essa situação levou um ex-ministro da educação cubana a se referir ao sistema educacional da época como ameaça à nação.

Em relação às formações técnicas e de nível superior, é importante ressaltar que havia mais médicos do que enfermeiros e a forma como o ensino

estava organizado não proporcionava os meios para a incorporação dos alunos numa economia em modernização. O ensino era abstrato e a aprendizagem mecânica, gerando um possível acúmulo de conhecimento apenas para passar nos exames e obter diplomas, sem nenhuma aplicação prática.

Sendo assim, pode-se afirmar que a realidade educacional cubana orientava-se no sentido de atender aos desejos ocupacionais das classes privilegiadas (Direito e Medicina), distanciando-se da exigência econômica da própria sociedade que, por ter naquele momento a produção do açúcar como principal atividade, configurava-se em especialistas da área rural e da indústria açucareira. Sobre as classes privilegiadas, cabe ressaltar que consistiam, de acordo com Del Toro (2003), em grupos de três nacionalidades: cubanos, espanhóis e estadunidenses. Os pertencentes à alta sociedade, em grande maioria, estavam vinculados à área rural e exerciam atividades imobiliárias, turísticas ou eram funcionários do Estado (médicos e advogados). Já a classe média era formada por profissionais liberais relacionados à produção de produtos artesanais, calçados, tabaco, conservas e confecções.

Outro ponto a destacar em relação à configuração qualitativa da educação cubana antes de 1959, diz respeito aos aspectos que envolvem a formação emocional e social do sujeito. Segundo Gillette (1977), para que ocorra um desenvolvimento significativo nessas áreas, faz-se necessário que as práticas educativas explorem três atributos:

1) sentido de identidade e de dignidade, consciência e satisfação pelo que é único na história do passado e do presente e perspectivas futuras relativas a si próprio e à comunidade; 2) a possibilidade atual e permanente de influenciar efetivamente, tanto a nível pessoal como coletivo, as principais decisões que afetam a vida de cada um como indivíduo e como membro de uma dada comunidade; 3) a possibilidade atual e permanente de dirigir as energias construtivas para um trabalho criativo que não prejudique os outros indivíduos ou a comunidade, e se revista, simultaneamente, de um interesse intrínseco e de valor social. Um indivíduo ou uma sociedade gravemente deficientes no tocante a uma ou mais destas características podem ser definidos como alienados. A Cuba faltava-lhe qualquer destes três atributos (GILLETTE, 1977, p.28-29).

O sentido de dignidade e identidade era constantemente imobilizado pelas influências da América do Norte, levando a população a internalizar o conceito de dignidade e identidade ao de uma vida melhor segundo os padrões norte-americanos. Essa vida melhor atingia o seu ápice, de acordo com os valores inculcados, transmitidos e ou reforçados pela escola, mediante o acesso a bens materiais conquistados pelo esforço próprio e a ascensão à classe média.

Foi em especial, cabe dizer, a forma como a ditadura de Batista afetou essas pretensões de uma vida melhor que gerou insatisfação e conflitos entre a própria classe dominante, fazendo com que muitos declarassem apoio à Fidel Castro, favorecendo a materialização da Revolução em 1959. Sobre essa insatisfação e a fragilidade do regime ditatorial de Batista, Hobsbawm (1995) argumentou:

[...] o regime de Batista era frágil, não tinha apoio real, a não ser o motivado pela conveniência e o interesse próprio, e era liderado por um homem tornado indolente por longa corrupção. Desmoronou assim que a oposição de todas as classes políticas, da burguesia democrática aos comunistas, se uniram contra ele, e os próprios agentes, soldados, policiais e torturadores do ditador concluíram que o tempo dele se esgotara (HOBBSAWM, 1995, p.426).

A tentativa, nesse sentido, de sobrepor os valores hispânicos pelos norte-americanos, resultou em um país que necessitava para desenvolver uma economia, importar caminhões e internalizar valores que indicassem esforços cooperativos, importar carros e valores de seu próprio vizinho.

No que tange à possibilidade de influenciar decisões efetivas em âmbito pessoal e coletivo, pode-se afirmar que essa perspectiva era deficitária em Cuba, pela ditadura instaurada e pelo fato de que o próprio ensino pouco encorajou atitudes e habilidades que desenvolvessem a superação desse fator alienante.

Já no que diz respeito ao desenvolvimento de um trabalho criativo e de valor social, pode-se dizer que o mesmo ensino dual, porém, tanto de uma parte quanto de outra, estimulava a alienação do trabalho - terceira característica de uma sociedade alienada. Não se ensinava e aprendia porque o conhecimento era útil ou interessante, o que pode ter contribuído para que os estudantes não se

dedicassem em atividades que tivessem valor criativo, mas sim, apenas àquelas que requeriam nota.

Desse modo, por não apresentar características de uma identidade própria, conscientização sobre as particularidades de sua própria história, perspectivas para o futuro, capacidade de exercer influência nas tomadas de decisões dos indivíduos e de realizar um trabalho criativo de interesse social, a educação cubana contribuía para a alienação. Essa estrutura educacional apresentava algumas contradições: ao mesmo tempo em que era obrigatória por lei, a falta de acesso pela maior parte da população predominava; em um período com aumento de recursos financeiros, a quantidade de escolas, matrículas e professores diminuía e, ao mesmo tempo que se defendia um projeto educacional vinculado ao discurso de desenvolvimento econômico, a economia não crescia.

Pelo contrário, tornou-se uma força de estagnação econômica, porque aqueles que tinham o privilégio de ter acesso à educação recebiam uma formação em termos qualitativos para atender seus desejos de ter prestígio social como magistrados, e não para atender as reais necessidades profissionais da época. O que indica uma formação deficitária, pois não lhes proporcionavam condições para atuarem de forma ativa na sociedade, ou seja, uma formação contemplativa, mas impraticável.

Entretanto, apesar dessas observações e contradições, o ensino em Cuba era mais difundido, por isso, apresentava uma taxa menor de analfabetismo em comparação aos outros países da América Latina, exceto de Argentina e Uruguai. Desse modo, às vésperas da Revolução, a taxa de analfabetismo em Cuba era relativamente pequena, em relação à América Latina. Ainda assim, a Ilha apresentava uma mão de obra organizada e uma força de trabalho camponesa proletarizada insatisfeita, fato que pode ter contribuído para a adesão populacional à Revolução e na forma como os conteúdos da Cartilha *¡Venceremos!* foram didaticamente organizados, tendo como possível princípio norteador a alfabetização para autonomia.

2.3. A importância da alfabetização para a Revolução Cubana

A falta de um projeto educacional estruturado em bases sólidas e comprometido com uma educação voltada às classes populares, favorecia a insatisfação dos operários e dos camponeses e o descontentamento do setor da classe mais favorecida do Partido Ortodoxo denominado de Partido Autêntico, da Sociedad de Amigos de la República (SAR), do Partido Socialista Popular (PSP), e da Junta de Liberación Cubana, com o governo de Fulgencio Batista.

Essa insatisfação geral em relação à educação, à situação econômica e política vivenciada em Cuba até aquele período e intensificada quando Fulgencio Batista impediu a eleição presidencial por meio de um golpe ao entrar no dia 10 de Março de 1952 no quartel Colúmbia, possibilitou o assalto ao quartel Moncada fomentado por Fidel Castro em 1953, dando início ao movimento revolucionário que culminou com a tomada do poder em 1º de janeiro de 1959.

Em meio a esse processo de guerrilha, encontrou-se na alfabetização um caminho para difundir os ideais do processo revolucionário e conquistar o apoio dos camponeses:

[...] dada a situação de total ignorância e de abandono em que se encontrava a maior parte do povo cubano, especialmente nas regiões montanhosas, o ensino do alfabeto e a instrução em geral era o modo concreto de explicar e propagar as exigências e o poder daquele movimento revolucionário à frente do qual os guerrilheiros colocaram (ZOTTA, 1976, p.15, tradução nossa⁷).

Foi então que se iniciou uma preocupação especial com a alfabetização e por isso, todo guerrilheiro assumiu ser um maestro, um combatente, mas também, e ao mesmo tempo, um organizador social, um condutor e fundador de cultura, um alfabetizador e formador de opinião, atribuições as quais, nem depois da vitória em 1959 as Forças Armadas renunciaram, mesmo com o desenvolvimento

⁷ “[...] dada la situación de total ignorancia y de abandono en que se encontraba la mayor parte del pueblo cubano, especialmente en las regiones montañosas, la enseñanza del alfabeto y la instrucción en general eran el modo concreto de explicar y propagar las exigencias y el poder de aquel movimiento revolucionario a cuya cabeza se habían colocado los guerrilleros” (ZOTTA, 1976, p.15).

em todo o país de outros organismos com objetivos educativos. Como exemplo, seguiram publicando a Revista Verde Olivo.

Entretanto cabe enfatizar que essa preocupação com a alfabetização ganhou características específicas com o pensar da nova sociedade cubana, especificamente quando a relação de hostilidade entre os governos de Cuba e Estados Unidos, se intensificou após a promulgação da *Lei da Reforma Agrária em Cuba*.

A *Lei da Reforma Agrária*, promulgada por Fidel Castro em maio de 1959, previa a entrega dos documentos de propriedade das terras aos camponeses e, concomitantemente, a erradicação do latifúndio e a autoridade das grandes empresas que atuavam na região, fato que afetou o princípio de propriedade privada e trouxe implicações diretas aos interesses norte-americanos. Em resposta a essa ação, os EUA decretaram um embargo parcial das exportações à Ilha e o governo de Cuba retribuiu nacionalizando o patrimônio de empresas norte-americanas que se encontravam em território cubano.

Desde então, os ataques contrarrevolucionários se intensificaram e muitos cubanos abandonaram a Ilha, acentuando as dificuldades econômicas. A partir desses acontecimentos, os discursos de Fidel Castro foram marcados por críticas aos Estados Unidos. Eles explicitavam, em sua maioria, o fato de o analfabetismo, não só em Cuba, mas em toda América Latina, ser fruto da exploração imperialista, o que ocasionava subdesenvolvimento, atraso econômico e político.

O analfabetismo passou a ser divulgado pelos líderes revolucionários como uma condição perigosa tanto quanto a exploração imperialista na promoção do subdesenvolvimento. Portanto, fazer-se-ia necessário combatê-lo, era necessário intensificar o processo educacional revolucionário e articular a alfabetização como o primeiro passo para a formação de um homem novo. Essa situação partia da necessidade de preparar os cubanos para atender às obrigações que o processo revolucionário havia gerado.

Segundo Werthein e Carnoy (1984), o bloqueio econômico e a imigração influenciaram de forma imediata os parâmetros educacionais da Revolução porque, com a nacionalização, as máquinas e as fábricas ficaram sob a

responsabilidade dos cubanos que, por sua vez, estavam despreparados para garantir assistência técnica; isso que exigiu que os mesmos fossem instruídos de forma rápida e significativa.

As repercussões do bloqueio econômico e da imigração foram negativos sobre a produção, mas, a princípio, os efeitos educacionais foram positivos. Porque foi esta situação de necessidade econômica-social que intensificou o planejamento da Campanha de Alfabetização e a propagação da aprendizagem da leitura e escrita, pelos idealizadores revolucionários, como condição de libertação.

O baixo nível cultural dos camponeses e técnico dos operários passou a ser transmitido como um obstáculo ao aumento da produtividade. As consequências da ignorância tornaram-se tema principal nas declarações dos dirigentes da Revolução e estabeleceu-se como prioridade entre as urgências de escolarização da maioria da população a luta contra o analfabetismo, especialmente dos camponeses, porque era nas áreas rurais que se encontravam o maior número de analfabetos.

Foi então que se pensou em realizar uma Campanha Nacional de Alfabetização como um projeto educacional que visava suprir as necessidades imediatas, o que exigia uma mudança de mentalidade em relação ao trabalho. Bem como, um primeiro passo para preparar o homem para o desempenho de um papel social, cívico e econômico. Para se manterem os princípios da Revolução era necessário fazer uso da alfabetização para iniciar a formação de um modelo de homem idealizado pelos seus líderes, que fosse capaz de devotar-se à coletividade, livrar-se das sequelas do passado e criar conscientemente condições de existência individuais e sociais.

Nesta perspectiva Fidel Castro, em 26 de setembro de 1960, em um discurso na sede da Organização das Nações Unidas - ONU fez o anúncio oficial da Campanha de Alfabetização Cubana:

O Governo Revolucionário construiu, nesse curto espaço de tempo, 25.000 casas em áreas rurais e urbanas; 50 novas cidades estão surgindo agora em nosso país; as mais importantes fortalezas militares hoje abrigam dezenas de milhares de alunos e, no próximo ano, nosso povo pretende travar sua grande batalha

contra o analfabetismo, com a ambiciosa meta de ensinar a ler e escrever até o último analfabeto no próximo ano, e, para tanto, organizações de professores, estudantes, trabalhadores, isto é, todo o povo, se preparam para uma intensa campanha e Cuba será o primeiro país da América que depois de alguns meses poderá dizer que não tem nenhum analfabeto (CASTRO, 1960a, on-line⁸, tradução nossa⁹).

Ao anunciar a Campanha, a Revolução se propôs a vencer, nas palavras do próprio Fidel Castro: “[...] uma das maiores batalhas pela cultura já travadas por qualquer povo” (CASTRO, 1961a, on-line, tradução nossa¹⁰). Ela objetivava erradicar o analfabetismo em um ano. A ideia era fazer de Cuba um exemplo para os povos: “[...] calcule que lição para os povos, calcule que incentivo e calcule que descrédito para os governantes fantoches¹¹ da América Latina, a Revolução Cubana em um único ano erradicar o analfabetismo” (CASTRO, 1961a, on-line, tradução nossa¹²).

Foi então que os líderes revolucionários, em conjunto com a *Comissão Nacional de Alfabetização e Educação Fundamental*, estabeleceram três objetivos principais para a Campanha de Alfabetização: ensinar todo cubano a ler e escrever, conscientizar a população, em especial a camponesa, para que pudessem atuar nas mudanças socioeconômicas para desenvolver a economia do país, e contribuir para elevar o nível cultural do povo, formando um homem com consciência coletiva e consciente.

⁸ Quando a palavra on-line estiver nas referências das citações no lugar do qual deveria se encontrar o número da página é porque o texto disponível no site do Governo cubano não apresenta paginação.

⁹ “El Gobierno Revolucionario ha construido, en ese breve período de tiempo, 25 000 viviendas en las zonas rurales y urbanas; 50 nuevos pueblos están surgiendo en este momento en nuestro país; las fortalezas militares más importantes albergan hoy decenas de miles de estudiantes, y, en el próximo año, nuestro pueblo se propone librar su gran batalla contra el analfabetismo, con la meta ambiciosa de enseñar a leer y escribir hasta el último analfabeto en el próximo año, y, con ese fin, organizaciones de maestros, de estudiantes, de trabajadores, es decir, todo el pueblo, están preparándose para una intensa campaña y Cuba será el primer país de América que a la vuelta de algunos meses pueda decir que no tiene un solo analfabeto” (CASTRO, 1960, on-line).

¹⁰ “[...] una de las más grandes batallas por la cultura que haya librado ningún pueblo” (CASTRO, 1961a, on-line).

¹¹ Fidel Castro usava o termo “Governantes fantoches da América Latina” quando se dirigia aos líderes governamentais que, para ele, não governavam para atender as necessidades do povo e por isso, nas votações da OEA e da ONU cediam à pressão econômica e militar dos EUA votando de acordo com o que convinha aos norte-americanos.

¹² “[...] Calculen qué lección para los pueblos, calculen qué aliento y calculen qué descrédito para los gobernantes títeres de América Latina, que la Revolución Cubana en un solo año erradique el analfabetismo” (CASTRO, 1961a, on-line).

Por meio da Campanha de Alfabetização, se pretendia contribuir para a construção de uma sociedade formada por homens livres da ignorância, nas palavras de Castro (1976) uma das piores heranças deixadas pelo imperialismo:

Temos consciência dos tremendos prejuízos que a ignorância acarreta, pois não há pior inimigo do homem, pior inimigo dos povos, pior inimigo da humanidade do que a ignorância. Esta foi a pior das heranças que o colonialismo, o imperialismo e o capitalismo nos deixaram (CASTRO, 1979, p.11)

Para a Comissão Nacional de Alfabetização: “[...] a ignorância é terreno fértil para confusão e medo, suporte da submissão e da espoliação” (CUBA, 1961e, p.1, tradução nossa)¹³. Desse modo, o objetivo da Campanha era levar ao homem cubano a oportunidade de elevar seu nível cultural, técnico, científico e humanístico.

Esses objetivos ficam esclarecidos no discurso do escritor e pedagogo uruguaio Jesualdo Sosa (CUBA, 1961e) no Congresso Nacional de Alfabetização quando explicitou o que a Comissão pretendia avaliar mediante as três provas que todo estudante realizava para ser considerado alfabetizado:

A Campanha de Alfabetização - que terminará no final de dezembro a meta do Ano da Educação - aspira avaliar - mediante três provas escalonadas - não apenas o processo de aprendizagem, senão também ‘a capacidade adquirida pelos alfabetizados para compreender o processo revolucionário e sua incorporação na vida econômica, social e política’. Não se trata, pois, de alfabetizar por alfabetizar, mas fazê-lo com o pensamento de libertação nacional; a alfabetização, assim, é apenas o primeiro passo de uma vasta campanha de educação para o povo (CUBA, 1961e, p.85, tradução nossa)¹⁴.

¹³ “[...] la ignorancia es tierra fecunda para la confusión y el temor, sostenes de la sumisión y la expoliación” (CUBA, 1961e, p.1).

¹⁴ La Campaña de Alfabetización - que culminará a fines de diciembre la meta del Año de la educación - aspira a evaluar - mediante tres pruebas escalonadas - no sólo el proceso del aprendizaje, sino también ‘la capacidad adquirida por los alfabetizados para comprender el proceso revolucionario y su incorporación a la vida económica, social y política’. No se trata pues, de alfabetizar por alfabetizar, sino de hacerlo con el pensamiento puesto en la liberación nacional; la alfabetización, así, no es más que el primer escalón de una vasta campaña de educación para el pueblo (CUBA, 1961e, p.85).

No mesmo Congresso Nacional de Alfabetização, Raúl Ferrer (secretário executivo do Congresso), ao conceituar quem poderia ser considerado alfabetizado, indica esses objetivos:

Quem é um alfabetizado? Poderia definir-se assim: És um companheiro que para cumprir sua tarefa com a Revolução tenha passado sua cartilha totalmente, sabe ler corrido seus temas simples, e sabe escrever o suficiente para fazer uma carta a Fidel Castro, que termine mais ou menos assim: 'Viva nossa grande Revolução Socialista' (CUBA, 1961e, p.19, tradução nossa)¹⁵.

Assim, para atender os objetivos gerais traçados para a Campanha de Alfabetização, estabeleceram-se três metas específicas: o povo deveria ensinar o povo, cada analfabeto deveria ter um professor e quem sabia mais deveria ensinar quem sabia menos. Esses objetivos específicos transformaram-se na fórmula popular QTATA - **Que Todo Analfabeto Tenga Alfabetizador, y Que Todo Alfabetizador Tenga Analfabeto.**

Por essa ótica, a alfabetização em Cuba foi gestada como conscientização política e seu trabalho mediante os resultados obtidos demonstraram, em termos pedagógicos, a princípio por meio da alfabetização, a tentativa de formação de um homem autônomo, tendo como principal instrumento para tal formação a Cartilha *¡Venceremos!*.

Ao fazer parte de uma sociedade em processo de mudança revolucionária, a alfabetização em Cuba não foi compreendida como um fenômeno de assimilação passiva, para o controle e regulação do exercício da cidadania. Para além, foi compreendida como um dos meios possíveis de luta contra as injustiças sociais, de conquista de direitos civis e políticos com vista a liberar o exercício da cidadania.

Foi nesse cenário de discussões sobre a necessidade de erradicar o analfabetismo, tanto para os defensores do capitalismo quanto para seus críticos, que a Cartilha *¡Venceremos!* foi elaborada em Cuba e representou um dos

¹⁵ ¿Qué es un alfabetizado? Pudiera definirse así: Es un compañero que para cumplir su tarea con la Revolución ha pasado su cartilla totalmente, sabe leer de corrido sus temas sencillos, y sabe escribir lo suficiente para hacerle una carta a Fidel Castro, que termine más o menos así: '¡Viva nuestra gran Revolución Socialista' (CUBA, 1961e, p.19).

principais instrumentos para ilustrar a sociedade que os líderes da Revolução pretendiam construir. Nesse sentido, coube questionar de que maneira *¡Venceremos!* expressava esse projeto societário.

E é importante destacar a relevância da alfabetização para a consolidação da Revolução, pois quando um sujeito aprende a fazer o uso da leitura e da escrita de forma a decifrar e entender o código alfabético, conseguindo interpretar o que lê, adquire autonomia e amplia as possibilidades para se tornar sujeito de sua própria história. Explicita-se, portanto, um dos objetivos do movimento revolucionário iniciado em 1959: fazer de Cuba uma sociedade livre e soberana, o que se articulava à necessidade de libertação dos cubanos, a princípio na esfera individual.

Esse projeto educacional de libertação deveria ter materiais didáticos que elucidassem a alfabetização enquanto uma ação educativa global e não apenas como um processo rudimentar para a aquisição das técnicas de leitura e escrita. Os materiais didáticos que seriam utilizados na Campanha deveriam atender a essa função. Por isso, pensou-se em criar um livro, uma Cartilha revolucionária que deveria ter um conteúdo válido do ponto de vista histórico social. Esse livro seria utilizado durante a Campanha com todos os alunos, tanto do campo quanto da cidade. Entretanto, como o maior índice de analfabetismo concentrava-se nas zonas rurais era necessário que ele estivesse devidamente adequado ao nível de maturidade e à linguagem dos camponeses.

Para a sua elaboração, a Comissão Nacional de Alfabetização, entre agosto e dezembro de 1960, realizou uma pesquisa sobre o vocabulário do camponês. Segundo Pérez-Cruz (2011), essa pesquisa foi aplicada em analfabetos com mais de 16 anos de idade em várias áreas rurais do país. A amostra total incluiu 3.000 pessoas, foram gravadas fitas das conversas realizadas com elas. Assim, suas formas de conversação foram investigadas, bem como suas visões de mundo cívico, cultural e econômico-social.

Assim, foram elaborados e publicados no início de 1961 os principais instrumentos didáticos da Campanha, a Cartilha *¡Venceremos!*, destinada aos alunos e o Manual *Alfabetícemos*, para uso do professor alfabetizador. Esses materiais se completavam na medida em que as lições da Cartilha eram simples e

didáticas e os Temas do Manual indicavam ao professor como conduzir as discussões que deveriam ser realizadas em cada lição da Cartilha.

Sob tal ponto de vista, tanto o título quanto a ilustração da capa de *¡Venceremos!*, bem como as temáticas de suas lições apontavam uma possível intenção de motivar e ou convencer o camponês e o operário a lutarem pela Revolução, indicando que todos juntos venceriam o imperialismo, assim como o analfabetismo e atingiriam a condição de plena liberdade.

2.4. A Estrutura da Cartilha *¡Venceremos!*

O principal material didático confeccionado para a Campanha foi a Cartilha *¡Venceremos!*, impressa em forma de livro de brochura com 23cm de comprimento, 17cm de largura e em papel jornal, tendo sua capa colorida e seu conteúdo interno em preto e branco.

Figura 01 – Capa da Cartilha *¡Venceremos!*



Fonte: Cuba, 1961a, p.1.

A Cartilha apresentava 110 páginas que foram divididas em 15 lições sobre assuntos que estavam em discussão naquele momento. O seu conteúdo pode ser observado na tabela abaixo:

Quadro 01 - Apresentação das lições da Cartilha *¡Venceremos!*

Lição	Título da Lição	Aspectos trabalhados em cada Lição	Página
1	OEA (Organização dos Estados Americanos)	Expulsão de Cuba da Organização de Estados Americanos (as vogais)	01
2	INRA (Instituto de Reforma Agrária)	A Lei da Reforma Agrária de 1959 (família silábica das letras l, r, f, m)	07
3	As Cooperativas da Reforma Agrária	Conceito e forma de trabalho nas Cooperativas (família silábica das letras c, p, r, t, v)	16
4	A Terra	A riqueza da Terra, noções de cultivo e incentivo a valorização do trabalho dos camponeses (família silábica das letras s, n, rr)	28
5	Os Pescadores Cubanos	A importância das Cooperativas de pesca para a melhoria de vida dos pescadores e noções sobre trabalho voluntário (família silábica das letras q, y, d)	36
6	A Loja do Povo	O poder de compra do camponês na Loja do Povo, conscientização sobre usufruir do fruto do seu trabalho (família silábica das letras b, bl)	44
7	Cada cubano dono de sua casa	A Lei da Reforma Urbana (família silábica das letras h, br, ñ)	50
8	Um povo saudável em uma Cuba livre	Noções de Higiene e Trabalho Voluntário (família silábica das letras ch, j)	58
9	INIT (Instituto Nacional de Indústria Política)	Incentivo à Participação em Atividades Artísticas e Culturais e noções de Turismo (família silábica das letras ex, ll, z)	64
10	As Milícias ¹⁶	Noções de Defesa da Pátria, Conceito de milícia e miliciano (Família Silábica	72

¹⁶ É importante destacar que o manual do professor Alfabeticemos (1961b) conceitua milícias como: "ejército voluntario formado por el pueblo: campesinos, obreros, jóvenes, mujeres, organizados para la defensa de la patria" (CUBA, 1961b, p.90).

		das letras g, c, pl)	
11	A Revolução ganha todas as batalhas	Informações sobre a Revolução, exaltação de Fidel Castro como líder revolucionário e do ideal de Defender a Revolução tendo como instrumentos a luta armada, a educação e o trabalho (família silábica das letras g, gu)	80
12	O povo trabalha	Conceito de operário e camponês e Noções sobre o papel social de cada um (família silábica das letras pr, tr, cr)	86
13	Cuba não está só	Noções sobre Internacionalismo Proletário (família silábica das letras gr, dr, fr)	94
14	Já chegou o ano da Educação	A Importância de Saber Ler e Escrever, Incentivo à participação na Campanha de Alfabetização e ao cumprimento da consigna quem sabe ensina, quem não sabe aprende (leitura de frases)	102
15	Poesia, alfabeto e números	Noções sobre Libertação do domínio estrangeiro (gênero textual poema, alfabeto maiúsculo e minúsculo, algarismos de 0 até 9)	106

Fonte: Elaborado pela autora.

Todas as lições da Cartilha *¡Venceremos!* mantinham uma padronização: começavam com uma fotografia em preto e branco referente ao tema que seria abordado. Em seguida, eram acompanhadas por um pequeno texto com frases curtas que traziam informações sobre a nova realidade cubana em construção, ou seja, sobre as transformações que estavam acontecendo.

As lições eram simples, fundamentadas na repetição e no aumento da dificuldade de forma gradativa. Tratava-se de reconhecimento de letras, leitura de palavras, cópia e exercício de completar. Partiam de uma frase motivadora que representava de forma mais concreta possível os ideais revolucionários e que constava no texto de apresentação da lição. Essa frase era decomposta em palavras e depois em sílabas aproximando-se do método de alfabetização analítico, difundido em âmbito internacional como sentencição.

Na Cartilha *¡Venceremos!* pode-se verificar uma apresentação sistemática do conteúdo que se pretendia ensinar, bem como uma adequação à maturidade e linguagem dos camponeses e uma regulamentação dos conteúdos. Isso porque todas as lições apresentavam a mesma quantidade e estilo de exercícios e explicava-se ao professor alfabetizador no Manual *Alfabetecemos* (1961b):

O material que preparamos para a alfabetização consiste neste Manual e na Cartilha 'Venceremos'. Na elaboração da Cartilha foram levados em consideração três pontos fundamentais: 1º - A realidade da nossa Pátria. 2º - O analfabeto. 3º - O alfabetizador. [...] O método é fácil e adequado à realidade do analfabeto cubano, que é excepcional porque domina um amplo vocabulário e tem comprovada maturidade e consciência cidadã (CUBA, 1961b, p.12-13, tradução nossa¹⁷).

Sobre as características comuns dos conteúdos dos materiais didático-pedagógicos do final do século XIX e início do século XX, Sauter e Rodríguez (2009) argumentaram sobre o conhecimento ser apresentado de maneira linear e como objeto concluído na maioria das vezes, salvo algumas exceções que necessitam de investigação.

Nessa perspectiva, pode-se problematizar que a Cartilha *¡Venceremos!* aproxima-se dos casos menos frequentes elucidados por esses autores. Uma vez que suas lições apontavam para a compreensão do conhecimento como um processo histórico, bem como uma condição de libertação e não apenas de docilização.

Sobre o método de alfabetização utilizado na Cartilha *¡Venceremos!*, é importante dizer que, em nível internacional, as discussões dos profissionais da educação sobre o mesmo concernem com o final do século XIX e início do século XX, sob influência da pedagogia norte-americana do filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952) denominada de Escola Nova, quando se intensificaram as críticas aos métodos de alfabetização que enfatizavam o ensino das letras,

¹⁷ "El material que hemos preparado para la alfabetización consta de este Manual y la Cartilla 'Venceremos'. En la redacción de la Cartilla se han tenido en cuenta tres puntos fundamentales: 1º - La realidad de nuestra Patria. 2º - El analfabeto. 3º - El alfabetizador. [...] El método es fácil y ajustado a la realidad del analfabeto cubano, que es excepcional por cuanto domina un amplio vocabulario y tiene madurez y conciencia ciudadana bien probadas" (CUBA, 1961b, p.12-3).

sílabas e palavras de forma descontextualizada e mecânica. Esses métodos foram, na época, considerados tradicionais.

Nesse mesmo período, houve a intensificação dos movimentos republicanos liberais que defendiam, no que diz respeito à educação, uma escola laica e universal, tendo em vista que saber ler e escrever convergia para um instrumento “[...] privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social” (MORTATTI, 2006, p.2).

Bittencourt (2004) argumentou que o método analítico era defendido por liberais que explicitavam a necessidade de uma escola laica, em sua maioria, republicanos que discursavam a respeito da democratização do saber escolar e enfatizavam a superação do ensino fundamentado em métodos advindos da Igreja.

Os métodos de alfabetização considerados analíticos (palavração, sentençação e global) priorizavam o princípio da análise, preocupando-se com o sentido do texto e sua memorização. Traziam consigo o pressuposto de que era necessário acrescentar ao ensino da leitura e escrita um ensino moral e cívico para formar o cidadão com uma conduta que correspondia ao que exigia a vida republicana: (saber votar) (CARVALHO, 1998).

Nesse sentido, cabe ressaltar que há na Cartilha *¡Venceremos!*, por parte dos líderes revolucionários Fidel Castro e Che Guevara, uma escolha metodológica que é, academicamente, vista como controversa para uma perspectiva transformadora da educação, porque o método analítico faz parte do que atualmente considera-se métodos tradicionais de ensino. Entretanto, para a época em que a Cartilha *¡Venceremos!* foi produzida, era a metodologia inovadora que criticava os métodos que enfatizavam a soletração e silabação, ou seja, apenas a decodificação.

Destarte, compreende-se que o que não é neutro em uma metodologia de ensino “[...] não é seu arcabouço de procedimentos e técnicas; o que não é neutro são os conteúdos, os objetivos e as práticas educativas por meio dos quais o método se corporifica, se materializa” (SOARES, 2017, p.182), o que implica na política e na filosofia da educação da sociedade que permite e direciona as práticas educativas.

E, ao considerar que a Cartilha surgiu em uma perspectiva de negação ao que estava posto, tanto para a alfabetização, quanto à ordem social estabelecida é possível afirmar que mesmo adotando o método de alfabetização analítico, denominado de sentencição houve uma tentativa de sistematizar a alfabetização para além de um processo mecânico de memorização e repetição de letras e palavras, como um processo de conscientização, ou seja, um instrumento que poderia contribuir para uma mudança de mentalidade.

Assim, Cuba, ao fazer uso do método analítico, buscou avançar no conteúdo e no sentido do texto, mesmo aproximando-se do que era discutido sobre trazer um conteúdo moral e cívico, procurou trazer nos textos de *¡Venceremos!* os interesses do povo, distanciando-se, em certa medida, do objetivo de docilização (educar para saber se comportar), mas, aproximando-se do objetivo de não apenas instituir um comportamento e sim uma atitude crítica de reflexão que desenvolvesse uma forma de agir autônoma e consciente.

Pode-se afirmar, nesse sentido, que ao tentar conciliar as necessidades pedagógicas, didáticas, psicológicas, históricas e comunicativas da população analfabeta às ideias políticas e ideológicas da Revolução, os técnicos e assessores responsáveis em produzir esse material, cite-se Ana Rojas, Jaime Canfux Gutiérrez, Renato Bredo, dentre outros, tiveram como referência conceitual a alfabetização como princípio formador de uma consciência autônoma. Uma consciência em relação ao modo de produção que se pretendia construir e intencionalmente modelada por uma ideologia, que exigia saber o valor social do trabalho e a história das lutas de classes. Nessa perspectiva, cabe ressaltar Bakhtin (1995) quando argumentou sobre a relação dialética entre consciência e prática social:

[...] a consciência, portanto o pensamento, a atividade mental, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia. Contudo, todas estas relações são inter-relações recíprocas, orientadas, é verdade, mas sem excluir uma contra-ação. O psiquismo e a ideologia estão em interação dialética constante. Eles têm como terreno comum o signo ideológico: O signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico. A questão exige mais que um tratamento esquemático. Na

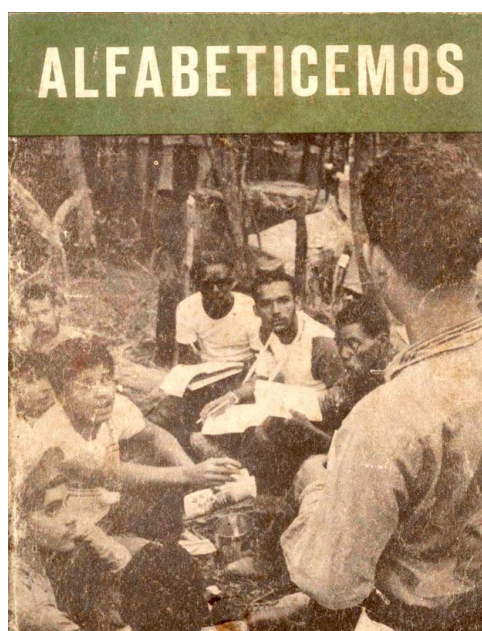
verdade, a distinção essencial é entre a atividade mental do eu (não modelada ideologicamente, próxima da reação fisiológica do animal, característica do indivíduo pouco socializado) e a atividade mental do nós (forma superior que implica a consciência de classe). O pensamento não existe fora de sua expressão potencial e, por conseqüência, fora da orientação social desta expressão e do próprio pensamento (BAKHTIN, 1995, p.17).

Procurou-se, dessa forma, para expressar o projeto de sociedade que pretendiam construir, na elaboração de *¡Venceremos!*, desenvolver textos que trouxessem o conteúdo revolucionário articulado ao processo de aprender e ao pressuposto da alfabetização pela conscientização, para demonstrar um ideal de homem para o novo tempo.

Como um complemento metodológico da cartilha, foi elaborado o Manual *Alfabeticemos*, com o objetivo de contribuir com a formação revolucionária do professor alfabetizador, como também para instruir sobre o correto manuseio da Cartilha *¡Venceremos!*.

No que diz respeito ao Manual *Alfabeticemos*, é importante destacar que, em sua capa, enfatizava-se a aula como um espaço de debates e trocas de experiências no qual o importante era o relacionamento entre professor e aluno e não a estrutura física. Como se pode observar na figura abaixo:

Figura 02 – Capa do Manual *Alfabeticemos*



Fonte: CUBA, 1961b, p.1.

Assim como a Cartilha, foi publicado em formato de livro de brochura com 23cm de comprimento e 17cm de largura, somente sua capa era colorida. Suas 99 páginas foram divididas em três partes. Na primeira parte orientava os alfabetizadores sobre como deveria ser a relação entre professor-aluno e enfatizava como aplicar a metodologia de *¡Venceremos!*.

A segunda parte continha 24 temas de orientações revolucionárias que contribuíam para o entendimento dos textos que eram apresentados nas lições de *¡Venceremos!* e sugeria como o professor deveria conduzir os diálogos e problematizações de suas aulas.

A terceira parte consistia em um glossário que definia conceitos significativos para a Revolução, como por exemplo: imperialismo, Revolução, liberdade, libertação, Reforma Agrária e Milícias. Ao abordar os temas de estudo, o Manual *Alfabetecemos* trazia um pensamento em forma de epígrafe de personagens importantes para a Revolução, entre eles destacam-se: José Martí, Raul Castro, Nuñez Jimenez e Fidel Castro.

Para atender a sua função colaborativa, de maneira didática, o sumário do Manual *Alfabetecemos* foi elaborado em duas colunas: a primeira continha o nome das lições de *¡Venceremos!* e a segunda, os temas que deveriam orientar a ação pedagógica dos alfabetizadores em cada lição:

Figura 03 – Sumário do Manual do professor *Alfabeticemos*

A continuación establecemos una relación entre los asuntos de la Cartilla y los temas del Manual, en los cuales Ud. encontrará el material de información necesario para la conversación inicial.

CARTILLA	MANUAL
O E A	Tema XV "La Unidad Internacional".
I N R A	Tema III "La Tierra es Nuestra".
Las cooperativas de la Reforma Agraria	Tema IV "Las cooperativas".
La Tierra	Tema I y III "La Revolución" y "La Tierra es Nuestra".
Los Pescadores Cubanos	Tema IV "Las Cooperativas".
La Tienda del Pueblo	Tema IV "Las Cooperativas".
Cada Cubano dueño de su casa	Tema V "El derecho a la Vivienda".
Un pueblo sano en una Cuba libre	Tema XX "La Salud".
El INIT	Tema XXI "La Recreación Popular".
Las Milicias	Tema XVIII "El Pueblo Unido y Alerta".
La Revolución gana todas las batallas	Temas I-II-XXIII "La Revolución", "Fidel es Nuestro Líder" y "La Revolución gana todas las batallas".
El pueblo trabaja	Temas VIII-XVIII "La Industrialización" y "Obreros y Campesinos".
Cuba no está sola	Temas XV-XXIII "La Unidad Internacional" y "La Revolución gana todas las batallas".
Ya llegó el Año de la Educación	Temas IX-XXII "La Revolución convierte Cuarteles en Escuelas" y "La Alfabetización".

8

Fonte: CUBA, 1961b, p.8.

As lições da Cartilha articuladas aos temas do Manual *Alfabeticemos* cumpriam a função estabelecida pelo governo revolucionário de possibilitar ao alfabetizando sendo ele operário ou camponês, uma discussão sobre as

problemáticas existentes tanto na cidade quanto no campo, estimulando e motivando uma reflexão. Dando pistas de que se pretendia formar sujeitos alfabetizados e politizados. Politizados, cabe enfatizar, nos ideais da Revolução.

Havia dois temas do Manual *Alfabetecemos* que deveriam ser explorados durante as aulas, mas que não apareciam articulados no sumário do mesmo a nenhuma das lições da Cartilha, sendo eles: *A Discriminação Racial* e *Amigos e Inimigos*.

No tema *A Discriminação Racial*, era trabalhado que esse tipo de discriminação tinha uma origem econômica com o objetivo de justificar a exploração dos países desenvolvidos. Buscava-se enfatizar que a discriminação racial não tinha razão para existir em Cuba.

Uma vez que a formação do corpo, a estrutura dos ossos, a composição do sangue, o funcionamento dos órgãos, a inteligência entre outras coisas são similares em todos os homens. As diferenças externas, nesta perspectiva, como a cor da pele, a forma do nariz e do cabelo se devem às transformações que os organismos sofreram ao adaptar-se aos mais variados tipos de clima.

Sendo assim, seria equivocado manter entre os homens o ódio entre as raças e muito menos entre os cubanos que eram formados por diversos grupos étnicos.

Já no tema *Amigos e Inimigos*, estrategicamente apresentava-se o imperialismo como o inimigo máximo da Revolução que, por sua vez, para os cubanos eram os Estados Unidos, pois representavam os princípios morais e burgueses de atitudes egoístas (latifúndio), da individualidade (propriedade privada) e da exploração do homem pelo homem (trabalho assalariado) que deveriam ser destruídos para que a Revolução se consolidasse.

Cabe ressaltar que tendo o Manual *Alfabetecemos* como apoio didático, a Cartilha *¡Venceremos!* fundamentava-se em um método de aprendizagem significativo, com uma linguagem simples e muito bem articulada a mensagem política dos revolucionários. Nesse sentido, a Cartilha *¡Venceremos!* representou um importante recurso didático da Campanha de Alfabetização e tornou-se

referência internacional¹⁸; por isso, fez-se importante discutir as intencionalidades expressas na mesma.

2.5. Intencionalidades Da Cartilha *¡Venceremos!*

O objetivo desse tópico foi compreender os aspectos principais que caracterizam a fonte em análise, sua categoria, seu contexto, pretexto, forma e conteúdo, bem como quem a produziu (A Comissão Nacional de Alfabetização associada ao Ministério de Educação do Governo Revolucionário). Para quem ela foi elaborada (para a população camponesa e operária analfabeta) e, por que ela foi assim gestada e organizada (para atender as necessidades educativas daquele período (alfabetização) e para, ao mesmo tempo, proporcionar a formação da consciência revolucionária tanto do camponês quanto do operário, para que eles fossem politizados e contribuíssem para a consolidação do novo projeto societário).

Isso porque, compreende-se que uma fonte histórica corresponde a uma totalidade¹⁹ social, econômica e política e o entendimento de suas partes e relações entre elas possibilita transformar em concreto pensado essa mesma

¹⁸Essa Cartilha, tornou-se referencial para a elaboração de livros de leitura de outras campanhas de alfabetização de jovens e adultos na América Latina, dentre elas, destacam-se o Movimento de Cultura Popular – MCP e a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler que aconteceram no Brasil na década de 1960. Osmar Fávero (2005) e Góes (1980) tratam sobre essa influência da proposta pedagógica contida em *¡Venceremos!*. Contudo, tanto o MCP quanto a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, não apresentaram resultados animadores, como foi o caso da Campanha de Alfabetização Cubana. Esses movimentos e seus materiais didáticos caminhavam na contramão das relações econômicas e políticas que se articulavam no Brasil, foram duramente reprimidos com a instauração da ditadura militar. Enquanto em Cuba, ao contrário, a Campanha de Alfabetização e seus recursos pedagógicos foram intencionalmente sistematizados para atender o processo de transformação social instaurado pela Revolução. Sendo assim, é possível afirmar que os resultados da alfabetização não são intrínsecos a ela, mas, dependentes da conjuntura política ao qual faz parte como afirmou Magda Soares (2017): “na verdade, (o que se pode afirmar, aliás, sobre qualquer outra tecnologia), a alfabetização está enraizada em uma ideologia, da qual não pode ser isolada; o valor e a importância da alfabetização não são inerentes a ela, mas dependem da função e dos usos que lhe são atribuídos no contexto social (SOARES, 2017, p.173).

¹⁹ “[...] O conceito de totalidade implica uma complexidade em que cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como um momento definido em relação a si e em relação a outros fenômenos. Isso não quer dizer que se deva conhecer todos os fenômenos, igual e indistintamente. Significa que o fenômeno referido só se ilumina quando referido à essência, ou seja, àqueles elementos que definem sua própria natureza no seu processo de produção. A totalidade, então, só é apreensível através das partes e das relações entre elas (CURY, 1986, p.36)”.

totalidade. E, a partir disso, neste caso, estabelecer relações, diagnósticos, distanciamentos e aproximações sobre a alfabetização e os seus sentidos, sobre o que se sabe, o que se faz e o que se deseja fazer neste campo do conhecimento.

O que permite problematizar que sistematizar a alfabetização como um dos possíveis instrumentos para conscientizar a participação individual e coletiva dos cubanos nos mecanismos de direção e produção da sociedade, instrumentalizando para isso um material didático de fácil entendimento e manipulação, só foi possível, porque havia em Cuba, circunstâncias materiais favoráveis.

Ao considerar tanto a Cartilha quanto o Manual como impressos pedagógicos, cabe ressaltar que se compreende, nessa pesquisa, que além de instrumentos didáticos, eles materializaram uma forma de registro de uma época e de uma sociedade, bem como, podem desvelar metodologias de ensino, valores culturais, interesses políticos, sociais e econômicos de determinada classe social.

Torna-se necessário, nesse sentido, também compreender a Cartilha *¡Venceremos!* e o Manual *Alfabetecemos* como produtos da vida humana de uma sociedade situada em um tempo. Uma vez que a educação faz parte de um movimento historicamente produzido, tendo em vista atender as demandas da sociedade que a produziu.

E naquele momento a demanda central da sociedade cubana consistia em tentar consolidar a transformação social que, segundo seus idealizadores, não se solidificaria apenas pela luta armada, mas também por meio de uma ação consciente que pudesse, na perspectiva de Che Guevara (2011), recuperar a condição social do trabalho humano e construir a nova base econômica. Por isso, a necessidade de investir na educação da população camponesa e operária, embora dando maior prioridade à camponesa.

Para Che Guevara (2011), a luta armada seria o primeiro passo para uma transformação social, mas, somente uma ação consciente a consolidaria:

Nesses países, o capitalismo se desenvolveu suficientemente para fazer sentir seus efeitos de um ou outro modo sobre o povo, mas não são suas próprias contradições que, esgotadas todas as

possibilidades, fazem explodir o sistema. A luta de libertação contra um opressor externo, a miséria provocada por acidentes estranhos como a guerra, cujas consequências fazem recair as classes privilegiadas sobre os explorados, os movimentos de libertação destinados a derrotar regimes neocoloniais, são os fatores habituais do desencadeamento. A ação consciente faz o resto (GUEVARA, 2011).

Na Cartilha *¡Venceremos!* é possível identificar essa premissa educativa quando se observa que o conteúdo de suas lições a todo momento lembrava o camponês de sua vida sofrida mediante os latifúndios e a exploração imperialista. Ao operário, que apenas executar tarefas não lhe permitia reconhecer-se no produto do seu trabalho, dando margem para justificar a condição de dependência e dominação estrangeira. E, para ambos, quando elucidava as transformações que estavam acontecendo após a Revolução e exemplificava como deveriam agir para que tais transformações se consolidassem, demonstrando o valor social de suas ações. Premissas que vão ao encontro do que elucidavam os líderes do novo governo, dentre os quais se destacou Che Guevara.

A proposta de alfabetização contida em *¡Venceremos!*, antes de qualquer outra finalidade, tinha como objetivo educar o homem cubano, operário e camponês, para consolidar o movimento revolucionário. Nesse sentido, o título da Cartilha *¡Venceremos!*, representava o movimento de luta pela transformação social que estava acontecendo no país naquele momento. Esse pressuposto foi explicado na contracapa da Cartilha: “[...] *¡Venceremos!* O título corresponde à firme determinação em que estamos comprometidos. Vencer! Não somente em defesa da nossa Pátria, mas também na Campanha de Alfabetização” (CUBA, 1961a, p.2, tradução nossa)²⁰.

O título pode ter sido escolhido no intuito de mobilizar a população em geral a participar da Campanha e ao mesmo tempo lutar para defender a Revolução, pois indicava que juntos derrotariam o imperialismo como também o analfabetismo, o que contribuía para sistematizar a alfabetização como quesito de liberdade.

²⁰ “[...] *¡Venceremos!* El título responde a la firme determinación en que estamos comprometidos. *¡Vencer!* No sólo en la defensa de nuestra Patria, sino también en la Campaña de Alfabetización” (CUBA, 1961a, p.2).

Para Shirley Langer (2020), essa premissa de ler para a liberdade vem de longa data em Cuba, desde os tempos dos trabalhadores das fábricas de charuto e de José Martí (1853-1895), político crioulo²¹ que participou da fundação do Partido Revolucionário Cubano.

José Martí tornou-se referência em Cuba, por ter participado do processo de luta de sua independência, como também, pelos ideais que defendia de liberdade política e independência econômica. Além dos pressupostos de que era necessário pensar e conhecer para que o homem cubano, e demais homens da América Latina, pudessem atuar no seu momento histórico.

Esses ideais foram recuperados pelos dirigentes da Revolução, em especial por Fidel Castro que, em vários momentos, se referiu a Martí como Apóstolo da Revolução Cubana:

Vários charuteiros/leitores formaram fileiras nas lutas de independência. Na apreciação de José Martí, os charuteiros podem ser considerados por um longo período do século XIX como os 'doutores do proletariado urbano', sendo a tribuna de leitura das fábricas um palco dos precursores da luta por liberdade e lugar social onde o lector 'recebeu seu título acadêmico' (LANGER, 2020, p.11).

Outro precursor deste pressuposto de ler para a liberdade teria sido Che Guevara:

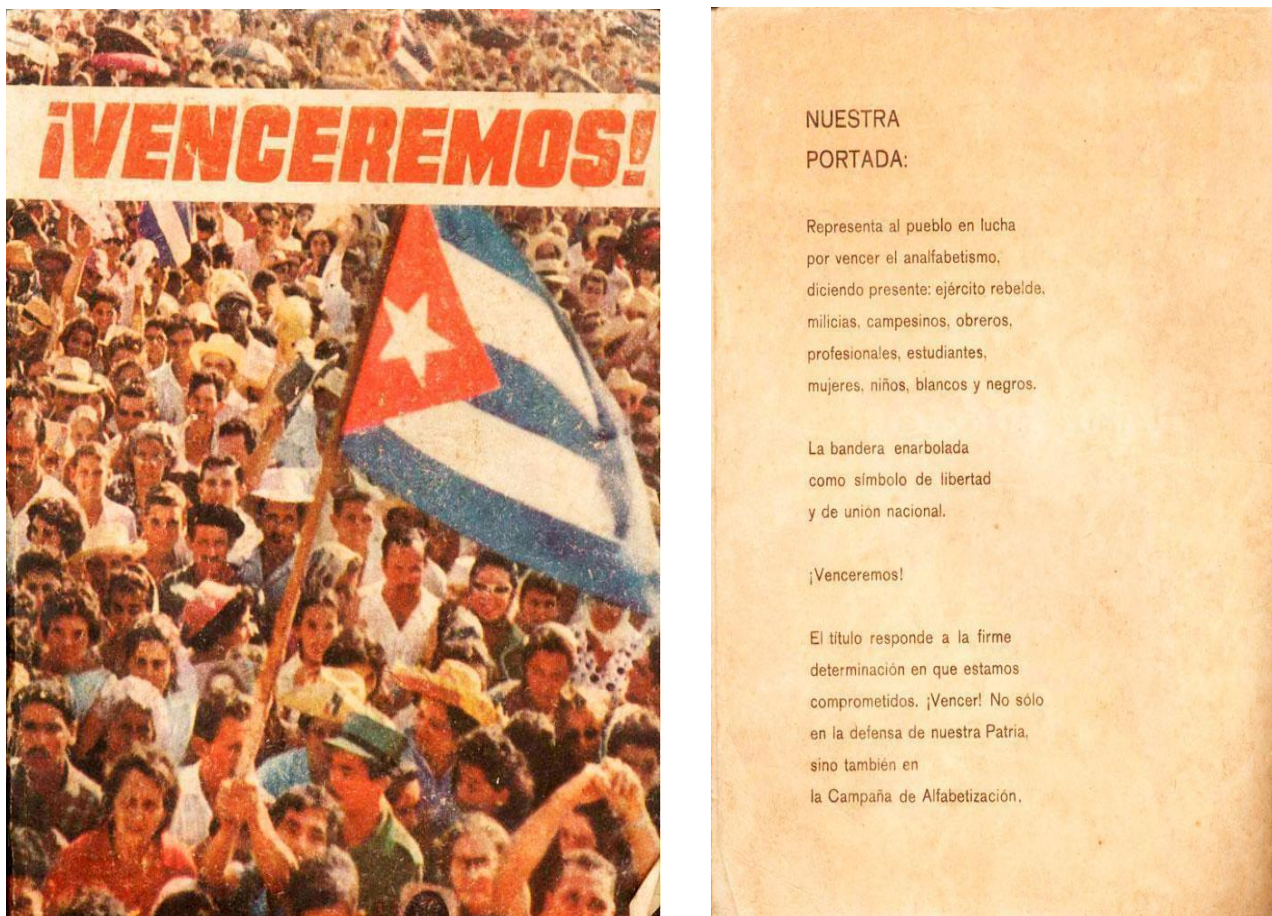
Outro capítulo dessa breve história de ler para a liberdade se encontra na trajetória de Ernesto Guevara, o Che. Ele também era um leitor de José Martí, de quem anotaria em vermelho seu legado em Nuestra América. Recitando Martí, o canto geral de Neruda, 'balbuciando um verso de Sábado', Guevara diria 'recitei uns pequenos versos de um encarnado profundo', enquanto lia

²¹É importante destacar que o termo crioulo correspondia no tempo de Martí aos participantes de uma elite em ascensão. Tratava-se de filhos de espanhóis nascidos na América que, ao mesmo tempo em que tentavam romper com a política europeia, mantinham sua dependência subjetiva com o modelo de sociedade instituído pelos europeus. Segundo Pedro de Araujo Quental (2012), "[...] a consciência crioula em relação às suas metrópoles constitui-se como uma contraposição política, mas, do ponto de vista racial, mantém, no âmbito da escala nacional, as mesmas clivagens do sistema-mundo moderno-colonial" (QUENTAL, 2012, p.69). Ou seja, compreendiam que não eram aceitos como europeus, por isso, a contraposição política. No entanto, rompiam com o colonialismo, mas não conseguiam deixar de reproduzir esse sistema porque desejavam ser europeus em seus costumes, defendiam a americanidade e ao mesmo tempo se sentiam superiores aos afroamericanos.

para escrever seus apontamentos sobre 'o homem novo e a nova mulher'. Em sua peregrinação pelo socialismo, diria numa entrevista na Argélia: 'O socialismo econômico sem moral comunista não me interessa. Lutamos contra a miséria, mas ao mesmo tempo lutamos contra a alienação' (LANGER, 2020, p.11).

Esse pressuposto e a representação do povo cubano, de acordo com a Cartilha, lutando para vencer o imperialismo e o analfabetismo, além do título, estava ilustrado na capa do material que também era explicado em sua contracapa, como demonstrado na imagem abaixo:

Figura 04– Capa e Contracapa da Cartilha *¡Venceremos!*



Fonte: CUBA, 1961a, p.1-2.

A ilustração da capa, em concordância ao título da Cartilha, buscava representar os cubanos de vários setores, operários, camponeses, mulheres e exército rebelde, unidos em defesa da Pátria, simbolizada pela bandeira nacional. Essa defesa consistia em manter a soberania a qual se julgava ter sido

conquistada com a Revolução e em liquidar o analfabetismo, considerado um inimigo interno. O que se procurava divulgar com a imagem da capa da Cartilha *¡Venceremos!* era que a união entre exército rebelde, camponeses, operários, estudantes, mulheres, crianças, brancos e negros para erradicar o analfabetismo traria para a nação plena liberdade e uma unidade incorruptível (CUBA, 1961b).

Os recursos visuais utilizados na elaboração da capa da Cartilha *¡Venceremos!*, articulados ao texto de explicação da mesma, conduzia o alfabetizando a inferir que o povo estaria de acordo com os interesses da Revolução, participando de forma ativa para garantir a libertação do imperialismo estadunidense ao defenderem a Pátria e aderirem ao processo de alfabetização.

A capa da Cartilha *¡Venceremos!* cumpria o papel de informar o aluno sobre como deveria agir e de persuadi-lo a tal ação (unir-se à luta contra o analfabetismo e imperialismo), demonstrando a não neutralidade de quem a produziu e uma possível tentativa de manipulação política ao incentivar o aluno a aderir à ideologia da Revolução. O que permite lembrar o que disse Mikhail Bakhtin (1995, p.31): “e toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico”.

Também havia na ilustração da capa da Cartilha e em suas lições, de forma explícita, um princípio de utilidade: “[...] ensinar a ler e a escrever todos os cubanos, até o último” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.24), e de forma implícita, o princípio de utilidade consistia em fazer com que o conteúdo revolucionário fosse uma motivação para a aprendizagem.

Lições como *OEA*, *INIT*, *As Milicias*, *A Revolução Ganha Todas As Batalhas*, *Cuba Não Está Só*, *Poesia*, *Alfabeto E Números* apresentavam uma motivação para a aprendizagem comum, tanto para os alunos camponeses quanto para os alunos operários. O que era comum nessas lições era a exortação sobre a situação de exploração a qual Cuba estava submetida antes de 1959; as explicações a respeito das bem feitorias da Revolução e os ensinamentos sobre a importância do trabalho de ambos (camponeses e operários), no intuito de promover uma aproximação entre campo-cidade e cidade-campo, incentivando o trabalho coletivo, mais que o individual, para fazer da Ilha um país livre e soberano.

A intencionalidade dessas lições para além da aprendizagem da leitura e escrita era fazer com que o alfabetizando amasse a Revolução e seus líderes, bem como incentivar um sentimento de indignação, o que estimularia o apoio às ações do novo governo e uma nova mentalidade em relação à atividade produtiva.

Nada mais convincente para motivar os adultos a se dedicarem à aprendizagem da leitura e escrita e no que fosse necessário para consolidar os ideais da Revolução do que enfatizar as injustiças sofridas pela nação e seu povo, a postura corajosa de seus representantes, a forma como o país foi desrespeitado ao ser expulso da Organização de Estados Americanos (OEA) e o apoio internacional de outros povos da América Latina para com a Revolução Cubana, como sugeriam as discussões expressas no Manual *Alfabetecemos* para o ensino das vogais na lição *OEA* da Cartilha *¡Venceremos!*:

A Revolução Cubana chegou à OEA para levantar a justiça de nossa causa, das agressões de que somos vítimas do imperialismo e do direito que todos os povos da América Latina têm de alcançar sua plena e absoluta libertação. Na OEA, apesar da posição digna e corajosa de nossa delegação e de nosso chanceler, Dr. Raúl Roa, o imperialismo e os governos fantoches da América Latina votaram contra Cuba e sua revolução, enquanto em seus respectivos países o povo organizou comícios, manifestações e greves de apoio à Revolução Cubana, demonstrando assim que, com exceção de nosso país, em nenhum outro país da América Latina se conseguiu a identificação entre governos e povos (CUBA, 1961b, p.52, tradução nossa²²).

Era oportuno, para os interesses dos líderes revolucionários, ter no conteúdo da Cartilha a lição *OEA*, tendo em vista que Cuba tinha acabado de ser expulsa da Organização de Estados Americanos, o que desenvolvia um

²² “La Revolución Cubana ha acudido a la OEA a plantear la justicia de nuestra causa, las agresiones de que somos víctimas por parte del imperialismo y el derecho que tienen todos los pueblos de América Latina a alcanzar su plena y absoluta liberación. En la OEA, pese a la postura digna y valiente de nuestra delegación y nuestro canciller, doctor Raúl Roa, el imperialismo y los gobiernos títeres de Latinoamérica, votaron contra de Cuba y su revolución, mientras en sus respectivos países el pueblo organizaba mítines, manifestaciones y huelgas en respaldo de la Revolución Cubana, demostrando con ello que con excepción de nuestro país, en ningún otro de América Latina se ha logrado la identificación entre los gobiernos y los pueblos” (CUBA, 1961b, p.52).

sentimento de indignação e um sentido político forte e concreto para os trabalhadores rurais e urbanos.

A intencionalidade de incentivar os alunos a amarem a Revolução e seus líderes expressava-se de forma mais acentuada no texto da lição *A Revolução Ganha Todas As Batalhas*: “Ganhamos a liberdade guiados por Fidel. O nosso povo é governado pelo povo. Somos donos de nossa riqueza” (CUBA, 1961a, p.81, tradução nossa²³). E, também na lição *Poesia, Alfabeto e Números*:

Figura 05 e 06 – Lição *Poesia, Alfabeto e Números* da Cartilha *¡Venceremos!*

Figura 05

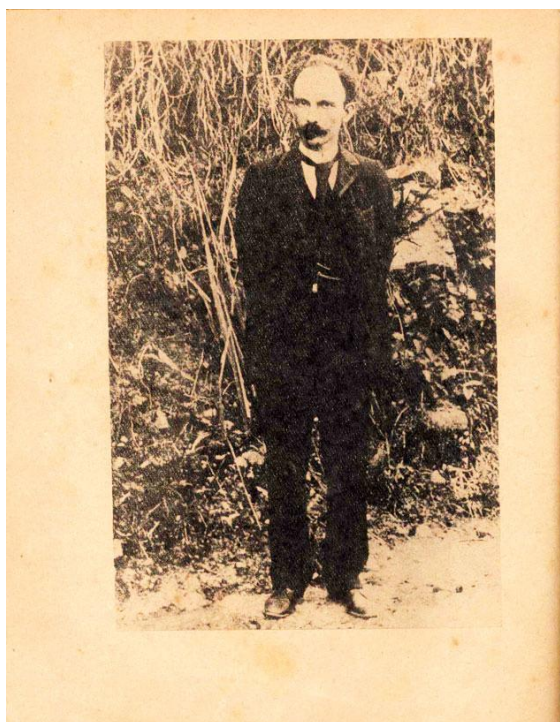
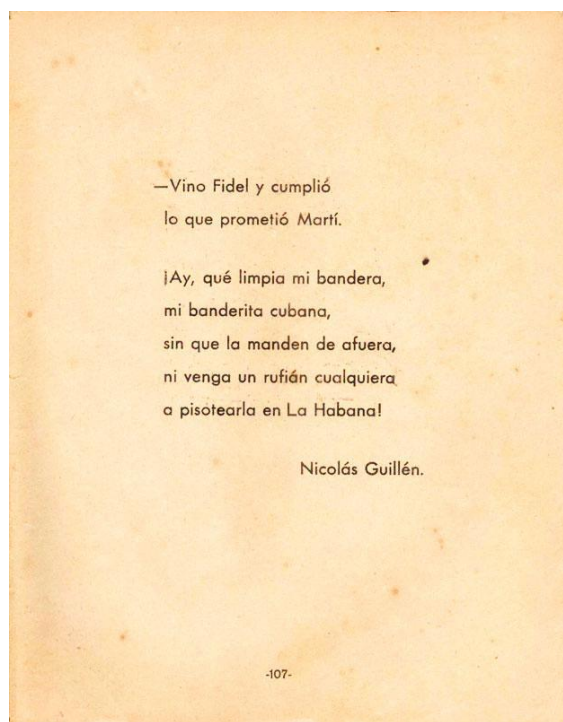


Figura 06



Fonte: CUBA, 1961a, p.106-107.

Na lição *A Revolução Ganha Todas As Batalhas*, Fidel Castro foi personificado como herói por ter conduzido a Revolução e na lição *Poesia, Alfabeto e Números* por ter supostamente cumprido o que havia prometido José

²³ “Ganamos la libertad guiados por Fidel. A nuestro Pueblo lo gobierna el Pueblo. Somos dueños de nuestra riqueza” (CUBA, 1961a, p.81).

Martí, que era admirado pelos cubanos por ter lutado pela independência da Ilha. Recorreu-se à história para projetar em Fidel Castro toda a glória e essência da Revolução e caracterizá-lo como um líder popular.

Essa foi uma estratégia para desenvolver empatia, admiração, aceitação e confiança do aluno operário e camponês para com as ações de Fidel Castro e dos demais líderes do governo revolucionário: "[...] e junto com o líder máximo da Revolução, também respeitamos e amamos os líderes que compartilham sua responsabilidade, como o presidente Dorticós, Raúl Castro, Che Guevara, Juan Almeida e outros" (CUBA, 1961b, p.24, tradução nossa²⁴).

Evocou-se a história ao ilustrar José Martí, na figura 05, e ao lembrar o pressuposto que defendia sobre independência política e econômica no poema da figura 06 porque a história torna-se um argumento plausível para justificar ações e despertar reflexões sobre o que deve ser feito, seguido ou evitado quando se propõe uma mudança brusca nos rumos de uma sociedade.

É possível que também se pretendia retratar uma relação harmônica entre os líderes do governo e os trabalhadores do campo e da cidade, ao apontar uma imagem romantizada de Fidel Castro e um amor e respeito por ele e, pelos outros líderes revolucionários, levando o alfabetizando a inferir que a Revolução pretendia distanciar-se das divisões estabelecidas pela ditadura de Fulgencio Batista entre a classe política e as pessoas comuns.

Além dessas intencionalidades gerais para alunos camponeses e operários, foi possível identificar nas lições da Cartilha *¡Venceremos!* outras pretensões, que ora se voltavam para o camponês, ora para o operário.

2.5.1 No Campo

Ao analisar as 15 lições da Cartilha *¡Venceremos!* e a forma como elas deveriam ser abordadas no Manual *Alfabeticemos*, foi possível identificar que 7 delas voltavam-se diretamente ao aluno Camponês: *INRA, As Cooperativas Da*

²⁴ "[...] y junto al máximo líder de la Revolución, también respetamos y queremos a los dirigentes que comparten su responsabilidad, como el Presidente Dorticós, Raúl Castro, Che Guevara, Juan Almeida y otros" (CUBA, 1961b, p.24).

Reforma Agrária, A Terra, Os Pescadores Cubanos, A Loja É Do Povo, Um Povo Saudável Em Uma Cuba Livre e Já Chegou O Ano Da Educação.

É possível que o maior número das lições da Cartilha tratava de assuntos de interesse do camponês pelo fato de o maior índice de analfabetismo se concentrar nas áreas rurais, como também porque essa era a parcela da população que demonstrava maior resistência para aceitar o processo de instrução, dado o isolamento em que viviam e o seu nível de politização.

Além dos camponeses demonstrarem resistência em aceitarem a alfabetização, por muitas vezes se sentirem indignos de aprender ou por sentirem ciúmes do pessoal da cidade, existiam os movimentos contrarrevolucionários que insistiam em relacionar os que aderiam ao que os líderes revolucionários propunham como comunistas e, os comunistas, como aqueles que comiam criancinhas (PERONI, 2006).

Em lugares mais afastados existia uma mentalidade de oposição à escola em detrimento do trabalho como contribuição para a fonte de renda da família. Enquanto em outros, ainda que seus moradores tivessem lutado por escolas no período da ditadura de Fulgencio Batista, quando as escolas começaram a chegar depois da Revolução, eles argumentavam que lutaram para seus filhos e não para si.

Por isso, a exigência de se realizar um amplo trabalho de convencimento, o que demonstrava que a necessidade de escolarização não era uma bandeira comum em todo o território cubano e que a realização da Campanha de Alfabetização não aconteceria de forma harmônica, sem presença de conflitos.

Era necessário utilizar a Cartilha *¡Venceremos!* como instrumento para convencer o camponês sobre a importância de se aprender a ler e escrever, apontando as conquistas que iriam adquirir, fazê-lo ter uma opinião positiva em relação à Revolução, conhecimento dos problemas nacionais e sensibilizá-lo para conseguir sua incorporação social ativa. Além de aumentar o seu nível cultural para conscientizá-lo, inclusive de sua dignidade pessoal e ensiná-lo a administrar as cooperativas.

Desse modo, mesmo *¡Venceremos!* sendo uma Cartilha destinada ao ensino de adultos, foi-lhe atribuído o adjetivo escolar, e passou-se a divulgar que

a escola não era o lugar, e sim, o relacionamento e a comunicação entre professor e aluno, como pode ser observado nas palavras de Fidel Castro (1960b): “[...] a escola não é, é claro, o prédio; a escola é aquela comunhão entre o professor e os alunos de cada lugar. As aulas às vezes podem ser ministradas mesmo debaixo de uma árvore” (CASTRO, 1960b, on-line, tradução nossa²⁵).

Sobre essa perspectiva Huteau e Lautrey (1976) descreveram: “[...] em numerosas fotografias da época, pode ver-se o casal analfabeto-alfabetizador debruçado sobre o abecedário *Venceremos* nas mais diversas situações: nos barcos de pesca, nos comboios [...]” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.30).

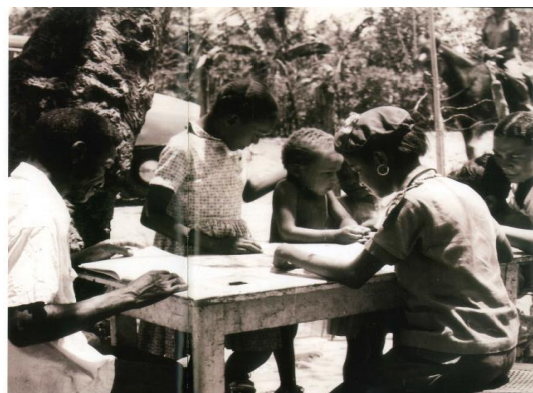
Essas fotografias, além de divulgarem a ideia de que o mais importante era o relacionamento entre professor e aluno e não o prédio escolar, também eram produzidas com fins propagandísticos da Campanha, com vista a convencer a população a aderir a tal movimento. Catherine Murphy e Carlos Torres Cairo, no livro *Un Año Sin Domingos: la Imagen de la Alfabetización en Cuba*, de 2014, demonstraram alguns desses momentos:

²⁵ “[...] La escuela no es, por supuesto, el edificio; la escuela es esa comunión entre el maestro y los alumnos de cada lugar. Las clases se pueden dar a veces hasta debajo de un árbol” (CASTRO, 1960b, on-line).

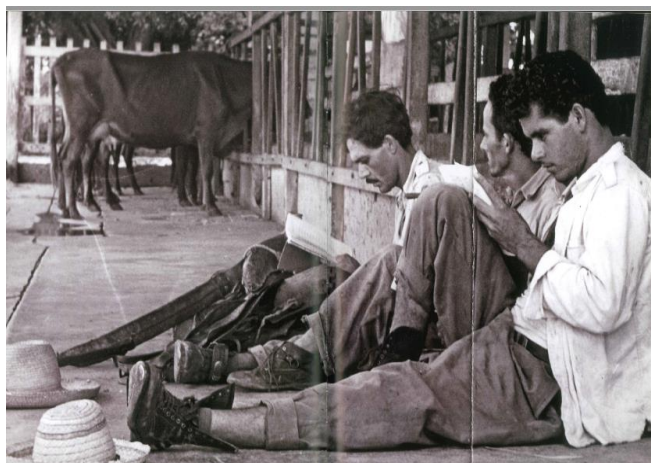
Figura 07 – Imagens das aulas utilizando *¡Venceremos!*



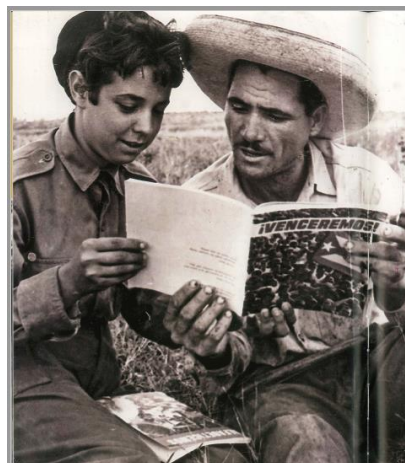
Fonte: MURPHY; CAIRO, 2014, p.50.



Fonte: MURPHY; CAIRO, 2014, p.58.



Fonte: MURPHY; CAIRO, 2014, p.58.



Fonte: MURPHY; CAIRO, 2014, p.57.

A partir das fotografias contidas no livro de Murphy e Cairo (2014) é possível verificar a tentativa, por parte do governo revolucionário, de reforçar a mensagem de que as condições materiais precárias e adversas não deveriam ser obstáculos para que o processo de ensino-aprendizagem acontecesse, pois as aulas poderiam ser ministradas em lugares improvisados. O essencial estava na qualidade das interações que se estabeleceriam.

É possível que, por meio das fotografias, tentava-se reproduzir as falas de Fidel Castro (1960b):

Vamos tentar fazer o possível para que esta instituição inicialmente pobre se desenvolva e se torne não só a solução do problema, mas também uma magnífica fonte de conhecimento pedagógico, porque você vai lá para ensinar, mas também vai

aprender. E possivelmente aprender tanto quanto eles vão ensinar [...] Você tem que organizar os pais das crianças, tem que orientar a educação geral das crianças, tem que ser a representação da cultura, da moral, em cada lugar, e tem que ser o exemplo, em cada um dos lugares onde você vai trabalhar (CASTRO, 1960b, on-line, tradução nossa²⁶).

Nesse sentido, as fotografias demonstravam, mediante a concentração dos alunos (adultos e crianças pequenas) e dos professores ao manusearem a Cartilha *¡Venceremos!*, um esforço coletivo para efetivar a relação pedagógica. De forma implícita, ao associar as imagens ao que se pretendia atingir com a Campanha de alfabetização e seus recursos pedagógicos, pode-se inferir que as mesmas tentavam ilustrar que a educação estava a serviço da transformação das relações de produção que se almejava alcançar.

O intuito de utilizar a Cartilha *¡Venceremos!*, como meio também de politização do aluno camponês, consolidava-se pela forma como o professor alfabetizador deveria direcionar o estudo do mesmo. As instruções de como conduzir as lições de *¡Venceremos!* constavam no Manual *Alfabetecemos*. Orientava-se ao professor:

[...] procure estudar bem este Manual 'Alfabetecemos' e a Cartilha 'Venceremos' para realizar um trabalho eficaz. Cuide de estar provido do Manual e da Cartilha e que seus alunos tenham o indispensável: Cartilha, caderno e lápis. [...] é indispensável seguir na própria Cartilha o que se vai explicando nestas Orientações a fim de alcançar uma interpretação correta (CUBA, 1961b, p.12-13, tradução nossa²⁷).

O pretexto de politização ficava explícito nas palavras ao alfabetizador nas primeiras páginas do Manual *Alfabetecemos* (1961b):

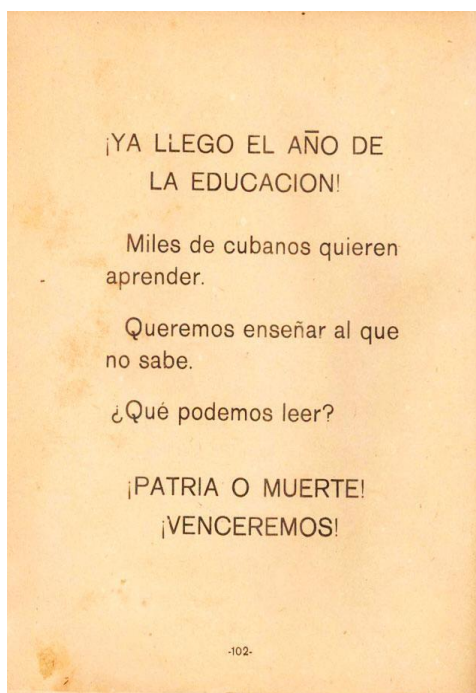
²⁶ "Trataremos de hacer todo lo posible para que esa institución pobre al principio, vaya desarrollándose y llegue a constituir no solo la solución del problema, sino también una magnífica fuente de conocimientos pedagógicos, porque ustedes van allí a enseñar, pero van también a aprender. Y posiblemente aprendan tanto como van a enseñar [...] Tienes que organizar a los padres de los niños, tienes que orientar la educación general de los niños, tienes que ser el representante de la cultura, de la moral, en cada lugar, y tienes que ser un ejemplo, en cada uno de los lugares donde vas a trabajar" (CASTRO, 1960b, on-line).

²⁷ "[...] procure estudiar bien este Manual 'Alfabetecemos' y la Cartilla 'Venceremos' para realizar una labor eficaz. Cuide de estar provisto del Manual y la Cartilla y que sus alumnos tengan lo indispensable: Cartilla, libreta y lápiz. [...] es indispensable seguir en la propia Cartilla lo que se va explicando en estas Orientaciones a fin de lograr una correcta interpretación (CUBA, 1961B, p.12-13).

Companheiro alfabetizador: uma das metas mais ambiciosas a que o Governo Revolucionário se propôs foi a erradicação do analfabetismo em 1961, 'Ano da Educação'. Com isso se propõe incorporar quase um terço de nossa população a compreensão do processo revolucionário e a sua rápida evolução, assim como aumentar a produção por meio de uma maior capacitação cultural e técnica (CUBA, 1961b, p.5, tradução nossa²⁸).

Em especial, na lição intitulada *¡YA LLEGÓ EL AÑO DE LA EDUCACIÓN!*, a condição do conhecimento como um instrumento de politização e libertação ficava subentendida no trabalho ideológico promovido pelos líderes revolucionários. Tendo em vista que, para negarem o capitalismo, procuravam mostrar que os males daquela sociedade eram resultados do mesmo, ao divulgarem o analfabetismo como um produto social da exploração do imperialismo nos países em subdesenvolvimento (CUBA, 1961a). Nessa lição, o ponto de partida para essa discussão era o texto demonstrado a seguir:

Figura 08 – Lição *¡YA LLEGÓ EL AÑO DE LA EDUCACIÓN!*



Fonte: CUBA, 1961a, p.102.



Fonte: CUBA, 1961a, p.103.

²⁸ "Compañero alfabetizador: una de las metas más ambiciosas que se ha propuesto el Gobierno Revolucionario es la erradicación del analfabetismo en 1961, 'Año de la Educación'. Con ello se propone incorporar a casi la tercera parte de nuestra población a la comprensión del proceso revolucionario y a su rápida evolución, así como incrementar la producción por medio de una mayor capacitación cultural y técnica" (CUBA, 1961b, p.5).

Após a leitura do texto, indicando que o desejo dos cubanos era aprender e ensinar, ao mesmo tempo em que transmitia a mensagem de que podiam praticar, nesse processo, o invocativo Pátria ou Morte! Venceremos!, o professor alfabetizador deveria conduzir a discussão da imagem que demonstrava os professores voluntários felizes recebendo os materiais didáticos. É interessante observar a articulação entre trabalho e felicidade, trazendo uma nova perspectiva do conceito para o camponês.

A imagem dos professores, em fila, com sacolas personalizadas com a logo da Campanha de alfabetização, ilustrava e confirmava a ideia de que essa mobilização, expressa no texto, já estava acontecendo. Além de deixar subjacente um modelo de organização e cooperação por parte dos envolvidos, possivelmente também no intuito de conquistar a confiança do aluno camponês. Feitos esses procedimentos de antecipação de leitura, as instruções do Manual *Alfabetecemos* eram de que os professores deveriam explicar sobre o analfabetismo ao aprendiz:

O analfabetismo é um problema grave dos países subdesenvolvidos, consequência da espantosa miséria que os submetem os países exploradores. [...] Uma mudança radical só poderá fazer uma revolução onde se supere o nível econômico do povo e como o analfabetismo é um produto desse estado de miséria, só será efetiva uma Campanha de Alfabetização quando antes se tenha feito uma mudança na estrutura econômica do país (CUBA, 1961b, p.64-65, tradução nossa).²⁹

Desse modo, pode-se inferir que o conhecimento e o processo de ensino apresentado nesta Cartilha, em específico, não se destinava apenas para a disciplinarização. Voltava-se também para um processo de reflexão histórica com o intuito de conhecer e desvendar o significado das coisas em suas relações. Sauter e Rodríguez (2009) argumentaram que a maioria dos manuais escolares desse tempo apresentavam o conhecimento e o processo de ensino-

²⁹ “El analfabetismo es un problema grave en los países subdesarrollados, consecuencia de la espantosa miseria a que los someten los países explotadores. [...] Un cambio social radical sólo podrá hacerlo una revolución donde se supere el nivel económico del pueblo y como el analfabetismo es un producto de ese estado de miseria, sólo será efectiva una Campaña de Alfabetización cuando antes se haya hecho un cambio en la estructura económica del país” (CUBA, 1961b, p.64-65).

aprendizagem como uma ação disciplinadora do aprendiz. A apropriação dos conteúdos deveria acontecer para o sucesso das avaliações.

No entanto, ainda que a Cartilha em análise não deixe de apontar também uma preocupação disciplinadora, docilizadora e controladora para estabelecer a ordem socialista, não se pode negar que, para além dessas preocupações, ela trazia consigo um papel conscientizador ao aluno camponês sobre onde a sociedade cubana estava e para onde queria ir.

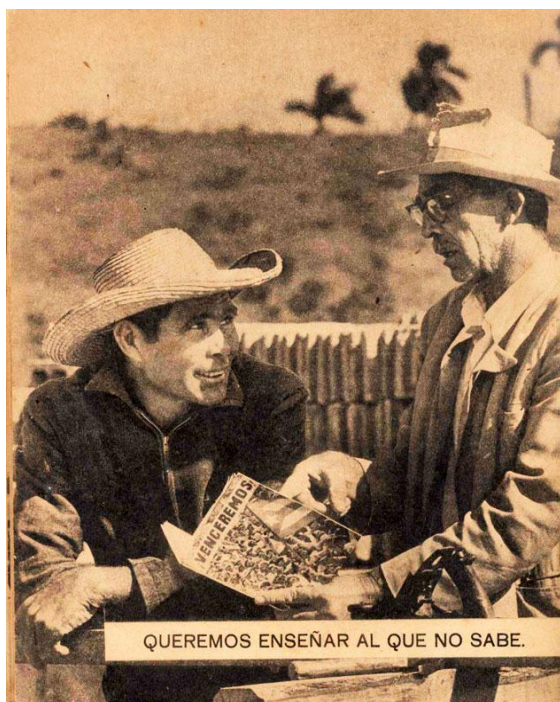
Nesse sentido, indicava-se em suas lições que a apropriação dos conteúdos deveria acontecer para que houvesse uma conscientização sobre a importância do indivíduo reconhecer-se como sujeito, compreendendo o valor social do trabalho, uma vez que evidenciavam a população participando do processo de construção da nova sociedade, lutando por seus direitos sociais, civis e políticos. Ou seja, “[...] agindo como sujeito histórico, fazendo-se cidadão” (SOARES, p.171).

Enquanto em grande parte da América Latina os manuais escolares “[...] ao mesmo tempo que possibilitaram a alfabetização e a aquisição de conhecimentos essenciais para a vida nas sociedades contemporâneas, o fizeram à custa de distanciar grupos inteiros de alunos de seu próprio contexto cultural” (SAUTER; RODRÍGUEZ, 2009, p.20, tradução nossa³⁰), e em muitos casos, destacam-se os movimentos alfabetizadores que aconteceram no Brasil na década de 1960, sem o sucesso proclamado, o texto da lição de *¡Venceremos!* demonstrado era o ponto de partida para a reflexão sobre a origem e consequências do analfabetismo e, simultaneamente, era utilizado como incentivador para que assim que aprendessem a fazer uso da leitura e escrita os educandos ensinassem os que não sabiam, transformando-se também em professores alfabetizadores. As imagens que sucediam esse texto demonstravam esse caráter incentivador:

³⁰ “[...] al mismo tiempo que possibilitaron la alfabetización y la adquisición de los saberes imprescindibles para la vida en las sociedades contemporâneas, lo hicieron al precio de alejar a grupos enteros de educandos de su propio contexto cultural” (SAUTER; RODRÍGUEZ, 2009, p.20).

Figura 09 e 10 – Imagens da lição: *¡YA LLEGÓ EL AÑO DE LA EDUCACIÓN!*

Figura 09



Fonte: CUBA, 1961a, p.104.

Figura 10



Fonte: CUBA, 1961a, p.105.

Na figura 09 um camponês está mostrando e discutindo sobre algo do material *¡Venceremos!* para outro. Nessa direção, ao cumprir com os objetivos propagandísticos, reforçava-se, ao mesmo tempo, a premissa de que quem sabia um pouco mais, deveria ensinar o que sabia menos, reiterando que para erradicar o analfabetismo, a alfabetização não deveria ser assunto apenas de profissionais. Somente o contato individual permitiria atingir as populações isoladas e vencer as resistências e os preconceitos, slogan que também era utilizado na divulgação da Campanha. A necessidade desse processo era exposta com a imagem da figura 05, a qual ilustrava o recenseamento dos analfabetos, ou seja, elucidava a quantidade de pessoas que queriam aprender; por isso, a importância de todos contribuírem.

Ainda nessa aula, *¡Ya Llegó El Año De La Educación!*, da Cartilha *¡Venceremos!* era possível problematizar, a partir das orientações do Manual

Alfabeticemos, que se procurava demonstrar ao camponês a necessidade de uma transformação da estrutura econômica; por isso, aquele era o ano da Educação e a Campanha de Alfabetização seria efetiva, justificando assim o título da lição “Já chegou o Ano da Educação” e as ações do governo revolucionário.

Esse pressuposto de demonstrar a primordialidade de uma mudança na estrutura econômica da sociedade também estava presente nas intencionalidades das lições da Cartilha que se destinavam ao aluno operário.

2.5.2. Na Cidade

Nas cidades o maior índice de analfabetismo concentrava-se nos setores mais pobres, onde o nível de desemprego era maior. Segundo Pérez-Cruz (2011) dos 2.631.909 moradores da zona urbana maiores de dez anos, 304.514 eram analfabetos.

Sendo assim, as lições *Cada Cubano Dono De Sua Casa* e *O Povo Trabalha* da Cartilha *¡Venceremos!*, ao tratar de assuntos da área urbana, buscavam dar perspectivas de como a Revolução necessitava de que eles (alunos) contribuíssem para a transformação da estrutura econômica da sociedade, para que pudessem ter melhores condições de vida. O domínio da leitura e escrita possibilitar-lhes-ia a incorporação no setor produtivo, na medida em que o trabalho e a educação estivessem vinculados.

Para que o conteúdo revolucionário fosse uma motivação à aprendizagem para o aluno da cidade, procurou-se demonstrar como a Revolução estava solucionando o problema da moradia com a lição *Cada Cubano Dono De Sua Casa*:

Figura 11 e 12 – Imagens da lição: *Cada Cubano Dono de Sua Casa*

Figura 11

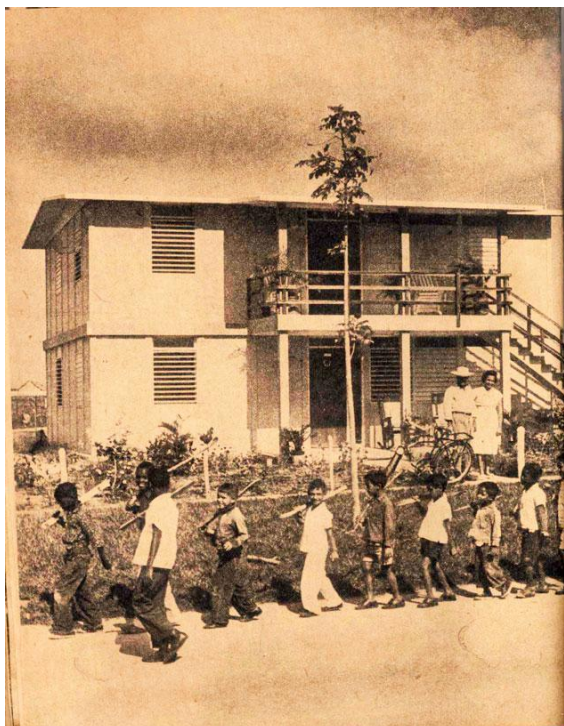
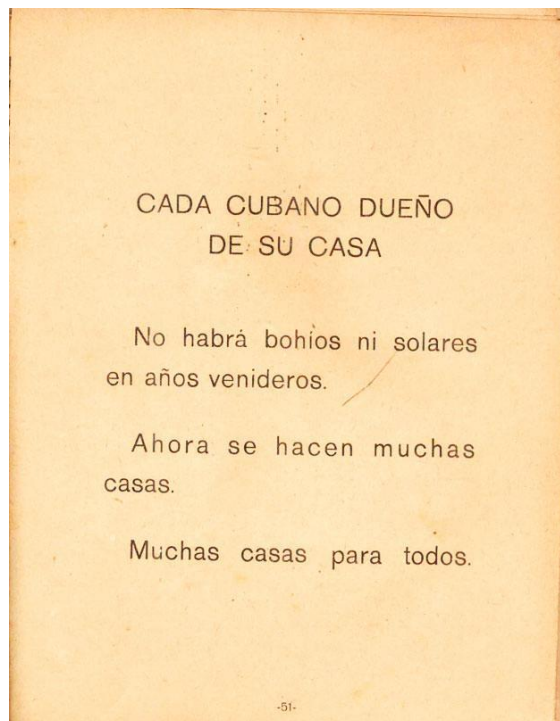


Figura 12



Fonte: CUBA, 1961a, p.50-51.

Se articularmos a fotografia (figura 11), nitidamente planejada devido a pose e a vestimenta do casal no fundo e das crianças enfileiradas, com as informações do texto (figura 12) de abertura da lição, é possível considerar que a fotografia tinha a função de ser um instrumento que reteria a atenção do alfabetizando, e que em seguida teria que ater-se ao texto.

Nessa lição era discutido que, além da lei da Reforma Agrária, o governo revolucionário tratou de resolver o problema da moradia urbana, institucionalizando a Lei da Reforma Urbana. Segundo o Manual *Alfabetícemos*, essa lei proporcionava aos inquilinos, a possibilidade de serem proprietários das casas em que habitavam, baixando o custo das mensalidades que antes pagavam como aluguel (CUBA, 1961b).

Entretanto, um fato que chama a atenção é que a fotografia (figura 11) traz traços de que foi tirada na área rural, enquanto o texto (figura 12) tratava da Reforma Urbana que estava acontecendo no país; uma estratégia para estimular

o trabalho coletivo, unindo dois segmentos da sociedade historicamente divididos – campo e cidade.

Outro ponto a destacar é a utilização de crianças transportando possíveis materiais de construção, pois além de ser um recurso visual que pode gerar comoção em adultos e fazê-los a moverem-se em direção a algo, nesse caso, em direção aos ideais de transformação da estrutura econômica que os líderes revolucionários pretendiam efetivar, também remetia à inocência de um ser em formação, que poderia ser vinculado ao futuro que se almejava construir.

Na lição *O Povo Trabalha*, discutida de forma mais detalhada no capítulo quatro, no que diz respeito ao que estava direcionado ao aluno operário, foi possível identificar a intencionalidade de motivá-lo a dedicar-se a essa transformação da estrutura econômica, idealizada pelos líderes do governo revolucionário, ao enfatizar que mesmo Cuba sendo um país agrícola, no qual a maioria da população vivia da agricultura e dos trabalhos relacionados a ela, a industrialização do país daria empregos a muitos operários e contribuiria para solidificar a economia do país, fazendo-os menos dependentes do mercado exterior.

Ensinava-se ao alfabetizando que Cuba era um país de poucas indústrias e as que havia eram destinadas a produzir artigos de consumo que requeriam pouca elaboração. Havia um princípio de conscientização de que os países com pouco desenvolvimento industrial eram países considerados atrasados, pobres e que não podiam defender-se sozinhos, sendo necessário depender de outros países para proporcionar os produtos industriais que não fabricavam. Por isso, o governo revolucionário pretendia criar muitas indústrias e fazer de Cuba um país industrializado.

O que se pretendia era fazer com que os alunos operários assumissem o pressuposto de que ao trabalharem para o Estado não estariam trabalhando para um patrão que os explorava e contra o qual teriam que lutar. Mas, que ao trabalharem para o governo revolucionário estariam trabalhando para o benefício da Pátria, portanto, deles mesmos. Uma pretensão político-ideológica para motivá-los a participarem com intensidade do processo de mudanças sociais e econômicas, ao mesmo tempo em que aprendiam a ler e escrever.

Além dessas intencionalidades que ora abrangiam camponeses, ora operários ou ambos, outro ponto observado, que é importante destacar, foi que as lições de *¡Venceremos!* também elucidavam as temáticas dos seis problemas da república denunciados por Fidel em *A História me Absolverá*: a terra, a industrialização, a moradia, o desemprego, a educação e a saúde.

As lições *INRA*, *As Cooperativas da Reforma Agrária* e *A Terra* abordavam como o governo revolucionário estaria se dedicando para resolver o problema da Terra. As lições *A Loja É Do Povo* e *Os Pescadores Cubanos e o Povo Trabalha* versavam sobre as soluções para o problema da industrialização e do desemprego. As soluções para o problema da moradia eram tratadas na Lição *Cada Cubano Dono De Sua Casa*. A lição *Já Chegou O Ano Da Educação* explicitava o que estava sendo realizado para superar o problema da educação; enquanto a lição *Um Povo Saudável Em Uma Cuba Livre* debatia as ações relacionadas à área da saúde.

Tal consideração permitiu a seguinte reflexão: além de um instrumento didático pedagógico para a Campanha de Alfabetização *¡Venceremos!* também teria sido instrumentalizada, pelo governo revolucionário, para divulgar e orientar a população sobre o cumprimento das promessas do programa da Revolução, exposto por Fidel Castro no documento de sua defesa.

Nos conteúdos de *¡Venceremos!* foi possível observar tentativas do governo revolucionário de cumprir o programa da Revolução divulgado em *A História me Absolverá*. Seus conteúdos davam pistas de como consolidar as cinco leis revolucionárias expressas por Fidel Castro, 1ª A restituição da soberania do povo; 2ª Conceder a propriedade da terra aos colonos e subcolonos; 3ª Outorgar aos operários participação efetiva nos lucros das grandes empresas; 4ª Conceder aos colonos 55% do rendimento da cana-de-açúcar e 5ª Confiscar os bens públicos que foram concedidos por conveniência a poucos.

Procurava-se, dessa maneira, demonstrar aos alfabetizados qual era a pretensão de Fidel Castro para a nação, fazer dela “um baluarte da liberdade e não em símbolo vergonhoso do despotismo” (CASTRO, 2001, p.38). Nesse sentido, não se pode negar que a Cartilha *¡Venceremos!* foi elaborada intencionalmente com um conteúdo político-ideológico antiimperialista, em certa

medida doutrinário e marcado por uma polarização entre capitalismo e socialismo, ainda que apresentasse, concomitantemente, um pressuposto de emancipação popular e uma proposta de formação de um homem ideal.

Em virtude do conteúdo político e ideológico de negação do capitalismo, denúncia de seus supostos males, anúncio de uma nova ordem social e instruções de como deveria agir o homem novo cubano, os materiais didáticos - *¡Venceremos!* e Manual - foram instrumentalizados como símbolos da Revolução, como também de libertação, antes mesmo do início oficial da Campanha de Alfabetização.

3. A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO CUBANA: ESTRUTURA, PLANEJAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO

O objetivo ao discutir as etapas da Campanha de Alfabetização foi analisar como os materiais didáticos e os meios publicitários foram instrumentalizados para servirem de estímulo aos cubanos para atuarem de forma ativa na Campanha, contribuindo para o desenvolvimento de uma identidade social e da autoestima de seu povo.

Segundo os líderes do governo revolucionário, a concretização da Campanha de Alfabetização na dimensão a qual almejavam, exigia que o número entre professor-aluno fosse diferente dos padrões conhecidos. A necessidade de consolidar a Revolução implicava atingir resultados significativos em pouco tempo. Por isso, era necessário um professor para dois ou no máximo quatro alunos. O problema era encontrar 250 mil professores (PÉREZ-CRUZ, 2011).

Para Che Guevara (2011, p.268), a resposta estaria na juventude: “o alicerce fundamental da nossa obra é a juventude: depositamos nossa esperança nela e a preparamos para tomar a bandeira das nossas mãos”. Assim, para estimular a juventude a aderir à Campanha de Alfabetização, mesmo contando com professores que já haviam se voluntariado, em 28 de janeiro de 1961, no ato de inauguração da Cidade Escolar Abel Santamaría³¹, Fidel Castro (1961a) convocou os jovens a se alistarem como professores voluntários:

³¹Abel Santamaría (1927-1953) participou de forma ativa no assalto ao Quartel Moncada em 26 de julho de 1953, por isso quando o Quartel Militar Leoncio Vidal em Santa Clara foi transformado em um centro escolar recebeu seu nome em homenagem: “[...] Discutíamos qué nombre le íbamos a dar a esta ciudad escolar; resultaba que ya la ciudad universitaria llevaba el nombre de un villaclareño que fue fundador del Movimiento 26 de Julio, y que dio heroicamente su vida el día que se puso la primera piedra de la Revolución libertadora. La ciudad escolar, o mejor dicho, la ciudad universitaria, llevaría el nombre inolvidable y querido de “Abel Santamaría”. Y es una gran honra y es una gloria para cualquier compatriota, que un alto centro de cultura lleve su nombre como recuerdo eterno hacia los servicios que prestara a su patria. Pero, sin embargo, nosotros estimábamos que el centro que realmente debía llevar el nombre de Abel Santamaría era este. Abel Santamaría no era un profesional; Abel Santamaría era un obrero; y Abel Santamaría murió atacando una fortaleza militar el 26 de julio de 1953. Y si esta es hoy una fortaleza militar convertida en magnífica ciudad escolar, y se trata de la fortaleza militar de la provincia donde él naciera, estimamos que se ajusta más a lo que fue y a lo que hizo Abel Santamaría ponerle su nombre para que quede grabado eternamente en este pilar de la Revolución, y así convertir en palpable realidad lo que fuera un sueño para él y para otros muchos que cayeron en la lucha” (CASTRO, 1961a, on-line).

Para isso, precisamos de você, principalmente dos alunos. Com vocês vamos travar essa batalha, vamos recrutar um exército de 100.000 alfabetizadores entre alunos a partir dos 13 anos de idade. E assim, as aulas em todas as escolas de secundária básica e pré-universitária terminarão este ano em 15 de abril. E imediatamente vamos organizar todos os jovens, mulheres e homens, que quiserem, e suas famílias concordarem que eles vão alfabetizar; as meninas nas cidades, os meninos nas montanhas (CASTRO, 1961a, on-line, tradução nossa³²).

Para estimular a juventude a participar da Campanha, aos seus materiais didáticos pedagógicos, especialmente *¡Venceremos!* (CUBA, 1961a), foi atribuída a função de divulgação da mesma, bem como de disseminar valores e preceitos para a conduta do indivíduo na esfera coletiva. Várias charges foram feitas e disponibilizadas nos meios publicitários utilizando *¡Venceremos!*, como a demonstrada a seguir:

Figura 13 – Charge de divulgação da Campanha de Alfabetização



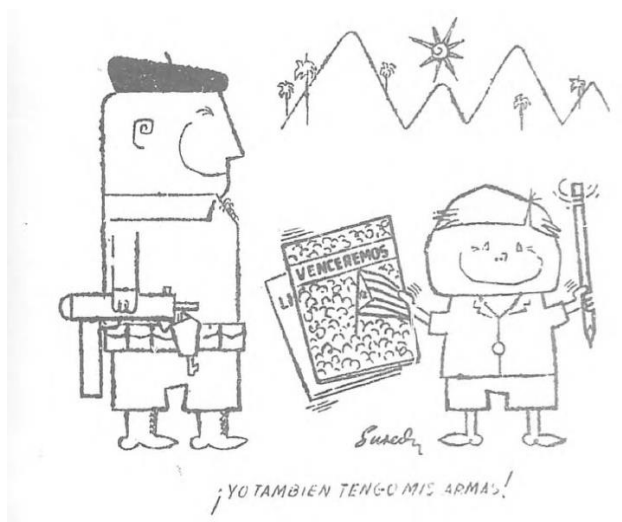
Fonte: BOHEMIA, 1961d, p.57.

³² “Para eso los necesitamos a ustedes, sobre todo a los estudiantes; con ustedes vamos a librar esa batalla, vamos a reclutar un ejército de 100.000 alfabetizadores entre los estudiantes desde 13 años en adelante. Y así, las clases en todas las secundarias básicas y preuniversitarias, van a terminar este año el 15 de abril. E inmediatamente vamos a organizar a todos los jóvenes, hembras y varones, que deseen, y las familias cuyas estén de acuerdo en que vayan a alfabetizar (EXCLAMACIONES); las jovencitas en las ciudades, los varones en las montañas (CASTRO, 1961a, on-line).

A charge de divulgação da Campanha representava a consigna dada por Fidel Castro de que, para defender a Revolução, seria necessário segurar um rifle em uma mão e uma cartilha de alfabetização na outra. Essa imagem visava a aproximar do pressuposto de que a alfabetização, princípio da educação do povo, deveria ser um dos pilares fundamentais do processo de transformação social em curso que, por sua vez, era apresentada à população por meio das lições da própria Cartilha. Como, por exemplo, o texto para leitura e cópia do exercício C da lição intitulada Instituto Nacional de Indústria Política (INIT): “Agora não vivemos só da cana-de-açúcar. Cultivamos arroz, milho, amendoim e abóbora. Comemos mais vegetais. Isso aumenta a riqueza do país” (CUBA, 1961a, p.70, tradução nossa³³).

Na charge apresentada na reportagem de Pedro Garcia Suarez, “2 Armas contra la Ignorancia” da Edição de 9 de abril de 1961 da Revista Bohemia, apresentada abaixo, o aluno ao segurar a Cartilha *¡Venceremos!* e o Manual *Alfabetícemos* exclama: “*Eu também tenho as minhas armas!*” para o guerrilheiro do movimento 26 de julho - símbolo de força e libertação da ditadura de Fulgêncio Batista, deixando transparecer a ideia de que com suas armas ele conquistaria na mesma medida em que exército rebelde conquistou:

Figura 14 – 2 Armas contra la Ignorancia



Fonte: SUAREZ, 1961b, p.133.

³³“Ahora no vivimos sólo de la caña de azúcar. Cultivamos arroz, maíz, maní y calabaza. Comemos más hortalizas. Así aumenta la riqueza del país” (CUBA, 1961a, p.70).

A Cartilha *¡Venceremos!* e o Manual *Alfabetecemos* foram instrumentalizados na imagem de forma a encorajar a população de que, ao dominar a cultura letrada, poderia se apropriar das armas necessárias para consolidar sua libertação material e intelectual, incentivando assim o povo cubano a reconhecer suas potencialidades e praticá-las.

É possível que, com as duas charges citadas, pretendia-se que os cubanos se conscientizassem sobre a importância do trabalho comum, no qual todos poderiam usufruir das conquistas alcançadas coletivamente, o que requeria esforço produtivo coletivo. O valor do trabalho comum deveria ser um dos quesitos fundamentais da identidade social cubana na sociedade a qual se pretendia construir.

Para Che Guevara, no processo de formação de um homem novo os instrumentos que contribuiriam para que houvesse essa conscientização à nova forma de empreender a força do trabalho seriam a educação articulada aos estímulos morais, além das transformações da base econômica: “[...] o estímulo moral, a criação de uma nova consciência socialista é o ponto em que devemos nos apoiar, onde devemos chegar e ao qual devemos dar ênfase” (GUEVARA, 2011a, p.66). Nas três etapas da Campanha houve mudança na forma e motivação dos estímulos morais por meio dos materiais didáticos e meios publicitários.

É possível que essas mudanças aconteceram como um instrumento de manipulação de interesses e de tentativa de intervenção tanto no campo objetivo, quanto subjetivo dos cubanos à sua vida social, desvelando uma relação dialética e contraditória, sendo que os objetivos da Campanha e seus processos educativos de estímulo moral à construção de um homem novo tornaram-se, de forma intrínseca, a própria propaganda política³⁴ da Revolução.

³⁴A propaganda política, de acordo com Capelato (1998, p.36): “[...] vale-se de ideias e conceitos, mas os transforma em imagens e símbolos, os marcos da cultura são também incorporados ao imaginário que é transmitido pelos meios de comunicação. A referência básica da propaganda é a sedução, elemento de ordem emocional de grande eficácia na atração das massas. Nesse terreno onde política e cultura se mesclam com ideias, imagens e símbolos, define-se o objeto da propaganda política como um estudo das representações políticas. Tal perspectiva de análise relaciona-se diretamente com o estudo dos imaginários sociais, que constituem uma categoria das representações coletivas”.

Os meios publicitários, intencionalmente ou não, fomentados pelos líderes revolucionários, transformaram a Campanha de Alfabetização e seus materiais didáticos em instrumentos de um dos elementos básicos para a atração das massas: a sedução (CAPELATO, 1989).

Ao criar um contexto de euforia e motivação para a concretização dos objetivos da Campanha e ao enfatizar a interiorização de normas e valores, naturalizou-se a política cultural oficial. Tal situação contribuiu para que, pouco tempo depois, o desejo de liberdade dos jornais, das editoras e dos suplementos literários, como o campo da música e do cinema, tomassem distância dos interesses do governo que, para manter a Revolução, tornou-se restrito e disciplinador.

3.1. A Primeira Etapa da Campanha de Alfabetização: Elaboração do Material e Divulgação

A primeira etapa da Campanha estabeleceu-se no período de seu anúncio, organização, elaboração dos materiais didáticos, incorporação de representantes de organizações revolucionárias na Comissão Nacional de Alfabetização e treinamento dos professores brigadistas. Foi o período de seu planejamento, no qual foi elaborado o plano de alfabetização e realizada uma pré-Campanha.

Como mencionado anteriormente, desde 1959 já havia esforços por parte do exército rebelde na área da alfabetização. No entanto, o diagnóstico realizado pela Comissão Nacional de Alfabetização sobre esses esforços demonstrou uma deficiência operacional “[...] não se controlou de maneira correta a atividade da alfabetização, porque a quantificação do trabalho de alfabetização de um número de analfabetos se perdeu” (PÉREZ-CRUZ, 2011, p.14, tradução nossa)³⁵, como também possibilitou a compreensão de:

[...] que se necessitavam forças mais numerosas, técnicas mais simples e, sobretudo, carregar o trabalho alfabetizador, até então

³⁵ “[...] La actividad de alfabetización no se controló de manera correcta, por lo que la cuantificación de labor de alfabetización de un número de iletrados se perdió” (PÉREZ-CRUZ, 2011, p.14).

contaminado de um neutralismo em seus instrumentos de aprendizagem, de uma mensagem política que fosse capaz de promover o entusiasmo entre os analfabetos, bem como entre os alfabetizadores (CUBA, 1961e, p.18, tradução nossa)³⁶.

Desse modo, após o anúncio de Fidel Castro sobre os preparativos para erradicar o analfabetismo em um ano, em 26 de setembro, na ONU, a Comissão Nacional de Alfabetização presidida pelo então Ministro da Educação, Armando Hart Dávalos (1930-2017), passou por uma reorganização, ganhando a participação de representantes de organizações revolucionárias. Isso caracterizou uma mudança de paradigma sobre a forma de direção, responsabilidade e participação na educação e no ensino das massas revolucionárias.

A partir desse momento, a Comissão Nacional de Alfabetização passou a ter um representante das seguintes organizações:

Tabela 04 - Organizações representadas na Campanha Nacional de Alfabetização a partir de outubro de 1960

COMISSÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO	
Movimento 26 de julho	Confederação de Estudantes do Segundo Ensino
Partido Socialista Popular	Federação de Mulheres Cubanas
Diretório Revolucionário 13 de Março	Federação de Associações Camponesas
Confederação de Trabalhadores de Cuba	Federação Nacional de Colégios Privados
Federação Nacional de Trabalhadores Açucareiros	Colégio Nacional de Jornalistas
Ministérios das Forças Armadas Revolucionárias	Colégio Nacional de Professores
Instituto Nacional de Reforma Agrária	Colégio Nacional de Pedagogos
Milícia Nacional Revolucionária	Frente Independente de Emissoras Livres
Associação de Jovens Rebeldes	Associação Nacional de Publicitários
Federação Estudantil Universitária	

Fonte: PÉREZ-CRUZ, 2011, p.14.

Essa reorganização, sem substituir o professor como elemento chave na condução do ensino, proporcionou a expansão além do Ministério da Educação e da escola, também a do horizonte das ações educativas. No entanto, essa

³⁶ [...] que se necesitaban fuerzas más numerosas, técnicas más sencillas, y sobre todo, cargar el trabajo alfabetizador, hasta entonces viciado de un neutralismo en sus instrumentos de aprendizaje de un mensaje político que fuera capaz de promover el entusiasmo entre los analfabetos, igual que entre los alfabetizadores (CUBA, 1961e, p.18).

percepção por parte dessas organizações não ocorreu de imediato, tendo em vista que na primeira reunião na qual foram convocadas houve o comparecimento de apenas oito. Tal episódio levou a organização do Primeiro Congresso de Conselhos Municipais para o dia 10 de outubro de 1960, quando o Ministro de Educação Armando Hart explicou o plano de alfabetização e solicitou a colaboração de todos os envolvidos na Comissão, insistindo que essas pessoas deveriam se dedicar exclusivamente para a Campanha Nacional de Alfabetização.

Nesse Congresso, foram discutidos temas sobre a importância da incorporação das organizações revolucionárias na Comissão Nacional de Alfabetização, conscientizou-se sobre o trabalho político que deveria ser desenvolvido para a aceitação dos camponeses e dos operários, bem como o recrutamento dos professores voluntários. Não se tinha, naquele momento, experiência para a realização desse tipo de trabalho, mas concluiu-se que no decorrer da própria Campanha eles seriam preparados. Para Peroni (2006), a participação das organizações revolucionárias aumentou de forma significativa a partir desse Congresso, porque definiram e compreenderam melhor quais seriam seus papéis sociais na Campanha de Alfabetização.

Foi nesse Congresso que a Comissão Nacional de Alfabetização foi organizada por seções: técnica, propaganda, finanças e publicações. Cada uma se responsabilizou por uma função, no intuito de concretizar o plano de alfabetização que fora elaborado.

A seção técnica ficou responsável pela dimensão didática da Campanha, deveria organizar e analisar os dados estatísticos e elaborar os materiais que seriam utilizados durante a Campanha, dentre eles a Cartilha *¡Venceremos!* e o *Manual Alfabetizemos*. Essa seção contaria com a colaboração, no decorrer da Campanha, de ativistas políticos, técnicos e professores.

Seria tarefa dessa seção recensear os analfabetos, organizar e gerenciar os núcleos de alfabetização, como também conseguir o alistamento de professores e capacitá-los para o processo de alfabetizar. Para recensear os analfabetos, a seção técnica organizaria uma ficha que deveria ser preenchida por todo o povo. Essa ficha deveria conter informações sobre o estado civil,

profissional, frequência escolar, grau de analfabetismo e horário que poderia participar das aulas.

Essa seção deveria elaborar os processos de controle da Campanha de Alfabetização, cada analfabeto deveria ter um dossiê que funcionaria como uma espécie de histórico escolar. Nele, estaria a data de início do ensino, os horários das aulas, possíveis indicações de preferências do aluno e o resultado das três provas que o alfabetizando realizaria para que pudesse ter seu atestado de alfabetizado.

Sobre a realização dessas provas, Huteau e Lautrey (1976) explicaram que a primeira prova tinha como objetivo verificar o nível de cada estudante sobre o conhecimento do sistema de escrita alfabética, a segunda para diagnosticar quais eram as dificuldades do alfabetizando e a terceira como condição para obter o certificado de alfabetizado.

A primeira prova foi organizada pela seção técnica com três graus de dificuldade; em um primeiro momento era solicitado para que o aluno fizesse a leitura e escrita de seis palavras dissílabas; depois, era solicitada a leitura e escrita de três frases curtas; por último, a leitura e escrita de uma frase completa. A prova intermediária tratava-se de ditado de palavras e na prova final o aluno deveria ler e escrever o pequeno texto: “[...] O governo revolucionário quer converter Cuba em um país industrializado. Serão criadas muitas indústrias. Trabalharão muitos operários e acabará o desemprego” (ZOTTA, 1976, p.22, tradução nossa)³⁷. Depois deveriam ser respondidas por escrito as seguintes perguntas: “[...] O que quer o governo revolucionário? O que se criarão? Quais benefícios se obterão?” (ZOTTA, 1976, p.22, tradução nossa)³⁸. Nesse sentido, considerava-se alfabetizado o aluno que havia compreendido as lições da Cartilha *¡Venceremos!*, ou seja, aquele que havia internalizado as ideias revolucionárias e aprendido a utilizar o sistema de escrita alfabética.

A seção de propaganda ficou responsável por utilizar dos mais variados meios, tais como o rádio, a televisão, as festas, as reuniões públicas e jornais

³⁷ “[...] el gobierno revolucionario quiere convertir a Cuba en un país industrializado. Se crearán muchas industrias. Trabajarán muchos obreros y se acabará el desempleo” (ZOTTA, 1976, p.22).

³⁸ “[...] ¿Qué quiere el gobierno revolucionario? ¿Qué se creará? ¿Qué beneficios se obtendrán?” (ZOTTA, 1976, p.22).

para persuadir os analfabetos a fim de que os mesmos aceitassem o processo de alfabetização. Essa seção buscou desenvolver um movimento de opinião pública em favor da Campanha e divulgar as orientações técnicas da mesma. Essa seção também estimularia manifestações artísticas, a criação de hinos e poesias em consequência “[...] do tom emocional propiciado pela Campanha” (PERONI, 2006).

No decorrer da Campanha, essa seção contou com a participação de vários periódicos, a exemplo do *Periódico Hoy* que publicava uma página da Cartilha *¡Venceremos!* por dia, os periódicos *Revolución*, *El Mundo* e as Revistas *Bohemia*, *INRA* e *Verde Olivo*. Nessa primeira etapa da Campanha de Alfabetização, a publicidade atuou como instrumento de estímulo moral, ao demonstrar a necessidade dos envolvidos no processo de romperem com a maximização do individual em detrimento do social para que participassem da Campanha cumprindo seus deveres sociais para com a Pátria. De acordo com Huteau e Lautrey (1976), “a prioridade atribuída aos estímulos morais foi acompanhada de um apelo constante à consciência - consciência da natureza do subdesenvolvimento, da estratégia revolucionária, da necessidade de produzir e aprender” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.19).

Tornou-se comum ver por toda parte cartazes, adesivos e placas metalizadas para colocar nas fachadas das casas fazendo referência à necessidade de contribuir para o processo educativo, como o decalque indicado:

Figura 15 – Decalque para propaganda da Campanha de Alfabetização



Fonte: CUBA, <http://cubamuseo.net/inferior-samples/148>. (2021).

No adesivo de propaganda acima, a imagem do homem e da criança saindo do livro, como se estivessem conquistando a liberdade, representava a ideia de que a internalização do mundo da cultura letrada contribuiria para a libertação do homem e construção de uma Cuba livre e soberana, lembrava os objetivos da Campanha de desenvolvimento econômico, justiça social e formação de um ser humano melhor.


Já a imagem de uma mão sobre outra segurando um lápis e escrevendo a palavra Cuba representava o slogan de quem sabia mais deveria ensinar o que sabia menos, num gesto de cooperação. A afirmação “Nós contribuimos” e logo abaixo a pergunta “e vocês?” dentro do balão que representa uma fala em voz alta ou um grito nas histórias em quadrinho, geralmente de pedido de socorro, sugeria a ideia de que participar da Campanha de Alfabetização seria uma forma de ajudar a nação, como também lembrava o objetivo da fórmula QTATA.

A publicidade acima demonstrava também a tentativa de conscientização de que a educação em Cuba deveria ser um direito como também um dever, não deveria ser assunto, como outrora, de desejos ou caprichos individuais, tendo em vista que era uma necessidade nacional. Gillette (1977) afirma que na Campanha de Alfabetização Cubana o dever educacional dos cubanos não assumiu uma postura passiva em relação ao ensino:

[...] não se limita ao ensino. Não se espera que aqueles que já possuem certa educação mantenham uma atitude passiva enquanto há uma falta crônica de professores para dar resposta às novas exigências em matéria de educação. A dupla natureza dos deveres encontra-se resumida numa palavra de ordem de 1961 (que anos mais tarde foi adotada no Chile): 'se sabes ensina; se não sabes, aprende' [...] (GILLETTE, 1977, p.35).

Essa premissa foi relacionada pela edição nº 7 do mês de fevereiro de 1961 da Revista *Bohemia* como *Pausa de Felicidade*, pois parar os afazeres diários para ser útil à Pátria ensinando alguém que não sabia, levaria alegria para quem precisava, ao mesmo tempo em que faria feliz quem ensinava, como demonstrado a seguir:

Figura 16 – Pausa de Felicidade



PAUSAS DE FELICIDAD

En el nuevo año enseñe a leer y escribir a quien no sabe.

Pausa de Felicidad es la pausa que usted hace en sus quehaceres diarios para ofrecer alegría y felicidad a los que necesitan ayuda. Es una pausa que proporciona felicidad a los demás y la hace feliz a usted, porque usted se siente útil. . .

En este año 1961, Año de la Educación, haga su "Pausa de Felicidad" para enseñar a leer y escribir a alguien que usted tiene cerca. Y embulle a sus amigos para que sigan su ejemplo.



Fonte: BOHEMIA, 1961a, p.84.

Identifica-se na imagem a mesma ação de uma mão sobre a outra ensinando a escrever como no decalque apresentado anteriormente, lembrando o dever de ensinar quem não sabia. Entretanto, na revista o apelo também está no prazer em se sentir útil, atrelado à sensação de felicidade representada pela coca-cola, que desde essa época já vendia a sua marca com propagandas que

diziam que a mesma trazia felicidade, como por exemplo, o papai Noel sorridente, a família de urso se divertindo, entre outras.

A imagem que se faz da coca-cola, do caderno e das mãos sobrepostas assume, dessa forma, uma construção de sentidos que, concomitantemente, relaciona interdiscursivamente, no plano visual, o discurso dos líderes revolucionários para a alfabetização, bem como, a importância de servir a nação na construção da nova sociedade. Coloca-se na imagem um valor ideológico com um significado que, na perspectiva de Bakhtin (1995, p.29) ao tratar dos problemas da filosofia da linguagem, “remete a algo situado fora de si mesmo”. Nesse caso, remete-se aos interesses dos líderes revolucionários, na tentativa de vislumbrar uma transformação social.

O tratamento dado à imagem articulada à mensagem: “*Pausa de Felicidade é a pausa que você faz em seus afazeres diários para oferecer: alegria e felicidade aos que necessitam de ajuda*”, procura construir uma imagem positiva da Campanha de Alfabetização e da Revolução, como também despertar o interesse do leitor e conduzi-lo tanto à leitura do periódico, quanto à sua adesão a tal movimento.

A seção de finanças ficou responsável em arrecadar e administrar os recursos, conseguir doações de sindicatos e realizar eventos nos quais o ingresso seria um lápis, uma borracha ou um caderno. Já a seção de publicações encarregou-se de editar os materiais didáticos: *¡Venceremos!*, o *Manual Alfabeticemos*, a Cartilha de aritmética *Producir-Ahorar-Organizar*, a *Revista Arma Nueva*, folhetos para lenhadores, carvoeiros e pescadores e o *Manual Cumpliremos* (PERONI, 2006). Nesse período, aproximadamente final de 1960 a início de 1961, Cuba estava começando a sentir os efeitos do bloqueio econômico e a impressão desses materiais derivou de diversos problemas, dentre eles, a má qualidade do papel (papel jornal) e a impressão em preto e branco.

Nessa etapa também foi realizada uma pré Campanha com uma brigada-piloto experimental que ficou conhecida como *Caio Coco*. Participaram dessa experiência 11 estudantes do curso pré-universitário de Havana que na perspectiva de Peroni (2006) superaram as expectativas de alfabetizar e levar os ideais da Revolução, tendo em vista que descobriram uma exploração de

carvoeiros e denunciaram, conseguindo assim contribuir para eliminar a exploração que havia em Caio Coco.

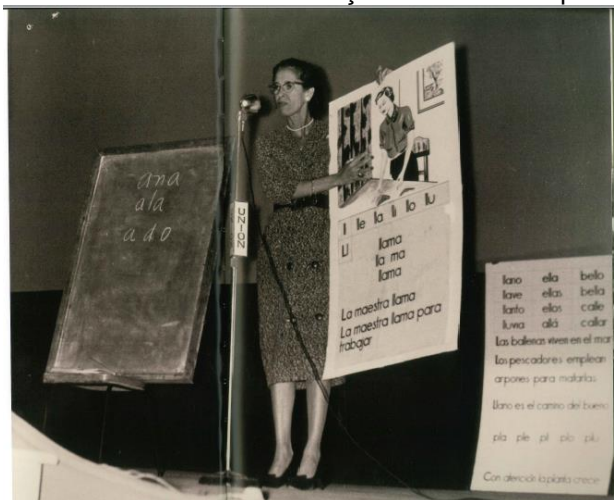
Essa experiência demonstrou que os objetivos da Campanha não seriam apenas ensinar a ler e escrever, mas também contribuir com a formação dos homens para realizarem o processo de transformação social. Ao mesmo tempo em que acontecia a pré-Campanha, realizava-se o censo dos analfabetos, o trabalho de convencimento para que eles compreendessem a importância de saber ler e escrever e o treinamento em Sierra Maestra dos jovens maestros.

Os jovens que se alistaram como professores voluntários receberam um treinamento de três meses em Sierra Maestra, no qual aprenderam a utilizar a Cartilha *¡Venceremos!*, a partir das instruções do Manual *Alfabetizamos*. Nesse treinamento, os jovens maestros³⁹ ou brigadistas, como ficaram conhecidos, também receberam formação em Didática, Matemática, Psicologia, Treinamento Militar, entre outras. Nessas áreas de formação estava implícito um Currículo Oculto⁴⁰ no intuito de desenvolver princípios de amor pela pátria e pelo próximo, os quais precisavam ser incorporados (ROSA, 2019). Catherine Murphy e Carlos Torres Cairo (2014) demonstraram com uma foto um momento do treinamento dos jovens maestros:

³⁹As palavras maestro e professor eram entendidas de forma distinta naquela época em Cuba. Maestro era aquele que se comprometia com a formação humana e a educação, professor aquele que apenas ministrava aulas de forma técnica (ROSA; AMARAL; PEREIRA MELO, 2017).

⁴⁰Sacristán (1998) definiu currículo oculto como o conjunto de conteúdos que não estão explícitos no currículo oficial, mas, contribuem para a internalização de saberes, competências, valores e sentimentos. Em consonância, para Silva (2011, p.78-79): “o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes [...] o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações”.

Figura 17 – Jovens Maestros recebendo instruções sobre a Campanha de Alfabetização



Fonte: MURPHY; CAIRO, 2014, p.30.

Verifica-se na imagem uma professora instruindo os jovens maestros sobre a distribuição das lições da Cartilha *¡Venceremos!*. No entanto, a lição apresentada no cartaz não consta no conteúdo do material e ao observar a frase “*A maestra chama para trabajar*” pode-se inferir que a mesma didática que seria utilizada para alfabetizar foi também utilizada para formar os alfabetizadores, pois a frase deixa implícito o convite para participarem do trabalho na Campanha de Alfabetização.

Segundo Murphy e Cairo (2014), três vezes por semana era trabalhado o significado de cada folha da Cartilha e do Manual e como eles teriam que explicar as lições para os alunos. E, além de aprenderem sobre primeiros socorros, uma psicóloga ensinava sobre como deveriam convencer as pessoas que relutavam em se alfabetizar.

Das pessoas resistentes em se alfabetizar, destacavam--se os moradores das zonas rurais porque o movimento contrarrevolucionário, do qual eram alvos principais, também acontecia por meio de ataques psicológicos. Falava-se para os camponeses que os professores da Campanha de Alfabetização tinham a intenção de levar seus filhos à Rússia para fazer deles salames ou outros tipos de embutidos. Peroni (2006) explicou que devido a isso muitos trabalhadores rurais recusavam a alfabetização chegando a esconder sua família.

Nessa perspectiva, as noções de psicologia que os jovens maestros recebiam no treinamento em *Sierra Maestra* para aprenderem a conversar,

comportar-se, convencer e conquistar a confiança dos camponeses, não deixavam de ser uma técnica, ainda que elementar, de persuasão, uma resposta à exigência social do momento para intervir, inclusive na realidade subjetiva do camponês, uma estratégia muito próxima da que os contrarrevolucionários utilizavam.

A psicologia assumiu uma função de legitimação e regulação psíquica da ordem social que se pretendia construir. Ainda que tenha contribuído para que o relacionamento entre professor-aluno se fortalecesse, proporcionando uma ligação estreita entre as pessoas da cidade e do campo, pois, pouco a pouco, professores e alunos estavam resolvendo juntos seus problemas e cuidando da nação. Cabe refletir até que ponto o objetivo era desenvolver relacionamento humano emancipador ou apenas controle comportamental.

Contudo, esse treinamento acelerado em *Sierra Maestra* exigiu dos jovens maestros um esforço intelectual direto e indireto, passando pelos princípios da autoeducação para que pudessem compreender as várias faces da alfabetização bem como seus condicionamentos sociais, culturais e políticos. Isso oportunizou o uso correto dos materiais didáticos e sobretudo “[...] a assumir uma postura política diante às implicações ideológicas do significado e do papel atribuído à alfabetização” (SOARES, 2017, p.28).

Desse modo, infere-se que o problema do analfabetismo não se supera de forma espontânea sem que ocorra preparação, planejamento, participação coletiva dos envolvidos no processo e investimento significativo na formação de professores. Um investimento que busque formar um professor alfabetizador com competência técnica e compromisso político. Ou seja, um professor que esteja preparado para ensinar o uso do sistema de escrita alfabética, ao mesmo tempo que denuncie as injustiças sociais e possibilite a conscientização do educando enquanto sujeito histórico-social por meio de práticas educativas que fomentem a unificação entre estudo e trabalho. Práticas educativas que não desconectem a alfabetização do mundo, o que se constitui para Paulo Freire (1987) cair em um simplismo ingênuo, um dos problemas mais opostos à libertação.

Em Cuba, buscou-se formar um alfabetizador que efetivasse o protagonismo e a interação social, que ensinasse o código da linguagem escrita

articulado ao seu uso social para que o educando aprendesse a produzir e não apenas reproduzir, aprendesse a refletir sobre o mundo que o cercava e usar os bens que este lhe proporcionava para melhorar o relacionamento do homem com ele mesmo e com os outros. Uma formação que educasse professores e alunos para a criatividade e para a disciplina; para a meditação, mas também para as atividades profissionais práticas, para a filosofia e para a técnica em uma relação pedagógica de ação-reflexão-ação.

Interessa saber como os professores alfabetizadores demonstraram competência técnica e compromisso político e se esse compromisso político e a articulação entre estudo e trabalho expressou-se na forma e no conteúdo da própria Cartilha *¡Venceremos!*.

3.1.1 O Desenvolvimento da Campanha de Alfabetização Cubana e a Participação Feminina

Em 27 de março de 1961, no encerramento da primeira Plenária de Estudantes do Teatro *Payret*, Fidel Castro (1961b) argumentou que mesmo com os ataques contrarrevolucionários a Campanha de Alfabetização estava pronta para começar. Em meio a esse clima de tensão e ameaças de invasão, tornou-se comum a divulgação de fotografias, nos meios publicitários, respaldando que grande parcela dos jovens alfabetizadores demonstravam-se decididos em cumprir a tarefa da alfabetização no campo, apesar dos rumores.

A narrativa publicitária cooperou para fomentar o sentimento de euforia e o idealismo, característico do adolescente, contribuindo para que assumissem um compromisso político com a alfabetização e com a Revolução.

Para exemplificar esse comprometimento, Catherine Murphy e Carlos Torres Cairo (2014) mostraram registros de jovens maestros se despedindo de suas famílias e embarcando a caminho das regiões montanhosas:

Figura 18 – Jovens maestros embarcando para iniciar a Campanha de Alfabetização



Fonte: MURPHY; CAIRO, 2014, p.34.

Na imagem identificam-se os jovens entre 12, 13, 14 e 16 anos, devidamente uniformizados, representando um exército, aparentemente entusiasmados.

Segundo Pereira (1989, p.28), entre homens e mulheres, participariam da Campanha Nacional de Alfabetização Cubana “[...] 269.723 cubanos, sem contar o pessoal dirigente e administrativo, que somariam 300.000 trabalhadores”. Desse total, aproximadamente 105.664 eram jovens maestros e maestras, sendo 54.965 do sexo feminino e 50.711 do sexo masculino. Apesar da diferença de participação feminina, em termos numéricos não ser tão acentuada, representou uma grande conquista, já que o público feminino a partir da Campanha conquistou voz e uma participação historicamente datada em antes e depois da Campanha. As mulheres se projetaram como atoras e autoras no processo social. A participação feminina foi muito mais intensa porque era uma luta dupla: alfabetizar e mudar a realidade social feminina.

Para as mulheres que se alistaram como alfabetizadoras para as zonas rurais, a euforia e expectativa no momento de embarcarem para iniciarem a Campanha aparentava ser ainda maior:

Figura 19 – Jovens Maestras embarcando para iniciar a Campanha de Alfabetização



Fonte: MURPHY; CAIRO, 2014, p.37.

A alegria observada na foto era das jovens que conseguiram autorização de seus familiares para participarem da Campanha fora da cidade. Essa alegria se dava também pelo fato de que o paradigma tradicional da mulher subordinada aos desejos do marido e às tarefas do lar estaria se transformando. Isso porque o processo de transformação social que estava ocorrendo abriu caminho para que mudanças substanciais na condição social das mulheres cubanas pudessem se iniciar.

Antes de 1959, para as mulheres cubanas estava destinado o trabalho doméstico ou a prostituição, e as leis não as beneficiavam de nenhum modo: “as mulheres cubanas recebiam inumeráveis formas de discriminação; parte das leis nem se quer as mencionavam e as que faziam era puro formalismo, posto que seus direitos eram muito limitados” (LORENZO, 2018, p.4, tradução nossa⁴¹).

Com a Revolução, já em 1959 uma comissão formada de mulheres de organizações religiosas, usavam como instrumento ideológico cursos de primeiros socorros e de corte costura para que pudessem se reunir e entender melhor o que era o movimento revolucionário. Essa comissão serviu de base para a criação da Federação das Mulheres Cubanas (FMC) em 23 de agosto de 1960 com o

⁴¹ “[...] la mujer cubana recibió innumerables formas de discriminación; parte de las leyes ni siquiera las mencionaban y las que lo hacían eran puro formalismo, puesto que sus derechos eran muy limitados” (LORENZO, 2018, p.4).

objetivo de contribuir com a luta pela igualdade da mulher. Sobre o ato de inauguração da FMC, a reportagem da Revista Bohemia de 4 de setembro de 1960 explicitou:

As bandeiras nunca foram mais bonitas nem o Hino vibrou com acentos marciais como nas mãos e vozes cubanas. Aquelas que deram tudo nos dias difíceis da guerra, aquelas que foram o travesseiro sobre o qual os heróis descansavam suas fadigas e ofereciam a vida de seus filhos e regavam com suas lágrimas todos os caminhos da Pátria, uniram almas e braços no disciplinado e firme esforço de serviço a Cuba. Nada e ninguém poderá derrubar um povo e uma revolução, onde foram as mulheres que em mais alta voz proclamaram o grito nacional Venceremos! (GRAJALES, 1960, p.41, tradução nossa⁴²).

O Manual do professor *Alfabetizamos* expressou essa luta das mulheres ao tratar do tema democracia: “[...] democracia é aquela em que brancos e negros têm oportunidades iguais de trabalho, e a mulher adquire plena igualdade civil, social e política” (CUBA, 1961b, p.54, tradução nossa⁴³). Foi na Campanha de Alfabetização que as mulheres tiveram a oportunidade de iniciar esse movimento de luta porque começaram a desenvolver outros hábitos culturais por estarem em condição de igualdade com os meninos, demonstrando força e resistência às condições mais adversas, bem como uma firme decisão de não ceder.

As relações sociais que começaram a se estabelecer, motivadas pelas experiências do trabalho alfabetizador no campo, desencadearam mudanças que iriam interferir na vida das mulheres. Em alguns casos a amizade mais próxima era o companheiro que estava ao seu lado e compartilhava a sua comida, saias e saltos deram lugar a calças de campo, botas e colares. Pouco a pouco os projetos de vida de garotos e garotas adquiriram uma dimensão coletiva.

⁴² “Nunca lucieran más bellas las banderas ni vibró el Himno con acentos tan marciales que en manos y voces cubanas. Las que lo dieron todo en los días difíciles de la guerra, las que fueron almohada en la que reposaron los héroes sus fatigas y ofrecieron la vida de sus hijos y regaron con sus lágrimas todos los caminos de la Patria, juntaban almas y brazos en el esfuerzo disciplinados y firme de servicio a Cuba. Nada ni nadie podía abatir a un pueblo y a una revolución, donde eran las mujeres las que más alto pregonaban el grito nacional de ¡Venceremos!” (GRAJALES, 1960, p.41).

⁴³ “[...] Democracia es aquella em que blancos y negros tienen iguales oportunidades de trabajo, y la mujer adquire plena igualdad civil, social y política” (CUBA, 1961b, p.54).

Assim, as mulheres que participaram ativamente como jovens maestras na Campanha de Alfabetização contribuíram para o desenvolvimento de novos paradigmas culturais, pois realizaram atividades que na sociedade anterior estavam à margem.

É importante destacar que a forma como o movimento social organizado da Federação de Mulheres Cubanas participou da Campanha de Alfabetização pode ter desenvolvido novas perspectivas para que as mulheres pudessem crescer também profissionalmente. Porque com o tempo, a elas foi garantido, o direito a educação, o direito a saúde, o respeito à garantia dos direitos sexuais e reprodutivos e principalmente, o direito de participar das tomadas de decisões. Atualmente, segundo Suárez (2021):

50,7% dos líderes estaduais e governamentais são mulheres. 6 são ministras (24%) e 32 vice-ministras (48,5%). 53,22% dos parlamentares são mulheres, assim como seu vice-presidente. O Conselho de Estado é composto por 10 mulheres, 47,6% de 21 integrantes. Dos recém-eleitos governadores e vice-governadores, 53,3% são mulheres, 4 governadoras e 11 vice-governadoras (SUÁREZ, 2021, p.10, tradução nossa⁴⁴).

Desse modo, é possível que ao mesmo tempo em que lutavam para elevar o nível cultural dos Cubanos e contra o imperialismo, as mulheres cubanas, ao participarem da Campanha de Alfabetização, travavam uma luta histórica pela sua própria libertação, igualdade, integração na sociedade, autonomia e independência, incluindo a intelectual, política e cultural.

Uma luta objetiva, mas, também subjetiva, de superação de uma velha cultura, velhos hábitos, velhas mentalidades e ideias em relação ao caráter unilateral da mulher enquanto mãe e guardiã das novas gerações. Abrindo caminhos e possibilidades para que se tornassem a maioria nas universidades, na saúde, na ciência e na cultura.

⁴⁴ “50,7 % de los dirigentes del Estado y del Gobierno son mujeres. 6 son ministras (24 %) y 32 viceministras (48,5 %). 53,22 % de los diputados al Parlamento son mujeres, así como su vicepresidenta. Son miembros del Consejo de Estado 10 mujeres de 21 integrantes para el 47,6 %. De los recién electos gobernadores y vicegobernadores, el 53,3 % son mujeres, gobernadoras y 11 vicegobernadores” (SUÁREZ, 2021, p.10).

3.2. A Segunda Etapa da Campanha de Alfabetização: A Implementação da Fórmula QTATA

A Campanha se iniciou oficialmente no dia 15 de abril de 1961. No entanto, no dia em que seria seu lançamento oficial, cubanos exilados nos Estados Unidos e treinados pela CIA tentaram invadir a Ilha pela região da Baía dos Porcos⁴⁵; esse dia de invasão contrarrevolucionária ficou conhecido como *La Batalla de Girón*⁴⁶. Mesmo com a invasão, os jovens maestros, ao se manterem firmes ao propósito de ir até as montanhas alfabetizar, indicavam o quanto estavam comprometidos com o processo de transformação social.

Esse compromisso com a Campanha de Alfabetização no campo, para a consolidação do movimento revolucionário, pode ser identificado no exercício B de leitura e cópia da lição *Um povo saudável em um Cuba livre* da Cartilha *¡Venceremos!*: “unidos jovens e velhos, juramos com Fidel: juntos defender Cuba. Jamais nos derrotarão!” (CUBA, 1961a, p.62, tradução nossa⁴⁷).

Desde então, intensificou-se a divulgação da Campanha de Alfabetização, que não foi adiada mediante o ataque da *Batalla de Girón*, pelo contrário, se até o momento os dirigentes da Revolução procuravam sistematizar a alfabetização como uma força que contribuiria com o desenvolvimento econômico e com a justiça social (pressupostos que não se distanciavam dos objetivos das políticas educacionais capitalistas de países em subdesenvolvimento). E, se o objetivo de formar um homem que rompesse com as amarras da alienação foi a princípio

⁴⁵ Essa região, grande braço do mar, ficou assim conhecida devido aos ataques piratas do século XVII, segundo Gott (2006), “[...] quando os porcos que viviam em estado selvagem no interior eram muito procurados pelos bucaneiros europeus” (GOTT, 2006, p.221). É importante também destacar que essa região se localiza no lado sul da ilha “[...] a uma certa distância a oeste de Trinidad e justo a leste da remota Ciénaga Zapata, a maior extensão de terras úmidas do Caribe” (GOTT, 2006, p.221).

⁴⁶ Neste dia houve bombardeios aéreos e muitos civis morreram, mas, como a região tinha recebido assistência de desenvolvimento há pouco tempo, não consistia mais em uma localidade intocada pelo mundo moderno; segundo Gott (2006), a milícia local suportou o ataque e reforços chegaram logo “[...] a força exilada foi atacada por aviões de treinamento primitivos armados de metralhadoras e por caças navais Sea Fury, capazes de lançar foguetes” (GOTT, 2006, p.222), e o plano da CIA de que muitos se levantariam contra a Revolução de Castro fracassou. O número de contrarrevolucionários que atacaram a Ilha foi de aproximadamente 1.500 homens, destes ao final do dia morreram 100 e 1.200 foram capturados e mantidos presos até 1962, quando foram trocados por 53 milhões de dólares em alimentos e remédios (GOTT, 2006).

⁴⁷ “Unidos jóvenes y viejos, juramos con Fidel: juntos defender a Cuba. ¡Jamás nos derrotarán!” (CUBA, 1961a, p.62).

mais um slogan filosófico do que um conceito bem definido, agora não se mediriam esforços, por meio da Campanha de Alfabetização, para que isso se tornasse realidade.

Nesse sentido, enquanto países capitalistas priorizavam ora a educação como fio condutor de desenvolvimento econômico, ora como provedora de justiça social, em Cuba, além da tentativa de atingir esses objetivos de forma equilibrada, empreendeu-se atingir um terceiro objetivo: a melhor formação do indivíduo enquanto ser humano, ou seja, sua humanização. Isto porque: “o cidadão cubano não deveria apenas viver melhor; devia ser melhor, e não através da adoção do estilo de vida da classe média americana” (GILLETTE, 1977, p.18). Para isso, tornou-se fundamental fortalecer a identidade social e a autoestima da população.

Enquanto em âmbito internacional Fidel Castro solicitava apoio de outros países para conseguir ajuda militar, humanitária e, sobretudo, aos ideais revolucionários, em Cuba, mais se desenvolviam estratégias de que era necessário utilizar a educação para exercer um papel que pudesse contribuir com a libertação do povo, sistematizando como proposta de Estado para todo cidadão ganhar a Batalha contra o analfabetismo, pois, dessa forma, estariam respondendo à altura o ataque a Girón.

Ao colocar a conquista da alfabetização do homem cubano como uma proposta de Estado, fomentava-se valores como resistência e união. Assim, a educação por meio da alfabetização foi sistematizada como um instrumento que poderia contribuir para o desenvolvimento da identidade social e autonomia do povo cubano ao incentivar o acesso ao mundo da cultura como um dos fatores fundamentais para garantir a libertação do domínio estrangeiro, o que contribuiu para que os objetivos da Campanha Nacional de Alfabetização fossem disseminados com maior intensidade.

Entre os meses de janeiro a primeira quinzena de abril, a Campanha de Alfabetização, mesmo que em período de organização, não obteve tanta força quanto a partir da segunda metade do mês de abril. Nesses mesmos meses ocorreram vários acontecimentos de natureza política que contribuíram para que a Organizações Revolucionárias Integradas (ORI) e a Juntas de Coordenação, Execução e Inspeção (JUCEI) assumissem a direção e orientação da Campanha

nas províncias e municípios, às vésperas de seu início oficial, inaugurando dessa forma a segunda etapa da Campanha de Alfabetização que consistiu a execução do plano de alfabetização, ou seja, no próprio desenvolvimento da Campanha. No quadro abaixo, é possível verificar, em ordem cronológica, esses acontecimentos:

Quadro 02 - Acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento da 2ª Etapa da Campanha de Alfabetização Cubana

Dia	Mês	Acontecimento
03	Janeiro	Os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com Cuba.
05	Janeiro	Assassinato do professor voluntário Conrado Benítez quando ensinava camponeses.
07	Janeiro	Informou-se que seriam realizadas reuniões nas províncias para apresentar e explicar o uso simultâneo da <i>Cartilha ¡Venceremos!</i> e do <i>Manual Alfabetecemos</i> .
13	Janeiro	Diplomático suíço chegou a Cuba a mando dos Estados Unidos para tratar da ruptura das relações diplomáticas entre os países.
16	Janeiro	Iniciou-se o censo dos analfabetos.
17	Janeiro	Cidadãos dos Estados Unidos foram proibidos de visitarem Cuba.
19	Janeiro	Anunciou-se que os professores voluntários receberiam treinamento de capacitação e que a Campanha de Alfabetização seria unificada em toda a ilha.
28	Janeiro	Fidel convocou toda a população para participar da Campanha de Alfabetização e os jovens para se alistarem como professores voluntários.
31	Janeiro	Começou o recrutamento de professores voluntários, a frente de alfabetização, nos Comitês de Defesa da Revolução e o plano assistencial de apoio a Campanha Nacional.
06	Fevereiro	Dirigente da Federação Nacional de Trabalhadores Açucareiros - FNTA exortou sobre a necessidade de aumentar a vigilância contra os ataques contrarrevolucionários durante o dia.
12	Março	Um barco da CIA atacou a refinaria de petróleo Hermanos Díaz de Santiago de Cuba.
14	Março	Fidel Castro informou a morte de 39 mercenários e a prisão de 381 deles; foram incendiadas por contrarrevolucionários as lojas Ten Cent das ruas Obispo e Monte de Havana.
28	Março	A direção dos Comitês de Defesa da Revolução - CDR divulga em nota oficial apoio aos órgãos de segurança do Estado pelos ataques terroristas e informaram ajuda para limparem o campo e a cidade dos gusanos (gíria para se referir aos cubanos contrários a revolução).
03	Abril	O Conselho Mundial da Paz denunciou estratégias imperialistas contra Cuba.

04	Abril	O ministério de relações exteriores denunciou por meio de nota oficial a persistência dos atos terroristas norte-americanos ao embaixador suíço.
07	Abril	A direção dos Comitês de Defesa da Revolução - CDR convocam a população a realizarem atos públicos condenando os atentados terroristas.
10	Abril	Assassinato do membro do CDR Juan Ronda Lazcano.
13	Abril	Incêndio provocado pela CIA destrói a loja nacionalizada El Encanto no qual faleceu a ativista de direitos civis Fe del Valle Ramos.
15	Abril	Ataque contrarrevolucionário a região da Baía dos Porcos: iniciou-se <i>La Batalla de Girón</i> .
16	Abril	Fidel Castro declarou o caráter socialista da Revolução.
24	Abril	O presidente John Fitzgerald Kennedy assumiu a responsabilidade dos ataques contra Cuba.
25	Abril	Os Estados Unidos comunicaram que iniciariam bloqueio econômico total a Cuba.

Fonte: Adaptado de Noa (2011).

Esses fatos impulsionaram o desenvolvimento da Campanha de Alfabetização, tendo em vista que fomentaram um sentimento de indignação por parte da população, o que pode ter proporcionado uma práxis humanista sólida ao modelo econômico social cubano. Pode-se afirmar que em Girón decidiu-se não apenas o destino da Revolução, mas, o êxito da Campanha Nacional de Alfabetização porque foi o ponto de partida para o compromisso histórico com a importância da alfabetização vinculada ao princípio de conscientização, desenvolvimento da inteligência e, por conseguinte, de libertação, o valor do amor, como expressão de atos de solidariedade e da força de vontade relacionada à autonomia se consolidasse.

Nessa etapa da Campanha ocorreu a organização da brigada de professores voluntários Conrado Benítez⁴⁸, que ficou conhecida por representar a juventude estudantil no trabalho da alfabetização no campo. Do total de 105.664 jovens, de maneira aproximada: “[...] 52% provinham da escola primária, 32% da secundária, 5% do pré-universitário, 2% da escola Normal, 2% da escola de

⁴⁸ Segundo Huteau e Lautrey (1976) “a verdadeira epopeia que foi a história da brigada Conrado Benítez está narrada no filme-documentário-cubano *Hasta La victoria siempre!*” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.33).

Comércio, 2% da Universidade e 3% do magistério de ensino primário” (PERONI, 2006, p.66).

Os jovens maestros da brigada Conrado Benítez tiveram o mesmo treinamento dos primeiros professores voluntários que se alistaram, no entanto, não foi em Sierra Maestra e sim, em Varadero e de forma mais rápida.

Mesmo recebendo uma formação mais rápida, os jovens da brigada Conrado Benítez, além de aprender o uso da Cartilha *¡Venceremos!* e do Manual *Alfabeticemos*, também foram instruídos para desenvolverem uma consciência revolucionária, foram instruídos para romperem com uma mentalidade de consumo e a hierarquizar o que era realmente importante: ter consciência do seu papel social, superar desejos egoístas em prol da coletividade e sobretudo amar e defender a Revolução.

Além das instruções do Manual *Alfabeticemos* os jovens da brigada Conrado Benítez receberam o Manual *¡Cumpliremos!*, elaborado com o objetivo de complementar as orientações revolucionárias contidas no Manual *Alfabeticemos*; nele havia mais imagens do que textos. As frases eram simples e contribuíam para o desenvolvimento de noções sobre a história de Cuba antes da Revolução e as alterações que estavam se concretizando na Ilha após a Revolução.

Uma forma ainda mais lúdica e didática que a Cartilha *¡Venceremos!* e o Manual *Alfabeticemos* apresentavam foi elucidada no Manual *¡Cumpliremos!*. Isso pode ter sido pelo fato da brigada Conrado Benítez ser constituída pelo maior número de jovens maestros de menor idade que se encontravam em processo de alfabetização e a didática com ilustrações coloridas e maiores seria um instrumento a mais para a conscientização dos mesmos sobre o motivo pelo qual eles lutavam, porque era necessário e útil o trabalho deles, bem como a justificativa pela qual deveriam sentir-se orgulhosos por serem soldados da cultura. A nível ilustrativo, seguem algumas imagens do Manual *¡Cumpliremos!*:

Figura 20 – Imagens do Manual *¡Cumpliremos!*



Fonte: CUBA, <http://cubamuseo.net/inferiorsamples/148>. (2021).

A primeira página do Manual *¡Cumpliremos!* apresentava a ilustração de Fidel Castro discursando, para fazer com que os jovens maestros sentissem como se fosse o próprio Fidel que estaria conversando com eles nas páginas seguintes, demonstrando, assim, como eram importantes. Na segunda imagem, pode-se verificar a tentativa de fazê-los compreender que o papel social do trabalho dos jovens brigadistas era levar a alfabetização até o último espaço geográfico da Ilha que, por sua vez, era constituída de riqueza natural que se configurava em uma linda paisagem. A imagem que seguia buscava demonstrar a importância da alfabetização:

Figura 21 – Imagens do Manual *¡Cumpliremos!* sobre a importância da Alfabetização



Fonte: CUBA, <http://cubamuseo.net/inferior-samples/148>. (2021).

A imagem do Manual *¡Cumpliremos!* alude para o fato de que o professor, ao portar um facho de luz, representaria a ideia de que o maestro levaria a luz do saber que iluminaria o caminho para a liberdade do camponês. O professor, nessa imagem, está representado pela figura de um homem de terno que simbolizava poder e capacidade intelectual, os traços físicos do mesmo lembravam José Martí, considerado por Fidel Castro como apóstolo da Revolução. O ideal Ser Cultos para Ser Livres, escrito logo abaixo do professor da imagem, foi difundido pelo próprio José Martí em 1884 quando escreveu o texto *Maestros Ambulantes*:

Os homens crescem, crescem fisicamente, de uma maneira visível crescem, quando aprendem algo, quando passam a possuir algo, e quando fazem algum bem. Só os tolos falam desgraças, ou os egoístas. A felicidade existe sobre a terra; e se a conquista com o exercício prudente da razão, o conhecimento da harmonia do universo, e a prática constante da generosidade. O que a busca em outra parte, não a achará: depois de ter provado todas as delícias da vida, só nessas se encontra sabor. - É lenda das terras de Hispanoamérica que no fundo das taças antigas estava pintado um Cristo; então quando encontravam uma, diziam: 'Até ver-te, meu Cristo!' pois no fundo daquelas taças se abria um céu sereno, perfumado, interminável, transbordante de ternura! Ser bom é o único modo de ser feliz. Ser culto é o único modo de ser livre. Porém, no comum da natureza humana, necessita-se ser próspero para ser bom (MARTÍ, 2016, p.124, tradução nossa)⁴⁹.

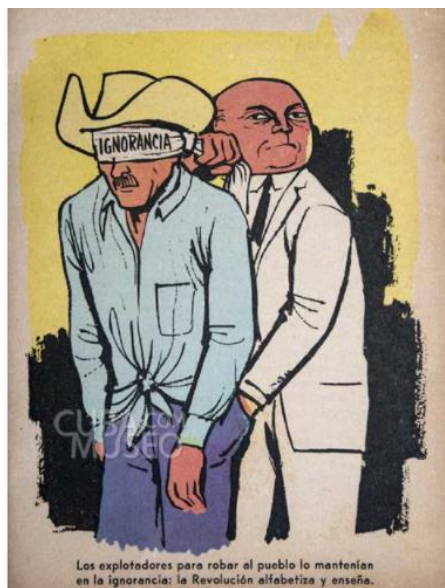
Ser culto corresponderia a ser educado e ter conhecimento de sua história, não para exercício de interesse próprio, mas para o bem do país e da humanidade; o contato com a cultura tornaria o homem independente, ou seja,

⁴⁹ Los hombres crecen, crecen físicamente, de una manera visible crecen, cuando aprenden algo, cuando entran a poseer algo, y cuando han hecho algún bien. Solo los necios hablan de desdichas, o los egoístas. La felicidad existe sobre la tierra; y se la conquista con el ejercicio prudente de la razón, el conocimiento de la armonía del universo, y la práctica constante de la generosidad. El que la busque en otra parte, no la hallará: que después de haber gustado todas las copas de la vida, solo en éstas se encuentra sabor.—Es leyenda de tierras de Hispanoamérica que en el fondo de las tazas antiguas estaba pintado un Cristo; por lo que cuando apuran una, dicen: “¡Hasta verte, Cristo mío!” Pues en el fondo de aquellas copas se abre un cielo sereno, fragante, interminable, rebosante de ternura! Ser bueno es el único modo de ser dichoso. Ser culto es el único modo de ser libre. Pero, en lo común de la naturaleza humana, se necesita ser próspero para ser bueno (MARTÍ, 2016, p.124).

autônomo e livre para contribuir com o seu tempo e criar uma cultura socialmente comprometida o que fortaleceria o amor e a bondade.

O Manual *¡Cumpliremos!* apresentava o valor moral de ser um professor brigadista:

Figura 22 – Imagens do Manual *¡Cumpliremos!* sobre a importância de ser um professor brigadista



Fonte: CUBA, <http://cubamuseo.net/inferior-samples/148>. (2021).

A imagem contribuía de forma didática para mostrar aos professores brigadistas porque deveriam sentir-se orgulhosos por serem soldados da cultura, tendo em vista que antes da Revolução os exploradores (imperialismo estadunidense) para poder roubar o camponês o mantinham em estado de ignorância (sem ler e escrever) e agora por fazer parte do exército de alfabetizadores estaria ajudando a Revolução a alfabetizar o que não deixaria mais o camponês ser roubado, explorado e enganado.

Assim como era esclarecido aos jovens maestros sobre a importância da alfabetização no material didático pedagógico *¡Cumpliremos!*, é possível identificar, por parte dos líderes do governo revolucionário, estímulos para o desenvolvimento de uma índole moral, sistematizada, posteriormente, como condição de formação do homem novo, no código de conduta que se encontrava

registrado no verso do crachá de cada brigadista com a imagem do jovem assassinado Conrado Benítez, demonstrado a seguir:

Figura 23 – Código de conduta do professor brigadista



Fonte: CUBA, <http://cubamuseo.net/inferior-samples/148>. (2021).

No código de conduta dos jovens maestros continha algumas regras morais que envolviam princípios tais como a honra, a humildade, a sensibilidade, o senso de dever, a necessidade de serem exemplos de conduta, o espírito de sacrifício, a responsabilidade, a disciplina e a consciência do papel social do trabalho que deveriam realizar: alfabetizar.

Neste sentido, é possível inferir que, em 1961, em Cuba, ao mesmo tempo em que se procurava materializar o plano de alfabetização, fomentou-se o caminho à formação de um homem novo. Os jovens maestros, ao assumirem a necessidade de superar o analfabetismo como uma questão de honra, ao assumirem os problemas que Cuba enfrentava como problemas próprios, serviram como fonte de inspiração e mobilização para uma possível conscientização do valor do trabalho, conquistaram a confiança dos camponeses

criando condições para participarem com engajamento do movimento educacional em curso e garantiram o êxito da Campanha de Alfabetização.

No que diz respeito ao trabalho alfabetizador nas cidades, é importante destacar que a brigada Pátria ou Morte foi organizada nessa etapa, representando a participação dos operários no processo da alfabetização, aproximadamente 20.000. A partir da organização dessa brigada, muitos operários (aqueles que não puderam participar como professores alfabetizadores) decidiram contribuir com a Campanha doando parte de seus salários. Essa ajuda financeira se configurou em uma parte significativa do custo total da Campanha que, de acordo com Zotta (1976), ao final se resultou:

[...] incalculável, nem sequer de modo aproximado, pois a propaganda televisiva era gratuita, igual o trabalho dos alfabetizadores, enquanto suas despesas de subsistência se cobriram graças ao trabalho produtivo que eles mesmos realizavam nos lugares de alfabetização e a hospitalidade dos alfabetizandos (ZOTTA, 1976, p.25, tradução nossa)⁵⁰.

Foi nessa segunda etapa da Campanha de Alfabetização que a fórmula QTATA - **Que Todo Analfabeto Tenga Alfabetizador, y Que Todo Alfabetizador Tenga Analfabeto**, ganhou força. Para difundir e representar essa consigna, formulou-se o cartaz abaixo:

⁵⁰ “[...] incalculable, ni siquiera de modo aproximado, puesto que la propaganda televisiva fue gratuita, igual que el trabajo de los alfabetizadores, mientras que sus gastos de subsistencia se cubrieron gracias al trabajo productivo que realizaban ellos mismos en los lugares de alfabetización y a la hospitalidad de los alfabetizandos” (ZOTTA, 1976, p.25).

Figura 24 – Cartaz da fórmula QTATA



Fonte: CUBA, 1961e, p.31.

Para Zotta (1976), o cartaz elaborado para divulgar a fórmula QTATA expressava “[...] com toda claridade o ideal de integração racial, social e humana e que se pretendia sublinhar: representa um aperto de mãos repetido duas vezes, uma mão branca e outra negra, uma mão negra e outra branca” (ZOTTA, 1976, p.26, tradução nossa)⁵¹. Cabe também ressaltar que para representar esse ideal a palavra analfabeto da frase “Que todo analfabeto tenha um alfabetizador, que todo alfabetizador tenha um analfabeto” ficava escrita na mão negra e a palavra alfabetizador, em cima da mão branca, posicionando-se o título da Cartilha de alfabetização no centro dos apertos de mãos *¡Venceremos!*, o nome das províncias da Ilha e das organizações que eram representadas na Comissão Nacional de Alfabetização escritas ao redor.

O objetivo da fórmula QTATA foi atingido tendo em vista que no total participaram 269.723 cubanos e destes apenas 34.000 eram professores de formação, o restante eram estudantes entre 12 e 16 anos de idade, donas de casa e trabalhadores que recebiam um treinamento rápido e tinham como fio condutor de sua prática educativa o Manual *Alfeticemos* “[...] sem contar o pessoal dirigente administrativo, que somariam 300.000 trabalhadores na Campanha Nacional de Alfabetização” (PEREIRA, 1989, p.28).

⁵¹ “[...] con toda claridad el ideal de integración racial, social y humana que se quería subrayar: representa un apretón de manos repetido dos veces, una mano blanca y otra negra, una mano negra y otra blanca” (ZOTTA, 1976, p.26).

Desse modo, pode-se dizer que os protagonistas desse movimento educacional foram, na sua maioria, os professores voluntários e, que a base da Campanha desenvolveu condições materiais que contribuíram para uma educação popular efetiva.

Organizaram-se os núcleos de alfabetização e as unidades de alfabetização, nas quais havia 50 analfabetos para cada 25 alfabetizadores. Essas unidades eram dirigidas por um professor técnico, um conselheiro político e um responsável do núcleo de alfabetização que se configurava no chefe da unidade.

Embora desde seu anúncio a Campanha tenha ficado conhecida como *A Batalha da Cultura*, sendo assim expressa desde a elaboração de seus materiais didáticos até o uniforme dos professores alfabetizadores, foi nessa etapa que ela foi propagada com maior intensidade, pela seção de propaganda, como uma guerra para vencer o analfabetismo, o imperialismo e, por conseguinte, condição de libertação.

Era comum observar cartazes publicitários e charges envolvendo os professores brigadistas e os símbolos que representavam o imperialismo estadunidense, como o demonstrado a seguir:

Figura 25 – Cartaz de Mario Masvidal de maio de 1961



Fonte: CUBA, <http://cubamuseo.net/inferior-samples/148>. (2021).

Na imagem o professor brigadista fere a águia, que representava o imperialismo, com o lápis de escrever demonstrando que a alfabetização em caráter geral, tanto do camponês quanto do operário, seria uma arma na luta contra a exploração imperialista e seus ataques terroristas. As mensagens “cada cubano que aprende a ler e escrever é um golpe que infligimos ao imperialismo” e “contra o imperialismo Yanki, alfabetiza!” deixam explícita essa ideia. Desse modo, pouco a pouco a alfabetização foi sendo difundida como sinônimo de poder conscientizador, que libertaria o homem de sua ignorância e de sua condição de explorado.

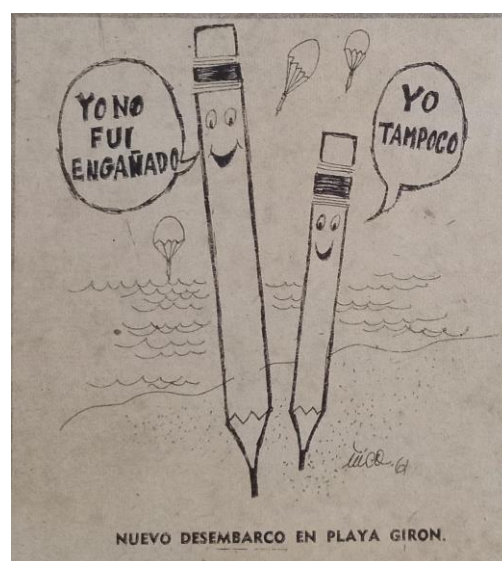
O aprendizado da leitura e da escrita foi sistematizado de forma indissociável ao momento de conscientização, o que pouco tempo depois Paulo Freire (1980, p.51) buscou aproximar: “[...] a alfabetização e a conscientização

são inseparáveis. Todo aprendizado deve estar intimamente associado à tomada de consciência de uma situação real e vivida pelo aluno”. As charges encontradas, em edições diferentes da Revista *Verde Olivo*, demonstram que em Cuba compreendeu-se esse processo.

Figura 26 – Alfabetização e Conscientização



Fonte: VERDE OLIVO, 1961a, p.98.



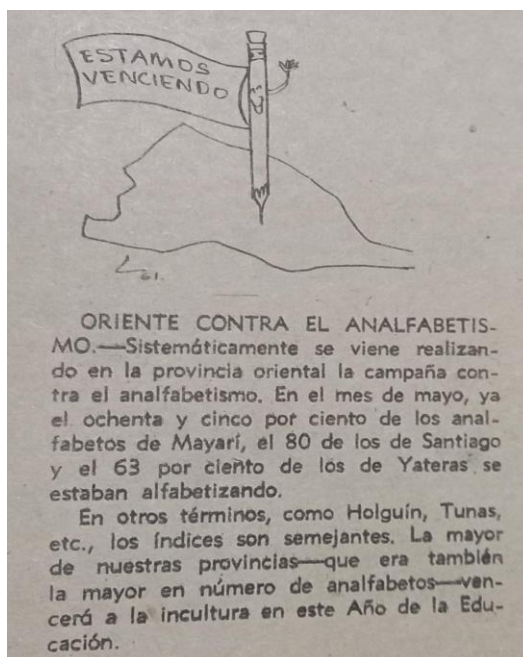
Fonte: VERDE OLIVO, 1961a, p.98.

A primeira charge encontra-se na edição do mês de abril da Revista *Verde Olivo* e a segunda na edição do mês de junho. Na primeira charge, tem-se a tentativa de demonstrar que, na medida em que se intensificava o ensino-aprendizagem da leitura e escrita, ilustrado pelo tamanho exagerado do lápis, acontecia o processo de conscientização sobre as ações contrarrevolucionárias da CIA e, portanto, eliminava-se o poder de atuação do imperialismo na Ilha, representado pela figura do Tio Sam com raiva.

Já na segunda charge, o processo de aprendizagem-conscientização, está representado pela ideia de que Cuba estaria realizando um novo bombardeio em praia Girón, todavia, um bombardeio do processo de leitura e escrita, ou seja, um bombardeio da cultura de modo consciente de seu propósito.

A segunda etapa da Campanha de Alfabetização Cubana pode ser considerada como a mais produtiva, alcançando resultados significativos já no mês de maio, segundo reportagem apresentada na revista *Verde Olivo*:

Figura 27 – Reportagem estamos Vencendo



Fonte: VERDE OLIVO, 1961b, p.77.

Identifica-se que no mês de maio, em alguns municípios da província Oriente, que depois de Havana era a que continha maior número de analfabetos camponeses, já havia 80% de alfabetizandos (VERDE OLIVO, 1961b), demonstrando que as dificuldades iniciais de convencer o camponês a participar, aos poucos, foram superadas.

Essas dificuldades foram superadas ao longo do processo na medida em que os professores conquistaram a confiança dos trabalhadores rurais e começaram a exercer influência sobre a comunidade local. Com o passar do tempo o relacionamento entre professor/aluno foi se fortalecendo, ao ponto dos próprios camponeses defenderem os professores dos ataques contrarrevolucionários (ROSA, 2019).

Um exemplo de como esse processo de conquistar a confiança dos camponeses pode ter acontecido foi relatado no livro de Vera Peroni (2006), como

os alfabetizandos, no início da Campanha, davam inúmeras desculpas para não participarem das aulas. No livro, é enfatizado um caso particular de um vilarejo, no qual os camponeses davam como desculpas para não irem às aulas o motivo de sentirem vergonha por não terem sapatos.

Foi então que o professor alfabetizador, segundo a autora, ao perceber que isto era uma demagogia, permitiu-se ser demagogo também, dizendo que se alegrava por não irem à aula de sapatos porque ele próprio não gostava de dar aulas usando sapatos, passando a ministrar o conteúdo com os pés descalços, além de começar a participar das atividades culturais do campo, como fazer fogueiras, cantar, dançar, fazer mágicas, tirar moedas da orelha, piadas, adivinhar o pensamento e ler a mão, o que fez com que os trabalhadores rurais comesçassem a se sentir à vontade em sua presença, bem como a gostar dele.

Nesse sentido, pode-se problematizar que os fatores decisivos para essa superação foram: o relacionamento humano estabelecido entre professor-aluno; a comoção gerada após os ataques contrarrevolucionários que ocorreram, em especial, entre os meses de janeiro a abril; a participação dos meios publicitários para desenvolver a conscientização sobre a importância da alfabetização em nível pessoal e nacional e a participação direta na diretoria da Campanha da ORI e JUCEI.

3.3. A Terceira Etapa da Campanha de Alfabetização: A Expansão

Os resultados da segunda etapa da Campanha, dentre eles o alcance de 80% de alfabetizandos na província Oriente no mês de maio de 1961, em seus erros e acertos, foram analisados no I Congresso Nacional de Alfabetização e II Congresso de Conselhos Municipais, realizado nos dias 3 a 5 de setembro, com o objetivo de “[...] examinar as alternativas, as realizações e as derrotas da Campanha, e para acordar, com seus encarregados, seus novos rumos, novas normas e metas” (CUBA, 1961e, p.1, tradução nossa)⁵², inaugurando a terceira etapa da Campanha de Alfabetização.

⁵² “[...] examinar las alternativas, las realizaciones y los derrotos de la Campaña, y para acordar, con sus Delegados, sus nuevos rumbos, nuevas normas y metas” (CUBA, 1961e, p.1).

A análise dos relatórios dos representantes de cada província e de cada seção da Campanha de Alfabetização levou o Ministro de Educação Armando Hart a declarar: “[...] o Congresso Nacional de Alfabetização, pode proclamar ante o mundo e os povos da América em especial, que a promessa do Primeiro Ministro do Governo Revolucionário de Cuba está se cumprindo” (CUBA, 1961e, p.13, tradução nossa)⁵³. O ministro ainda argumentou:

Se antes a meta principal era colocar em contato o analfabeto com o seu alfabetizador, agora a meta principal é alfabetizar. Quer dizer, antes tínhamos colocado em primeiro plano dentro de nossa escala de prioridade, alcançar a união entre o analfabeto e o alfabetizador; isso já foi alcançado, praticamente, e ultrapassados os limites dos censos conhecidos. Agora, a vigilância das Comissões Técnicas e dos Conselhos deve ser dirigida em primeiro plano para que se realize de verdade a tarefa da alfabetização, e em segundo lugar, saltar por cima dos números que já temos alcançado tendo em vista os censos que vocês estão terminando em cada plano municipal, de maneira que o mais importante neste momento é que se alfabetize de verdade, que não deixe no papel, que se tenha vigilância das unidades de trabalho por parte das comissões técnicas; que se tenha um amor pela certeza ou a seriedade do número estatístico (CUBA, 1961e, p.14, tradução nossa)⁵⁴.

Para esta terceira etapa da Campanha os esforços se concentraram em intensificar as horas do trabalho alfabetizador e em registrar de forma quantitativa os resultados obtidos. Para esse fim, criaram-se os acampamentos de aceleração. Segundo Peroni (2006), esses acampamentos funcionavam em horário integral nos locais considerados atrasados no estudo da Cartilha *¡Venceremos!*. Esse trabalho começou em Milena del Sur que, por conseguinte,

⁵³ “[...] el Congreso Nacional de Alfabetización, puede proclamar ante el mundo y los pueblos de América en especial, que la promesa del Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba se está cumpliendo” (CUBA, 1961e, p.13).

⁵⁴ Si antes la meta principal era enlazar al analfabeto con su alfabetizador, ahora la meta principal es alfabetizar. Es decir, antes teníamos colocado en primer término dentro de nuestra escala de prioridad, lograr la unión entre el analfabeto y el alfabetizador; ya esto está logrado, prácticamente, y sobrepasados los límites de los censos conocidos. Ahora, la vigilancia de las Comisiones Técnicas y de los Consejos debe ir dirigida en primer término a que se realice de verdad la tarea de la alfabetización, y en segundo lugar, enlazar a los que salten por encima de las cifras que ya hemos alcanzado con vista a los censos que ya ustedes culminando en cada término municipal, de manera que lo más importante en este momento es que se alfabetice de veras, que no quede en el papel, que se tenga vigilancia de las unidades de trabajo por parte de las comisiones técnicas; que se tenga un amor por la certeza o la seriedad del número estadístico (CUBA, 1961e, p.14).

foi o primeiro local cubano a hastear a bandeira de território livre de analfabetismo.

Nesse mesmo Congresso, no relatório da Comissão Nacional de Alfabetização apresentado pelo secretário executivo do Congresso Raul Ferrer, foi solicitado para que, na etapa final da Campanha, houvesse maior controle por parte dos responsáveis de cada província e município, sobre os materiais de ensino para que não viesse a faltar, sobre os professores, para que os mesmos não se distraíssem com algum aluno que já sabia ler e escrever dando atividades de seguimento. Tendo em vista que já estava em construção um plano de seguimento da Campanha e o necessário, no momento, seria alfabetizar mais pessoas (CUBA, 1961e).

Dever-se-ia haver mais controle para que não acontecessem saídas desnecessárias dos jovens maestros das brigadas e, por conseguinte, atraso no processo de alfabetização de seus alunos, como também a vigilância para que cada brigadista mantivesse contato com seus familiares. Também foi solicitado pela Comissão Nacional de Alfabetização: “controle sobre os Responsáveis das Brigadas, sobre sua conduta e seus métodos, forte apoio a eles para que a alfabetização não pare” (CUBA, 1961e, p.21, tradução nossa)⁵⁵.

Ao fazer essa solicitação, Raul Ferrer, em nome da Comissão Nacional de Alfabetização, fez uma crítica ao comportamento de alguns responsáveis das brigadas:

Às vezes os responsáveis não têm uma boa orientação, então levam um conceito militarista que pode ser bonito se parecer ao estilo do exército popular de Cuba, porém às vezes usam formas e técnicas que são uma memória morta e derrotada entre nós, em que se põe pose de mandões que incomodam, mortificam e debilitam muito o trabalho e as relações com o Conselho (CUBA, 1961e, p.21, tradução nossa)⁵⁶.

⁵⁵ “control sobre los Responsables de Brigadas, sobre su conducta y sus métodos, y ayuda fuerte también a ellos para que la alfabetización no se detenga” (CUBA, 1961e, p.21).

⁵⁶ “A veces los responsables no tienen una buena orientación, y entonces llevan un concepto militarista que puede ser hermoso si se parece al estilo del ejército popular de Cuba, pero a veces usan formas y técnicas que son de un recuerdo muerto y vencido entre nosotros, en que se ponen en poses de mandones que molestan y mortifican mucho y debilitan el trabajo y las relaciones con el Consejo” (CUBA, 1961e, p.21).

Pode-se inferir que o processo de conscientização estava em construção, muitos tinham como exemplo a ser seguido as atitudes dos homens da ditadura de Fulgencio Batista, o que levou os dirigentes da Comissão Nacional de Alfabetização, mesmo na corrida contra o tempo, a cumprirem com o que anunciara Fidel Castro na ONU: discutir as funções e os deveres de cada seção e de cada membro das Unidades de Alfabetização, das equipes de brigadistas, de cada Conselho e Municípios e, sobretudo, os deveres de cada responsável pelas brigadas de professores voluntários. Sobre essa perspectiva, Raul Ferrar enfatizou:

O Conselho que atende uma Brigada, tem que ser dito aqui, o Conselho que a cuida e a protege, comanda essa brigada, porém comanda da boa maneira, e busca as melhores armas para que os meninos e as meninas sintam-se bem, e realizem disciplinadamente e alegremente seu trabalho, em harmonia com seus responsáveis (CUBA, 1961e, p.22, tradução nossa)⁵⁷.

Identifica-se nessa tentativa de explicitar como deveria ser uma liderança democrática a busca pela superação do modelo de liderança que Cuba havia vivenciado até então. O homem cubano estava desenvolvendo novas relações sociais que exigiam dele a libertação em relação a um antigo modo de agir e ver o mundo e o preenchimento do vazio deixado por essa libertação por outro conteúdo: a sua autonomia. Fato que permite lembrar Freire (1987), quando argumentou sobre a busca pela liberdade:

[...] A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é idéia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a 'razão' desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure

⁵⁷ "El Consejo que atiende a una Brigada, hay que decirlo aqui, el Consejo que la cuida y la protege, manda sobre esa brigada, pero manda de la buena manera, y busca las mejores armas para que los muchachos y las muchachas se sientan bien, y realicen disciplinadamente y alegremente su trabajo, en armonía con sus responsables" (CUBA, 1961e, p.22).

uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais (FREIRE, 1987, p.34).

Pode-se afirmar, nesse sentido, que havia naquele momento o reconhecimento da situação opressora e uma tentativa constante de conscientização de que todos deveriam assumir a responsabilidade de gerar de seu ser menos, caracterizado pelos líderes revolucionários como o individualismo, a busca do ser mais de todos: a coletividade. Dessa forma, a conscientização tornou-se, em Cuba, no período da Campanha de Alfabetização, um compromisso histórico e político, sendo o Manual *Alfabetecemos* (CUBA, 1961b) apontado por Raul Ferrar como um dos instrumentos de disseminação dessa conscientização:

Enfim, companheiros, tem que exercer o controle revolucionário para evitar também um pouco o clientelismo e a burocracia em alguns departamentos. Devemos lutar, controlar e forçar a discussão fraterna, vendo-se sempre como companheiros para evitar também o sectarismo de alguns dirigentes e outras fragilidades que não têm cabimento em nossa Revolução Socialista, e que podem afrouxar nosso grande trabalho de massa. Aqui tem um remédio simples para isto: controle para que no seio das unidades funcione o manual 'Alfabetecemos' para que este Manual, que é um Manual de mensagem política, desempenhe seu papel no estudo e na aplicação da mensagem política da Campanha [...] não devemos esquecer ou abandonar o trabalho do Manual 'Alfabetecemos' (CUBA, 1961e, p.22, tradução nossa)⁵⁸.

Nesse ínterim, a Imprensa Nacional atuou de forma a enfatizar os bons exemplos de conduta no interior da Campanha de Alfabetização, propagando a mensagem política da Revolução e o papel do professor alfabetizador.

3.3.1 A Imprensa Nacional na Campanha

⁵⁸ En fin,compañeros, hay que ejercer el control revolucionario para evitar también un poco el amiguismo y el burocratismo en algunos departamentos. Hay que combatir, hay que controlar y obligar a la discusión fraterna, viéndolos siempre como compañeros para evitar también el sectarismo de algunos dirigentes y otras debilidades que no tienen cabida en nuestra Revolución Socialista, y que pueden aflojar nuestro gran trabajo de masa. Aquí hay un remedio sencillo para esto: control para que en el seno de las unidades funcione el manual 'Alfabetecemos' para que este Manual, que es un Manual político de mensaje, juegue su papel en el estudio y en la aplicación del mensaje político de la Campaña [...] no debemos olvidar que el abandono del trabajo del Manual 'Alfabetecemos' (CUBA, 1961e, p.22).

A partir dessa consigna de que não deveriam esquecer ou abandonar o trabalho com o Manual Alfabetizamos, a Imprensa Nacional tratou do abastecimento das brigadas para que o Manual e *¡Venceremos!* não viesse a faltar. Em 36 horas produziram 550.000 exemplares. Cabe ressaltar que nessa etapa final, que foi breve no tempo, porém intensa no trabalho desenvolvido, criaram-se as Avançadas Revolucionárias que receberam a missão de chegar às regiões mais afastadas e de difícil acesso e os Repassadores que atuavam aos finais de semana, indo aos interiores das províncias depois do horário de trabalho, com seus próprios meios de transporte.

O estímulo moral pode ser identificado, nesse momento, a partir das reportagens que retratavam o empenho dos participantes da Campanha para cumprir com a promessa feita por Fidel Castro na ONU e sua convocação para intensificarem os esforços de todos para a *Batalha Final*, como ficou conhecida a 3ª etapa da Campanha, bem como por meio dos relatos de professores brigadistas sobre o trabalho que realizavam, com ênfase no senso de dever patriótico e amor pela causa que os meios publicitários passaram a divulgar com mais frequência, como destacado na Edição de 8 de outubro de 1961 da *Revista Bohemia*:

Figura 28 – ¡Todos a la Batalla Final!



Fonte: SUAREZ, 1961a, p.110-111.

A ênfase na figura de Fidel Castro explicitando que todos deveriam cumprir com o seu dever dentro de suas possibilidades, acompanhado das imagens dos professores voluntários de doze anos conversando alegremente e logo atrás deles brigadistas aparentemente mais velhos, podendo ser os responsáveis pela brigada, em marcha como se estivessem em busca de cumprir com o objetivo proposto por Castro, reitera uma possível mudança no trabalho ideológico dos líderes revolucionários por meio dos meios publicitários. A necessidade agora se concentrava em construir significados de harmonia entre os líderes, representados pela figura de Fidel e os brigadistas, como também empenho e dedicação dos mesmos.

Na página seguinte, foram retratados professores a caminho da *Batalla Final*, o senso de dever patriótico e amor pela causa estariam implícitos por meio do exemplo do empenho dos alfabetizadores de irem alfabetizar a pé “[...] dois alfabetizadores desafiam os quilômetros para cumprirem seu belo trabalho” (SUAREZ, 1961a, p.111, tradução nossa)⁵⁹, no cuidado com o lampião e na empatia dos moradores da região em presentear o professor brigadista com uma bicicleta para que ele pudesse chegar mais rápido ao seu destino: “a cidade fornece a este alfabetizador um meio de transporte mais rápido” (SUAREZ, 1961a, p.111, tradução nossa)⁶⁰.

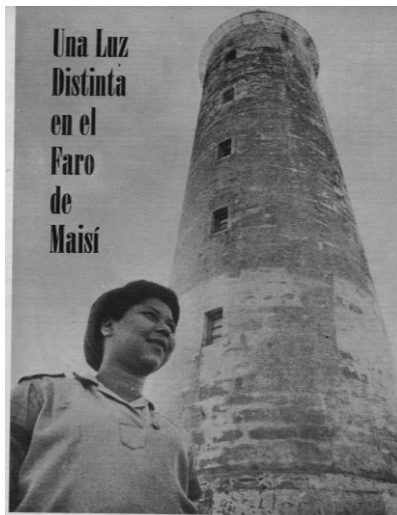
Já a edição do mês de novembro de 1961 da *Revista INRA*⁶¹ desenvolveu quatro páginas para demonstrar a dedicação, responsabilidade e consciência revolucionária da Marta Elena, jovem maestra da Campanha de Alfabetização, colocando-a como exemplo a ser seguido. Na primeira página da reportagem Marta Elena foi apresentada ao lado do Farol de Maisí e comparada a uma luz que trazia direção diferente porque estaria ali realizando uma tarefa revolucionária, a alfabetização:

⁵⁹ “[...] dos alfabetizadores desafían los kilómetros para cumplir su hermosa labor” (SUAREZ, 1961a, p.111).

⁶⁰ “la ciudad le brinda a este alfabetizador un medio de transporte más rápido” (SUAREZ, 1961a, p.111).

⁶¹ Revista mensal do Instituto de Reforma Agrária criado em 1959 para implementação da Primeira Lei de Reforma Agrária.

Figura 29 – *Una luz distinta en el Faro de Maisí*



Fonte: AVALOS, 1961, p.92.

Além dos resultados quantitativos ambicionados, a Campanha almejava habilitar o homem novo emocionalmente, como já anteriormente mencionado, a educação socioemocional voltada para o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades cognitivas foi enfatizada na Cartilha *¡Venceremos!* e articulada à publicidade midiática. E nesse sentido, os meios de comunicação foram aliados importantíssimos. A representação da professora, estrategicamente utilizada pelos líderes revolucionários para sensibilizar o povo cubano, contribuía para a formação da identidade requerida para que a Revolução alcançasse os resultados pretendidos. Em uma estratégia de marketing, exemplos ideológicos contribuía para elevar a autoestima dos cubanos, motivando-os a se esforçarem cada vez mais de forma autônoma.

A construção da ideia e da imagem expressa na reportagem da professora foi propícia e bem montada, associando a jovem maestra como uma referência inspiradora de dedicação à causa, no intuito de idealizar essa missão. Ao trazer a imagem da professora brigadista Marta Elena ao lado do Farol de Maisí, a reportagem da revista cumpria a função de retomar o pressuposto defendido pelo governo revolucionário e por toda a Campanha de Alfabetização, de que o professor seria luz e porta-estandarte da cultura.

Nessa etapa da Campanha era fundamental enfatizar esse ideal para não deixar o entusiasmo dos jovens maestros decair. A estratégia era motivá-los, deixando-os em evidência pela dedicação e consciência revolucionária, utilizando do recurso do elogio. Assim, se esforçariam para alcançar os resultados desejados, e propagariam a ideologia da Revolução, conforme é possível observar como cada sistema carrega uma carga ideológica que o fundamenta e sustenta.

No decorrer da reportagem, a ênfase na dedicação e consciência revolucionária pode ser identificada na frase que aparece em destaque:

Marta Elena, como Brigadista consciente, utiliza sempre o tempo livre para ajudar nas diferentes tarefas que sempre é preciso realizar nas casas. Aqui aparece junto ao poço enchendo um balde de água que logo ela mesma irá transportar (AVALOS, 1961, p.94, tradução nossa)⁶².

Nos dizeres sobre a professora, a palavra brigadista aparece com letra maiúscula antecédida pela preposição como, o que sugere a ideia de que todo brigadista consciente deveria agir da mesma forma que Marta Elena. Pode-se identificar a ênfase dada pela revista ao senso de dever patriótico em algumas falas da jovem maestra, por exemplo, a reportagem elucida que ao ser questionada se sentia-se bem onde estava, a professora voluntária respondeu:

Perfeitamente - nos responde - não posso me queixar. Estou em uma casa de pessoas muito boas. Embora tenha várias pessoas dos arredores que ensino a ler e escrever, estou quase sempre na casa. A senhora Carmen Romeu González, a quem estou alfabetizando agora, avança muito. Ademais, eu a ajudo em tudo quanto posso. Porque é dever nosso ajudar e orientar os que ensinamos (AVALOS, 1961, p.94, tradução nossa)⁶³.

⁶² “Marta Elena, como Brigadista consciente utiliza siempre el tiempo libre para ayudar en las distintas tareas que siempre es preciso realizar en las casas. Aquí aparece junto al pozo llenando un balde de agua que luego ella misma ha de transportar” (AVALOS, 1961, p.94).

⁶³ “_ Perfectamente - nos responde -, no me puedo quejar. Estoy en una casa de gentes muy buenas. Aunque tengo varias personas de los alrededores que enseño a leer y escribir, estoy casi siempre en la casa. La señora Carmen Romeu González, a quien estoy alfabetizando ahora, adelanta mucho. Además, yo la ayudo en todo cuanto puedo. Porque es deber de nosotros ayudar y orientar a los que enseñamos” (AVALOS, 1961, p.94).

Em outro momento, foi destacado pelo autor da reportagem que quando lhe perguntaram se compreendia que estava no extremo do território nacional, Marta Elena enfatizou:

Claro que sei - nos responde - conheço geografia. A mim me coube aqui e estou cumprindo com meu dever. Ademais, a essas horas tem companheiros que, sem dúvida, estão alfabetizando em Cabo San Antonio, ou em Ciénaga de Zapata, em Escambray ou em Sierra Maestra. ¿Que importa o lugar se estamos fazendo algo pelos demais? E cumprindo com Fidel. Porque este ano, todos saberão ler e escrever. Tudo isso acontece porque sentimos de verdade a Revolução. Quanto mais difícil é nossa tarefa, mais revolucionários nos sentimos. Não importam as distâncias. O problema está em cada um fazer a sua parte. E em qualquer parte há muito o que fazer e fazendo isso, venceremos (AVALOS, 1961, p.94-95, tradução nossa)⁶⁴.

Além da ênfase no senso de dever para com a sociedade que se pretendia construir, é possível observar que a reportagem após apresentar a consciência revolucionária de Marta Elena, por meio de seu exemplo, enfatizou a importância da tarefa alfabetizadora que foi elucidada no I Congresso Nacional de Alfabetização e II Congresso de Conselhos Municipais, como compromisso principal para a última etapa da Campanha:

Porém, agora há uma luz diferente nas terras de Maisí, primeira área da rebelião nativa. Não é o sol às vezes opaco pelas nuvens. Não são as tochas e as fogueiras do colonialismo consumindo a pele de bronze do Grande Cacique. Não é a labareda intermitente do Farol que indica o Paso de Los Vientos. És a luz da cultura que a Revolução leva a toda parte. És a luz da alfabetização, a luz da verdade, que as Brigadas ‘Conrado Benítez’ derramam por todas as esquinas da Pátria. Era noite fechada quando partimos. Marta Elena saiu para nos despedirmos. Lá ficou com seu farol, suas Cartilhas e seus lápis. Junto aos cactos do caminho voltamos a olhá-la. A luz inquieta do Farol iluminava às vezes,

⁶⁴ “ _ Claro que lo sé - nos responde -, conozco geografia. A mí me tocó aquí y estoy cumpliendo con mi deber. Además, a estas horas hay compañeros que, sin duda, están alfabetizando en el Cabo San Antonio, o en la Ciénaga de Zapata, en el Escambray o en la Sierra Maestra. ¿Qué importa el lugar si estamos haciendo algo por los demás? Y cumpliendo con Fidel. Porque este año, todos sabrán leer y escribir. Todo esto sucede porque sentimos de verdad la Revolución. Mientras más difícil es nuestra tarea, más revolucionarios nos sentimos. No importan las distancias. El problema está en que cada cual haga su parte. Y en cualquier parte hay mucho por hacer y haciéndolo, venceremos” (AVALOS, 1961, p.94-95).

intermitentemente, o rosto risonho e juvenil (AVALOS, 1961, p.95, tradução nossa)⁶⁵.

A Revista nesse caso, ao trazer essa reportagem, cumpria o seu papel de sensibilizar, conscientizar e mobilizar o leitor a contribuir com os esforços de intensificar a alfabetização das regiões mais afastadas. E, ao mesmo tempo, era um recurso do governo revolucionário para exaltar os valores requeridos aos cubanos desde 1959.

Outra reportagem foi veiculada pelos líderes revolucionários, no intuito de sensibilizar o povo a seguir o exemplo da organização do trabalho dos jovens maestros: os métodos empregados, o entusiasmo, o companheirismo e o espírito revolucionário, foram apresentados na edição de 19 de novembro de 1961 da Revista *Bohemia* intitulada: *Ahora hay que hacer el verdadero esfuerzo máximo*.

Ao relatar sobre o discurso de Fidel Castro para declarar *Melena Del Sur* primeiro território livre de analfabetismo, a notícia destacou a conversa de Fidel Castro com Bárbara Palenzuela, alfabetizadora voluntária da Campanha, como um diálogo que fez história.

Segundo a Revista, quando Fidel Castro falava sobre o trabalho histórico dos professores brigadistas ele explicitou sobre uma jovem maestra de onze anos e pediu para que ela subisse ao palco: “[...] sempre a história falará dos Brigadistas ‘Conrado Benítez’, falará dos Alfabetizadores, falará dessa garota que ensinou a ler e escrever a oito analfabetos. (Sobem a garota no palco)” (BOHEMIA, 1961c p.46, tradução nossa)⁶⁶.

De acordo com a reportagem, Bárbara Palenzuela, um dos vários exemplos escolhidos para a formação dessa nova identidade cubana, explicou

⁶⁵ “Sin embargo, ahora hay una luz distinta en las tierras de Maisí, zona primada en la rebeldía nativa. No el sol a veces opaco por las nubes. No las teas y las piras del colonialismo consumiendo el bronce de la piel del Gran Cacique. No la lumbrarada intermitente de la Farola que señala el Paso de Los Vientos. Es la luz de la cultura que la Revolución lleva a todas partes. Es la luz de la alfabetización, la luz de la verdad, que las Brigadas ‘Conrado Benítez’ derraman por todos los rincones de la Patria. Era noche cerrada cuando nos marchamos. Marta Elena salió a despedirnos. Allá quedó con su farol, sus Cartillas y sus lápices. Junto a los cactus del camino volvimos la mirada. La luz inquieta de la Farola le iluminaba a ratos, intermitentemente, el rostro risueño y juvenil” (AVALOS, 1961, p.95).

⁶⁶ “[...] siempre la historia hablará de los Brigadistas ‘Conrado Benítez’, hablará de los Alfabetizadores, hablará de esa niña que enseñó a leer y escribir a ocho analfabetos. (Suben la niña a la tribuna)” BOHEMIA, 1961c, p.46).

que havia alfabetizado 8 pessoas em dois meses, sendo três em *Güines*, dois em *Sagua de Tánamo* e três em *Melena Del Sur* e ao ser questionada por Castro sobre o que iria fazer a partir daquele momento, Palenzuela lhe respondeu: “[...] GAROTA: Eu, se a Pátria necessita de mim, seguirei alfabetizando!” (BOHEMIA, 1961c, p.46, tradução nossa)⁶⁷, como destacado pela Revista com a imagem a seguir:

Figura 30 – Fidel Castro e a alfabetizadora Bárbara Palenzuela



Fonte: BOHEMIA, 196c, p.45.

A reportagem continua ao enfatizar que, assim como Bárbara Palenzuela estaria se esforçando para cumprir com seu dever, todos os professores brigadistas deveriam agir. Essa deveria ser uma conduta - estratégia de guerra - do exército de alfabetizadores na *Batalha Final*:

[...] Este esforço deve ser sempre o esforço maior, deve ser o esforço decisivo. És agora que não se pode baixar a guarda, és agora quando não se pode diminuir a atenção, és agora quando tem que fazer o verdadeiro esforço máximo. [...] Assim tem, que fazer vocês, como um verdadeiro exército de revolucionários; tomada essa posição, imediatamente atacar as demais posições;

⁶⁷ “[...] NIÑA: Yo, si la Patria me necesita, ¡seguiré alfabetizando!” (BOHEMIA, 1961c, p.46).

e cada vez que se tome uma posição, seguir para as demais (BOHEMIA, 1961c, p.91⁶⁸, tradução nossa)⁶⁹.

Ao trazer ao palco a alfabetizadora voluntária, Fidel Castro fez uso da inocência da jovem, uma criança de apenas onze anos, sendo colocada como exemplo de alfabetizadora, numa estratégica campanha de marketing ideológico, na tentativa de expandir o espírito revolucionário e de gerar comoção, fazendo da jovem uma heroína.

Tratou-se de uma estratégia visual intencional para motivar os professores voluntários, sensibilizar o povo cubano, dissipar a rejeição dos camponeses e daqueles que eram contrários à Revolução. Simultaneamente, conclamava os maestros a se dedicarem ainda mais e, assim, cumprirem com o seu objetivo de declarar Cuba um território livre de analfabetismo para o mundo.

A Revista, mais uma vez, ao trazer como destaque tal reportagem, cumpria a função para qual era designada naquele momento: imputar, ou melhor, estimular uma mentalidade coletiva na qual deveria visar o sacrifício, a astúcia e a prontidão em servir a nação.

Essa técnica tornou-se uma prática. Assim que terminavam o trabalho alfabetizador em uma área, os jovens maestros dirigiam-se aos lugares que não haviam hasteado a bandeira de território livre de analfabetismo, realizando um trabalho intenso e efetivo. Em 22 de dezembro, Cuba foi declarada por Fidel Castro o primeiro país da América Latina que havia se situado em primeiro lugar quanto ao índice de pessoas que sabiam ler e escrever. Cuba havia liquidado quatro séculos e meio de ignorância (CASTRO, 1961e).

3.4. As Repercussões da Campanha na Divulgação Publicitária

⁶⁸ É importante explicar que houve esse salto no número de páginas porque na fonte ao terminar a página 46 existe um informe explicando que a reportagem continuaria na página 91.

⁶⁹ [...] Este esfuerzo debe ser siempre el esfuerzo mayor, debe ser el esfuerzo decisivo. Es ahora cuando no se puede bajar la guardia, es ahora cuando no se puede disminuir la atención, es ahora cuando hay que hacer el verdadero esfuerzo máximo. [...] Así tener, que hacer ustedes, como un verdadero ejército de revolucionarios; tomada esta posición, inmediatamente atacar las demás posiciones; y cada vez que se tome una posición, hacia las otras (BOHEMIA, 1961c, p.91).

Como já mencionado em relatos anteriores, a participação da mídia na divulgação da primeira e segunda etapas da Campanha foi fundamental para que os objetivos traçados fossem atingidos. Todavia, foi na terceira etapa que se pôde observar melhor as suas repercussões e resultados.

Em cada etapa da Campanha, os meios publicitários atuaram com enfoques diferentes; faz-se importante enfatizar que os dirigentes da Revolução, ao sistematizar a alfabetização como fator de conscientização, buscaram utilizar vários tipos de mídias: rádio, televisão, cinema, imprensa, músicas, pinturas, esculturas e literaturas como instrumento de mobilização do povo. Compreenderam que, tanto os objetivos quantitativos da Campanha (eliminar o analfabetismo), quanto os qualitativos (formar um homem novo) só seriam alcançados paralelamente a um processo formativo de índole moral e patriótica.

A mídia adquiriu um importante papel enquanto recurso ideológico para esse objetivo, servindo, dessa forma, como instrumento de ações estratégicas da Revolução em cada etapa da Campanha de Alfabetização. Os primeiros resultados da Campanha de Alfabetização em Cuba foram registrados por meio da mídia local. Dentre elas, destacam-se as Revistas *Bohemia* e *INRA*, e os programas de rádio e televisão.

Reportagens que retratavam a dedicação, responsabilidade e consciência revolucionária de um ou mais professores brigadistas tornaram-se comuns entre os meses de setembro e dezembro de 1961, período da última etapa da Campanha de Alfabetização. Ao observar as edições das Revistas *Bohemia* e *INRA* foi possível identificar 62 reportagens desse tipo, sendo 60 da Revista semanal *Bohemia* e 2 da Revista mensal *INRA*, como apresentado no quadro a seguir:

Quadro 03 - Reportagens sobre professores brigadistas entre os meses de setembro e dezembro de 1961

Revista	Título da Reportagem	Edição
Revista <i>Bohemia</i>	La Guerra contra la Ignorancia	10 de setembro de 1961, nº 37
Revista <i>Bohemia</i>	La Epopeya Alfabetizadora	17 de setembro de 1961, nº 38
Revista <i>Bohemia</i>	Unidos en la batalla final contra el	17 de setembro de 1961, nº 38

	analfabetismo	
Revista <i>Bohemia</i>	Guerra al analfabetismo	24 de setembro de 1961, nº39
Revista <i>Bohemia</i>	Una Norteamericana Alfabetiza	24 de setembro de 1961, nº39
Revista <i>Bohemia</i>	Un Faro Redentor en el Corazón de la Sierra	1 de outubro de 1961, nº40
Revista <i>Bohemia</i>	¡Todos a la Batalla Final!	8 de outubro de 1961, nº41
Revista <i>Bohemia</i>	Reporte del Ejercito de Alfabetizadores	15 de outubro de 1961, nº42
Revista <i>Bohemia</i>	Los Jovenes Rebeldes siempre en la Vanguardia	22 de outubro de 1961, nº43
Revista <i>Bohemia</i>	Alfabetizando en las Lomas de Luis Lazo	22 de outubro de 1961, nº43
Revista <i>Bohemia</i>	Hoy los Maestros se sienten orgullosos de ser proletarios	22 de outubro de 1961, nº43
Revista <i>Bohemia</i>	Reporte del Ejercito de Alfabetizadores	22 de outubro de 1961, nº43
Revista <i>Bohemia</i>	Todos podemos Alfabetizar	29 de outubro de 1961, nº44
Revista <i>Bohemia</i>	Maratón de la Alfabetización	29 de outubro de 1961, nº44
Revista <i>INRA</i>	Una luz distinta en el Faro de Maisí	11 de novembro de 1961, nº11
Revista <i>Bohemia</i>	La Alfabetización, consigna de victoria	12 de novembro de 1961, nº46
Revista <i>Bohemia</i>	30.000 Serranos del Guamuhaya leeran y escribiran a fin de año	12 de novembro de 1961, nº46
Revista <i>Bohemia</i>	Rene Reine Garcia - Primera Cooperativa Territorio Libre de Analfabetismo	12 de novembro de 1961, nº46
Revista <i>Bohemia</i>	Alfabetización	12 de novembro de 1961, nº46
Revista <i>Bohemia</i>	Mensaje de los Brigadistas	12 de novembro de 1961, nº46
Revista <i>Bohemia</i>	Melena Del Sur: Primer Municipio 'Libre de Analfabetismo'	12 de novembro de 1961, nº46
Revista <i>Bohemia</i>	¡El Pueblo Siempre Vencera!	12 de novembro de 1961, nº46

Revista <i>Bohemia</i>	Cronica de los tiempos nuevos	12 de noviembre de 1961, nº46
Revista <i>Bohemia</i>	El campamento de Alfabetización 'Raul Castañeda'	12 de noviembre de 1961, nº46
Revista <i>Bohemia</i>	Ahora Hay que hacer el verdadero esfuerzo maximo	19 de noviembre de 1961, nº47
Revista <i>Bohemia</i>	La Alfabetización en Oriente en la recta final	19 de noviembre de 1961, nº47
Revista <i>Bohemia</i>	La Alfabetización vista por Mac Lucas	19 de noviembre de 1961, nº47
Revista <i>Bohemia</i>	Las Brigadas en Palmarito	26 de noviembre de 1961, nº48
Revista <i>Bohemia</i>	Los Alfabetizadores Populares Infantiles	26 de noviembre de 1961, nº48
Revista <i>Bohemia</i>	¡Adelante, Venceremos! Notas de un Brigadista 'Conrado Benítez'	26 de noviembre de 1961, nº48
Revista <i>Bohemia</i>	El Brigadista enseña y aprende	3 de dezembro de 1961, nº49
Revista <i>Bohemia</i>	En la recta final de la Alfabetización	3 de dezembro de 1961, nº49
Revista <i>Bohemia</i>	Repugnante, cobarde y estúpido el asesinato del niño brigadista Manuel Ascunce Domenech	3 de dezembro de 1961, nº49
Revista <i>Bohemia</i>	Acrecentaremos los esfuerzos para defender a la Patria y a la Revolución	3 de dezembro de 1961, nº49
Revista <i>Bohemia</i>	No habrá Pescadores Analfabetos en 1962	3 de dezembro de 1961, nº49
Revista <i>Bohemia</i>	Una Caravana nocturna de Alfabetizadores	3 de dezembro de 1961, nº49
Revista <i>Bohemia</i>	En la Ciénaga de Zapata es heroica la guerra contra el Analfabetismo	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	4 Campamentos de Alfabetización	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	¡Ahora más que nunca hay que estar firmes y no dar ni un paso atras!	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	La Alfabetización en el Escambray	10 de dezembro de 1961, nº50

Revista <i>Bohemia</i>	La voz del brigadista ante la muerte de Manuel Ascunce	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	C.M.Q. Revolucionaria - Territorio Libre de Analfabetismo	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	San Antonio de Los Baños - Territorio Libre de Analfabetismo	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	Habla un Padre Hijos Utiles	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	Todos con Fidel a Saludar a las Brigadas	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	Mensajes de Brigadistas	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>Bohemia</i>	Alfabetización en Cabañas	10 de dezembro de 1961, nº50
Revista <i>INRA</i>	Ahora si hay alegria...	12 de dezembro de 1961, nº12
Revista <i>Bohemia</i>	Mas luz en la Vivienda Campesina: la luz de la enseñanza y la luz del Farol del Brigadista	17 de dezembro de 1961, nº51
Revista <i>Bohemia</i>	Estampas de la Alfabetización	17 de dezembro de 1961, nº51
Revista <i>Bohemia</i>	El Escambray: Territorio Libre de Analfabetismo	17 de dezembro de 1961, nº51
Revista <i>Bohemia</i>	Eternamente jovem, para siempre maestro	17 de dezembro de 1961, nº51
Revista <i>Bohemia</i>	Para siempre su nombre	17 de dezembro de 1961, nº51
Revista <i>Bohemia</i>	El regreso triunfal de las Brigadas Alfabetizadoras	17 de dezembro de 1961, nº51
Revista <i>Bohemia</i>	La Habana, triunfadora - Territorio Libre de Analfabetismo	17 de dezembro de 1961, nº51
Revista <i>Bohemia</i>	En la recta final de la Campaña: el triunfo es del pueblo	17 de dezembro de 1961, nº51
Revista <i>Bohemia</i>	Los brigadistas de la Alfabetización: una generación de vencedores	24 de dezembro de 1961, nº52
Revista <i>Bohemia</i>	Informe al enemigo	24 de dezembro de 1961, nº52

Revista <i>Bohemia</i>	Bohemia, Territorio Libre de Analfabetismo	24 de dezembro de 1961, nº52
Revista <i>Bohemia</i>	Marcha triunfal del ejército de Alfabetización	24 de dezembro de 1961, nº52
Revista <i>Bohemia</i>	Así se forja una nación	24 de dezembro de 1961, nº52
Revista <i>Bohemia</i>	El pueblo de Cuba proclama ante el mundo que Cuba es Territorio Libre de Analfabetismo	31 de dezembro de 1961, nº53

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar essas reportagens foi possível inferir que os meios publicitários atuaram em cada etapa da Campanha de Alfabetização como instrumentos de mobilização moral e ideológica aliados à educação, em uma tentativa de desenvolver um homem consciente de seu papel na sociedade e de sua importância como propulsor dela, mudando de enfoque conforme necessário.

Na primeira etapa da Campanha, os estímulos mobilizadores apresentaram estratégias para que os jovens fossem motivados a aderirem ao movimento e para que seus pais autorizassem suas participações. Na segunda etapa, os estímulos foram para que houvesse uma conduta organizada e idônea dos jovens maestros e de convencimento sobre a importância da alfabetização para que os analfabetos aceitassem a escolarização. Já na última etapa os estímulos centraram-se em demonstrar o trabalho alfabetizador dos professores, colocando-os como exemplo de consciência revolucionária. E em todas as etapas procurou-se sistematizar a alfabetização como processo de conscientização e condição de libertação.

Esse processo formativo instrumentalizado pelos meios publicitários durante as etapas da Campanha de Alfabetização, anos mais tarde, seria elucidado por Che Guevara, quando buscou sistematizar sua teoria sobre o homem novo, como semelhante a outro modelo ideológico, não diferente do usado em Cuba, sobre o processo geral de formação da consciência capitalista em seu estágio inicial. Isto porque, para Guevara (2011b, p.254), “[...] O capitalismo recorre à força, mas também educa as pessoas dentro do sistema”.

Entretanto, o objetivo central desse processo de formação da consciência capitalista, por meio da educação, configura-se na tentativa de perpetuação do sistema de classes, no qual os meios publicitários atuam para sua naturalização e disseminação do pressuposto de que é possível transitar entre as classes por meio do trabalho individual, bem como do esforço e iniciativa de cada um em particular. Processo este que Che Guevara (2011b, p.255) interpretou como “[...] demonstração interessada de que uma mentira é verdade”.

Todavia, naquele momento, para Guevara (2011b), o processo formativo desenvolvido em Cuba mesmo utilizando de instrumentos semelhantes, se distanciava do processo de formação da consciência capitalista:

No nosso caso, a educação direta adquire uma importância muito maior. A explicação é convincente porque é verdadeira: não precisa de subterfúgios. Ela se exerce através do aparato educativo do Estado em função da cultura geral, técnica e ideológica, por meio de organismos como o Ministério da Educação e o aparelho de divulgação do partido. A educação penetra nas massas e a nova atitude preconizada tende a se converter em hábito; a massa vai incorporando-a e pressiona quem ainda não se educou. Essa é a forma indireta de educar as massas, tão poderosa quanto a outra. O processo é consciente: o indivíduo recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não está completamente adequado a ele. Sob influência da pressão que supõe a educação indireta, ele trata de se acomodar a uma situação que sente como justa e cuja própria falta de desenvolvimento o tinha impedido de fazê-lo até agora. Ele se autoeduca (GUEVARA, 2011b, p.255).

Esse movimento de educação direta (oferecida pelo Estado), indireta (força do exemplo) e autoeducação⁷⁰ (força de vontade e disciplina) pode ser identificado nas etapas da Campanha de Alfabetização, tendo a força do exemplo dos professores brigadistas como motor da educação indireta apresentada nos meios publicitários.

⁷⁰ Faz-se importante destacar que o processo autoeducativo em Cuba, naquele período, não estaria associado à força de vontade e disciplina de cada indivíduo para atingir seu sucesso particular, mas, à força de vontade e disciplina de cada indivíduo para buscar dentro de si e trazer à sociedade novas práticas e concepções que atendessem as necessidades da nova sociedade, participando de forma ativa de sua construção e exercendo seu papel enquanto sujeito histórico-social (SILVA, 2012).

O trabalho realizado pelos mesmos na última etapa da Campanha em *Melena del Sur* (primeiro território cubano livre de analfabetismo) foi tomado como exemplo, o que fomentou, em pouco tempo, os resultados de outros municípios como *San Antonio de Los Baños* que, apenas vinte dias depois de *Melena del Sur*, declarou que não havia mais analfabeto em seu território. De seus aproximados 37.000 habitantes tinham se alfabetizado 2.495 cidadãos (AGÜERO, 1961, p.75).

Os resultados em nível nacional, segundo o relatório do Ministro da Educação Armando Hart, apresentado pela Edição de 31 de dezembro de 1961 da Revista *Bohemia*, apontaram conforme o censo realizado pela seção técnica da Campanha que havia em Cuba no *Año de la Educación* 979.207 analfabetos, dos quais até o dia 21 de dezembro de 1961 haviam recebido o certificado de alfabetizado 707.000. Sobre esses números na reportagem foi explicado:

Considerando, de acordo com os relatórios da Junta Central de Planificación, a população de Cuba é, em 1961, 6.933.253 habitantes, e levando em conta que resultaram não alfabetizados por diversas razões 271.000 analfabetos, o índice de analfabetismo em Cuba fica reduzido a 3.9 por cento de sua população total. Isso coloca nosso país entre os países de mais baixo índice (HART, 1961, p.37, tradução nossa⁷¹).

Sobre o índice de 3.9% foi enfatizado:

[...] nesse 3.9 por cento de população analfabeta que ainda existe, tem que considerar a 25.000 haitianos residentes nas zonas agrícolas de Oriente e Camagüey que, por não dominar o idioma espanhol resultaram inalfabetizáveis na Campanha; tem que considerar os impedidos física e mentalmente, e as pessoas que, por sua idade avançada ou deficiente saúde, foram declaradas inalfabetizáveis; com o que se pode dizer que, praticamente, não há analfabetos em Cuba (HART, 1961, p.37, tradução nossa⁷²).

⁷¹ “Considerando, de acuerdo con los informes de la Junta Central de Planificación, que la población de Cuba es, en 1961, 6.933.253 habitantes, y teniendo en cuenta que resultaron no alfabetizados por diversas razones 271.000 analfabetos, el índice de analfabetismo en Cuba queda reducido a 3.9 por ciento de su población total. Ello coloca a nuestro país entre los países de más bajo índice” (HART, 1961, p.37).

⁷² “[...] en ese 3.9 por ciento de población analfabeta que aún existe, hay que considerar a 25.000 haitianos residentes en las zonas agrícolas de Oriente y Camagüey que, por no dominar el idioma español, han resultado inalfabetizables en la Campaña; hay que considerar a los impedidos físicos

A esses dados, a edição do mês de janeiro de 1962 da Revista INRA acrescentou o número detalhado da força alfabetizadora que participou da Campanha, sendo 121.000 alfabetizadores populares; 15.000 brigadistas *Pátria ou Morte*; 100.000 brigadistas *Conrado Benítez* e 35.000 trabalhadores do ensino. Ao todo, aproximadamente 300.000 cubanos participaram de forma direta (CUBA, 1962). De acordo com José Herculano da Silva *et al.* (1986, p.90), esses números representam “[...] a importância que tem a identificação ideológica do povo com os planos do Governo Revolucionário”, e só podem ser compreendidos levando em conta que essa força alfabetizadora realizava seu trabalho sem receber nenhuma remuneração para cumprir com o slogan “*Se sabes: ensina, se não sabes: aprende*”.

Tornou-se comum o anúncio publicitário de que a Revolução havia aplicado três golpes ao imperialismo:

Três golpes de morte que a Revolução Socialista deu no imperialismo: 1. Criação de 15 mil salas de aulas. 2. Campanha de Alfabetização. 3. Plano de Seguimento, que se inaugurará no ano de 1962 (REGO, 1961a, p.39, tradução nossa⁷³).

As ações desencadeadas a partir da Campanha de Alfabetização sobre a educação do povo e o pressuposto de que o conhecimento seria a chave para a libertação plena do homem cubano e, ao mesmo tempo, um dos pilares fundamentais de proteção da Revolução, levaram Fidel Castro a explicitar que Educação e Revolução eram sinônimos: “[...] é que não se concebe uma revolução sem uma grande revolução também no campo da educação. Quer dizer, que revolução e educação são duas coisas quase sinônimas” (CUBA, 1961e, p.113, tradução nossa⁷⁴). E, por isso, em poucos outros aspectos a Revolução teria avançado tanto quanto no campo educacional desde 1959.

y mentales, y a las personas que, por su avanzada edad o deficiente salud, han sido declaradas inalfabetizables; con lo que puede decirse que, prácticamente, no hay analfabetos en Cuba” (HART, 1961, p.37).

⁷³ “Tres golpes de muerte que la Revolución Socialista ha propinado al imperialismo: 1. Creación de 15 mil aulas. 2. Campaña de Alfabetización. 3. Plan de Seguimiento, que se inaugurará en el año 1962 (REGO, 1961a, p.39).

⁷⁴ “[...] es que no se concibe una revolución sin una gran revolución también en el campo de la educación. Es decir, que revolución y educación son dos cosas casi sinónimas” (CUBA, 1961e, p.113).

Cabe ressaltar que o movimento da alfabetização, além de contribuir no que diz respeito à educação de jovens e adultos, também influenciou, nos anos seguintes, na reorganização do sistema de ensino cubano, em especial, na escolarização das crianças em nível primário, para o qual foram contratados aproximadamente 5 mil novos mestros (CUBA, 1961e), prevenindo, dessa forma, novos analfabetos, solidificando o sucesso na alfabetização cubana. Segundo Gillette (1977):

O número global de matrículas nas escolas primárias cresceu em mais de dois terços entre 1957 e 1962, subindo de 737 mil (incluindo os alunos do ensino privado) para 1 milhão e 253 mil, todas junto de escolas públicas. As primeiras matrículas no ensino primário subiram de 185.560 em 1958-1959 para 457.544 em 1962. Por volta de 717.417 alunos em 1958-1959 para 1.652.700 (GILLETTE, 1977, p.44).

Em nível internacional, a Campanha de Alfabetização Cubana ganhou destaque e a própria UNESCO publicou um relatório em 1965 sobre os métodos e meios utilizados em Cuba para eliminar o analfabetismo. Nesse documento, a UNESCO considerou que o sucesso do combate ao analfabetismo em Cuba em 1961 foi efetivo por meio do relacionamento humano que foi desenvolvido nas reações intelectuais, sentimentais e, sobretudo, psicológicas, que surgiram dentro da interação entre professor-aluno (UNESCO, 1965). E, em 1967, no informe publicado em comemoração ao Dia Internacional da Alfabetização (8 de setembro), o Conselho Nacional de Educação de Adultos de Cuba recebeu uma menção de honra pelos esforços realizados no campo da alfabetização:

O Jurado, consciente da necessidade de recompensar, de dar conhecimento e de estimular as numerosas iniciativas e atividades em favor da alfabetização que podem constituir uma fonte de inspiração e de emulação. Igualmente decidiu premiar com menções de honra as seguintes pessoas e instituições: [...] Conselho Nacional de Educação de Adultos de Cuba - Por um dos esforços mais notáveis de mobilização popular em favor da alfabetização que permitiu reduzir de 26 à 3,9 por cento a

porcentagem de analfabetismo do país (UNESCO, 1968, p.78, tradução nossa⁷⁵).

Diante do trabalho realizado e dos resultados obtidos, foi possível considerar que a Campanha de Alfabetização Cubana contribuiu para referendar quatro princípios norteadores, de acordo com o Relatório da Comissão Nacional de Alfabetização divulgado no Congresso Nacional de Alfabetização (CUBA, 1961e):

- O analfabetismo é um fenômeno social e necessita ser combatido em âmbito governamental, educacional e individual;
- O êxito de uma Campanha de Alfabetização é uma questão político-social e não de método alfabetizador;
- Uma Campanha de Alfabetização precisa de povo que alfabetize e instrumentos formativos que lhe possibilitem competência técnica e compromisso político e;
- Que todo professor ao mesmo tempo em que ensina também aprende o que ressalta a importância da humildade pedagógica.

E, além desses princípios divulgados pelo Congresso Nacional de Alfabetização, pode-se acrescentar um quinto princípio:

- O valor da alfabetização e do autoeducar-se na formação da identidade de um povo e da sua autoestima.

Em nossa perspectiva de análise somos anuentes com o pressuposto elucidado no Congresso Nacional de Alfabetização em Cuba no ano de 1961 sobre o problema do analfabetismo:

⁷⁵ “El Jurado, consciente de la necesidad de recompensar, de dar a conocer y de estimular las numerosas iniciativas y actividades en favor de la alfabetización que pueden constituir una fuente de inspiración y de emulación. Ha decidido igualmente adjudicar menciones de honor a las siguientes personas e instituciones: [...] Consejo Nacional de Educación de Adultos de Cuba - Por uno de los esfuerzos más notables de movilización popular en favor de la alfabetización que ha permitido reducir del 26 al 3,9 por ciento el porcentaje de analfabetismo del país” (UNESCO, 1968, p.78).

[...] não há organização escolar nem estrutura docente capaz de resolver esse problema; só uma estrutura política de massas pode afrontá-lo e unicamente quando os analfabetos e os alfabetizadores têm a compreensão de que realizam uma tarefa de grande importância para o seu desenvolvimento político, social e econômico, é que pode levar a cabo o trabalho que tende aniquilar o analfabetismo (CUBA, 1961e, p.11, tradução nossa⁷⁶).

Faz-se importante ressaltar o papel da Campanha na luta política, já que uma decisiva batalha foi travada em torno dos analfabetos residentes nas zonas rurais. Essa população foi alvo de intensa propaganda contrarrevolucionária; a Campanha, através da ação dos brigadistas, foi fundamental no sentido de “ganhar” a adesão desta população, revertendo, assim, a correlação de forças em favor do projeto revolucionário. A Campanha de Alfabetização, então, buscava construir uma hegemonia para o processo revolucionário: tratava-se da questão da organização da sociedade, dado que o próprio decorrer da Campanha constituiu um momento de estímulo à criação de novas instituições da sociedade civil, bem como ao fortalecimento de instituições já existentes.

Nesses termos, naquele período, Cuba demonstrou que erradicar o analfabetismo é uma tarefa árdua e complexa, mas, possível quando articulada ao significado da alfabetização enquanto instrumento de conscientização e humanização.

⁷⁶ [...] No hay organización escolar ni estructura docente capaz de resolver este problema; sólo una estructura política de masas puede afrontarla y únicamente cuando los analfabetos y los alfabetizadores tienen la comprensión de que realizan una tarea de gran importancia para su desarrollo político, social y económico, es que puede llevarse a cabo el trabajo tendiente a aniquilar el analfabetismo (CUBA, 1961e, p.11).

4. A CONTRIBUIÇÃO DA CARTILHA VENCEREMOS NA FORMAÇÃO DO “HOMEM DO FUTURO”

A alfabetização em Cuba, especialmente no ano de 1961, foi sistematizada mediante ação direta do Estado como princípio de conscientização. Tal princípio foi amplamente divulgado pelos materiais didáticos pedagógicos da Campanha e meios publicitários, e o povo passou a ser protagonista, naquele momento, do processo alfabetizador na Ilha.

Os resultados quantitativos da Campanha, apontados no capítulo anterior, comprovam a adesão desse princípio pela população, de modo singular pelos professores brigadistas, como também, a participação ativa dos mesmos para que fosse consolidado o objetivo de formar um homem que soubesse fazer uso do sistema de escrita alfabética, mas, ao mesmo tempo, fosse culto, livre e miliciano, ou seja, que desenvolvesse em si características que quatro anos mais tarde seriam apontadas como essenciais do projeto de formação do homem novo.

O êxito da participação coletiva na Campanha de Alfabetização Cubana permite inferir que o reconhecimento da situação de exploração pode motivar a busca pela emancipação, ou seja, o desejo de emancipação só nasce do reconhecimento e identificação de que se é explorado e das causas dessa exploração. Isso porque, em Cuba, a situação de exploração vivenciada desde a colonização, mas, intensificada na condição de neocolônia americana, com a ditadura de Fulgencio Batista, discutida nos capítulos anteriores, ao ser reconhecida como possível causa do cenário de precariedade na saúde, miséria e deficiência educacional motivou a população a adotar o projeto da Campanha, sobretudo, após o ataque militar imperialista em Girón e a ofensiva do bloqueio econômico.

Essa participação coletiva gerou ações práticas, articuladas entre povo e Estado, que buscaram resolver os problemas imediatos, mas também ações que tentaram recuperar o direito cubano de gerir e construir o seu próprio destino.

Entre essas ações destaca-se a sistematização da educação operária e camponesa que comportava três ciclos, os quais ocorreram de forma simultânea entre os anos de 1962 e 1964.

O primeiro ciclo era destinado aos adultos recém alfabetizados pela Campanha, denominado de Plano de Seguimento. Esse ciclo aproximava-se dos estudos do ensino primário e era constituído por dois cursos com dois níveis cada um, sendo percorrido em quatro anos no total.

O segundo ciclo, correspondia a um curso acelerado de um ano e recebeu o título de Superação Obreira, era voltado para a população que já era alfabetizada antes do início da Campanha, mas, não havia continuado seus estudos.

O terceiro ciclo atendia às formações técnicas e direcionava-se para os alunos que terminassem a Superação Obreira. Para atender essas formações técnicas foram criadas Faculdades Obreiras.

Destacam-se dentre essas ações práticas realizadas para superar os problemas imediatos, aquelas que se voltavam para a continuidade dos estudos dos jovens maestros que haviam participado da Campanha de Alfabetização e que, vale lembrar, tinham entre 12 a 16 anos de idade.

Os mais novos de 12 a 15 anos podiam cursar os centros juvenis (externato) e as escolas-oficiais (internato) que estavam ligados aos centros de trabalho. Já os mais velhos, de 16 anos, foram destinados às *Escuelas para Maestros Primarios*, para iniciarem uma formação pedagógica com duração de 5 anos.

Em meio ao processo de transição do modo de produção capitalista para o almejado socialismo, dentro dos limites econômicos e sociais, buscou-se formar o homem novo em uma articulação entre Revolução e alfabetização. É importante destacar que o processo educacional, por meio da Cartilha traçou um modelo de homem ideal a ser formado, de modo a atender, em especial, ao homem do campo, mas também o da cidade, que conforme as suas limitações deveria ser desenvolvido integralmente. Interessa saber como a Cartilha expressa os fundamentos de tal formação.

4.1. A Gênese da Formação do Homem do Futuro: O Trabalho Como Princípio Educativo

O homem desenvolvido integralmente foi denominado no projeto antropológico cubano, inicialmente, por homem do futuro e, em 1965, declarado por Che Guevara como homem novo ou homem revolucionário, o homem para o século XXI.

A gênese dessa formação estava na ênfase da alfabetização como processo de conscientização, porque já se pretendia em 1961, para consolidar a Revolução, formar um homem capaz de atuar conscientemente na nova realidade que se objetivava.

Para tanto, era necessário que o homem do futuro assumisse o dever social de atuar como mestre e aprendiz, sendo essa a consciência revolucionária, aquela que partiria do indivíduo para o coletivo, que resgataria a dignidade e criaria a identidade social revolucionária.

Os jovens maestros podem ser tomados como exemplo prático desse pressuposto. Ao mesmo tempo em que se apropriavam dos ideais revolucionários, ao ensinar a ler e escrever transmitiam-nos, por meio das lições da Cartilha *¡Venceremos!*, a qual tinha como principal recurso mediador as instruções do Manual *Alfabetícemos*. Pode-se afirmar que em um movimento dialético ensinavam, apropriando-se teoricamente dos novos princípios que deveriam gerir o novo projeto de sociedade. E, ao tentar colocá-los em prática, segundo Murphy e Cairo (2014):

Aprendiam de onde vinha o café que haviam tomado desde crianças todas as manhãs, como se lavar no rio, que difícil é manejar o machado para derrubar um pedaço de pau do mato. E quase sem perceber, aprendiam outras coisas mais sutis que lhes duraria toda a vida. A mais importante é que aprendiam a ser homens e mulheres de outra maneira (MURPHY; CAIRO, 2014, p.6, tradução nossa⁷⁷).

⁷⁷ "Aprendían de dónde viene el café que se habían tomado desde niños todas las mañanas, cómo se lava en los ríos, qué difícil de manejar es el hacha para tumbiar un palo del monte. Y casi sin percatarse, aprendían otras cosas más sutiles que les durarían para toda la vida. La más

O esforço individual dos professores brigadistas para apropriar-se e tentar objetivar uma nova prática social foi generalizado para o coletivo por meio dos meios publicitários, especialmente, na terceira etapa da Campanha, o que fez deles força mobilizadora à construção de um modelo de homem ideal.

Para isso, era necessário que os meios formativos da cultura e da arte delineassem as características do homem que deveria ser formado, forjando dia a dia sua identidade. Era fundamental incentivar nesse homem sua participação individual e coletiva em todos os mecanismos de direção e produção, de forma articulada à necessidade da educação técnica e ideológica. Desse modo, seria alcançada, por esse homem, uma consciência coletiva que, por sua vez, era divulgada pelos líderes revolucionários como a plena consciência de seu ser social, sua humanização e libertação da alienação (GUEVARA, 1965).

A formação integral do homem do futuro, para os líderes da Revolução, permitiria que a particularidade singular do homem cubano atingisse a universalidade do gênero humano, possibilitando a formação de uma nova consciência e a unificação entre estudo e trabalho, categorias fundamentais para tal realização. Essa transformação do homem, pretendida em Cuba, poderia aproximar esse homem da elevação do ser-em-si para o ser-para-si elucidado por Lukács (2013), o qual argumentou ser a conscientização fator preponderante para a realização da unidade existente para si do gênero humano; ele, porém, só consegue produzir o em-si do gênero humano – isso certamente por necessidade –, cuja transformação e elevação a ser-para-si só pode efetivar-se como ato consciente do próprio homem (LUKÁCS, 2013, p.147).

O ser-para-si em Lukács (2013) seria aquele que superaria as ações práticas de finalidade imediatas de forma consciente, e seria capaz de ter ações que possibilitariam a conservação e elevação a patamares cada vez maiores da espécie humana, desenvolvendo assim a esfera do ser social. Somente a capacidade de superar o imediatismo consolidaria esse homem, que por sua vez só seria atingida por meio da conscientização. Sobre o processo formativo da conscientização, na perspectiva de Tertulian (2008):

importante es que aprendían a ser hombres y mujeres de otra manera” (MURPHY; CAIRO, 2014, p.6).

Lukács afirmará que a maioria das ideologias são colocadas a serviço da conservação e do desenvolvimento da espécie humana em si, orientadas para resolver os problemas concretos atuais (ou ainda, como dirá outras vezes, destinadas a responder exclusivamente às 'exigências do dia', 'der Forderung des Tages'). Somente a grande filosofia e a grande arte (ao lado das condutas exemplares de alguns homens de ação inscritas na memória da humanidade) se erguem até aquela altura onde se encontra engajado o destino do homem como homo humanus de onde a existência humana é vista em sua dimensão essencial, isto é, como afirmação do princípio de liberdade (TERTULIAN, 2008, p.265).

Nesse sentido, seria a formação ética, filosófica e artística do homem que o faria atingir seu desenvolvimento enquanto gênero humano para-si, ou seja, sua formação integral, e essa formação integral deveria ser articulada ao trabalho, rompendo com o processo de divisão do mesmo, ou seja, de saber fazer e repensar sua prática. No entanto, cabe dizer que as discussões da formação do homem em sua integralidade não se originaram em Lukács, assim como os debates que envolviam a necessidade de unificar o estudo ao trabalho também não se originaram em Che Guevara. Segundo Mario Alighiero Manacorda (2011) em *Marx e a formação do homem*, essas discussões sobre ensino, trabalho e formação integral podem ser percebidas em algumas iniciativas de cunho liberal-democrático, como também jacobino.

Entretanto, foi em Marx que essas discussões ganharam novas conclusões, corpo teórico mais aprofundado e tornaram-se um projeto de sociedade. A prática do trabalho como princípio educativo, atrelada a uma formação intelectual, aos exercícios corporais e a uma formação politécnica (teórico-prática), não no sentido de desenvolver no homem habilidades laborais industriais, mas, habilidades laborais, comunicativas e sociais que o capacitassem a atuar no seu local de trabalho e em todas as esferas da sociedade, formaria um novo homem, o homem completo, emancipado e livre da alienação. Um homem que superaria a divisão social do trabalho e resgataria em si sua humanidade. Isso porque, para Marx (2004, p.110): “[...] a objetivação da essência humana tanto do ponto vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer humanos os sentidos do homem quanto para criar sentido humano correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural”.

Em agosto de 1866, Marx redigiu algumas instruções aos delegados de seu partido que participariam do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, nelas explicita o que entendia por educação:

Por educação entendemos três coisas: Primeiramente: *Educação mental*. Segundo: *Educação física*, tal como é dada em escolas de ginástica e pelo exercício militar. Terceiro: *Instrução tecnológica*, que transmite os princípios gerais de todos os processos de produção e, simultaneamente, inicia a criança e o jovem no uso prático e manejo dos instrumentos elementares de todos os ofícios. Um curso gradual e progressivo de instrução mental, gímnica e tecnológica deve corresponder à classificação dos trabalhadores jovens. Os custos das escolas tecnológicas deveriam ser em parte pagos pela venda dos seus produtos. A combinação de trabalho produtivo pago, educação mental, exercício físico e instrução politécnica, elevará a classe operária bastante acima do nível das classes superior e média (MARX, 1866, on-line).

Para que tal formação se concretizasse, seria necessário construir circunstâncias materiais humanizadas, tendo em vista que ao mesmo tempo em que a sociedade produz o homem, ela também é produzida por ele.

As lições da Cartilha *¡Venceremos!* explicavam ao aluno camponês no que Cuba iria se transformar com a Revolução tanto na cidade quanto no campo, apontavam para um novo modelo de educação que se pretendia construir. O trabalho configurava-se em instrumento fundamental desse modelo educacional.

A cartilha procurava conscientizar o alfabetizando que cada cubano, sendo ele operário ou camponês, dentro de sua própria realidade, deveria assumir o seu papel social. Por isso, de maneira simples, trazia lições que ora destacavam o trabalho rural ora o urbano, articulado à importância da industrialização para a modernização do país.

É possível que a proposta de formação integral do camponês, nesse caso, perpassasse pelo ideal de possibilitar uma melhor compreensão do mundo a sua volta, além dos limites da alfabetização rudimentar reduzida ao ensino da leitura e escrita.

A formação expressa na Cartilha *¡Venceremos!*, ao tratar sobre o trabalho do campo, direcionava-o como meio de alcançar a dignidade humana, como se pode verificar nas imagens:

Figura 31 - Lições da Cartilha *¡Venceremos!* INRA e Las Cooperativas de La Reforma Agraria



Fonte: CUBA, 1961a, p.16.



Fonte: CUBA, 1961a, p.6.

As imagens eram as aberturas da segunda e terceira lição do material didático *¡Venceremos!*, denominadas: Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) e Las Cooperativas de La Reforma Agraria. Representavam como a Reforma Agrária e o trabalho em conjunto nas cooperativas estariam recuperando a integridade do camponês e sua autoestima, fato demonstrado pela expressão de alegria dos trabalhadores rurais com seus instrumentos de trabalho e a ideia de prosperidade futura implícita pela imagem das crianças apreciando, ou seja, aprendendo o trabalho do campo com o adulto e da lavoura bem cultivada com casas ao fundo.

Nessas lições, segundo as instruções do manual *Alfabeticemos*, deveria ser discutido que a lei da Reforma Agrária promulgada em maio de 1959 restituiu a posse da terra que era de direito aos camponeses, proporcionando que eles criassem as cooperativas para cultivá-la. Até aquele momento a agricultura do

país fundamentava-se pelo sistema de latifúndio, o qual fazia com que aproximadamente “[...] 57% da terra estavam em mãos de 3% dos proprietários, enquanto 78,5% (cerca de 126 mil ocupantes com menos de 5 hectares de terra) possuíam só 15%; e 40% deles em condição de arrendatários, subarrendatários, parceiros ou precaristas” (PAZ, 2011, 74). Desse cenário foi gerada uma sociedade rural, atrasada técnica e cientificamente, de camponeses assalariados e ou desempregados, que não reconheciam o valor do seu trabalho. Nesse sentido, o Manual *Alfabeticemos* enfatizava: “o latifúndio era a causa do atraso de nossa agricultura e da miséria de nossos campesinos” (CUBA, 1961b, p.25, tradução nossa⁷⁸).

O verbo estava no passado porque ao restituir para o camponês a posse de sua terra, a lei da Reforma Agrária havia colocado fim no sistema de latifúndio que tantos danos tinha causado para o povo e à economia nacional. Mas agora o trabalhador rural poderia produzir mais e melhor, usufruindo do fruto do seu trabalho, porque as cooperativas “criaram melhores condições de vida, permitiram aumentar a produção e eliminaram para sempre a exploração do trabalho camponês” (CUBA, 1961b, p.30, tradução nossa⁷⁹). Essas medidas atendiam aos interesses da sociedade em geral, não apenas a rural, tendo em vista que poderiam dar à economia parte do impulso necessário para que as bases do futuro desenvolvimento industrial pretendido se concretizassem.

Desse modo, as imagens simbolizavam como o trabalho em conjunto estaria construindo circunstâncias materiais humanizadas e contribuindo para que os camponeses superassem as sequelas das relações de exploração, subordinação e exclusão vivenciadas até então devido ao sistema de latifúndios. Relações essas que Antonio García (1986) denominou: *Constelação latifundiária*⁸⁰.

⁷⁸ “el latifundio era la causa del atraso de nuestra agricultura y de la miseria de nuestros campesinos” (CUBA, 1961b, p.25).

⁷⁹ “han creado mejores condiciones de vida, han permitido aumentar la producción agrícola y han eliminado para siempre la explotación del trabajo campesino” (CUBA, 1961b, p.30).

⁸⁰ Para García (1986) uma Constelação Latifundiária seriam estruturas agrárias, que teriam como objetivo central a propriedade da terra e dos meios de produção, possuíam sistema econômico próprio e estabeleciam relações de poder e domínio social em regiões de periferia camponesa “[...] fundamentada no monopólio seletivo e extensivo sobre a terra agrícola (terra, água e bosque) e

Ou seja, é possível que na busca em formar um homem ideal, o que exigia uma mudança de mentalidade em relação ao trabalho, procurou-se nas lições da Cartilha, demonstrar ao camponês que, por meio do trabalho, ele poderia construir e se apropriar de um mundo mais humanizado, retornando assim para sua essência enquanto ser social.

A Cartilha *¡Venceremos!*, ao ilustrar o trabalho como um instrumento essencial de humanização, pode ter se aproximado do que Marx (2004) pontuou sobre a omnilateralidade. A apropriação da essência omnilateral, para Marx, se dá “de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total” (MARX, 2004, p.108). Desse modo, a categoria fundamental para a formação desse homem, “[...] cujas faculdades são desenvolvidas em todos os sentidos e que estão à altura de possuir uma clara visão de todo o sistema de produção” (MARX; ENGELS, 1978, p.109), seria o trabalho produtivo articulado nas relações entre educação e sociedade, o que enobrecia esse homem.

Nesse ínterim, tornou-se importante buscar identificar como o trabalho produtivo era retratado no material didático pedagógico de Matemática, *Producir-Ahorrar-Organizar*, também elaborado para a formação do camponês durante a Campanha de Alfabetização de Cuba:

Figura 32 - Lição da Cartilha Producir-Ahorrar-Organizar



Fonte: CUBA, 1961c, p.13.

A imagem do material para a alfabetização matemática estava relacionada ao tema: *La safra del Pueblo* e demonstrava de forma figurada os trabalhadores camponeses exercendo suas funções em conjunto, de maneira alegre, o que elucidava que era possível gostar do trabalho quando o mesmo era praticado de forma consciente de seu valor, pois traria motivação e satisfação, por isso, a expressão dos trabalhadores animados e de cabeça erguida, sem qualquer indício de cansaço ou dor (ROSA, 2019).

O título da lição permitia a compreensão de que o fruto do trabalho quando realizado de modo livre, ou seja, voluntário, que parte da vontade interior do homem, sem a conotação de obrigação e atividade penosa, retorna ao homem.

A imagem fomentava o pressuposto de que o resultado do trabalho produtivo caracterizava prosperidade, representada pelos caminhões lotados e outros já no percurso do seu destino, reforçando a ideia de que o trabalho produtivo restabelece a autoestima, multiplica a riqueza e as oportunidades, reiterando, dessa forma, o pressuposto de que a relação entre teoria e prática, era

essencial para o processo de emancipação do homem cubano: “[...] não é só no pensar, portanto, mas com todos os sentidos o homem é afirmado no mundo objetivo” (MARX, 2004, p.110).

Assim, a riqueza intelectual dos homens, sua consciência, dependeria da multiplicidade e qualidade de suas relações reais. Nesse sentido, em meio às suas relações objetivas, ou seja, em meio à sua prática social do trabalho produtivo, o homem era estimulado a apreciar as artes, trocar amor por amor e agir de forma estimulante e encorajadora sobre os outros:

Pressupondo o homem enquanto homem e seu comportamento com o mundo enquanto um [comportamento] humano, tu só podes trocar amor por amor, confiança por confiança etc. Se tu quiseres fruir da arte, tens de ser uma pessoa artisticamente cultivada; se queres exercer influência sobre os outros seres humanos, tu tens de ser um ser humano que atue efetivamente sobre os outros de modo estimulante e encorajador. Cada uma das tuas relações com o homem e com a natureza - tem de ser exteriorização (Äusserung) determinada de tua vida individual efetiva correspondente ao objeto da tua vontade (MARX, 2004, p.161).

Desse modo, pode-se considerar que a gênese do homem do futuro em Cuba tem uma semelhança com o homem omnilateral marxista, como um “irmão gêmeo” (HUTEAU; LAUTREY, 1976), uma formação do homem completo por meio do trabalho enquanto objetivação humana e sua articulação ao ensino.

Autores como Michel Huteau e Jacques Lautrey (1976) e Maria do Carmo Luiz Caldas Leite (2011a) explicitaram sobre essa perspectiva. Para Leite (2011a), Guevara se fundamentou em Marx quando buscou justificar a necessidade de formar um homem do futuro que fosse capaz de produzir, sem vender-se como mercadoria, mediante um processo de autoeducação, como também no pressuposto de José Martí: *ser culto é o único modo de ser livre*. Para a autora, foram as elaborações teóricas desses autores com os ideais do movimento 26 de julho (explícitos no documento de defesa de Fidel Castro, a História me Absolverá) que nortearam “[...] o sistema orientado ao trabalho como princípio educativo, desde 1959” (LEITE, 2011, p.285).

Já Huteau e Lautrey (1976) argumentaram que o projeto antropológico cubano de formação do homem do futuro seria irmão gêmeo do que Marx

denominava de homem integral ou omnilateral, ao levar em consideração de que seria a prática do trabalho produtivo e ou voluntário, sua formação intelectual (naquele momento expresso na alfabetização), ideológica, política, cultural e física que lhe permitiria ser consciente. Ou seja, o homem do futuro cubano apresentava características semelhantes às do homem proposto por Marx, semelhanças suficientes para confundi-los; no entanto, suas particularidades os tornavam únicos, porque cada um tinha uma identidade própria devido aos aspectos culturais, políticos e sociais derivados de tempo e espaços diferentes.

O trabalho, no processo formativo desenvolvido na Campanha de Alfabetização, assim como em Marx, adquiriu característica de uma atividade vital e transformadora do homem, quando praticado de forma voluntária e consciente. O fim da divisão entre trabalho manual e intelectual atrelado à formação integral do homem cubano, que se constituía em aliar “[...] em cada indivíduo aspectos de formação até agora destinados a indivíduos diferentes, de certa maneira especializados” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p.196), faria com que pouco a pouco a libertação da ideia de que o trabalho era uma atividade obrigatória e penosa ocorresse, fazendo com que o povo começasse a se reconhecer no produto de seu trabalho, compreendendo assim a sua importância social.

4.1.1. A Categoria Trabalho Na Cartilha: Superando a Dualidade

O pressuposto da formação para romper com a divisão do trabalho, enquanto agente de transformação, mesmo sendo intensificado somente no período da Campanha de Alfabetização, quando colocou os professores brigadistas como modelo a ser seguido nessa superação, foi idealizado já nos primeiros meses após a derrubada de Batista. Em reunião com camponeses em Baracoa no dia 26 de junho de 1959, Castro argumentou sobre:

Não existe nenhuma ideia de hoje que não tenha as suas origens nas ideias que as precederam e que, em última análise, não sejam a evolução conseqüente de determinadas ideias anteriores. E há uma ideia que não é nova - uma ideia marxista, uma ideia martiana - a combinação do estudo e do trabalho. Não ensinar apenas a ler e escrever: ensinar a trabalhar e a servir os outros.

Que aprendam estudando e trabalhando, para que percebam as coisas. Há pessoas que nunca na sua vida suaram a camisa e não podem de repente compreender a realidade (CASTRO, 1976).

Desse modo, mesmo antes de declarar o caráter socialista da Revolução, Fidel Castro articulou algumas ideias marxistas aos pressupostos de Martí, apesar de José Martí⁸¹ não ser um marxista, para fundamentar algumas ações do novo governo. Ao dar a entender que a ideia de unir estudo e trabalho em Cuba poderia ser uma “*evolução conseqüente de determinadas ideias anteriores*”, o até então Primeiro Ministro Cubano mostrou-se ousado, característica de sua personalidade. Mas de fato tentou-se, a partir daquele momento, fazer do trabalho o grande pedagogo da juventude cubana.

Nesse sentido, foram elaboradas lições para a Cartilha *¡Venceremos!* que abordavam a importância da prática do trabalho voluntário e do ensino. Na lição “*El pueblo trabaja*” (CUBA, 1961a, p.87), lição que apesar de ser proposta para o camponês em período de alfabetização, destinava-se à população em geral: camponeses, operários e professores, era explicado que os trabalhadores em geral deveriam trabalhar pensando no coletivo, porque eram eles que produziam e permitiam o crescimento da indústria. Por isso, cada trabalhador deveria exercer três deveres: *producir, ahorrar e organizarse* (produzir, economizar e organizar-se). Produzir mais e melhor, ou seja, aumentar a produtividade e melhorar a qualidade dos produtos produzidos nas poucas indústrias que existiam para que o Estado pudesse investir a riqueza produzida na criação de novas indústrias;

⁸¹ Cabe explicar que José Martí resistia à ideia de luta entre classes, difundida por Marx. Martí chegou a explicitar que se espantava com o pressuposto de lançar homens contra homens. Entretanto Martí, assim como Marx, também reprimia o fato de homens tirarem proveito de outros homens. Para Leite (2021b), Martí, mesmo distanciando-se da premissa de luta entre classes, inaugurou a receptividade da obra de Marx na América Latina por ser uma opção aos menos favorecidos. Alguns dias após a morte de Marx, em 14 de março de 1883, Martí discursou: “Ved esta gran sala; Karl Marx ha muerto. Como se puso del lado de los débiles, merece honor... Ved esta sala: la preside, rodeado de hojas verdes, el retrato de aquel reformador ardiente, reunidor de hombres de diversos pueblos, y organizador incansable y pujante. La Internacional fue su obra: vienen a honrarlo hombres de todas las naciones. La multitud, que es de bravos braceros, cuya vista entenece y conforta, enseña más músculos que alhajas, y más caras honradas que paños sedosos. Karl Marx estudió los modos de asentar al mundo sobre nuevas bases, y despertó a los dormidos, y les enseñó el modo de echar a tierra los puntales rotos... Aquí están buenos amigos de Karl Marx, que no fue sólo movedor titánico de las cóleras de los trabajadores europeos, sino veedor profundo en la razón de las miserias humanas, y en los destinos de los hombres, y hombre comido del ansia de hacer bien. El veía en todo, lo que en sí propio llevaba: rebeldía, camino a lo alto, lucha (MARTÍ, 1883, on-line).

economizar no momento de utilizar as matérias-primas, evitando assim gastos desnecessários e organizar-se por meio do estudo, para dirigir melhor a indústria, a agricultura e a economia do país, fazendo cumprir os ideais da Revolução.

Nessa lição, fica claro que a Cartilha *¡Venceremos!* fora pensada sobre princípios que norteavam não só a alfabetização em seus primeiros estágios, mas a formação como um todo.

O texto “*La Revolución gana todas las batallas*” (CUBA, 1961a, p.81), outra lição da Cartilha *¡Venceremos!* que chama a atenção para a articulação do trabalho ao ensino, tinha a seguinte imagem de abertura:

Figura 33 - *La Revolución gana todas las batallas*



Fonte: CUBA, 1961a, p.86.

A pá representava o trabalho do campo e a riqueza da nação; o rifle, a Revolução - meio mediador para recuperar a dignidade do trabalho enquanto objetivação da essência humana - e *¡Venceremos!*, o ensino, que proporcionaria o desenvolvimento teórico e prático do homem cubano e contribuiria para eliminar manifestações de um passado alienado que projetava no homem um caráter unilateral, somente no sentido da realização imediata, de possuir e apenas ter (MARX, 2004). A pá, o rifle e *¡Venceremos!* representavam, dessa forma, os instrumentos fundamentais da libertação do domínio estrangeiro e o retorno para

as mãos do povo trabalhador das riquezas produzidas pelo trabalho (ROSA, 2019).

Nas instruções do Manual *Alfabeticemos*, para o trabalho com essa lição, era visível a tentativa de conscientizar de que seria por meio do trabalho e do ensino que a Revolução superaria as batalhas que o movimento contrarrevolucionário havia imposto à Ilha. No tema XVIII do Manual, essas batalhas foram mencionadas como a supressão de aproximadamente um milhão de toneladas de açúcar do mercado norte-americano, a negação por parte das refinarias petrolíferas em refinar o petróleo que Cuba havia comprado da União Soviética ao mesmo tempo em que os Estados Unidos não autorizou a venda desse combustível para o país, o bloqueio econômico e uma possível invasão do território nacional. Nesse sentido, a pá, o rifle e *¡Venceremos!* simbolizavam “a atitude firme e decidida de nosso povo de resistir a todas as agressões que nos fazem, Venceremos!” (CUBA, 1961b, p.67, tradução nossa⁸²).

De maneira prática, pode-se afirmar que os professores brigadistas foram colocados como exemplo ao camponês na Cartilha *¡Venceremos!*, desse processo formativo que buscava uma mudança de mentalidade em relação ao trabalho. Como pode ser verificado na imagem a seguir:

⁸² “la actitud firme y decidida de nuestro pueblo de resistir todas las agresiones que se nos hagan, *¡Venceremos!*” (CUBA, 1961b, p.67).

Figura 34 - Lição da Cartilha *¡Venceremos! La Tierra*



Fonte: CUBA, 1961a, p.28.

A imagem que abria as discussões da lição *La Tierra*, da Cartilha *¡Venceremos!*, demonstrava o caráter pedagógico da prática do trabalho voluntário, o que exercia influência ao ser visto como inspiração de conduta pelas crianças. Com essa prática, o professor estaria exercendo sua função formadora de, pelo exemplo, incentivar o outro a fazer o mesmo. Essa educação pelo exemplo contribuía, nesse sentido, para a mudança de paradigma necessária, naquele momento, sobre o trabalho. Formava desde a tenra idade a consciência de que o trabalho deveria ser exercido como contribuição pessoal, mas sobretudo social, como obrigação moral e política para com a Pátria enquanto sinônimo de humanidade.

Nessa lição, as discussões sobre a Reforma Agrária deveriam ser retomadas, de acordo com as instruções do Manual *Alfabetecemos*. Nessas discussões, deveria ser acrescentada a ideia de que, com o cultivo dos camponeses, a terra cubana tornava-se rica e que a Revolução configurava-se em: liberdade, trabalho, terra, escola e respeito pela luta de quem trabalhava. Por isso, era fundamental que todos contribuíssem para as transformações que

estavam ocorrendo no país (CUBA, 1961b), assim como os professores brigadistas.

Cabe acrescentar que, para além do que expressava a Cartilha *¡Venceremos!* sobre o carácter pedagógico do trabalho, a própria conduta dos professores brigadistas ao realizarem, junto aos camponeses as tarefas do campo, na construção de banheiros, poços e em conjunto com a área da saúde ao detectarem problemas visuais em uma grande quantidade de camponeses, demonstrava-lhes a união entre ensino e trabalho voluntário (formação prática) permitindo-lhes vivenciar o potencial emancipador do trabalho, ou seja, o retorno à sua atividade genuína.

Tal conduta permite elucidar o trabalho como quesito fundamental da ontologia do ser social e a conscientização como produto do mesmo, uma vez que ao transformar e dominar a natureza, por meio do trabalho, o homem transforma a si mesmo, humaniza-se, produz-se, desenvolve-se intelectualmente e aperfeiçoa-se. O trabalho, portanto, quando não visto apenas enquanto emprego, torna-se o fio condutor e o alicerce de um homem do futuro, como também de uma nova forma de compreender e fazer história (FRIGOTTO, CIAVATTA; RAMOS, 2005).

É possível que se pretendia demonstrar ao camponês, a partir da lição *La Tierra* da Cartilha *¡Venceremos!* e da conduta dos professores, que o trabalho enquanto princípio educativo fez com que o homem cubano, nesse caso o professor voluntário, desenvolvesse a si mesmo, tornando-se ele próprio o homem do futuro, portanto, um exemplo a ser seguido. O trabalho do professor alfabetizador, dessa maneira, não foi tomado como um meio para se atingir um fim, mas, como “[...] um fim em si mesmo, a expressão significativa da energia humana [...]” (FROMM, 1983, p.48).

De acordo com Gillette (1977), se o objetivo era formar um homem oposto ao homem alienado, uma forma revolucionária de atingir esse objetivo seria a conscientização sobre a importância desse modelo formativo do trabalho como combinação de percepção, consciência, integridade e compromisso. Por isso, os professores brigadistas foram tomados como exemplos mobilizadores dessa conscientização, pelos meios publicitários.

A Edição de 22 de outubro do ano de 1961 da Revista *Bohemia* recebeu o tema “*El Cubano del mañana*”. Na primeira página da Revista, foi redigida uma nota explicativa que dizia que a edição daquela semana seria dedicada aos jovens rebeldes do acampamento *Patricio Lumumba*, localizado no coração de *Sierra Maestra*. A justificativa dada pela Revista foi que os jovens desse acampamento seriam homenageados devido ao esforço e compromisso que tinham para estudar e trabalhar na terra, inaugurando o que seria o homem cubano do futuro próximo:

A capa, o verso e a contracapa de BOHEMIA serão dedicadas esta semana ao acampamento ‘Patricio Lumumba’, de Jovens Rebeldes. No coração de Sierra Maestra, a câmara de Gilberto Ante captou cenas de um relevo natural e revolucionário incomparável. Moços de Cuba, inaugurando o que será amanhã o povo de Fidel Castro: uma comunidade de máxima estatura nas Américas, marcham através dos rios, vivem ao ar livre, estudam e trabalham na terra: se preparam, em suma, para serem melhores e maiores que seus pais; para fazer uma pátria mais feliz e exemplar. Para trás deixaram a vida de primavera ou insignificante, o obtuso egoísmo e as limitações morais de um passado abafado. O cubano de amanhã vive no esforço indomável, na luta com a natureza e contra a escravidão humana. Crescendo ele mesmo faz seu país vencer (BOHEMIA, 1961b, p.1, tradução nossa⁸³).

Na nota explicativa, ao denominar os jovens rebeldes (professores brigadistas) como o homem de amanhã, colocou-os em uma posição de referencial de como o trabalho voluntário formava o homem do futuro. O trabalho como princípio educativo e a formação politécnica dos professores pode-se verificar ao discorrer que os jovens “marcham através dos rios, vivem ao ar livre, estudam e trabalham na terra”.

⁸³ “La portada, el reverso y la contraportada de BOHEMIA van dedicadas esta semana al campamento ‘Patricio Lumumba’, de los Jóvenes Rebeldes. En el corazón de la Sierra Maestra, la cámara de Gilberto Ante ha captado escenas de sin igual relieve natural y revolucionario. Mozos de Cuba, inaugurando lo que será en el mañana el pueblo de Fidel Castro: una comunidad de máxima estatura en las Américas, marchan a través de los ríos, viven a la intemperie, estudian y trabajan la tierra: se preparan, en suma, a ser mejores y más grandes que sus padres; a hacer una patria más feliz y ejemplar. Atrás ha quedado la vida muelle o insignificante, el obtuso egoísmo y las limitaciones morales de un pasado bochornoso. El cubano del mañana vive en el esfuerzo indómito, en la lucha con la naturaleza y contra la esclavitud humana. Creciendo él mismo hace vencer a su país” (BOHEMIA, 1961b, p.1).

Enfrentar os rios e viver ao ar livre demonstrava a ideia de que possuíam capacidade teórica e prática para atuarem nas mais diversas atividades do campo. Estudar e trabalhar na terra reportava-se ao princípio do trabalho educativo porque por essa prática estariam se preparando para ser seres humanos melhores, ou seja, estariam em um movimento dialético transformando a natureza e si próprios. Demonstravam, dessa forma, que o homem, ao fazer de sua ação uma práxis revolucionária, poderia ao modificar a natureza, criar bens para o seu usufruto e se autoproduzir como ser genérico (para fazer uma pátria mais feliz e exemplar), objetivando-se no fruto do seu trabalho: “[...] o engendrar prático de um mundo objetivo, a elaboração da natureza inorgânica é a prova do homem enquanto um ser genérico consciente” (MARX, 2004, p.85).

É possível identificar na nota explicativa da Revista, que a união entre o estudo e o trabalho proporcionava a formação moral requerida para o homem do futuro. “Deixar para trás o obtuso egoísmo e as limitações morais”, trazia de forma implícita a ideia de que por meio da nova prática social haviam superado os princípios norteadores da velha sociedade que incentivavam suas aspirações particulares e internalizado os valores necessários à coletividade, como por exemplo: a honestidade, a sinceridade, a coragem, a solidariedade, a disciplina, o dever, o espírito de sacrifício, a justiça e a dedicação e luta pela causa da libertação dos trabalhadores. Essa nova mentalidade permite corroborar com Neto (2013, p.31) quando explicou: “os valores não são acidentais, mas estão intrinsecamente relacionados ao reino da práxis”.

O princípio de que por meio do trabalho voluntário o homem poderia se autoeducar, ou seja, buscar dentro de si novas práticas e adequar-se ao novo projeto de sociedade, também é possível identificar: “O cubano de amanhã vive no esforço indomável, na luta com a natureza e contra a escravidão humana. Crescendo ele mesmo faz seu país vencer”. Pode-se ainda inferir que o trabalho possibilitaria possíveis estímulos para a construção de uma identidade autônoma e livre, como também motivacional: “para fazer uma pátria mais feliz e exemplar”.

Na mesma Edição da Revista Bohemia, a reportagem “*Los Jovenes Rebeldes siempre en la Vanguardia*” enfatiza a importância do trabalho como princípio educativo:

[...] Os brigadistas vão aprender muito mais do que vão ensinar. Esses meses são para eles de um valor incalculável. No exercício direto da solidariedade, os brigadistas amadurecem seu caráter, crescem na ordem moral e política e se fazem conscientes de sua missão, apesar do descontentamento de Kennedy, Prío e Boza Masvidal (BOHEMIA, 1961b, p.30-31, tradução nossa⁸⁴).

Nesse sentido, os professores brigadistas foram colocados como referenciais de conscientização sobre a importância da prática do trabalho voluntário para o aluno camponês, na medida em que, por meio dele, demonstravam ser disciplinados e habilitados de forma teórica e prática, como também, amor para com o outro, consciência do valor social do seu trabalho, competência para analisar os problemas sociais e suas causas, bem como autonomia para buscarem soluções. E, na perspectiva de Guevara (1965), poderiam ser chamados de quadros revolucionários, porque haviam se transformado em exemplo, sobretudo, porque ganharam o respeito do povo devido à sua conduta de carinho e dedicação pelo outro. Sendo assim, poderiam exercer influência na vida de outros porque atuavam efetivamente de forma estimulante e encorajadora.

Desse modo, se para elaborar a gênese teórica do homem do futuro, Che Guevara inspirou-se nas discussões de Marx sobre a formação omnilateral do homem por meio do trabalho como princípio educativo, é possível que a gênese prática tenha se concretizado pela conduta e demonstração da consciência revolucionária dos jovens maestros. No período da Campanha de Alfabetização, identificam-se outras características da formação integral requerida ao homem do futuro, elucidado em 1965 de homem novo.

4.2. A Formação Omnilateral na Cartilha *¡Venceremos!*: A História me Absolverá

Para que o camponês fosse formado para atender os critérios do homem do futuro, ou seja, um homem consciente, de palavra, mas principalmente, de

⁸⁴ “[...] Los brigadistas van a aprender mucho más de lo que van a enseñar. Estos meses son para ellos de un valor incalculable. En el ejercicio directo de la solidaridad, los brigadistas maduran su carácter, crecen en el orden moral y político y se hacen conscientes de su misión, a pesar del disgusto de Kennedy, Prío y Boza Masvidal” (BOHEMIA, 1961b, p.30-31).

ação, desenvolvido de forma integral, outro aspecto dessa formação do trabalho como princípio educativo contemplava o exercício da cidadania revolucionária. Nesses termos, o Manual *Alfabetecemos* trazia em seu glossário o que significava cidadão para a Revolução: “Cidadão. Quem goza dos direitos próprios dos habitantes de um país” (CUBA, 1961b, p.82, tradução nossa⁸⁵).

Ainda o Manual, em anexo, continha a Primeira Declaração de Havana⁸⁶ onde se explicitavam os direitos do povo cubano:

Em consequência, a Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba proclama ante a América: O direito dos camponeses à terra; o direito das crianças à educação; o direito dos enfermos à assistência médica e hospitalar; o direito dos jovens ao trabalho; o direito dos estudantes ao ensino livre; experimental e científico; o direito dos negros e dos índios à dignidade plena do homem; o direito da mulher à igualdade civil; social e política; o direito do ancião a uma velhice segura; o direito dos intelectuais, artistas e cientistas a lutar, com suas obras, por um mundo melhor; o direito dos Estados à nacionalização dos monopólios imperialistas, resgatando assim as riquezas e recursos nacionais; o direito dos países ao comércio livre com todos os povos do mundo; o direito das nações à sua plena soberania; o direito dos povos em converter suas fortalezas militares em escolas, y a armar seus trabalhadores, seus camponeses, seus estudantes, seus intelectuais, ao negro, ao índio, a mulher, ao jovem, ao ancião, a todos os oprimidos e explorados, para que defendam, por sí mesmos, seus direitos y seus destinos (CUBA, 1961b, p.74-75, tradução nossa⁸⁷).

⁸⁵ “Ciudadano. Que goza de los derechos propios de los habitantes de un país” (CUBA, 1961b, p.82).

⁸⁶ Em 2 de setembro de 1960, foi redigido um documento com o objetivo de se contrapor à Declaração de São José da Costa Rica liderada pela OEA (Organização dos Estados Americanos) que declarou implicitamente que Cuba devido a suas ações revolucionárias representava perigo à unidade do continente, sua paz e segurança. Esse documento ficou conhecido como a Primeira Declaração de Havana e na perspectiva de Prado (2013, p.81) pode ser “[...] apontada como o principal marco simbólico do estabelecimento da inimizade entre Cuba e Estados Unidos”.

⁸⁷ “En consecuencia, la Asamblea General Nacional del Pueblo de Cuba proclama ante América: El derecho de los campesinos a la tierra; el derecho de los niños a la educación; el derecho de los enfermos a la asistencia médica y hospitalaria; el derecho de los jóvenes al trabajo; el derecho de los estudiantes a la enseñanza libre, experimental y científica; el derecho de los negros y los indios a la dignidad plena del hombre; el derecho de la mujer a la igualdad civil, social y política; el derecho del anciano a una vejez segura; el derecho de los intelectuales, artistas y científicos a luchar, con sus obras, por un mundo mejor; el derecho de los Estados a la nacionalización de los monopolios imperialistas, rescatando así las riquezas y recursos nacionales; el derecho de los países al comercio libre con todos los pueblos del mundo; el derecho de las naciones a su plena soberanía; el derecho de los pueblos a convertir sus fortalezas militares en escuelas, y a armar a su obreros, a sus campesinos, a sus estudiantes, a sus intelectuales, al negro, al indio, a la mujer,

Assim, no intuito de garantir essa cidadania revolucionária, a formação contida na Cartilha *Venceremos*, com vistas a atender o ideal de homem proposto pela Revolução, propagava a necessidade de elevar o nível cultural do camponês por meio de uma educação formal (instrução intelectual), física e politécnica, articulada ao trabalho produtivo. Uma formação que se aproximava dos princípios do homem omnilateral elucidado por Marx. Sendo assim, torna-se importante compreender melhor esse termo.

O termo omnilateral, relacionado à formação humana, apareceu pela primeira vez nos Manuscritos econômico-filosóficos⁸⁸ do autor, quando explicou como seria a apropriação do homem de sua essência humana:

[...] o homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento para com o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana; seu comportamento para com o objeto é o acionamento da efetividade humana (por isso ela é precisamente tão múltíplice (*vielfach*) quanto múltíplices são as determinações essenciais e atividades humanas), eficiência humana e sofrimento humano, pois o sofrimento humano, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano (MARX, 2004, p.108).

Em alemão, as expressões “essência omnilateral” e “de maneira omnilateral” usadas por Marx na citação acima, de acordo com Della Fonte (2020) são: *allseitiges Wesen* e *auf eine allseitig Art*, ou seja, o termo omnilateral é expresso no adjetivo *allseitig*, que compõe a palavra *all* que quer dizer todo e pela palavra *Seit* que significa: lado, página. Desse modo, *allseitig*, pode ser traduzida pelas expressões: universal, completo, geral, polimórfico ou se vinculado a *allseits* pode ser todos os lados ou plenamente. Sendo assim, ao retomar a citação, é possível identificar que Marx estaria explicando sobre a formação do homem

al joven, al anciano, a todos los oprimidos y explotados, para que defiendan, por sí mismos, sus derechos y sus destinos” (CUBA, 1961b, p.74-75).

⁸⁸ Cadernos com anotações de Marx, uma espécie de rascunhos de estudos, referente ao ano de 1844, quando Marx estava exilado na França.

pleno. Esse homem seria constituído por meio da apropriação dos seus sentidos que, por sua vez, aconteceria na sua interação com eles; por exemplo, o homem aprenderia a ver, vendo, a amar, amando. A qualidade dessa apropriação estaria na complexidade do seu comportamento prático para com o objeto.

Em Cuba, a Campanha de Alfabetização foi o primeiro passo desse processo educativo com vistas a proporcionar a apropriação do homem de sua essência humana; por isso, nos instrumentos formativos que foram utilizados nesse período, pode-se identificar iniciativas dessa formação integral (instrução intelectual, física, politécnica e a articulação do estudo ao trabalho), relacionada com um discurso libertário que contribuiu para a identidade e autoestima do povo cubano.

Entretanto, não se pode negar que a gênese desse ideal de homem a ser formado apresentava características ideológicas, o que também acontece em países não-revolucionários. Porém, os objetivos trilhados para esse processo educativo eram mais explícitos e coerentes para com o projeto de sociedade que procuravam atingir.

O governo revolucionário, para o bem da Revolução, tinha a necessidade de, por meio da alfabetização e de seus materiais didáticos pedagógicos, formar um homem que aprenderia a ser, enquanto o caráter ideológico da alfabetização dos países capitalistas pretendia (ainda pretende) formar um homem que aprendesse (aprenda) a ter, com vistas a garantir um desenvolvimento unilateral, apenas para atender as demandas do mercado de trabalho.

Para Huteau e Lautrey (1976), outro aspecto que distanciava as características ideológicas dos processos educativos de Cuba e de outros países capitalistas era que não se encontrava nesses países um dirigente declarando de forma explícita os objetivos educacionais de reproduzir a divisão social do trabalho e em consonância com a exploração do homem pelo homem. A força da educação ideológica dos países capitalistas estaria no fato de que para atingir seus objetivos não seria necessário explicitá-los, nem mesmo conscientizar seus professores sobre eles. Entretanto, em Cuba, seus objetivos eram explícitos e todo o povo deveria não só tomar consciência deles, como também, participar de forma ativa na busca para atingi-los, enquanto “em um país capitalista como a

França, eles são atingidos de forma sub-reptícia, pelo próprio funcionamento da instituição escolar” (HUTEAU; LAUTREY, p.201).

A diferença central, seria de que em Cuba o caráter ideológico da educação, entre 1961-1965, contribuía para formar na juventude a capacidade de utilizar a ideologia “[...] como um instrumento dinâmico de interpretação do passado e do presente e de projeção em direção ao futuro” (GILLETTE, 1976, p.67).

Além do que foi discutido por Gillette (1976) e Huteau e Lautrey (1976), cabe acrescentar uma terceira característica da força do caráter ideológico da alfabetização cubana: a formação dos professores. É possível identificar, na Campanha de Alfabetização, que em meio ao processo de mudança das circunstâncias, iniciado pelos guerrilheiros do movimento 26 de julho, preocupou-se em educar um professor alfabetizador consciente das transformações da sociedade e de sua atividade (trabalho), comprometido em fazer do ato pedagógico uma práxis revolucionária.

E se o aprendiz, quando dominava a leitura e escrita, configurava-se também em um mestre, pode-se considerar que as lições da Cartilha *¡Venceremos!*, assim como o próprio processo de ensino-aprendizagem, tornavam-se os recursos formativos de um novo educador, abrindo possibilidades para uma formação que poderia ter no ponto de partida, como também no ponto de chegada, a coletividade e a historicidade da vida como ela é, construída e revelada na e pela práxis. Uma formação prioritariamente prática (o próprio processo da alfabetização), mas fundamentada teoricamente pelos princípios contidos nas lições da Cartilha *¡Venceremos!*, que esclarecia e conduzia o sentido da educação revolucionária.

A própria capa de *¡Venceremos!*, ilustrada com a presença de camponeses, operários, estudantes, mulheres, crianças, brancos e negros de forma alegórica, explicitava o sentido de coletividade que se dava à alfabetização, que naquele momento se convergia na educação revolucionária: “[...] é na atividade prática de educar para colaborar com a emancipação popular que o educador emancipa a si mesmo, ou seja, a emancipação só ocorre em seu sentido pleno se for coletiva” (MECHI, 2019, p.135).

Nesse sentido, o objetivo principal nessa perspectiva de formação foi destacar o processo de alfabetização como primeiro passo para a formação omnilateral desse homem que passaria a se reconhecer como sujeito de sua própria história. Desse modo, na Cartilha *¡Venceremos!*, a perspectiva de formação integral do cidadão cubano articulava-se aos conteúdos que buscavam demonstrar como assumir o controle das forças produtivas e desmistificar com o trabalho alienado em Cuba.

Para Marx (1866), como já mencionado, a educação deveria buscar uma formação que contemplasse primeiramente a educação mental, mas também a educação física, tal como é dada em escolas de ginástica e pelo exercício militar. Em terceiro lugar a instrução tecnológica, que transmite os princípios gerais de todos os processos de produção e, simultaneamente, iniciar o educando no uso prático e no manejo dos instrumentos elementares de todos os ofícios.

4.2.1. A Instrução Intelectual

O primeiro aspecto, da educação mental (ou intelectual) está relacionado com o estudo dos conteúdos, articulados com a cultura geral e nega a formação fragmentada do homem após se cristalizar a divisão social advinda da divisão do trabalho. Está relacionada ao universo do trabalho, não à prática pura e simples de um ofício, nem tampouco a um mero treinamento técnico (aquisição de um saber-fazer ou aprendizagem de um ofício), mas de uma forma mais ampla, na compreensão do fazer e da teoria do saber, na união entre trabalho intelectual e manual.

A instrução⁸⁹ intelectual diz respeito à aquisição do conhecimento científico, que na Cartilha *¡Venceremos!* era idealizada por meio da alfabetização, primeiro passo para adentrar no mundo letrado e desenvolver suas capacidades intelectivas. Catherine Murphy e Carlos Torres Cairo (2014) no livro em que

⁸⁹ Ao tratar de instrução intelectual, física e tecnológica, com os delegados de seu partido, Marx, em, 1866, está se referindo à formação integral do ser humano, uma ampla formação e desenvolvimento, que abrange não apenas a transmissão de conhecimento, mas um processo contínuo ao longo da vida, envolvendo aprendizado constante e crescimento pessoal, unificando teoria e prática, trabalho manual e intelectual. Nesse sentido, por ter por base esse autor, optou-se em manter, nessa tese, o termo utilizado por ele, naquela ocasião: instrução.

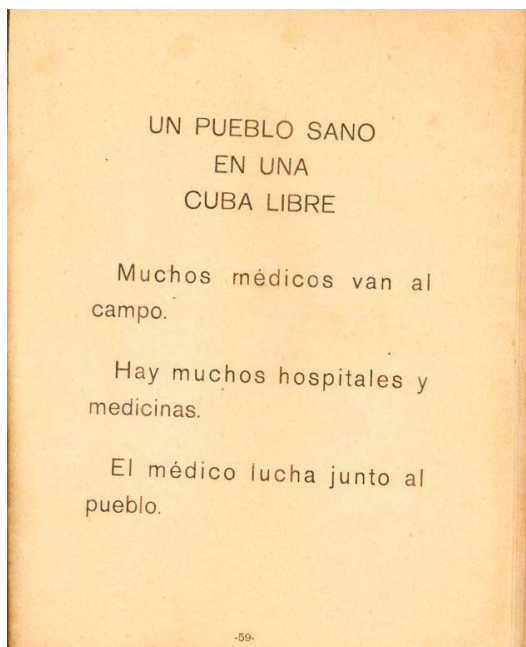
sintetizaram vários depoimentos de participantes da Campanha de Alfabetização, em especial o da mãe do próprio Carlos Torres Cairo, que foi alfabetizadora na Campanha e depois maestra em toda a sua vida, descreveram que para aqueles que aprendiam ler e escrever se abriam novos mundos e pouco a pouco, sem nem mesmo perceberem, transformavam desde as suas mãos, acostumadas com a aspereza e o peso do machado e que agora seguravam com leveza o lápis, até na sua forma de ver o mundo:

Acrescentei-me a uma tarefa que considero a mais bela e nobre das que empreendi, entrando numa juventude incessante e estudiosa, que nada mais era do que transmitir aos outros a possibilidade de ler e, de facto, escrever. Não sabia que anos depois minhas noites sem dormir de 1961 contribuiriam para multiplicar o número de leitores cubanos capazes não só de se expressar-se livremente, mas, sobretudo, de expandir seus horizontes vitais e intelectuais também de forma irreversível (MURPHY; CAIRO, 2014, p.13, tradução nossa⁹⁰).

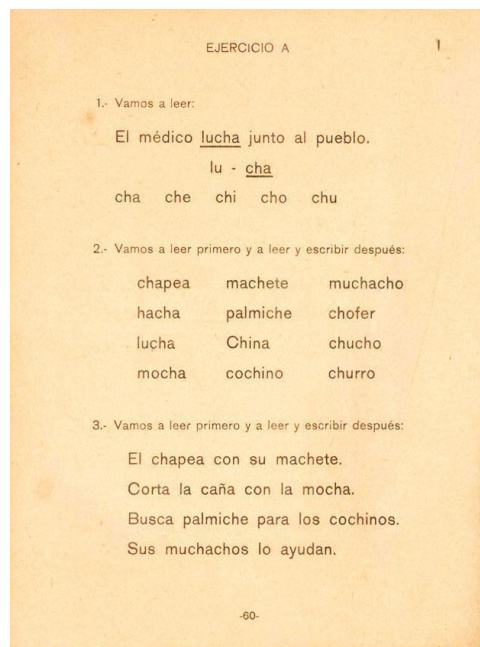
Na medida em que se alfabetizavam, os camponeses tinham acesso a um universo cultural que lhes permitia assimilar novos conhecimentos sobre política, economia, ciência e saúde pública. A origem desses conhecimentos se dava por meio dos temas dos textos da Cartilha *¡Venceremos!* e podia desenvolver-se na leitura dos jornais e revistas que discutiam semanalmente assuntos abordados na mesma:

⁹⁰ “Me sumé a una tarea, creo que la más hermosa y noble de las que acometí entrando a una juventud incesante, estudiosa, que no otra que la de transmitir al prójimo la posibilidad de la lectura y, de hecho, la escritura. No sabía que años después mis desvelos de 1961 contribuirían a multiplicar el número de lectores cubanos no solo capaces de expresarse a rienda suelta, sino y sobre todo, de ir ensanchando su horizontes vital e intelectual también de forma irreversible” (MURPHY; CAIRO, 2014, p.13).

Figura 35 - Un pueblo sano en una Cuba Libre



Fonte: CUBA, 1961a, p.59.



Fonte: CUBA, 1961a, p.60.

No processo de memorização da família silábica do ch, a partir da palavra “*lucha*”, retirada da frase “*El médico lucha junto al pueblo*” que se encontrava no texto “*Un pueblo sano en una Cuba libre*”, eram discutidas as questões políticas que envolviam a saúde pública e dadas instruções de higiene. Ou seja, em meio às instruções formais de gramática (instrução intelectual), reforçava-se a ideia de que algumas enfermidades, como por exemplo: tuberculose, desnutrição, anemia, avitaminose (carência de vitaminas), raquitismo (falha na mineração óssea, causando problemas de crescimento), eram consequências da situação de miséria e más condições de higiene do povo submetido à exploração imperialista, que além da grave situação econômica os mantinham em ignorância, fazendo-os recorrer ao senso comum: “[...] e pela ignorância e superstição da população que recorrem a espiritistas e curandeiros pensando achar algum remédio para seus males” (CUBA, 1961b, p.60, tradução nossa⁹¹).

⁹¹ “[...] y por la ignorancia y la superstición de la población que acude a espiritistas y curanderos pensando hallar algún remedio a sus males” (CUBA, 1961b, p.60).

Na frase “*El médico lucha junto al pueblo*” havia um conceito internalizado de que o médico estava engajado na mesma luta, na tentativa de diminuir o distanciamento entre as classes e ressaltar a coletividade na conquista pela formação de uma identidade.

Na libertação do domínio estrangeiro, era necessário eliminar o trabalho improdutivo causado pela divisão entre trabalho material e intelectual. Por isso até o médico, elucidado na frase guia da lição “*Un pueblo sano en una Cuba libre*” estaria lutando com camponês e praticando o trabalho produtivo. Esse trabalho produtivo era exemplificado no exercício 3 de leitura e cópia, demonstrado na imagem acima, “Vamos ler primeiro e ler e escrever depois”, ele (o médico) ao lutar junto com o trabalhador rural: “chapea com seu facão. Corta a cana com a foice [podão]. Busca palma para os porcos. Seus rapazes [pacientes] o ajudam”.

Desse modo, de forma articulada com a instrução intelectual estimulava-se o aluno camponês a compreender o mundo de outra maneira, a ter uma nova prática social tanto em relação a si mesmo (cuidar da sua saúde e melhorar seus hábitos de higiene), quanto para com a Pátria (praticar o trabalho produtivo assim como o médico). Paulo Freire (1982), quando elaborou sua teoria sobre a educação de jovens e adultos, inspirou-se nesse pressuposto, utilizado em Cuba, de articular a alfabetização ao contexto social, político e econômico do aluno:

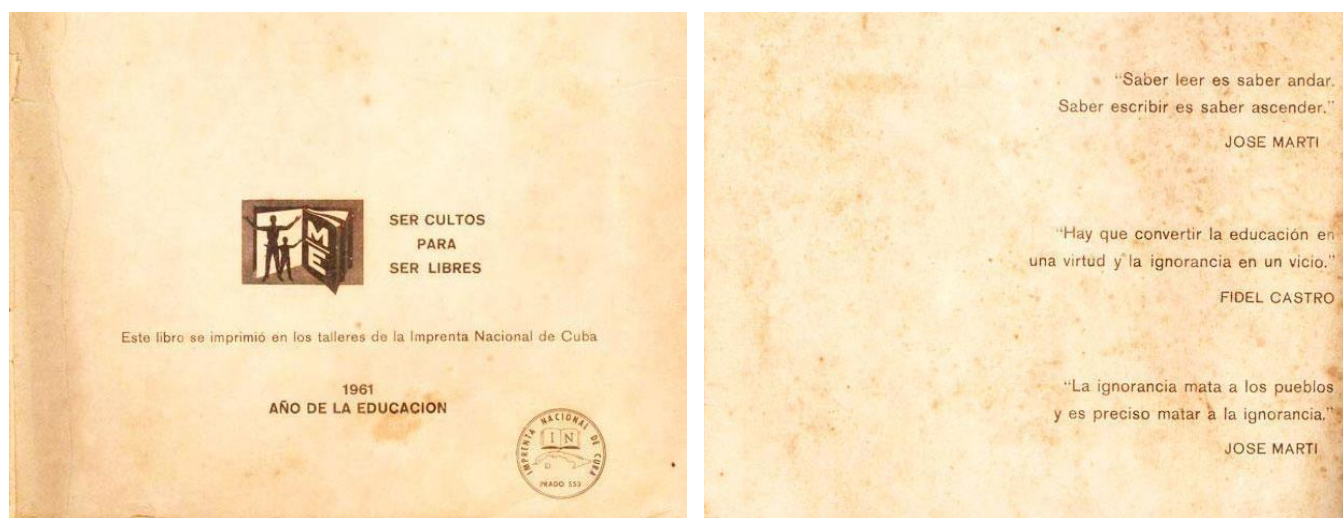
Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra (FREIRE, 1982, p.30).

Em Cuba, no processo de alfabetização dos jovens e adultos não se utilizaram textos sem contextos, pelo contrário, o ponto de partida para o trabalho pedagógico configurou-se na prática social, ponto que era comum tanto para professores, quanto para alunos. Buscou-se superar as marcas autoritárias da velha pedagogia na qual o professor era o centro de todo o processo, para construir uma pedagogia em que ambos aprendiam e ensinavam, uma pedagogia

que não apenas falava às grandes massas sobre elas, mas que ao ouvi-las davam-lhes o direito de dialogar entre si, ampliando as possibilidades para que o ato do conhecimento acontecesse de forma crítica e democrática e desenvolvesse a capacidade criadora necessária à construção da nova sociedade cubana.

A instrução intelectual em *¡Venceremos!* perpassava por todo o seu conteúdo sobre o código escrito, pelos exercícios de leitura e cópia de pequenos textos, frases, palavras, sílabas e letras. Conteúdos esses que traziam um contexto articulado ao processo de construção da nova sociedade. Entretanto, procurava-se conscientizar o aluno sobre a importância da instrução intelectual por meio também das epígrafes de José Martí e Fidel Castro contidas na capa final do material:

Figura 36: Epígrafes contidas em *¡Venceremos!* - Instrução Intelectual



Fonte: CUBA, 1961a, p.111-112.

O livro aberto, o homem e a criança iluminados saindo de dentro dele com os braços abertos, possivelmente indicava que o conhecimento científico (instrução intelectual) permitia iluminar o caminho para a liberdade. As letras ME impressas na página do livro significavam Ministério da Educação, além de ser uma marca da Comissão Nacional de Alfabetização também sugeria a esfera da sociedade responsável por esse tipo de instrução: a educação direta proporcionada pelo Ministério de Educação, ou seja, pelo governo revolucionário.

A epígrafe de José Martí “*Saber ler é saber andar. Saber escrever é saber subir*”, complementava esse pressuposto. Trazia a importância de ser alfabetizado e dominar o sistema de escrita alfabética. A leitura e escrita (conhecimento científico) seriam meios que ajudariam os camponeses a ter autonomia (saber andar) e a prosperar (saber subir). Ter autonomia para saber controlar as forças produtivas e poder produzir e usufruir riquezas.

A frase de Fidel Castro “*Há que converter a educação em uma virtude, e a ignorância em um vício*”, transmitia o pressuposto de que era necessário criar uma consciência revolucionária sobre a instrução intelectual, no que tange a alfabetização, em cada cidadão, seja ele camponês, operário ou professores. Era preciso compreender que não saber ler e escrever consistia em uma vergonha para a Revolução (um vício), enquanto saber ler e escrever representava possuir um tesouro (uma virtude) para ter acesso à riqueza cultural produzida pela humanidade.

Ter essa epígrafe na última capa de *¡Venceremos!*, demonstrava que os organizadores da Cartilha divulgavam o que compreendia os líderes revolucionários sobre a instrução intelectual. Fidel Castro enfatizava em seus discursos que saber ler e saber escrever, bem como ter uma biblioteca em casa, igualava-se a ter um tesouro, tesouro de verdade e de inteligência e poder-se-ia considerar muito mais feliz do que aqueles que acumulavam tesouros de dinheiro. Ao passo que enquanto houvesse cidadãos que não soubessem ler e nem escrever e que se sentissem satisfeitos em serem ignorantes, sempre haveria dificuldades.

O ato da leitura permitiria o acesso aos ideais dos estudiosos que defendiam a liberdade, o que poderia contribuir para motivar e fundamentar suas ações em prol da Revolução. Fidel Castro indicou esse pressuposto em *A História me Absolverá* quando argumentou que foi impedido de ter acesso à literatura:

Impediram, da mesma forma, que chegassem às minhas mãos os livros de Martí. Parece que a censura da prisão os considerou demasiado subversivos. Ou será porque considerei Martí o autor intelectual do 26 de julho? Fui impedido, além disso, de trazer a este julgamento obras de consulta sobre qualquer matéria. Não importa! Trago no coração os ensinamentos do Mestre e no

pensamento as nobres ideias de todos os homens que defenderam a liberdade dos povos (CASTRO, 2001, p.14-15).

A instrução intelectual, o domínio da leitura e da escrita permitiria ao homem cubano o acesso ao mundo da cultura e desenvolveria nele capacidade argumentativa e reflexiva. A outra epígrafe de José Martí, impressa na última capa de *¡Venceremos!*, “*A ignorância mata os povos e é preciso matar a ignorância*”, explicitava que não ser instruído intelectualmente, não dominar a leitura e escrita, em especial, representava um perigo, uma vez que o analfabetismo era divulgado como um subterfúgio que garantia a possibilidade de exploração do homem pelo próprio homem. Não instruir os camponeses intelectualmente representava deixar brechas para que retornassem para o domínio estrangeiro, para a condição de neocolônia americana. Para não se deixar enganar pelos norte-americanos, era necessário pensar com o próprio cérebro, só assim não se deixariam encantar pelos discursos dos cérebros de outros.

Essa forma didática de desenvolver as capacidades intelectivas, por meio da aprendizagem da língua escrita, motivava os camponeses a melhorarem de vida “[...] lhes contávamos de outros países e de como poderiam melhorar sua qualidade de vida. E tudo isso os incentivava: cada dia queriam que lhes contássemos mais” (MURPHY; CAIRO, 2014, p.63, tradução nossa⁹²). Esse diálogo entre professor e aluno permitia-lhes refletir sobre suas experiências e os conteúdos da instrução formal, bem como sobre a realidade de dominação social. Fator preponderante à construção de uma consciência crítica e coletiva.

A leitura e a escrita, devolvia-lhes, de maneira similar, a integridade, pois não se sentiam mais incapacitados para realizar atividades simples do cotidiano familiar como auxiliar os netos nas tarefas escolares, escrever listas de compras ou cartas aos familiares que moravam longe, ler revistas ou o jornal para ficar por dentro das notícias nacionais e internacionais. Alguns relatos de alunos, expressos na Edição do mês de Junho de 1961 da Revista *Verde Olivo*, demonstravam essa restituição. Emilia Trulla, de 84 anos, relatou: “[...] aprendi a

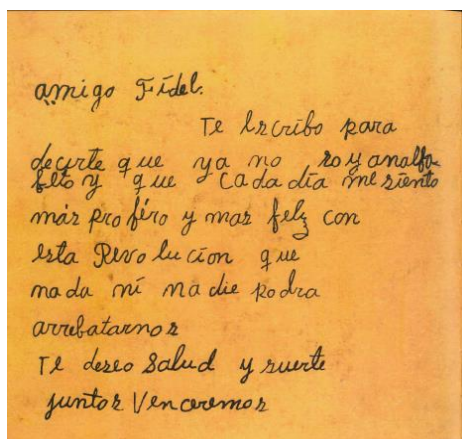
⁹² “[...] les contávamos de otros países y de cómo podían mejorar su calidad de vida. Y todo eso los incentivaba: cada día querían que les contáramos más” (MURPHY; CAIRO, 2014, p.63).

ler e escrever porque estava cansada, para não dizer envergonhada, de ter que pedir para outros escreverem por mim e lerem minhas cartas” (VERDE OLIVO, 1961b, p.78, tradução nossa⁹³).

Já Edmidina Caujeri, mais jovem que a senhora Emilia Trulla, argumentou: “me sinto altamente satisfeita pela oportunidade que a Revolução me deu, e que cria que não iria ter nunca. Para compreender bem o que significa saber ler e escrever, você tem que ter crescido sem saber assinar, e logo ter aprendido” (VERDE OLIVO, 1961b, p.78, tradução nossa⁹⁴). A autonomia que saber ler e escrever lhes proporcionava para poder praticar atividades simples recuperava-lhes a autoestima e, ao satisfazerem suas motivações pessoais, se sentiam-se mais cubanos, mais revolucionários, melhores cidadãos.

Muitos dos que se alfabetizaram na Campanha, ao escreverem suas cartas a Fidel, condição final para receberem o atestado de alfabetizados, relataram sentirem-se mais felizes e prósperos ao aprender a ler e escrever, como é o caso da carta registrada no livro de Murphy e Cairo (2014):

Figura 37 - Carta para Fidel Castro



Fonte: MURPHY; CAIRO, 2014, p.102.

⁹³ “[...] aprendi a leer y escribir porque estaba cansada, por no decir avergonzada, de tener que buscar a otros que escribieran por mí y leyeran mis cartas” (VERDE OLIVO, 1961b, p.78).

⁹⁴ “me siento altamente satisfecha por la oportunidad que me ha dado la Revolución, y que creí que no iba a tener nunca. Para comprender bien lo que significa saber leer y escribir, hay que haber llegado a mayor sin siquiera saber firmar, y luego haber aprendido” (VERDE OLIVO, 1961b, p.78).

Desse modo, a partir das interações entre sociedade-educador-educando para alfabetizar-se, além da autoestima, estimulava-se o sentimento de pertença, fundamental à construção da identidade social. Pode-se observar na carta acima, em que o aluno, ao ter conquistado a aquisição da leitura e da escrita, sentia-se mais próspero e feliz, demonstrando que havia assumido a fala de Fidel Castro, ao tentar construir o sentimento de pertença à nação a ponto de declarar que nada e ninguém poderiam tirar-lhes a Revolução, ou seja, estava disposto a lutar por ela a qualquer custo.

A identidade social (o eu coletivo), na perspectiva de Tajfel (1972), constrói-se mediante o envolvimento emocional e intelectual dos indivíduos de determinado lugar e a avaliação subjetiva de sua condição de pertença, a qual se materializa na medida em que ocorrem generalizações de comportamentos e ou ideologias. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que em Cuba a alfabetização atuou significativamente no resgate da autoestima do camponês, fazendo-o sentir-se parte da Revolução e todo social que estava em construção, expressando-se tanto em seu desejo de defendê-la, quanto na participação ativa em querer alfabetizar-se para se tornar um alfabetizador e contribuir para a libertação da nação.

Jose Gonzalez Regueral em sua matéria: “*Analfabetos, Hoy. Alfabetizadores, Mañana*” da Edição de 19 de Março de 1961, da Revista *Bohemia*, trouxe depoimentos de camponeses que podem expressar essa premissa, dentre eles destaca-se a fala de Miguel Figueredo, que vivia no Congo em Manzanillo: “esta mesma noite vou aprender ler e escrever. Ver se posso aproveitar bem e posso ensinar a outros antes que acabe o ano” (REGUERAL, 1961, p.34, tradução nossa⁹⁵). O esforço em aprender logo para poder compartilhar sua aprendizagem com o outro, demonstrava a internalização dos ideais da Revolução e da identidade social requerida para a construção do novo projeto social da Ilha.

Na prática, essa premissa foi elucidada quando Regueral (1961) relatou a história do pai Vicente e seus filhos Antonio e Olimpo: “[...] os três aprendem

⁹⁵ “esta misma noche voy aprender a leer y escribir. A ver si puedo aprovechar bien y puedo enseñar a otros antes de que acabe el año” (REGUERAL, 1961, p.34).

juntos, na mesma escola. E os filhos estão mais adiantados que ele. 'Pela noite, em casa, os garotos me ajudam a fazer a tarefa. Já são uns daqueles alfabetizadores'" (REGUERAL, 1961, p.34, tradução nossa⁹⁶).

Na reportagem de Frank Sarabia, "*Niños que enseñan y adultos que aprenden*", da Edição número 16 da Revista *Bohemia*, demonstrava-se que, ao levar a cultura para o campo, Cuba transformava-se em uma escola viva e cada cidadão alfabetizado em um cubano mais útil para a Pátria, para a Revolução e a si mesmo. Ao lado de fotos de camponeses estudando a Cartilha *¡Venceremos!*, escrevendo no quadro negro e lendo jornal estavam os dizeres: "[...] homens e mulheres se confundem no interesse por alfabetizar-se. Uns demoram mais, outros menos, porém todos estão conscientes de que aprenderão, para se sentir melhores cidadãos (SARABIA, 1961, p.6, tradução nossa⁹⁷).

Outro ponto a destacar sobre a instrução intelectual em Cuba por meio da alfabetização é sua relação com o pressuposto de José Martí: *Ser cultos para ser livres*. Para Leite (2021a), em seu texto *Educação Como Pedra Angular Na Construção Da Nacionalidade Cubana*, foi por meio da relação que essa premissa estabelecia entre cultura e emancipação que tanto alfabetizadores quanto alfabetizados compreenderam as desigualdades sociais e conscientizaram-se sobre a urgência de superar os problemas que sobrevinham ao país devido à exploração imperialista, situação na qual a educação seria chave fundamental para tal superação. A ideia de instrução intelectual como instrumento mediador para tornar o homem pleno e feliz, de José Martí, afigurou-se como uma fonte motivadora quando o trabalhador rural percebeu que de fato a educação tornava-se primazia e não apenas discurso do governo revolucionário.

Além da instrução mental ou intelectual, a educação física era considerada como outro ponto importante da formação integral do modelo de homem que se pretendia construir.

⁹⁶ "[...] los tres aprenden juntos, en la misma escuela. Y los hijos están más adelantados que él. 'Por las noches, en casa, los muchachos me ayudan a hacer la tarea. ¡Ya son alfabetizadores de esos!'" (REGUERAL, 1961, p.34).

⁹⁷ "[...] hombres e mujeres se confundem en el interés por alfabetizarse. Unos tardan más, otros menos, pero todos están conscientes de que aprenderán, para sentirse mejores ciudadanos" (SARABIA, 1961, p.6).

4.2.2. A Instrução Física

Na Cartilha *¡Venceremos!*, a instrução física expressou-se com a ênfase na formação de milícias, a qual, como anteriormente mencionado, possui uma lição denominada *Las Milicias*, tendo como abertura a imagem a seguir:

Figura 38 - Las Milicias



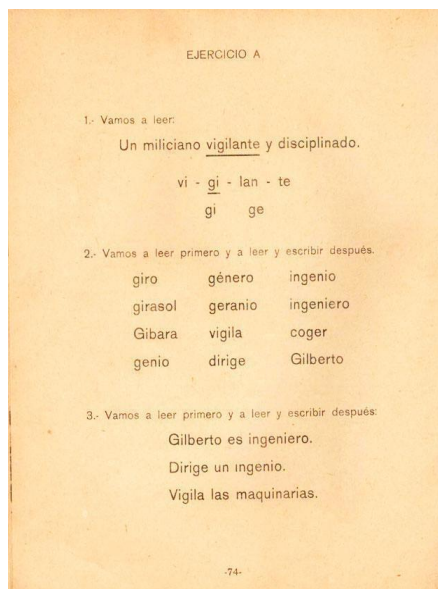
Fonte: CUBA, 1961a, p.72.

Na imagem, mostrava-se ao camponês, a tríade: Trabalho, Revolução e Educação como linha de frente à defesa da Pátria, articulada com a cultura (fanfara atrás) guiando uma multidão, que marchava ordenadamente para proteger o país. Segundo o Manual *Alfabetecemos* (1961b), o povo em suas horas de descanso recebia treinamento militar para formar milícias com vistas a defender o território nacional de qualquer agressão estrangeira. A disciplina do corpo, para isso, consistia em uma formação física, mas também moral.

Assim, a instrução física foi sistematizada em *¡Venceremos!* no treinamento militar e nas habilidades de concentração e disciplina que o mesmo desenvolveria, habilidades essas necessárias tanto para o trabalho quanto para garantir que o controle das forças produtivas, os meios de produção

continuassem sob o poder da própria Ilha e não retornassem aos norte-americanos.

Figura 39: Exercício A da Lição *As Milícias* de *¡Venceremos!* - Instrução Física



Fonte: CUBA, 1961a, p.74.

Na frase para leitura da primeira tarefa do exercício A da lição *As Milícias*: “*Um miliciano vigilante e disciplinado*”, a instrução física estaria implícita no termo miliciano, uma vez que para ser um miliciano era necessário receber treinamento militar das Forças Armadas Revolucionárias. O objetivo das Forças Armadas Revolucionárias, segundo as instruções do Manual do professor *Alfabeticemos*, consistia em defender os interesses do povo e o território nacional de qualquer agressão estrangeira.

No treinamento das Forças Armadas Revolucionárias, os milicianos aprendiam a manejar armas e o motivo pelo qual deveriam fazer, como também a ter concentração e disciplina. Essa concentração e disciplina estavam expressas no texto de leitura e cópia da tarefa número 3 do mesmo exercício: “Gilberto é um engenheiro. Dirige um moinho. Vigia as maquinarias”. Executar as atividades no moinho e ao mesmo vigiar as máquinas de qualquer possível ataque contrarrevolucionário exigia concentração e disciplina.

Nesse sentido, transmitia-se a ideia de que Gilberto, além de ser detentor de instrução intelectual (ser engenheiro) como também do conhecimento prático

(dirige um moinho), era instruído fisicamente ao ser um miliciano e ter treinamento militar. Essa instrução seria necessária ao levar em consideração que os meios de produção (as máquinas) deveriam ser constantemente vigiados, pois a Revolução era antiimperialista e a Ilha estava em constante ameaça de invasão norte-americana.

Além desse objetivo de defesa da Pátria, a formação física também se relacionava com a preparação do trabalhador rural, uma forma de garantir sua saúde e força, como também desenvolver seu caráter e personalidade para adequar-se às dificuldades da batalha para sair do subdesenvolvimento.

Um incentivo à aprendizagem teórica dos processos de produção dos recursos referentes ao trabalho do campo, bem como a do manejo prático dos instrumentos necessários para exercer esse ofício, também foi identificado na Cartilha *¡Venceremos!*.

4.2.3. A Instrução Politécnica

Sobre o caráter politécnico (teórico-prático) da Educação Cubana e a combinação do estudo com o trabalho, cabe ressaltar que foi somente em 1964 que o Ministério da Educação o regulamentou, tanto para as escolas que foram instituídas no campo, quanto das cidades.

Contudo, já na Campanha de Alfabetização, na Cartilha *¡Venceremos!* é possível identificar uma proposta pedagógica que objetivava formar homens com a maior experiência e o maior conhecimento possível para a agricultura. Ou seja, demonstrar ao camponês a importância da conciliação entre teoria (estudo formal) e prática, para que ele compreendesse a importância do seu trabalho e que suas ações poderiam afetar diretamente a economia do país, tendo em vista que a maioria da população vivia da agricultura e dos trabalhos relacionados a ela.

Essa proposta da Cartilha não se tratava de uma formação técnico-científica em seu sentido pleno, devido às limitações do nível de instrução do camponês naquele momento. No entanto foi utilizada como um incentivo à aquisição de conhecimentos básicos da Língua Materna, da Matemática, Ciências

e Geografia, e para o domínio elementar dos princípios de algumas técnicas, estreitamente vinculados com a atividade produtiva da zona rural.

Incentivava-se o camponês a estudar os conhecimentos básicos e o trabalho prático no meio rural, ainda que em nível básico, porque os problemas mais urgentes do desenvolvimento da sociedade cubana tratavam de mecanização da indústria açucareira, produção de alimentos e aperfeiçoamento de técnicas de refino.

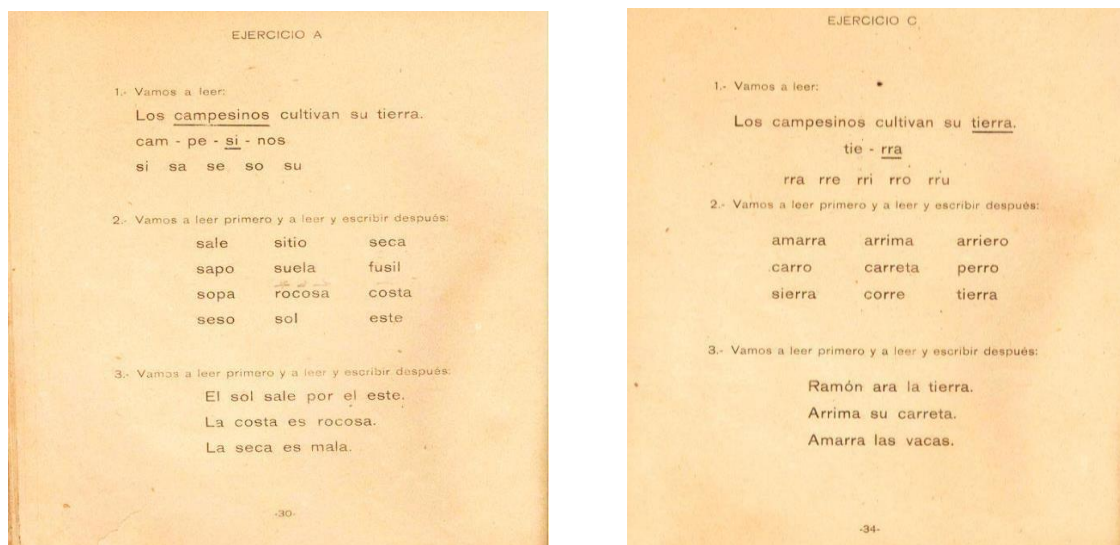
A proposta politécnica, na concepção de Marx, para a formação do homem omnilateral, configurava-se no estudo teórico e no trabalho prático realizado de forma articulada no ato do ensino, possibilitando ao homem uma compreensão da área de produção, ou seja, uma práxis revolucionária. Mais tarde, Gramsci (2000) utilizou-se dessa compreensão ao conceituar a escola politécnica, pois a definiu como escola unitária, elementar e técnica, que formaria a pessoa na sua integralidade.

Em Cuba, as lições da Cartilha não correspondiam integralmente a essas exigências, o que elas apresentavam era um conjunto de conteúdos voltados para tentar solucionar problemas da vida social, indicando uma preocupação em ilustrar sobre o poder de pensar e saber orientar-se na vida, o que poderia possibilitar uma certa autonomia.

Essa proposta tinha como objetivo propiciar uma mudança de mentalidade do camponês sobre a importância do estudo e do trabalho, e que ambos não deveriam caminhar em direções opostas. Tanto o trabalho intelectual, nesse caso o esforço em aprender os conteúdos da alfabetização, quanto o trabalho manual que já realizavam eram fundamentais para seu próprio desenvolvimento e para a Revolução; uma formação que possibilitava condições para que o homem do campo começasse a se identificar como produtor e consumidor do que produzia, e como sujeito dessa produção.

Esse princípio formativo pôde ser identificado em *¡Venceremos!*, nos textos da lição *A Terra*:

Figura 40: Exercícios A e C da Lição *A Terra* de *¡Venceremos!* - Instrução Politécnica



Fonte: CUBA, 1961a, p.30-34.

Na lição *A Terra*, tentava-se mostrar ao alfabetizando que com a Revolução e a lei da Reforma Agrária não havia mais propriedade privada norte-americana, agora a Terra era do povo, do camponês que deveria cultivá-la. Para cultivar a terra era necessário conhecimentos científicos e técnicos. O conhecimento científico estava representado no texto de leitura e cópia do exercício A, tarefa número 3: “*O sol nasce pelo leste. A costa é rochosa. A seca é ruim*”. Enquanto o conhecimento técnico, prático, era demonstrado ao aluno na tarefa número 3 do exercício C da mesma lição: “*Ramón ara a terra. Puxa seu carrinho [carroça]. Amarra as vacas*”.

A educação politécnica presente em *¡Venceremos!* estava centrada na realidade local da Campanha de Alfabetização, era direcionada para as necessidades da instrução intelectual do camponês voltada para o trabalho rural, objetivando a reforma integral do ensino anunciada por Fidel Castro em *A História me Absolverá*, como parte do programa da Revolução, o que permite inferir que na utilização da Cartilha buscou-se articular nos textos das lições o ensino da leitura e da escrita e o contexto social.

No documento de sua defesa, Fidel Castro denunciou que o sistema educacional de Fulgencio Batista atendia a lógica da exploração norte-americana.

Uma vez que as necessidades eram agrícolas, mas, se o camponês não era dono da terra, não havia necessidade de investir em escolas no campo. Se as poucas indústrias que existiam não eram da nação, não havia necessidade de escolas técnicas:

Nosso sistema de ensino se completa perfeitamente com toda a situação descrita. Para que são necessárias escolas agrícolas num campo onde o camponês não é o dono da terra? Numa cidade onde não há indústrias, qual a necessidade de escolas técnicas? Tudo se enquadra dentro da mesma lógica absurda: não há nem uma coisa nem outra (CASTRO, 2001, p.41).

Nesse sentido, assim que um governo revolucionário chegasse ao poder, era necessário realizar uma reforma do ensino e colocá-lo em harmonia com as reais necessidades da nação:

Finalmente, um governo revolucionário realizaria a reforma integral do ensino, colocando-o em harmonia com as iniciativas anteriores, para preparar devidamente as gerações que estão chamadas a viver numa pátria mais feliz. Não esqueçam as palavras do Apóstolo: Comete-se na América Latina um erro gravíssimo: povos que vivem quase por completo dos produtos do campo têm uma educação exclusivamente voltada para a vida urbana e não são preparados para a vida camponesa (CASTRO, 2001, p.45-46).

Mesmo que não fique claro como seria essa reforma integral do ensino nas palavras de Castro em *A História me Absolverá*, ao citar José Martí é possível que ele tenha se referido à implementação de um ensino voltado para as demandas dos trabalhadores rurais, bem como um ensino popular, com a interferência do estado, de caráter universal e laico, uma educação para a vida com a devida articulação entre teoria e prática. Articulação essa que pôde ser identificada na lição *A Terra de ;Venceremos!*.

Pode-se considerar que já na Campanha de Alfabetização buscava-se orientar e conscientizar sobre a importância de ser instruído de forma teórica e prática. Havia esforços, por parte do governo revolucionário e dos jovens maestros, para efetivar um processo formativo que objetivava o desenvolvimento

integral do homem, no qual a educação politécnica tornou-se não apenas um slogan filosófico, mas uma prática elucidada nos materiais didáticos pedagógicos.

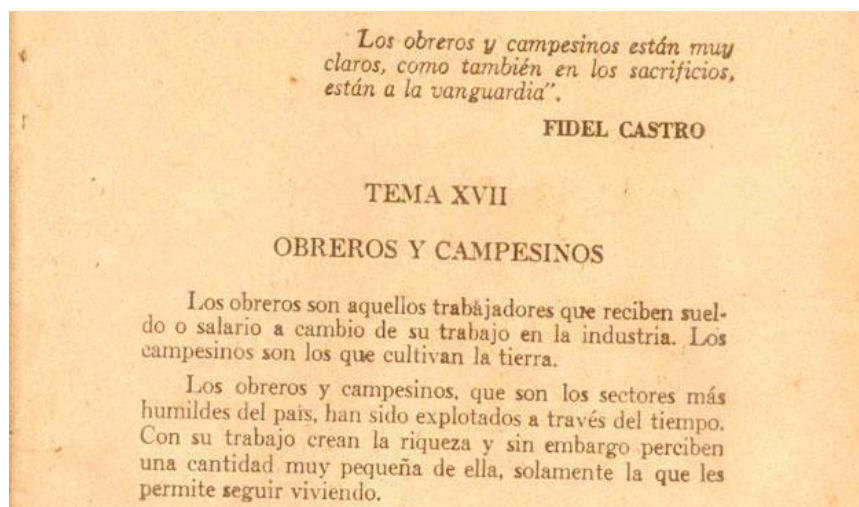
A educação politécnica em Cuba, especialmente no que se refere ao homem do campo, tinha por objetivo romper com a alienação decorrente da divisão entre trabalho manual e intelectual:

Cremos que o jovem que cresce sem uma ideia de como se produz uma maçaroca de milho, uma fruta, de como se produz o açúcar, de como se produzem os tecidos, de como se produz a carne, o leite, os alimentos, cremos que o jovem que não tenha uma ideia de como tudo isso se produz, crescerá, obviamente, ignorando algo de fundamental. Crescerá deformado. E que não se esqueça que aquilo a que a nossa sociedade e a nossa revolução aspiram é que no futuro o trabalho manual e o trabalho intelectual seja realizado praticamente por todos (CASTRO, 1976).

No que se refere à população urbana, buscou-se incentivar na formação educacional a valorização dos produtos produzidos pelos técnicos cubanos. A Cartilha buscou articular a unidade entre campo e cidade, valorizando tanto o trabalho do camponês como do operário.

Na Lição *O Povo Trabalha* da Cartilha *¡Venceremos!* e, mais enfaticamente, no Manual *Alfabetemos*, pode-se observar o enfoque dado à valorização e união do campo com a cidade.

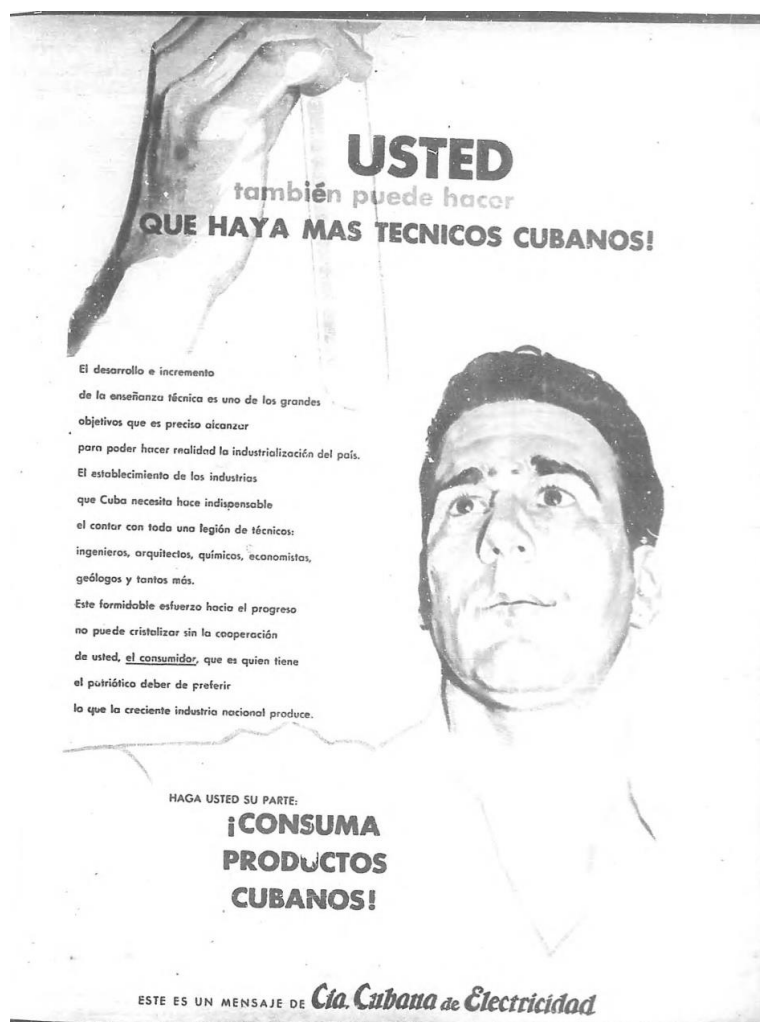
Figura 41 - Tema XVII do Manual *Alfabetemos* - Operários e Camponeses



Fonte: CUBA, 1961b, p.56.

Fez-se necessário valorizar a riqueza do que produziam e a importância dos técnicos para o país e para o desenvolvimento econômico, tendo em vista, em que naquele período a Ilha já estaria encontrando dificuldades na área da exportação e importação devido ao Bloqueio Econômico estadunidense. Esse incentivo pode ser identificado na mensagem da Companhia Cubana de Eletricidade: “*¡Usted también puede hacer que haya más técnicos cubanos!*” publicada na Edição da Revista *Bohemia* de 14 de agosto de 1960:

Figura 42 - *¡Usted también puede hacer que haya más técnicos cubanos!*



Fonte: COMPANHIA CUBANA DE ELETRICIDADE, 1960, p.113.

Na mensagem descrita na figura anterior, ressalta-se o incentivo ao consumo dos produtos produzidos na própria Ilha: “*¡Consuma Productos*

Cubanos!”, de forma a contribuir com a formação de mais técnicos. Na mensagem é destacado:

O estabelecimento das indústrias que Cuba necessita faz indispensável o contar com toda uma legião de técnicos: engenheiros, arquitetos, químicos, economistas, geólogos e tantos mais. Esse formidável esforço para fazer progresso não pode cristalizar sem a cooperação de vocês, o consumidor, que é quem tem o dever patriótico de preferir o que a crescente indústria nacional produz (COMPANHIA CUBANA DE ELETRICIDADE, 1960, p.113).

A mensagem divulgava a ideia de que o homem deveria ser a finalidade da produção e não o contrário como em sociedades capitalistas (MANACORDA, 2007). Ou seja, o reconhecimento do valor do trabalho se daria a partir do momento em que o homem pudesse melhorar suas condições de vida ao poder escolher consumir a riqueza que ele mesmo produzia. Nisso, consistia a verdadeira libertação do domínio estrangeiro, que o impedia de produzir e consumir a sua própria produção, e o colocava como arquiteto do seu destino, libertando-o das amarras da alienação.

O exercício de tal liberdade só poderia acontecer se o trabalhador possuísse os meios de produção, o conhecimento e a técnica para construir sua riqueza de forma autônoma. Os meios de produção estariam, naquele momento, nas mãos do Estado devido à Revolução; o conhecimento e a técnica viriam por meio de uma educação que habilitasse de forma teórica e prática “uma legião de técnicos: engenheiros, arquitetos, químicos, economistas, geólogos e tantos mais” (COMPANHIA CUBANA DE ELETRICIDADE, 1960, p.113), capazes de cortar o elo entre a sociedade em geral e a lei do valor.

Desse modo, não bastaria apenas saber, era necessário saber e fazer ao mesmo tempo, objetivo que poderia ser alcançado mediante a educação politécnica cuja finalidade é produzir no homem uma conduta prática guiada por uma teoria que fomente uma nova atitude e, teórica na medida em que essa ação é consciente (VÁZQUEZ, 1977). Em Cuba, o esforço educativo foi alvo de uma campanha publicitária muito forte, o que sensibilizou a população e o tornou cada vez mais significativo.

Figura 43 - Para el hombre que sabe lo que quiere: ¡y ahora lo está haciendo!

para el hombre que sabe lo que quiere
y ahora lo está haciendo!



para
hombre
que
resuelve

Palabra de hombre

Este hombre de técnica y experiencia está trabajando y resolviendo con la seguridad del que construye un mundo más feliz. Y después del deber cumplido, reclama para su gusto su Tropical... una cerveza más fuerte... con más cuerpo ...



Palabra de hombre

Tropical

Fonte: TROPICAL, 1961, p.116.

Na propaganda da Cerveja Tropical, como demonstrado na figura supracitada, no seu slogan “*Para o homem que sabe o que quer: e agora está fazendo!*” pode-se observar a ideia de que o homem técnico faria seu trabalho com consciência de qual seria o seu produto final. Segundo a propaganda, o resultado do seu produto contribuiria para “um mundo mais feliz”. E, na realização de seu trabalho, atuaria de forma autônoma, sem hesitação, para resolver os problemas que pudessem ocorrer. Ou seja, estaria formado para a vida, para ser um homem de palavra, mas sobretudo, de atitude. Ao realizá-lo, teria o direito de usufruir dos prazeres produzidos por ele mesmo.

Assim, na concepção do ideal de formação, seria atingida a omnilateralidade, que na perspectiva de Manacorda (2007) ao fazer uma interpretação dos escritos de Marx, constitui-se:

A omnilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho (MANACORDA, 2007, p.89-90).

A urgência para a consolidação de uma educação politécnica em Cuba, caminhou de forma conjunta com a urgência em superar o analfabetismo, isso porque as pessoas que representavam a pouca mão de obra especializada que havia na Ilha haviam deixado o país por serem contrárias aos ideais da Revolução.

Mas, foi a partir da Campanha de Alfabetização, da formação expressa na Cartilha *¡Venceremos!*, ou seja, das iniciativas para a educação camponesa e operária, que a educação com vistas a unir a ciência e a técnica, a cidade e o campo, fortaleceu-se no que diz respeito ao objetivo de contribuir para a formação integral do homem cubano. Fidel Castro enfatizava que era necessário efetivar a máxima de José Martí:

Educar é depositar em cada homem toda a obra humana que lhe há antecedido: é fazer a cada homem resumo do mundo vivente até o dia em que vive: é pôr ao nível do seu tempo para que aflore sobre ele e não deixá-lo debaixo do seu tempo, com o qual não poderá sair e aflorar; é preparar o homem para a vida (MARTÍ, 2002, p.397, tradução nossa).

Isso posto, compreendeu-se que as exigências para a consolidação do novo projeto societário requeriam muito mais do que suprir as necessidades imediatas de mão de obra qualificada. Para que houvesse desenvolvimento econômico necessitava-se concomitantemente unir conhecimento técnico e científico a mudanças de atitudes e valores (conscientização) por parte daqueles que internalizariam tais qualificações.

4.2.4. A Instrução Artística e Cultural

Para Marx (1982), como mencionado, uma formação omnilateral abrangia três características principais: a instrução intelectual, física e politécnica. Foi possível identificar na proposta da pedagogia revolucionária cubana essas três características marxistas. E, ao analisar o discurso de Che Guevara, *O Socialismo e o Homem em Cuba*, autores comentadores como Huteau e Lautrey (1976) acrescentaram nessa proposta pedagógica uma quarta característica: a formação cultural e artística.

Essa formação consistia, a princípio, em ampliar o acesso e estimular o interesse do homem cubano a apreciar atividades como, por exemplo: teatros, exposições de artes visuais, filmes, charges e poesias. Incentivava-se, por conseguinte, a valorização da cultura cubana, no intuito de contribuir com o desenvolvimento do nacionalismo e com a apropriação do sentido de identidade e de dignidade, consciência e satisfação pela história de Cuba. Até então, isso não acontecia de maneira expressiva porque o que se valorizava era a cultura norte-americana.

O estímulo ao acesso e valorização da cultura cubana poderia contribuir para sobrepôr os valores norte-americanos pelos latino-americanos e para que, pouco a pouco, fosse desenvolvida uma cultura revolucionária, na qual novos artistas e intelectuais poderiam surgir e fazer da arte uma arma de denúncia dos pressupostos do imperialismo estadunidense.

Além desse objetivo de valorizar a cultura local, buscava-se evitar que os ideais da Revolução se perdessem e houvesse uma distração ou distanciamento da nova geração a ser formada nesses ideais.

Esse outro aspecto da formação omnilateral foi identificado na *Cartilha ¡Venceremos!*, que no caso do camponês e do operário tinha intuito de sensibilizar e incentivar.

Na tentativa de reforçar os princípios revolucionários de formar um homem completo, seria necessário estimular o camponês e o operário a apreciar as manifestações artísticas e culturais, preenchendo assim o seu tempo livre com atividades variadas e enriquecedoras.

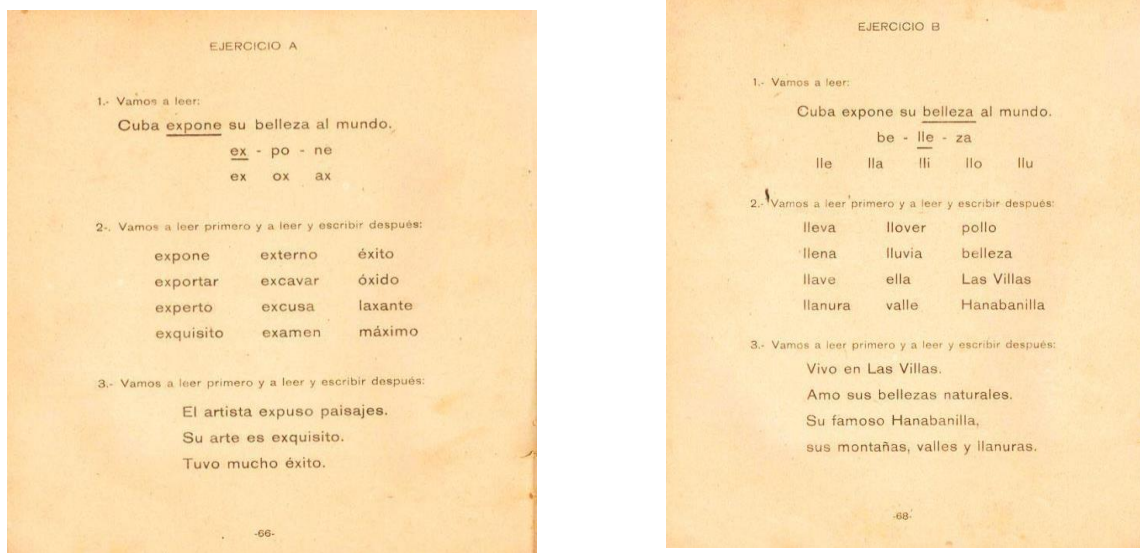
Na *Cartilha ¡Venceremos!*, o incentivo para uma formação cultural geralmente aparecia nos textos dos exercícios que reforçavam a representação

de uma sílaba, sempre a partir de uma imagem, de um texto e uma frase que demonstrava uma transformação na sociedade que estaria acontecendo após a Revolução.

Essas imagens sempre traziam uma representação; sobre essa perspectiva Oliveira e Trinchão (2010, p.133-134) explicitam que quando as imagens “[...] são compreendidas por outras pessoas além das que as fabricam é porque existe entre elas um mínimo de convenção sociocultural. Em outras palavras, elas devem boa parcela de sua significação a seu aspecto de símbolo ou alegoria”. As imagens da Cartilha *¡Venceremos!* traziam consigo um simbolismo que permitiu transmitir visualmente conteúdos sociais, políticos, econômicos e culturais. Sendo elas um próprio componente da cultura da sociedade cubana em transformação e, ao serem elaboradas por agentes sociais específicos, estavam dotadas de valores e princípios ideológicos que ao serem unidas à linguagem escritas dos textos das lições, ampliaram o potencial de comunicação para fazer com que alunos internalizassem os ideais da Revolução.

O incentivo artístico e cultural foi identificado nos seguintes textos das lições de *¡Venceremos!*:

Figura 44: Exercícios A e B da Lição *INIT* de *¡Venceremos!* - Instrução Artística e Cultural



Fonte: CUBA, 1961a, p.66-68.

No exercício A e B da lição *INIT*, a instrução artística e cultural aparece articulada com o acesso ao lazer “*Cuba expõe suas belezas ao mundo*”. Expor as belezas ao mundo representava a prática do turismo; entretanto, agora o mesmo deveria ser praticado pelos cubanos que antes eram privados de conhecerem algumas belezas naturais do próprio país e de participarem de atividades recreativas porque suas condições econômicas não permitiam.

O incentivo para que os camponeses e operários se interessassem pelas atividades artísticas e culturais está representado no texto de leitura e cópia da tarefa número 3 do exercício A: “*O artista expôs paisagens. Sua arte é exótica. Foi muito bem sucedido*”. É possível que se pretendesse transmitir com esse texto o pressuposto de que o homem do campo e da cidade, além de ter acesso às exposições de obras de arte, poderia aprender apreciá-las e julgá-las.

Já o texto da tarefa número 3 do exercício B buscava elucidar o acesso, usufruto, mas acima de tudo a valorização dos cubanos aos seus bens culturais locais “*Eu moro em Las Villas. Amo suas belezas naturais. Sua famosa Hanabanilla [lago artificial], suas montanhas, vales e planícies*”. Ao incentivar a valorização das belezas naturais locais, buscava-se contribuir para o

desenvolvimento de valores próprios, superando a internalização de valores norte-americanos.

Pretendia-se demonstrar ao alfabetizando que era uma conquista do homem, seja camponês ou operário, poder ter acesso ou participar do meio artístico e cultural “Agora o povo feliz se diverte” (CUBA, 1961a, p.65, tradução nossa⁹⁸). Agora podiam apreciar o patrimônio cultural que a eles pertencia por direito, atribuindo-lhe um valor revolucionário.

Nessa perspectiva de análise, considera-se que a Cartilha *¡Venceremos!* apresentava uma proposta formativa que correspondia à instrução intelectual, física, politécnica e artística cultural. Havia na Campanha de Alfabetização uma preocupação com a formação integral do alfabetizando, uma proposta pedagógica que se aproximava da omnilateralidade.

Faz-se necessário esclarecer que a formação do homem do futuro foi realizada simultaneamente para aqueles que exerciam a função de professores e para os jovens e adultos que foram alfabetizados por eles.

No que diz respeito aos jovens maestros que já tinham 16 anos, foram inseridos num programa acelerado de estudos para a formação de professores.

E quanto aos alunos alfabetizados durante a Campanha, os jovens e adultos, foi montado um ciclo de Estudos, também acelerado.

O que os programas, tanto de formação dos professores como de formação de jovens e adultos, tinham em comum era a base teórica contida na Cartilha e a missão: quem sabe, ensina; quem não sabe, aprende.

4.3. O percurso histórico da formação de 1961 até 1964: De “homem do futuro” ao “homem novo”

Se preparar o homem do futuro já era uma preocupação no período da Campanha de Alfabetização e didaticamente, seus recursos pedagógicos ilustravam isso, a materialização desse homem em “homem novo” era uma exigência por parte dos líderes revolucionários. E tornou-se ainda mais explícita quando a Campanha estava para finalizar, no período de 1961 a março de 1965,

⁹⁸ “Ahora el pueblo feliz se divierte” (CUBA, 1961a, p.65).

em todas as esferas da sociedade. Isso levou o governo a adotar estratégias de formação educacional para os recém alfabetizados camponeses e operários, mas, para a parcela da população que não havia participado de forma direta da Campanha.

Na tentativa de verificar como essa exigência expressou-se na prática e se a Campanha de Alfabetização e os pressupostos da Cartilha *¡Venceremos!* influenciaram esse processo, buscou-se mapear as reportagens da Revista Bohemia entre 1961 e março de 1965 e, da Revista INRA de 1961 a julho de 1962. Foram consultadas 234 edições de Bohemia e 16 edições da INRA. A partir dessa consulta foram selecionadas 22 reportagens que demonstravam ações realizadas para com a sociedade em geral, a partir dessas preocupações.

Quadro 04 - Textos mapeados nas Revistas Bohemia e INRA sobre a formação do homem do futuro

Título da Reportagem	Autor	Data	Revista
Agora os futuros maestros se forjam em Sierra	Oscar F. Rego	13/08/1961	Bohemia
Os Futuros Milicianos da Pátria: Acampamento de Verão Teté Contino	Guilherme Rivas Porta	13/08/1961	Bohemia
A Ciência orienta a Produção	Manuel Marcer	12/12/1961	INRA
Instrução Revolucionária: A Escola Armando Mirabal da Federação de Mulheres Cubanas	Juan F. Guerra	21/01/1962	Bohemia
Uma Escola para guia de Pioneiros	Carlos Nicot Pomar	21/01/1962	Bohemia
A Escola Patrício Lumumba: Forjando Administradores para a Pátria Socialista	Javier Rodríguez	30/03/1962	Bohemia
Mínimo Técnico	Oswaldo Salas Escobar	04/05/1962	Bohemia
Propaganda para o	Departamento de	22/03/1963	Bohemia

Mínimo Técnico	Ensino e Divulgação do INRA		
Nova promoção de maestros se forjam em Escambray	José Gil de Lamadrid	08/03/1963	Bohemia
Propaganda para divulgar bolsas de estudo no Centro Vocacional de Maestros Primários	Ministério da Educação	24/05/1963	Bohemia
Eu quero me inscrever já! No SMO - Serviço Militar Obrigatório	M. G. C.	29/11/1963	Bohemia
O Plano Santiago	Gregorio Hernández	17/01/1964	Bohemia
A Formação emergente de maestros em Cuba: Uma entrevista com o Secretário Geral do Sindicato de Trabalhadores do Ensino e da Ciência Gaspar J. García Galló	Lopez Carlon	28/02/1964	Bohemia
Propaganda de 6.000 bolsas de estudo para o Centro Vocacional para Maestros Primários Sierra Maestra em Minas de Frío	Conselho Nacional de Educação	08/05/1964	Bohemia
Propaganda de 6.000 bolsas de estudo para o Centro Vocacional para Maestros Primários Sierra Maestra em Minas de Frío	Conselho Nacional de Educação	15/05/1964	Bohemia
Uma nova geração se define em Minas de Frío	Antonio Resíllez	05/06/1964	Bohemia
Mensagem do Conselho Nacional de Educação	Conselho Nacional de Educação	05/06/1964	Bohemia
Mensagem do	MINED - Ministério de	19/06/1964	Bohemia

Ministério de Educação de Cuba e do Sindicato dos Técnicos Industriais	Educação de Cuba SINTEC - Sindicato dos Técnicos Industriais		
Mensagem do Conselho Nacional de educação	Conselho Nacional de Educação	03/07/1964	Bohemia
Cuba marcha até a Educação Integral	Jose Sanchez Rubin	14/08/1964	Bohemia
Maestros Primários LPV	Oscar F. Rego	28/08/1964	Bohemia
No novo ano escolar 1.280.000 escolares nas aulas	Oscar F. Rego	11/09/1964	Bohemia

Fonte: Elaborado pela autora

Dessas reportagens selecionadas, 03 tratavam sobre formar contingentes para a defesa da Pátria; 06, sobre formar técnicos capacitados para a área da agricultura, pecuária e administração; 01, sobre a formação de novos médicos e 12 a respeito dos cursos na área do magistério. Ainda que todas tratassem sobre a formação de um homem novo a partir de seu desenvolvimento integral aproximando-se dos ideais expressos na Cartilha *¡Venceremos!*, pelo número maior das reportagens serem a respeito da formação dos alunos das escolas para professores primários e do convencimento de mais pessoas se matricularem nas mesmas, pode-se inferir que a preocupação maior estava em educar o educador para que o mesmo pudesse consolidar esse ideal de homem para a nova sociedade.

No que diz respeito sobre as ações realizadas para formar contingentes para a defesa da Pátria, identificou-se um acampamento de verão denominado *Teté Contino*, que era administrado pelo Ministério de Bem Estar Social em 1961; uma escola inaugurada em 1962 pela Federação de Mulheres Cubanas para que as mulheres recebessem instrução revolucionária e fossem incorporadas nas aulas de tiro; e um projeto de lei denominado *Serviço Militar Obrigatório* de 1963, que previa a inscrição de jovens para prestarem serviços nas Forças Armadas.

Sobre a capacitação técnica e científica, identificou-se como ações práticas do governo revolucionário, para atingir tal objetivo iniciado com a Campanha de Alfabetização e instrumentalizado em seus materiais didáticos, um Laboratório denominado Control, que oferecia serviços educacionais; uma escola para administradores; um curso de estudo teórico e dos hábitos do manejo prático dos mecanismos e equipamentos, dos métodos modernos para produzir mais bens de consumo intitulado de Mínimo Técnico; e uma campanha massiva de convencimento dos jovens a realizarem esse curso.

Nessa busca pela formação do homem ideal cubano, preocupava-se com as jovens que ainda não tinham idade ou não queriam se inscrever nos cursos do magistério. Na edição número 06 da Revista INRA de 06 de junho de 1961, verificou-se uma escola denominada Clodomira Crisol, que tinha como objetivo oferecer uma educação de acordo com os princípios da Revolução para as garotas humildes:

Figura 45 - Trecho 01 da Reportagem Clodomira Crisol

—“El Gobierno Revolucionario, por iniciativa de su máximo guía, doctor Fidel Castro, a través de la Asociación de Jóvenes Rebeldes, organizó el Centro Educativo de Industria y Artesanía, al que se puso por nombre “**Clodomira**”, en honor a la memoria de la valiente revolucionaria que cayó luchando por las libertades que ahora estamos disfrutando todos los cubanos. El objetivo principal de este Centro es el de procurar que las **muchachas humildes** y olvidadas hasta ayer, puedan recibir una educación bien orientada, para que puedan tener derecho a un mañana más digno y humano, convirtiéndose en mujeres útiles a la Patria y a la Revolución, de acuerdo con sus aptitudes . . .

Fonte: PEREZ, 1961, p.35.

Nessa escola, ofereciam-se as instruções da sala de aula e trabalhos de oficinas no campo, nos jardins e na cozinha. Não se usava a qualificação ‘grau’, para os variados níveis escolares que se tinha. De certa forma, mantinha-se um estado de igualdade, para não despertar ciúmes nas jovens de graus inferiores. Cada nível levava um nome de heróis da Revolução, formando cinco grupos: Lídia, para as que ingressavam analfabetas; Camilo Cienfuegos, seria o segundo nível (que vinham a ser o segundo grau); Ciro Redondo o terceiro nível, para

alunas que estavam se incorporando nos trabalhos fundamentais do Centro, por sua preparação e disciplina; Clodomira, o quarto nível, que contava com as alunas mais bem preparadas, que ajudavam diretamente suas companheiras de níveis inferiores no cumprimento de todos seus deveres e na compreensão de certas dificuldades, alfabetizavam e colaboravam na campanha de alfabetização; Sierra Maestra e Industrialização eram os níveis finais, que abriam a porta da Escola Secundária Básica.

Ao instruir intelectualmente e no trabalho voluntário, procurava-se transformar uma escola verbalista em uma escola de ação revolucionária e trabalho intensivo. Pretendia-se que a escola deixasse de lado a simples função memorista, passando à escola prática e funcional. A tarefa individual do professor deixaria de ser enfatizada, dando lugar à inspirada responsabilidade de grupos, de níveis escolares e capacitação revolucionária. Desse modo, os maestros deveriam estabelecer um relacionamento humano semelhante ao dos jovens maestros da Campanha de Alfabetização, deveriam aconselhar e não apenas ordenar atividades.

A reportagem trazia, como resultado do ensino produzido na escola, os números dos trabalhos realizados nas aulas práticas:

Figura 46 - Trecho 02 da Reportagem Clodomira Crisol

En la producción, he aquí el resultado: han hecho 116 trasplantes de orquídeas, 200 en macetas y 200 en palos. Han ampliado el jardín con nuevas variedades, por ejemplo: 5,600 posturas de esterlillos; 2,894 extrañas rosas y 2,334 margaritas. Las orquídeas en macetas alcanzan la cantidad de 3,000; y sembradas en palos, unas 500.

Fonte: PEREZ, 1961, p.41.

Desse modo, é possível que o primeiro passo para a formação de um homem novo tenha sido dado por meio dos materiais didáticos da Campanha de Alfabetização, porque tornaram-se um dos principais meios nessa batalha da Revolução de formar um novo tipo de cidadão. Tornaram-se uma pedra angular, que disseminou uma consciência cubana no exercício de técnicas efetivas de

ação educativa. Fazendo com que o que neles era expresso permanecesse, na tentativa de consolidar um ideal de homem.

Estava claro que o que se começou na Campanha em relação ao homem novo não havia terminado. Ainda se tinha muito para fazer. Mas, não deixava de representar que não se pretendia apenas uma conquista da força, se não a do saber, que por sua vez, não subjugaria a vontade do homem, que não violentaria a tranquilidade social, nem cortaria a iniciativa individual, senão que, pelo contrário, estimularia a vontade viva de superação e impulsionaria a ação produtiva revolucionária, que viria a construir, enfim, o avanço cultural de um povo e o grau que seria qualificado o futuro.

Esse esforço em elevar o nível cultural, pelo menos aparentemente, existia inclusive para aqueles que ainda insistiam em não participarem ativamente no processo de construção da nova ordem social. A edição número 43 da Revista Bohemia, de 26 de outubro de 1962, reportou como o governo revolucionário buscava orientar essa parcela da população por meio do acesso a literaturas revolucionárias: [...] uma avalanche de literatura fundamentalmente revolucionária, tem inundado livrarias e barracas” (ALGUESVIVES, 1962, p.12, tradução nossa⁹⁹).

Entretanto, era necessário orientar os novos leitores para que eles não se perdessem pelo excesso de informações, o que poderia impedir o melhor desenvolvimento do aprimoramento cultural e político daqueles que já haviam iniciado, desde algum tempo, no mundo da leitura, e essencialmente nos que estavam adentrando nesse universo naquele momento. Para tanto, a reportagem da revista trazia uma lista de leituras importantes para os que gostariam de desenvolver o seu enriquecimento cultural, ou apenas o desfrute da leitura. Estavam inclusas nesta listagem as obras de José Martí, A História me Absolverá de Fidel Castro e o Manifesto Comunista de Marx.

Se a formação de um novo tipo de homem era urgente, estava presente uma preocupação em controlar as leituras do cidadão, para que os mesmos, na perspectiva do governo revolucionário, não perdessem tempo e energia em

⁹⁹ “[...] una avalancha de literatura fundamentalmente revolucionaria, ha inundado librerías y quioscos” (ALGUESVIVES, 1962, p.12).

questões de importância e valor relativos; deveriam ser ocupados por outros mais consistentes com o momento revolucionário do qual eram atores e espectadores. Entretanto, esse tipo de atitude possibilita refletir até que ponto essa estratégia de tentativa de controlar as leituras do cidadão já não indicava iniciativas de proteção, por parte do governo, das novas forças de produção a qualquer custo. Ou seja, até que ponto referia-se apenas à preocupação de formar o homem do futuro.

Sabe-se que o processo de aquisição de conhecimentos e crescimento mental, está intimamente vinculado com o meio que rodeia o indivíduo, que o desenvolvimento de suas ideias e os comentários e discussões que o mesmo mantém com os outros sobre isso, e a aplicação e adaptação que se faz deles na prática da vida cotidiana, acontece por meio do vínculo que se estabelece entre os novos conhecimentos adquiridos com o que já se possui e das experiências e observações desse mesmo indivíduo.

Então é possível que, ao tentar controlar o acesso a outros tipos de literaturas que fossem distantes ou contrárias à Revolução, mesmo com uma preocupação sincera com a emergente formação intelectual e argumentativa de um homem novo, o que ocorria de fato era censura.

No que diz respeito especialmente à parcela da população que participou ativamente da Campanha de Alfabetização, camponeses, operários e professores brigadistas, outras medidas de formação educacional foram tomadas na tentativa de alcançar a proposta dos líderes revolucionários em formar um modelo de homem ideal.

4.3.1. A aceleração de Estudos: o Plano de Estudos para o Camponês, o operário e Professores após a Campanha de Alfabetização

Quando a Campanha de Alfabetização finalizou, houve a preocupação com a continuidade dos estudos, tanto dos estudantes recém alfabetizados como dos que participaram como professores voluntários, além de um incentivo para que operários concluíssem seus estudos.

Foram organizadas medidas importantes para solidificar o sucesso da Campanha de Alfabetização. Foi criada a Direção de Educação de trabalhadores urbanos e rurais, com dois cursos: o curso que se chamou Seguimento, que era fundamentalmente para os recém-alfabetizados na Campanha e para todos aqueles que sabiam ler e escrever e tinham um nível menor que o segundo grau, ou seja, um nível muito elementar. E de Superação Obreira para aqueles que também tinham um nível elementar, mas possuíam um terceiro, quarto, quinto grau de educação; eram mais de um milhão de pessoas no país que não tinham o sexto grau da educação.

Ainda, para os analfabetos que restaram (3,9% da população) continuou um programa de combate ao “analfabetismo residual”, que localizava e alfabetizava essas pessoas em todas as regiões do país. Em 24 de fevereiro de 1962, logo após o término da Campanha de Alfabetização, foi criado um vice-ministério, ligado ao Ministério de Educação, voltado à educação de adultos. Em 1963 o Ministério de Educação e a Central de Trabalhadores de Cuba realizaram uma prova para conhecer a subescolaridade existente no país. Os resultados foram:

El 53% tenía nivel equivalente a los dos primeros graus; el 28,1% de tercero a sexto grau escolar; el 5,5% un nivel de primer año de secundaria y solamente el 13,4 rebasava esos niveles. Estos resultados, unidos a casi un millón de alfabetizados en la Campaña, alcanzaban la cantidad de 2 millones de personas aproximadamente sin nivel elemental de educación (Ministerio de Educación de Cuba- MINED, 1983:13)

O programa de Seguimento era destinado aos jovens e adultos recém alfabetizados na Campanha. Contudo, estava mais direcionado à educação do campo, como parte da segunda campanha de alfabetização, ou melhor dizendo, como continuidade da Campanha de Alfabetização, e tinha como base a Cartilha *¡Venceremos!* e os princípios nela contidos. Consistia em aproximadamente dois cursos acelerados que permitiam integrar os trabalhadores do campo no processo produtivo, com uma preparação progressivamente mais ampla. O primeiro curso, com tempo de duração de dois anos, tinha como objetivo levar os alfabetizados

ao nível aproximado do terceiro ano da escola elementar, incluía leitura interpretativa, escrita e matemática.

No segundo curso, com dois anos de duração, aprofundava-se o ensino da gramática da língua espanhola e fundamentado na e pela Cartilha *¡Venceremos!* apresentava um currículo de formação que abrangia: Instrução intelectual, física e politécnica. Ao concluí-lo, era ofertado o certificado de sexto grau.

O seguimento de estudos para os recém alfabetizados tornou-se essencial na medida em que era necessário buscar consolidar essa nova consciência na mentalidade, sobretudo camponesa e, nesse sentido, a instrumentalização da educação a serviço da Revolução já havia demonstrado sua eficácia com a Campanha Nacional de Alfabetização.

Sobre o curso de Superação Obreira, com duração de 01 ano, era destinado aos operários que ainda não haviam concluído os seus estudos e que tinham apresentado melhores resultados na prova aplicada pelo Ministério de Educação e a Central de Trabalhadores de Cuba, era ministrado em conjunto com um auxiliar que estivesse na fábrica e que pudesse desenvolver o trabalho.

Esse curso deveria corresponder ao da secundária básica e capacitar os alunos para ingressar no Instituto Técnico. Tinha um programa mais complexo para o estudo da língua espanhola, introdução à literatura de obras escolhidas, estudos matemáticos, contemplando equações de primeiro grau, noções de álgebra, geometria, biologia, física e química.

Cabe ressaltar que ocorreu, nesse período, um aumento significativo de instituições educativas, que ficaram conhecidas por Educação Operário - Camponesa, como demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 05: Dados anuais sobre a Educação Operário-Camponesa entre 1961-1965

Ano Escolar	1961	1962	1963	1964	1965
Escolas	2.915	20.087	17.510	26.241	26.709
Professores	2.482	22.458	19.714	34.402	30.295
Matrículas	428.590	468.456	455.394	817.998	550.837

Fonte: WERTHEIN; CARNOY, 1984, p.88.

Pelos dados da tabela 05, verifica-se que as iniciativas da Campanha de Alfabetização de elevar o nível das capacidades intelectuais dos jovens e adultos continuou por meio do programa de Seguimento e Superação Obreira, resultando na abertura de muitas escolas (o número de escolas em 1961 era de 2.915, em 1965 saltou para 26.709). O que proporcionou e facilitou a acessibilidade não só dos camponeses, mas também dos operários ao ensino formal.

Se anteriormente, as raras escolas para a instrução dos adultos, na perspectiva dos autores, tratavam, basicamente, do ensino de inglês, após a Campanha houve grande desenvolvimento com a preocupação de “[...] elevação das capacidades cognitivas dos adultos e com sua incorporação à nova ideologia” (WERTHEIN; CARNOY, 1984, p.86); os objetivos aproximavam-se dos da educação das crianças, havendo apenas uma reorganização de horários para que pudessem trabalhar.

Quanto às formações nos Institutos Técnicos, conhecidos como Faculdade Preparatória ou Faculdade Operária e Camponesa ou ainda como Faculdade Obreira e Campesina comportavam quatro cursos em tempo integral, cuja passagem de nível dava-se por meio de exames e, ao terminá-los, os alunos eram habilitados a entrarem nas universidades de ciências, agronomia, tecnologia ou instituto pedagógico, resultando em um aumento das escolas, professores e matrículas no campo da educação técnica:

Tabela 06: Dados anuais sobre a Educação Técnica entre 1961-1965

	1961	1962	1963	1964	1965
Escolas	48	102	120	116	108
Professores	1.711	2.564	3.373	2.930	2.970
Matrículas	33.368	35.966	48.872	44.439	30.822

Fonte: WERTHEIN; CARNOY, 1984, p.98.

Os dados apresentados por Werthein e Carnoy (1984) apontam que a maior expansão da educação técnica em Cuba ocorreu entre os anos de 1961 e 1963, o aumento foi significativo no que diz respeito ao número de escolas, quase triplicou. O número de professores praticamente dobrou e também houve

aumento expressivo no número de matrículas. Entretanto, identifica-se que em 1964 e 1965 houve uma queda desses números; segundo os autores, pode ter sido por três motivos: “[...] a) um grande aumento no número de diplomados na escola secundária entrando no mercado de trabalho, b) um aumento contínuo da educação secundária, e c) uma centralização maior da administração da economia” (WERTHEIN; CARNOY, 1984, p.95).

A reportagem de Roberto Diaz Gonzalez: “*Obreros en la Universidad*” da Edição do mês de julho de 1962 da Revista *INRA*, tinha como objetivo descrever a organização das Faculdades Obreiras que foram criadas como parte da Campanha de Seguimento da Alfabetização, para atender a parcela da população que havia terminado o Curso de Superação Obreira. De acordo com Gonzalez (1962), os professores dessas faculdades tinham o cuidado de adaptar o processo de ensino, bem como os horários das aulas, às características especiais dos cursos dos quais os alunos trabalhavam na produção dentro da própria faculdade: “[...] todos os trabalhadores continuam em seus centros de trabalho, porém trabalham somente pelas manhãs, dedicando as tardes a suas aulas e as noites ao estudo” (GONZALEZ, 1962, p.22, tradução nossa¹⁰⁰).

Identifica-se, nesse sentido, uma nova maneira de formação, na qual professor e aluno transitavam juntos pelo próprio espaço de produção - a fábrica - trabalhavam, assistiam às aulas e desenvolviam uma cultura de estudos no período noturno. O currículo de estudos, conforme descrição da reportagem, era assim constituído:

[...] quatro cursos de Matemática, incluindo Aritmética, Álgebra, Trigonometria e Geometria, Composição Geométrica e Álgebra; três de Química, com introdução à Química e primeiro, quarto e quinto anos; Física, terceiro e quarto anos e composição física de terceiro e vigário; Espanhol, Filosofia, Economia, História da Tecnologia, Biologia e Russo, Inglês e Tcheco. Por fim, os alunos recebem aulas teóricas e práticas de Educação Física (GONZALEZ, 1962, p.22, tradução nossa¹⁰¹).

¹⁰⁰ “[...] todos los obreros universitarios continúan en sus centros de trabajo, pero laboran sólo por las mañanas, dedicando las tardes a sus clases y las noches al estudio” (GONZALEZ, 1962, p.22).

¹⁰¹ “[...] cuatro cursos de Matemáticas que incluyen Aritmética, Álgebra, Trigonometría y Geometría, Composición Geométrica y de Álgebra; tres de Química, con introducción a la

Outro aspecto dessa relação pedagógica que chama atenção é o comportamento dos outros trabalhadores na fábrica que não faziam parte da Faculdade de Obreiros. Eles ajudavam os que estudavam intensificando suas horas de trabalho, com o intuito de compensar a produtividade daqueles que se dedicavam aos estudos:

O entrevistamos no próprio recinto, junto com vários companheiros trabalhadores - alunos, expressando, como todos, uma firme decisão de concluir seus estudos e fazer-se merecedor da confiança depositada neles pelos trabalhadores de seus respectivos centros de trabalho, que para facilitar-lhes seus estudos aumentam seu trabalho compensando o que eles deixam de realizar (GONZALEZ, 1962, p.22, tradução nossa¹⁰²).

Identifica-se nessa postura dos companheiros de trabalho uma nova prática com vistas à coletividade e, no senso de responsabilidade, por parte dos estudantes, em retribuir a confiança neles depositada, uma postura de cunho moral. Todos cooperando entre si, para que o trabalho produtivo fosse praticado, mas também, aperfeiçoado por parte daqueles que se instruíam na técnica e na ciência. Características essas iniciadas na relação pedagógica entre jovens maestros e camponeses no período da Campanha de Alfabetização.

Pode-se afirmar que, em meio às dificuldades econômicas e a constante ameaça de invasão territorial, no que diz respeito à educação técnica e científica, entre 1961-1965, Cuba buscou caminhar na contramão de modelos que reduzem esse tipo de educação apenas para desenvolver habilidades e competências laborais que apresentam como foco a produção e não o homem enquanto ser social. Aproximou-se, ainda que parcialmente, do que Marx e Engels (2011) afirmaram sobre a formação politécnica, defendida pelos escritores proletários, ter a necessidade de superar os inconvenientes, entre eles a alienação, que derivam

Química y primero, cuarto y quinto años; Física, de tercero y cuarto años y composición física de tercero y cuarto; Español, Filosofía, Economía, Historia de la Técnica, Biología e idiomas Ruso, Inglés y Checo. Por último, los estudiantes reciben clases de Educación Física tanto teóricas como prácticas” (GONZALEZ, 1962, p.22).

¹⁰² “Le entrevistamos en el propio recinto universitario, junto con varios compañeros obreros - alumnos, expresando, como todos, una firme decisión de culminar sus estudios y hacerse merecedor de la confianza depositada en ellos por los obreros de sus respectivos centros de trabajo, que para facilitarles sus estudios incrementan sus labores compensando las que ellos dejan de realizar” (GONZALEZ, 1962, p.22).

da divisão do trabalho e que impediam que seus alunos alcançassem um conhecimento mais aprofundado de seu ofício.

De acordo com Werthein e Carnoy (1984), nos anos seguintes a 1965, aqueles que conseguiram chegar à universidade foram estudantes procedentes dessas Faculdades Obreiras, que tiveram a oportunidade de concluir seus estudos com o Programa de Superação Obreira, fruto do movimento de alfabetização de 1961 e impulsionado por ela.

Em todos os níveis, desde os Programa Seguimento (1962), percorrendo o Programa de Superação Obreira (1962) até as Faculdades Obreiras (1963), foram mantidos os fundamentos político-ideológicos iniciados com as lições da Cartilha *¡Venceremos!*.

No que se refere aos jovens maestros de maior idade que participaram da Campanha, foram incentivados a continuarem dando aulas. Sob o mesmo princípio da Campanha, de quem sabia mais deveria ensinar quem sabia menos, procurou-se preparar pedagogicamente e de forma acelerada esses jovens. Ao mesmo tempo em que se desenvolveriam estratégias para os cursos superiores de formação de professores.

Se o homem novo não existia, era necessário formar quem o formaria. Era necessário configurar o aluno do magistério no próprio homem novo. Porque assim, seria o próprio homem ideal ensinando e orientando a geração do futuro; por isso, se a Revolução quisesse ir longe, era oportuno chegar muito longe na formação da nova geração de maestros.

Sobre essas estratégias, destaca-se que, em 1962, foram criadas as *Escuelas para Maestros Primarios*, iniciando o plano de estudo com duração de cinco anos conhecido como *Minas-Topes-Tarará*, e era realizado em três lugares diferentes: *Minas del Frío*, onde estudavam por 1 ano; *Tope de Collantes*, estudavam por 2 anos; e *Instituto Pedagógico Makarenko*, em *Tarará*, onde completavam seus estudos em 2 anos. Essa formação pedagógica era realizada em ano de iniciação prática nas montanhas e quatro anos de estudos teórico-práticos em *Collantes* e *Makarenko*. Interessante mencionar que no momento em que Che Guevara declarou que se poderia vislumbrar o nascimento do Homem Novo, a maioria dos jovens maestros que participaram da Campanha

estava cursando os últimos anos desse curso. É possível que ao fazer essa declaração Che Guevara se referisse a esses jovens que, em sua conduta diária, demonstravam ter assumido a ideologia revolucionária.

Na edição número 10 da Revista Bohemia de 08 de março de 1963, os Centros Vocacionais de Maestros Primários foram descritos como uma efetiva peneira que separaria o ouro do futuro (o novo maestro) do momentâneo oropel (folha fina de latão que imita ouro, algo de pouco valor, mas, que aparenta valer muito), como um local onde o trabalho voluntário que os alunos realizariam exercitaria os músculos e fortaleceria a consciência revolucionária:

Figura 47 - Reportagem sobre o Centro Vocacional para Maestros Primários

“Aquí,
aquí se muere y se nace.
Se muere para el pasado:
pasado de explotación,
y de crimen proletario.
Aquí se entierra la ignorancia;
la ignorancia que mata a los hom-
[bres.
Aquí murió el quejido lastimero
del arado campesino,
del chinchorro pescador.
Y aquí nace
el maestro que florece
en el surco guajiro que el arado
[abre;
y de aquí germina y crece
un bosque de jóvenes pinos,
de maestros proletarios.”

Fonte: LAMADRID, 1963, p.79.

Já na reportagem de Antonio Resíllez da edição número 23 da Revista Bohemia de 05 de junho de 1964, os Centros Vocacionais para Maestros Primários foram comparados com um baluarte do campo do ensino, “[...] onde se formam os novos maestros com grande sentido de convivência social, de respeito

e de dignidade humana e cheios de um profundo ardor patriótico e amor a todos os povos (RESÍLLEZ, 1964, p.6, tradução nossa¹⁰³).

Em 1965, quando esses alunos chegavam ao Instituto Pedagógico Makarenko para concluir seus estudos, na perspectiva de Carlon (1965), já apresentavam uma maturidade social e política. Essa maturidade permitia que as aulas da prática profissional que recebiam fossem melhor aproveitadas. Era possível que nos grupos de estudo sobre a metodologia e a prática do ensino acontecessem discussões e análises dos temas de formação coletiva.

Esse modelo funcionou até 1976 quando a exigência para ingressar no curso passou a ser a conclusão do nono grau e não mais do sexto grau como antes, passando a ter duração de quatro anos (MINED, 2021).

Por isso, convocaram-se as organizações de massa, sobretudo, as da zona rural, a Federação de Mulheres Cubanas e os Comitês de Defesa da Revolução que haviam participado da Campanha para buscar pessoas que tivessem o nível primário, de sexto grau, ou até um quarto grau, para serem formados maestros em caráter emergencial.

Essa formação emergencial aconteceria em forma de Seminário que teria três meses de duração, ou seja, seguir-se-ia a mesma estratégia de formação dos professores voluntários da Campanha.

Outra estratégia para tentar suprir a carência de professores foram os chamados maestros obreiros, que eram os próprios trabalhadores que ministrariam aulas adaptadas às condições de espaço e tempo das fábricas, aos seus colegas de trabalho. Os poucos maestros diplomados na educação de jovens e adultos, que permaneceram na Ilha, ministrariam aulas, ocupando cargos de assessoramento pedagógico.

A preocupação com a aceleração da formação em todos os níveis estava articulada à necessidade de encontrar pessoal para assumir cargos e tarefas de todas as naturezas, porque milhares de pessoas haviam saído do país, umas devido ao vínculo com o governo anterior, outras por oposição radical ao novo

¹⁰³ “[...] donde se forman los nuevos maestros con gran sentido de la convivencia social, del respeto a la dignidad humana y llenos de un profundo ardor patriótico y amor a todos los pueblos” (RESÍLLEZ, 1964, p.6).

governo ou ainda outras, por medo do futuro. Entre essas pessoas que saíram do país, estava a maioria dos profissionais de melhor formação técnica e científica, configurando uma evasão de mão de obra sem precedentes.

Necessitava-se, com urgência, formar técnicos capacitados e conscientes dos princípios da Revolução, para gerir as fábricas que haviam sido nacionalizadas. Era fundamental incentivar os alunos da Campanha a continuarem seus estudos e convencê-los, e nesse sentido a mídia muito colaborou, pois era necessário se deslocarem para assistirem às aulas, uma vez que estavam acostumados a estudarem em casa com um jovem maestro à sua disposição; essa prática não seria mais possível, porque os jovens maestros deveriam retornar aos seus estudos.

Contudo, ainda que existissem aspectos a serem superados na formação de um homem novo, porque a sociedade cubana ainda estava impregnada pelos valores absorvidos do capitalismo, não se pode negar que se tentava de muitas maneiras manter a essência da Revolução e alcançar o ideal de homem proposto para a nova sociedade; torna-se importante, destarte, investigar se houve ou não a sua consolidação.

5. O IDEAL DE HOMEM NOVO NA CARTILHA *¡VENCEREMOS!*: CONCEITOS, PRÁTICAS E RESULTADOS

Nesta seção, o objetivo foi verificar a partir de dados retirados dos meios de comunicação da época, se e como ocorreu a sistematização desse ideal de homem novo na sociedade cubana, de maneira especial, entre a parcela da população que participou da Campanha de Alfabetização: camponeses, operários e jovens maestros.

Tendo em vista que esse homem foi sendo esboçado no movimento histórico do período da Revolução a partir de 1959, pelo processo educacional iniciado em 1961 com a Campanha de Alfabetização que teve como principal recurso didático a Cartilha *¡Venceremos!*, é importante reiterar que após a Campanha de Alfabetização, em 1962, foi organizado um novo plano educacional denominado de Campanha de Seguimento da Alfabetização, de continuidade dos estudos para os alfabetizados em 1961, com o objetivo de continuar o trabalho realizado com a Cartilha *¡Venceremos!* e sua mensagem política.

De acordo com o Congresso Nacional de Alfabetização de 1961, as pessoas poderiam esquecer, por desuso, o que haviam aprendido. Entendia-se que o problema do analfabetismo não seria erradicado sem que houvesse incentivo para que os adultos continuassem seus estudos e prevenissem a regressão e construção de novos analfabetos.

Articulado a esse entendimento por parte dos participantes do Congresso Nacional de Alfabetização, estava o pressuposto de que a alfabetização não se tratava apenas da aprendizagem de codificação e decodificação do sistema de escrita alfabética, mas de uma nova possibilidade de ver e compreender o mundo, o que exigia um processo contínuo de formação e autoformação.

A alfabetização, ao ser utilizada como instrumento para uma ação educativa global, significou mais do que uma estratégia de política educacional, uma experiência que buscou proporcionar aos envolvidos meios para que pudessem desenvolver condições para a consolidação das bases de um novo contexto societário.

Por isso, a preocupação para que os alunos da Campanha continuassem seus estudos, bem como, o investimento em publicidade na tentativa de manter o contexto de mobilização das massas para incentivar que a população em geral se interessasse em buscar elevar seu nível cultural, inspirando transformações em todo o sistema educacional cubano.

Esse Programa de continuidade dos estudos, como mencionado, abrangia um plano de alfabetização completo, deveria incluir uma formação mais geral que compreendia a formação intelectual e politécnica, assim como uma formação física e cultural que atendesse aos quesitos necessários para a formação de um modelo de homem ideal proposto pela Revolução.

Concebido a princípio como “homem do Futuro”, a partir de março de 1965, esse homem assume a designação de “homem Novo”. Nesse ano de 1965, os alunos camponeses que continuaram seus estudos estavam no último ano do segundo curso do Plano de Seguimento, os operários já haviam terminado o curso de Superação Obreira e estavam iniciando os cursos técnicos das Faculdades Obreiras. Enquanto os jovens maestros que foram às *Escuelas para Maestros Primarios* ingressavam no penúltimo ano da formação que lhes foi designada.

Tendo em vista que a maioria dos que estavam participando desses cursos tiveram contato com a proposta formativa da Cartilha *¡Venceremos!* e que esses mesmos cursos retomavam o trabalho com outros materiais didáticos produzidos no período da Campanha, como por exemplo o de Matemática *Producir-Ahorrar-Organizar*, foi necessário investigar de que forma o que Che Guevara sistematizou para a formação do homem novo em 1965 estava expresso nos conteúdos das lições da Cartilha *¡Venceremos!*, tendo como apoio as reportagens das Revistas Bohemia e INRA na tentativa de discutir como os resultados desse projeto educacional eram apresentados para a sociedade cubana naquele período.

5.1. As Três Características Ideais do Homem Novo

Preparar o homem cubano, empírica e teoricamente, para as demandas da nova base material que se pretendia construir foi, como mencionado, uma preocupação dos líderes revolucionários desde 1959, especialmente para Che Guevara que presenciou, em suas inúmeras viagens pela América Latina, a exploração e desigualdade entre os homens, teorizada por Karl Marx (1996), fato pelo qual o argentino deixou-se influenciar pelos pressupostos desse autor em relação à autoatividade humana: o trabalho e ao comunismo como uma possível solução para a libertação das condições materiais que proporcionavam a alienação do homem.

Na condição de participante ativo do governo revolucionário e Ministro da Indústria, Guevara buscou construir em Cuba uma realidade e uma teoria que viabilizassem a concretização da sociedade socialista, tendo como principal caminho para esse fim, a formação de um homem consciente e possuidor de uma moral e ética livres da alienação e do egoísmo.

Ele não conseguiu sistematizar com rigor teórico esse homem, devido à sua morte breve, mas seu ideário pode ser identificado em seus escritos e, em especial, em suas ações.

A importância do ideal de homem elucidado pelo líder revolucionário, nesse sentido, não está na forma teórica por meio da qual foi idealizado, mas em seu exemplo prático de procurar reagir às situações de dificuldade, elaborar soluções concretas e enfrentar as exigências delas decorrentes.

Indicações e esboços desse seu ideário de homem aparecem em seus discursos antes de 1965, como guerrilheiro, revolucionário, homem do futuro ou homem comunista. Em um discurso pronunciado à União de Jovens Comunistas em 1962, Che Guevara apontou os valores que esse homem ideal deveria ter:

Penso que a primeira coisa que deve caracterizar um jovem comunista é a honra que sente por ser jovem comunista [...] junto a isso, um grande senso de dever para com a sociedade [...] Ao lado disso, uma grande sensibilidade frente à injustiça [...] um jovem comunista deve se propor a ser o primeiro em tudo. Ser um exemplo vivo, ser o espelho em que se refletem os companheiros que não pertencem às juventudes comunistas, ser o exemplo no qual se podem reconhecer os homens e mulheres de idade mais avançada, que perderam certo entusiasmo juvenil, que perderam

a fé na vida e que, diante do estímulo do exemplo, sempre reagem bem [...] Paralelamente, um grande espírito de sacrifício [...] quer dizer: o que se coloca para todo jovem comunista é ser essencialmente humano, ser tão humano que se aproxime do melhor do humano (GUEVARA, 1962, on-line).

Mas, a tentativa de caracterizar esse homem, ainda que incipiente¹⁰⁴, só apareceu em 12 de março de 1965, no discurso de Che Guevara redigido em forma de carta para Carlos Quijano, editor de *Marcha*, no seminário Uruguaio realizado em Montevideu. Nesse discurso, Che Guevara denominou esse ideal formativo como *homem novo*:

Tentarei agora definir o indivíduo, ator desse estranho e apaixonante drama que é a construção do socialismo, em sua dupla existência de ser único e membro da sociedade [...] Para construir o comunismo, paralelamente à base material, há que se fazer o homem novo (GUEVARA, 1965, p.8-9).

Nesse texto, foi possível identificar um ensaio sobre como deveria ser a formação do homem novo. O texto indicou os aspectos ideológicos e econômicos necessários à construção da nova sociedade. E, ao tratar sobre o que era ser um homem novo, conceituou-o como um homem cujas armas principais eram o amor, a moral e a disciplina, um homem com agilidade física e mental (GUEVARA, 1965):

[...] deve idealizar este amor aos povos, às causas mais sagradas, e torná-lo único e indivisível. [...] Nestas condições deve-se ter grande dose de humanidade, grande dose de sentimentos de justiça e de verdade para não cair em extremos dogmáticos, em escolasticismos frios, em isolamento das massas (GUEVARA, 1965, p.23-24).

O líder revolucionário acrescentou que era necessário criar um homem que não fosse representado pelas ideias do século XIX e XX que, para ele, tratava-se de uma “erva daninha”, porque eram regidas pelos interesses do imperialismo

¹⁰⁴Che Guevara não esquematizou e formatou teoricamente sua tese sobre o homem novo. Mas, segundo Rojo (1968), tinha ciência dessa lacuna e assumia a não sistematização desse pensamento: “sua preocupação era encontrar uma maneira clara e sedutora de formular a sua tese do homem novo” (ROJO, 1968, p.82).

estadunidense: “[...] O homem do século XXI é aquele que devemos criar, mesmo que ainda seja uma aspiração subjetiva e não sistematizada” (GUEVARA, 1965, p.19-20).

Nesse sentido, o homem novo foi definido não como símbolo, mas como a expressão de massas de cidadãos com um cada vez mais elevado nível de consciência lutando unidos na construção de uma nova sociedade.

A tentativa de formação desse homem novo deveria, cada vez mais, possibilitar condições para que ele pudesse alcançar um alto desenvolvimento ideológico, deixando detrás sentimentos de egoísmo e sendo cada vez mais solidário, com sentido patriótico, humanista, e ao mesmo tempo internacionalista disposto a dar a vida pela causa revolucionária.

Dentre as virtudes elencadas, a formação desse homem deveria auxiliá-lo a ser modesto, austero, com profundo sentido de justiça; dedicar-se com entusiasmo ao cumprimento de suas responsabilidades sociais, cívicas e políticas. Deveria conscientizá-lo sobre a importância de ser exemplo ante seus companheiros de trabalho e amigos e, sobretudo, ante sua família para ser elemento principal na formação integral dos seus filhos. Também de que deveria estudar para dominar os avanços crescentes da ciência e da tecnologia e, assim poder contribuir melhor nas tarefas para a construção socialista.

Essa formação faria desse homem um cidadão transformado e, em constante transformação pela atividade revolucionária, que superaria o individualismo e o egoísmo ao compreender e exercer o trabalho não como uma obrigação, mas, como uma ação que se deveria cumprir mediante uma escolha consciente. Criaria oportunidades, para fazer dele um homem consciente, de palavra, especialmente de ação, com valores éticos e morais de solidariedade, generosidade, sensibilidade humana e disposição para lutar pela libertação dos povos explorados pelo imperialismo.

O processo de formação do homem novo, portanto, na perspectiva de Che Guevara, deveria contribuir para que o sujeito, ao receber de forma contínua o impacto da nova base material, percebesse que poderia não estar completamente adequado a ele. Por isso, mediante a influência da educação indireta, ele buscaria produzir seus próprios juízos de valor e se autoeducaria. Para ser capaz de tal

exercício de ação-reflexão-ação o homem cubano deveria internalizar o conhecimento técnico e científico e unificar o estudo com o trabalho; em consonância, ele produziria riqueza por meio da consciência coletiva, proporcionando o desenvolvimento econômico da Ilha. Seria, dessa maneira, concomitantemente mestre e aprendiz.

Além dessa tentativa de construir uma consciência coletiva, os meios de comunicação souberam explorar a afetividade e utilizá-la como um reforço positivo. A exploração do amor como instrumento de convencimento e motivação, buscou impulsionar a ação voluntária e, ao mesmo tempo, eliminar as possíveis contradições existentes, como se pôde ver nas reportagens, discutidas no capítulo 2 (Figura 21 e Figura 22), que enfatizaram o amor como elemento propulsor da causa revolucionária, na pessoa das professoras brigadistas Marta Elena e Bárbara Palenzuela.

O amor à causa e a dedicação das professoras receberam destaque nas reportagens, como um exemplo apelativo, pela forma como ambas demonstravam com suas falas o dever patriótico e a disposição em envolver-se integralmente. Tornou-se uma forma, explorada pela mídia, de fortalecer a Campanha e de examinar visualmente o que já era dito pelos líderes do governo: de que o que transformava uma pessoa num verdadeiro revolucionário era o quanto essa pessoa era movida por um profundo sentimento de amor e entrega à causa revolucionária. Uma estratégia oportuna para persuadir o leitor, fomentando nele sentimentos que o tornavam sensível e predisposto a compartilhar o ponto de vista do outro, ou seja, a assumir a ideia, nesse caso, do governo revolucionário.

A busca pela formação de um homem ideal exigia a potencialização também desses sentimentos. Esse amor, enfatizado constantemente pelos líderes revolucionários e meios publicitários, configurava-se, na verdade, em uma forma de estimular atos de solidariedade. Se para a nova pedagogia, seria impossível materializar um autêntico revolucionário sem essa virtude, para o governo, o homem dotado dela contribuiria para a manutenção e permanência da Revolução.

De acordo com Rafael Saddi Teixeira (2009), o espírito revolucionário, por ser romantizado, admira o sacrifício que os homens são capazes de fazer. E naturalizar os sacrifícios da vida, naquele momento em Cuba, era necessário para

justificar a causa revolucionária. Sendo assim, era comum nos instrumentos educativos que objetivavam a formação de um homem novo o pressuposto de que em seu cotidiano o homem deveria se esforçar para que esse “amor” para com a humanidade se materializasse em atos que deveriam servir de exemplo e mobilização para que outros também os praticassem.

O homem ideal usaria o exemplo pessoal como fonte de inspiração para que outros buscassem dentro de si a força de vontade e disciplina necessária para participarem de forma ativa na construção da nova sociedade. Assumindo assim, a tarefa pedagógica de ensinar e aprender, gestando a consciência coletiva que iria inserir o indivíduo na coletividade.

Como elemento fundamental para formar e modelar esse homem novo, emerge o trabalho político, orientado pela vanguarda revolucionária e fundamentalmente pelo exemplo pessoal dos seus dirigentes.

Neste período de construção do socialismo podemos ver o homem novo que vai nascendo. A sua imagem não está ainda acabada; nem poderia, já que o processo anda paralelo ao desenvolvimento de formas econômicas novas. Tirando aqueles cuja falta de educação os faz tender ao caminho solitário, para a autossatisfação das suas ambições, aqueles que, mesmo dentro deste novo panorama de marcha conjunta, têm a tendência de caminhar isolados da massa que acompanham, o importante é que os homens adquirem cada dia maior consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motores da mesma (GUEVARA, 1965, p.11).

Guevara afirmou que o homem novo estava nascendo, sua imagem (formação) não estava acabada devido à forma econômica ainda em construção. Mas o que considerava importante era, que nessa formação, a cada dia adquiriam a consciência da importância da coletividade e de sua participação como construtores sociais.

Dentre o que foi sistematizado por Che Guevara sobre como formar um homem novo, três características principais se destacam: uma identidade latino-americana muito bem definida, tanto pessoal quanto coletiva; autonomia enquanto construtor de seu próprio destino; e consciência do valor social do trabalho. Para

que essas características pudessem ser aprimoradas era necessário que a identidade cubana fosse construída.

5.1.1. A Construção de Uma Nova Identidade Cubana

As discussões sobre a construção da identidade de um povo perpassam por dois pressupostos: o primeiro associa identidade social à ideia de cultura, valores, costumes e padrões de comportamento comuns em determinada região, como uma unidade de semelhanças. Esse pressuposto aproxima-se das análises que destacam a subjetividade ao enfatizar os sentimentos, a sensação de pertença e a identificação de vontades dos indivíduos.

O segundo aborda a identidade social em uma perspectiva a partir do estudo do indivíduo nos aspectos cognitivos, emocionais, sociais e institucionais, procura reconstruir o que a expressão significa, bem como sua função social. Aproximando-se dos estudos que se referem ao termo enquanto uma “[...] determinada territorialidade, um sistema jurídico comum referendado pela população” (VIEIRA; CASTAÑEDA, 2009, p.6), que pode ter uma ou mais línguas reconhecidas como oficiais, hábitos e costumes que identificam uma comunidade sem a necessidade de serem idênticos.

Entretanto, a identidade, por uma ótica dialética, é construída por meio das interações do sujeito com o meio em que está inserido, pela prática, pela ação, pelo trabalho: “na práxis, que é a unidade da subjetividade e da objetividade, o homem se produz a si mesmo. Concretiza sua identidade” (CIAMPA, 1990, p.201). Ou seja, a construção da identidade de um povo implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida a partir de sua realidade objetiva, sendo a educação e a escola os pilares fundamentais para esse processo de autoconhecimento.

Trabalho e educação possuem uma intrínseca relação, porque a educação caracteriza-se como um processo de trabalho ao mesmo tempo em que se constitui em uma exigência do e para o trabalho, no qual o ato educativo necessita produzir de forma direta e intencional em cada indivíduo singular a

humanidade que foi construída histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

Para Che Guevara, na formação do homem novo era necessário moldar uma identidade que lhe fosse própria, que não estivesse subjugada ao sistema de valores norte-americanos. E, nesse sentido, essa compreensão, deveria ser construída pelo grupo de pertença exigindo a reflexão de como esse grupo se organiza objetivamente:

[...] através das relações que estabelecem seus membros entre si e com o meio onde vivem, isto é, pela sua prática, pelo seu agir (num sentido mais amplo, podemos dizer pelo seu trabalho); agir, trabalhar, fazer, pensar, sentir, etc., já não mais substantivo, mas verbo (CIAMPA, 1977, p.64).

O delineamento sólido dessa identidade faria com que os cubanos resistissem a todas as influências do imperialismo e não se deixassem dominar por ele novamente. Essa construção pelo trabalho, forjada na ação cotidiana, seria responsável pela criação de um homem novo com uma nova técnica (GUEVARA, 1965). No dia a dia, ao criarem sua subsistência com interações sociais que estimulariam e reforçariam virtudes e aspirações do próprio povo, essa identidade se materializaria, permitindo que o homem cubano recuperasse sua essência enquanto ser histórico-social:

Deste modo alcançará a total consciência de seu ser social, o que equivale à sua plena realização como criatura humana, uma vez quebradas as correntes da alienação. Isto se traduzirá concretamente pela reapropriação de sua natureza através do trabalho liberado e a expressão de sua própria condição humana através da cultura e da arte (GUEVARA, 1965, p.14).

Ao apropriar-se do que seria produzido pelo seu trabalho, o homem cubano se identificaria enquanto uma só classe, a classe trabalhadora. Reconheceria seu potencial ativo e criativo, para não apenas moldar-se conforme padrões pré-estabelecidos, mas como capaz de transformá-los modificando com isso a si próprio:

Ele começa a se ver retratado em sua obra e a compreender sua magnitude humana através do objeto criado, do trabalho realizado. Isto já não significa deixar uma parte de seu ser em forma de força de trabalho vendida, que não lhe pertence mais, mas significa uma emanção de si mesmo, uma contribuição à vida comum, em que se reflete; o cumprimento do seu dever social (GUEVARA, 1965, p.14).

Ao superar a dicotomia entre trabalho manual e intelectual, o homem começaria a se ver retratado em sua obra e compreenderia o potencial da humanidade, libertando-se da alienação. Ele poderia entender e indignar-se contra qualquer tipo de exploração do homem pelo homem. A partir disso, no processo da autoeducação, a solidariedade, o patriotismo, a humildade, a austeridade, a resistência, a altivez, o senso de justiça e o amor começariam a fazer parte do ser cubano, remodelando sua identidade.

Nessa perspectiva, foi fundamental pensar a construção da identidade cubana, o que exigiu uma análise do processo formativo no período entre 1961-1965, por meio da Cartilha *¡Venceremos!* e das efetivas práticas divulgadas nas Revistas publicadas no período.

A conjectura de produção material exige entender o trabalho enquanto instrumento formativo, como uma atividade que permite ao homem fazer e refazer seu modo de agir, pensar e existir, bem como de compreender-se e enxergar-se enquanto sujeito histórico social ou apenas enquanto espectador.

Se a identidade é moldada a partir das relações sociais que são desenvolvidas por meio do contexto e das circunstâncias históricas do momento, ela também pode ser compreendida como uma questão política “pois ela está imbricada tanto na atividade produtiva de cada indivíduo quanto nas condições sociais e institucionais onde esta atividade ocorre” (CIAMPA, 2001, p.10).

Falar em identidade cubana implica remontar à época colonial e traçar uma trajetória que se estende até os dias atuais, observando, nos diferentes períodos históricos, a operação e a ressignificação do trabalho e das relações de poder nele impressas, bem como a organização e instrumentalização da educação para atender essas demandas.

O momento inicial das transformações que conduziram à ideia de um “modo cubano de ser” partiram do encontro entre os europeus e índios, povos

portadores de culturas díspares. Por ser uma região com várias particularidades e diferenças culturais, essa porção geográfica foi vista sob o olhar eurocentrista colonialista que tinha concepções negativas devido às características de pobreza e corrupção.

A identidade cubana por muito tempo foi deturpada por teorias e ideologias dominantes. Ao povo cubano era transmitido, por meio da educação, parâmetros importados e impostos (SOUZA, 2011, p.8), o que contribuía para a autorrejeição de quem eram os cubanos, pois não se reconheciam em sua atividade produtiva e cultura.

De acordo com Santos (2016, p.220), o que ocorria é que “[...] a cultura de um determinado povo era eleita como a universal por excelência e, em razão disso, reduzia-se a multiplicidade do humano a um único elemento da diversidade”, desenvolvendo um paradigma falso de universalismo e que pôde naturalizar a rejeição e a exploração de todos os povos que não se assemelhavam à cultura modelar, tendo como exemplo o que aconteceu com a justificação do imperialismo, por meio do discurso da superioridade do homem ocidental.

A construção de uma identidade inferiorizada do povo cubano fortaleceu-se também por meio de intelectuais que naturalizaram a negação do seu próprio passado, em outras palavras, negavam a gênese de sua formação identitária, contribuindo para um paradigma de inferiorização, construído num processo de alienação, que se consolidou na colonização.

José Martí ao lutar pela independência cubana desenvolveu concepções de identidade, independência e liberdade, bem como, denunciou a cobiça estadunidense para com os países latinos.

Para Gavião (2013), Martí, ao tratar sobre identidade, buscou combater as relações de poder e exploração que se fortaleciam mediante as formas pejorativas com as quais os norte-americanos insistiam em descrever o povo cubano:

Martí tentou combater o preconceituoso mind set norte-americano, que buscava legitimar o controle da ilha partindo de categorizações pejorativas de seu povo. Na Filadélfia, o jornal The

Manufacturer descrevia os cubanos como “efeminados”, como um povo dotado de “aversão a todo esforço”, “preguiçosos” e desprovidos de “iniciativa”; categorizações, estas, que muitas vezes também competiam ao restante da América Espanhola (GAVIÃO, 2013, p.38).

Assim, o povo cubano não apresentava uma identidade definida, pois não detinha o conhecimento de quem era, não possuía o conhecimento de sua história e não se reconhecia no fruto de seu trabalho. Nesse sentido, Cuba, por meio da Campanha de Alfabetização, objetivava não só habilitar o indivíduo para decifrar a grafia dos textos, mas formá-los para o letramento cultural e social que permitiria o enobrecimento de seu trabalho e de sua cultura, valorizando a autoestima do ser cidadão cubano.

A importância da alfabetização para Revolução, por conseguinte, era de que a Campanha de Alfabetização visava, além de alfabetizar, restaurar o cidadão cubano como um povo guerreiro, forte, resistente e perseverante. A educação defendida pelo movimento revolucionário era um instrumento de luta para a consolidação de uma identidade própria. E tornou-se ponto de partida para desvelar e construir uma identidade autêntica e para superar o ensino fragmentado dos fenômenos sociais que fortaleciam a dominação. Por isso, nos textos da Cartilha *¡Venceremos!* buscava-se superar os particularismos que poderiam impedir a autêntica compreensão da história do povo cubano.

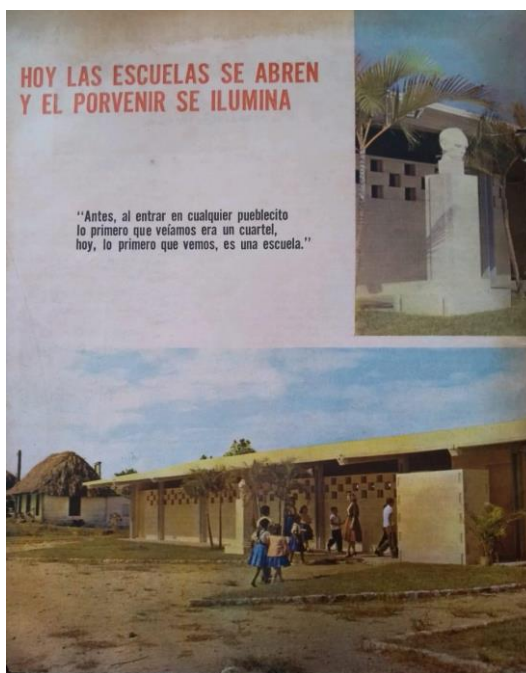
A ausência de uma identidade social cubana, devido à americanização vivenciada até então, foi um dos empecilhos a ser vencido pela Campanha, e portanto, fez-se necessário uma educação que possibilitasse a construção da identidade e da autoestima e fomentasse a busca por valores próprios e a superação da subserviência da cultura estadunidense por meio da educação e da escola.

Essa ideia pode ser confirmada com a imagem da contracapa da Revista *Verde Olivo*, quando demonstra um quartel que foi transformado em escola pelo governo revolucionário com a frase “Hoje as escolas se abrem e o futuro se ilumina” (VERDE OLIVO, 1961a, p.2, tradução nossa¹⁰⁵) e, também: “antes, ao entrar em qualquer pequena cidade o que víamos primeiro era um quartel, hoje, o

¹⁰⁵“Hoy las escuelas se abren y el porvenir se ilumina” (VERDE OLIVO, 1961a, p.2).

que vemos primeiro, é uma escola” (VERDE OLIVO, 1961a, p.2, tradução nossa¹⁰⁶) como ilustrado a seguir:

Figura 48 – Contracapa da *Revista Verde Olivo*: Edição de Abril de 1961



Fonte: VERDE OLIVO, 1961a, p.2.

A frase “*Hoje as escolas se abrem e o futuro se ilumina*” além de tentar conscientizar a população de que a alfabetização deveria ser um problema de todos, também trazia, de forma implícita, o pressuposto defendido no século XIX por José Martí de que a educação configurava-se em um processo autoformativo da sociedade, tendo em vista de que, para ele, a educação popular como sinônimo de educação universal, ao possibilitar o desenvolvimento de uma pluralidade de saberes, proporcionaria a formação da autonomia do homem.

Uma sociedade de fato livre só seria construída por homens e mulheres que aprendessem a pensar por si mesmos sem copiar leis, práticas e teorias de outras sociedades consideradas superiores (STRECK, 2008). Para José Martí, a educação se fazia na escola e na luta do povo por sua independência e liberdade. Martí (2007) argumentava: “[quando] todos os homens souberem ler, todos os homens saberão votar e como a ignorância é a garantia dos extravios políticos, a

¹⁰⁶“antes, al entrar en cualquier pueblecito lo primero que veíamos era un cuartel, hoy, lo primero que vemos, es una escuela” (VERDE OLIVO, 1961a, p.2).

consciência própria e o orgulho da independência garantem o bom exercício da liberdade” (MARTÍ, 2007, p.96). Desse modo, a escola, na perspectiva de Martí, de acordo com Gregório Weinberg (1984), caracterizava a raiz (futuro) das novas repúblicas.

Assim, a frase *“antes, ao entrar em qualquer pequena cidade o que víamos primeiro era um quartel, hoje, o que vemos primeiro, é uma escola”* também teria como objetivo a tentativa de demonstrar os feitos da Revolução e convencer o cidadão a defendê-la.

Aproximando-se desses pressupostos, Fidel Castro explicitava, constantemente, que era necessário encher a república de escolas, levar a luz do conhecimento para todos os lugares da Ilha para que os cubanos se tornassem homens cultos e úteis e pudessem realizar grandes projetos na ciência e na economia (CASTRO, 1961f). Essa mensagem exaltava a função social da escola e da Campanha de Alfabetização.

Na construção da identidade e da autoestima, eram divulgadas mensagens como a de Blanca Rosa Pina Bauzá para as crianças cubanas, compartilhada na Revista Bohemia na Edição de 8 de janeiro de 1961:

Educação significa liberdade de espírito. Garoto cubano: estude e supere-te: faz seu caráter, estuda as obras de Martí e outros como ele, que encerram um amplo sentido de patriotismo e de igualdade nos homens. Aprende, assim saberá o que é Revolução, o que quer dizer Reforma Agrária, o que significa enfim, ser culto. Leia para seus companheiros, que não conhecem os livros do Apóstolo, faz-lhes ver que não são somente contos e poesias bonitas, mas, que envolvem uma ânsia de liberdade que até hoje nos manteve oculto. Mostra-lhes as obras que estão fazendo em esta época de liberdade, como convertem o que foram fortalezas em escolas [...] BAUZÁ, 1961, p.99, tradução nossa¹⁰⁷).

A articulação entre alfabetização e liberdade era divulgada desde a infância, cada cubano era forjado com a consciência do seu papel como sujeito do

¹⁰⁷ “Educación significa libertad de espíritu. Niño cubano: estudia y supérate: haz tu carácter, estudia las obras de Martí y otros como él, que encierran un amplio sentido de patriotismo y de igualdad en los hombres. Aprende, así sabrás lo que es Revolución, lo que quiere decir Reforma Agraria, lo que significa en fin, ser culto. Léelas a tus compañeros, que no sepan los libros del Apóstol, hazle ver que no solo son cuentos y poesías bonitos, sino, que envuelven un ansia de libertad que hasta hoy se nos mantuvo oculto. Muéstrales las obras que se están haciendo en esta época de libertad, como convierten lo que fueron fortalezas en escuelas [...]” (BAUZÁ, 1961, p.99).

processo histórico cubano, do movimento entre alfabetizar-se, no sentido pleno da palavra e contribuir com o plano de continuidades de estudos para todos. A luta contra a ignorância, no ato de saber ler não apenas como decodificação, mas, como visão de mundo, naquele período, implicava em algo tão essencial como saber se locomover: primeiro ato de independência e liberdade de um sujeito.

[...] como cada cubano ensina a um semelhante, ensinando-lhes a maneira de cumprir com a Revolução de seguir e de ajudar a seus líderes já que lhes resultará mais fácil sua grande tarefa: de fazer de cada cubano um defensor da Pátria. Para ajudar a Pátria devemos seguir a agenda traçada pelos nossos mártires de ontem e de hoje e que todos os cubanos devem se unir para lutar contra a ignorância e as mentiras de seus inimigos. Devemos pensar sempre que estudar é algo mais que obrigação, pensamos que é mais um dos nossos jogos e tomamos o estudo como um prazer, assim estamos honrando a Pátria. Saber ler é saber andar, saber escrever é saber ascender. A criança que não estuda não é um bom revolucionário (BAUZÁ, 1961, p.99, tradução nossa¹⁰⁸).

Abrir escolas e incentivar o conhecimento, nesse sentido, para os ideais da Revolução era iluminar o caminho para a sociedade verdadeiramente livre que Cuba pretendia construir, uma sociedade autônoma e culturalmente consciente de seus valores. Tendo em vista que a escola traria conhecimento o que possibilitaria ao homem cubano pensar por si e criar estratégias que desenvolvessem as condições de trabalho, a ciência e a técnica do país.

Portanto, na perspectiva do Congresso de Alfabetização Cubano, converter os quartéis em escolas, além de possibilitar à nova geração a base para a felicidade: “[...] ser culto é uma base dos povos que querem ser felizes e construir o socialismo” (CUBA, 1961e, p.24, tradução nossa¹⁰⁹), também denotava a ideia de que não era mais necessário ter tantos quartéis em Cuba porque os quartéis

¹⁰⁸ “[...] como cada cubano enseña a un semejante, enseñándoles la manera de cumplir con la Revolución de seguir y de ayudar a sus líderes ya que aí a ellos les resultará más fácil su gran tarea: de hacer de cada cubano un defensor de la Patria. Para ayudar a la Patria debemos seguir la senda trazada por nuestros mártires de ayer y de hoy y que todos los cubanos debemos unirnos para luchar contra la ignorancia y las mentiras de sus enemigos. Debemos pensar siempre que estudiar es algo más que una obligación, pensamos que es uno más de nuestros juegos y tomar el estudio como un placer así estamos honrando a la Patria. Saber leer es saber andar; saber escribir es saber ascender. El niño que no estudia no es buen revolucionario” (BAUZÁ, 1961, p.99).

¹⁰⁹ “[...] ser culto es una base de los pueblos que quieren ser felices y construir el socialismo” (CUBA, 1961e, p.24).

eram para a defesa de poucos e agora, com educação, o povo estaria mais protegido e forte, haja vista que o conhecimento era para a Revolução uma poderosa arma de libertação, pois construiria a verdadeira proteção que garantia autonomia e unidade coletiva:

A Revolução converteu desde o quartel maior até o quartelzinho menorzinho em escola, e, no entanto, estamos mais armados que nunca, e estamos mais fortes que nunca. Porque antes estava armada uma gangue, para defender a outra gangue; e agora está armado todo o povo, para defender a todo o povo (APLAUSOS) (CASTRO, 1961g, on-line, tradução nossa¹¹⁰).

Ao tratar dessa temática, o Manual *Alfabeticemos* (1961b) trazia a seguinte explicação:

Ao triunfar a Revolução, esta, que conta com o apoio de todo o povo, não necessita de quartéis fortificados para defender-se. Cada cubano é um soldado da Revolução e cada casa um quartel. Por isso a Revolução converte os quartéis em escolas e agora, nos mesmos lugares em que os ex-capangas espancaram e assassinaram muitos homens do povo se abrem centenas de salas de aulas, onde correm felizes as crianças de hoje, homens de amanhã, a receber alvoroçados a educação que os ajudará a construir uma Pátria melhor (CUBA, 1961b, p.38, tradução nossa¹¹¹).

A educação e a escola, articuladas às transformações que deveriam acontecer na base econômica, passaram a ser uma condição para garantir o futuro revolucionário de Cuba. E a alfabetização, ao ser sistematizada enquanto conjectura de libertação, evidencia o primeiro passo para o desenvolvimento de uma identidade política, histórica, revolucionária e patriótica, mas sobretudo, humanista.

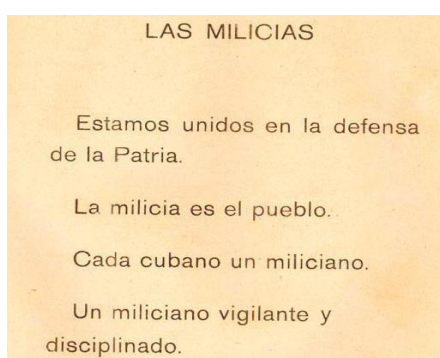
¹¹⁰ “La Revolución ha convertido desde el cuartel más grande hasta el cuartelito más chiquito en escuela, y, sin embargo, estamos más armados que nunca, y estamos más fuertes que nunca. Porque antes estaba armada una pandilla, para defender a la otra pandilla; y ahora está armado todo el pueblo, para defender a todo el pueblo (APLAUSOS)” (CASTRO, 1961g, on-line).

¹¹¹ “Al triunfar la Revolución, ésta, que cuenta con el apoyo de todo el pueblo, no necesita de cuarteles fortificados para defenderse. Cada cubano es un soldado de la Revolución y cada casa un cuartel. Por eso la Revolución convierte los cuarteles en escuelas y ahora, en los mismos lugares en que los antiguos esbirros apalearon y asesinaron a muchos hombres del pueblo se abren cientos de aulas, donde concurren felices los niños de hoy, hombres del mañana, a recibir alborzados la educación que los ayudará a construir una Patria mejor” (CUBA, 1961b, p.38).

Foi possível identificar iniciativas para a construção dessa identidade pessoal e coletiva na lição de *¡Venceremos!, As Milícias*, em 1961 e nas edições da Revista Bohemia em 1965, quando o homem novo foi sistematizado por Che Guevara.

Em *¡Venceremos!*, essa identidade foi ilustrada ao expressar que cada cubano era um miliciano:

Figura 49 - Texto de abertura da Lição *As Milícias* de *¡Venceremos!*



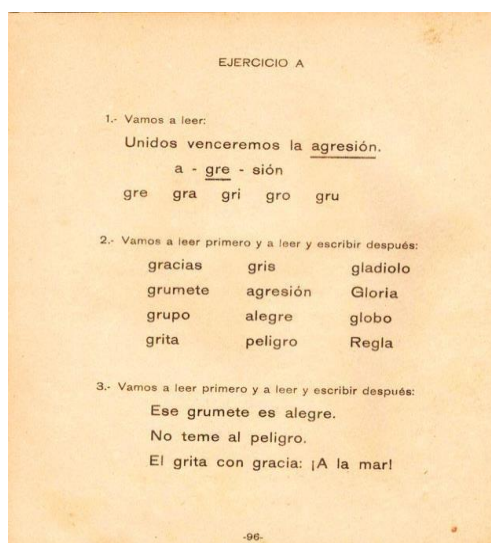
Fonte: CUBA, 1961a, p.73.

Os princípios explicitados pelos dirigentes da Revolução para a formação de um homem novo, o qual deveria assumir como identidade o movimento de conscientização do povo para lutar pela Revolução e contra a ditadura, evidenciava-se no texto: “*Estamos unidos em defesa da Pátria. A milícia é o povo. Cada cubano é um miliciano. Um miliciano vigilante e disciplinado*”.

Assim, a maneira como a alfabetização foi conduzida em Cuba fez-se primordial porque contribuiu de forma significativa para construir um novo processo formativo, uma pedagogia concebida para o desenvolvimento de um homem novo, que possivelmente permitiu que os trabalhadores camponeses e operários refletissem sobre as causas da situação de opressão que viviam e quem se configurava em seu opressor, fortalecendo uma identidade social de luta e resistência.

Já no exercício A, tarefa número 3, da Lição *Cuba não está só* demonstrada abaixo:

Figura 50 - Exercício A, tarefa número 3, da Lição *Cuba não está só de ¡Venceremos!*



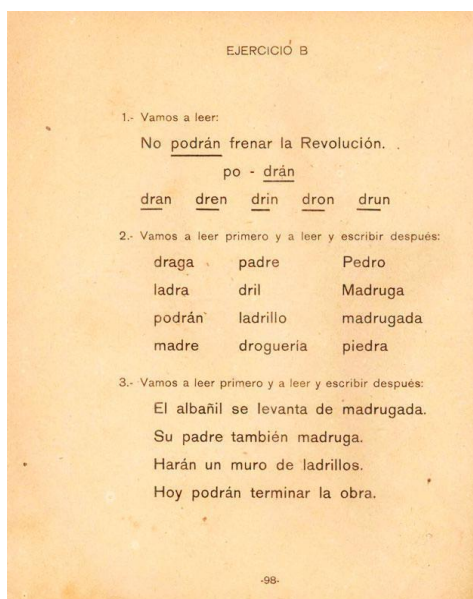
Fonte: CUBA, 1961a, p.96.

A ênfase estava no processo de construção da identidade pessoal nos aspectos da resistência e altivez: “Esse menino é alegre. Não teme o perigo. Ele grita com graça: Ao mar!” (CUBA, 1961a, p.96, tradução nossa¹¹²). A característica de resistência pode ser identificada por não temer o perigo. A Altivez por estar alegre e não demonstrar traços de humilhação e servilismo, bem como, por apresentar nobreza e dignidade em seu comportamento ao exclamar: Vamos ao mar!.

No exercício B, número 3 da mesma lição, aparece a austeridade enquanto exemplo pessoal e exigência no cumprimento da responsabilidade:

¹¹²“Ese grumete es alegre. No teme el peligro. El grita con gracia: ¡A la mar!” (CUBA, 1961a, p.96).

Figura 51- Exercício B, tarefa número 3, da Lição *Cuba não está só de ¡Venceremos!*



Fonte: CUBA, 1961a, p.98.

Ao demonstrar pai e filho, profissionais da construção, levantando de madrugada para cumprirem sua missão, a austeridade expressava-se no rigor e na severidade em acordarem de madrugada para terminarem o trabalho, na disciplina e no autocontrole que tal ação exigia: “O pedreiro se levanta de madrugada. Seu pai também acorda cedo. Eles vão fazer uma parede de tijolos. Hoje eles podem terminar o trabalho” (CUBA, 1961a, p.98, tradução nossa¹¹³).

Nesse sentido, ao partir do pressuposto de identidade do ponto de vista dialético, compreende-se que a identidade construída em Cuba entre 1961-1965 criou-se em meio a um conjunto de papéis que os professores voluntários e os alunos camponeses desempenharam na Campanha de Alfabetização, tendo como fio condutor as lições da Cartilha *¡Venceremos!*. Esses papéis atenderam, portanto, a relações sociais específicas do momento e articularam-se a representações psicológicas por se referirem às expectativas da sociedade.

No que diz respeito ao processo de construção da identidade individual, encontrou-se uma mensagem dos próprios editores da Revista Bohemia,

¹¹³“El albañil se levanta de madrugada. Su padre también madruga. Harán un muro de ladrillos. Hoy podrán terminar la obra” (CUBA, 1961a, p.98).

publicada em 12 de novembro de 1965, exemplificando a dignidade de ser cubano:

Figura 52 - Edição da Revista Bohemia publicada em 12 de novembro de 1965



Fonte: BOHEMIA, 1965, p.1.

Tentava-se demonstrar aos cubanos que digno era aquele que acreditava em sua Terra como fizeram os heróis da independência, e como faziam os da Revolução. Sem dignidade, constituíam-se os que renegavam os ideais de sua Pátria para seguir padrões estrangeiros, por acreditarem que a sua nação não era tão boa, tornando-se assim estranho em sua própria casa.

Ser cubano era assumir sua história e ao colocar seus desejos pessoais em detrimento do bem coletivo, não desistir e deixar-se derrotar, era ser um herói construtor de história. Ser digno de ser cubano era ser anticapitalista e um homem libertador, por meio do seu exemplo, de outros povos.

Na mesma edição da Revista Bohemia, buscou-se exemplificar ao leitor essa característica de adotar para si uma identidade de herói libertador, de homem revolucionário, características que deveriam ser referência do homem novo. Ao tentar explicar os motivos que levaram Che Guevara a renunciar o cargo de Ministro das Indústrias e partir de Cuba, a revista explorou o caráter universal que pretendia uma mudança no contexto da América Latina. A renúncia de Che Guevara serviu de exemplo para explicar que a Revolução; era muito mais do que dar de comer ao pobre, era muito mais do que uma aliança para o progresso eficaz e bem feita. A Revolução constituía a própria transformação do homem: “a forja de um homem novo, de uma nova moral, de uma limpeza autêntica. É o sair da lama para a grandeza, da obscuridade para a luz” (GALÁN, 1965, p.30-31, tradução nossa¹¹⁴).

Ao explicar a partida de Che Guevara, exaltando suas atitudes, a reportagem o colocava como exemplo de homem novo, libertador da América Latina, buscando destacar os propósitos da revolução como um todo.

Para Galán (1965), se os companheiros da época do movimento 26 de julho tivessem prestado atenção nas atitudes de Che Guevara e Fidel Castro poderiam entender a intencionalidade do movimento de união entre os países latino-americanos para fortalecer uns aos outros por meio de atos de solidariedade e, assim, garantir a luta pela libertação dos explorados.

Possivelmente, no dia a dia em Sierra Maestra, no processo de guerrilha, Che Guevara e Fidel Castro teriam dado evidências de suas personalidades e aspirações:

¹¹⁴ “la forja de un hombre nuevo, una nueva moral, una auténtica limpieza. Es el paso del barro a la grandeza, de la oscuridad a la luz” (GALÁN, 1965, p.30-31).

Figura 53 - Edição da Revista Bohemia publicada em 12 de novembro de 1965, Reportagem: O Che Guevara: A Revolução com Amor

Un día, hablando de los doce combatientes que quedaron en la Sierra Maestra tras el desastre del desembarco, me dijo:

—Eramos doce “idiotas” con uno, Fidel, que no se había estrenado, estaba gordo y le costaba horrores caminar.

Le pregunté cómo había podido Fidel, en esas condiciones, vencer las abruptas pendientes de la montaña.

—Porque tiene una voluntad de hierro —repuso.

—¿Y usted, con su asma?

—Yo también tengo mi poquito de voluntad...

Para los enanos del espíritu, ése era el lenguaje corrosivo de un amargado, o peor aún, la expresión cínica de un aventurero. No veían —no verá jamás—, que sólo era el reconocimiento de la pequeña, del hombre ante la grandeza de la tarea, la revolución; no veían que esos doce “idiotas”, convertidos en héroes, en revolucionarios, en estadistas, estaban señalando al humilde el camino de la grandeza; no veían que ese Fidel con demasiados kilos y ese Che con asma, trepando por la montaña, eran la prueba viva de que el “poquito” de voluntad es lo que lleva al hombre a cumplir todos los destinos...

Fonte: GALÁN, 1965, p.31.

Tentava-se ilustrar, ao explicar a partida de Che Guevara, as características que deveriam constituir a identidade do homem novo, dentre as quais destacavam-se, nesse exemplo, a força de vontade, a austeridade para fazer o que fosse preciso para cumprir seu destino e um amor que não poderia se satisfazer-se apenas no convívio familiar ou exercendo algum cargo de poder.

A reportagem da Revista Bohemia denominava esse “amor” como sinônimo de luta para que a Revolução alcançasse escala mundial. Esse amor (luta) foi divulgado na reportagem como um dever de todo internacionalista proletário. E o configurava como um amor pela humanidade.

É possível que se pretendesse, por meio da reportagem, convencer os cubanos de que eles detinham o poder de conquistar o seu espaço, incentivando-os construir no inconsciente um alguém poderoso, autônomo e autorrealizável, bem como, parcialmente responsável pela realização do outro. Na realidade, o que se tinha era um movimento de construção dos sentimentos dos homens aos moldes dos pressupostos revolucionários.

Che Guevara foi retratado por essa reportagem como alguém que possuía essa identidade e por isso foi elucidado como exemplo de homem novo. Nesse sentido, deixava-se explícito que o mesmo não havia renunciado a nada, senão

assumido o seu próprio destino. Estabelecer um referencial que a propaganda revolucionária tornou carismático como Che Guevara, foi um ato extremamente estratégico. Em Che Guevara materializou-se o homem novo como exemplo.

Pode-se inferir que a construção de uma identidade cubana partiu da relação entre trabalho, como atividade genuína do homem; alfabetização (enquanto instrução intelectual, instrumento de luta e disseminação de uma cultura política de resistência); ensino; cultura e propaganda midiática. A propaganda midiática representou uma excelente estratégia de convencimento.

Foi esse processo educativo e ao mesmo tempo político-ideológico que possibilitou uma identidade do ser cubano forte, pautada nos sentimentos de autoestima e altivez, com vistas à superação das marcas de humilhação e servilismo em relação ao período de dominação estrangeira. Uma identidade resistente e combativa diante das dificuldades, disciplinada para aguentar com rigidez os sacrifícios da vida de um autêntico revolucionário.

Essa identidade, expressa em uma cultura de resistência, articulou tanto os sujeitos quanto os contextos culturais que eles habitavam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis, permitindo a busca pela consolidação da cubanía sonhada desde 1940, que era a cubanidad completa, ou seja, sentida, consciente e desejada. Ser cubano, nessa perspectiva, significava ter orgulho de sua pátria, consciência de suas mazelas e, mesmo assim, manter-se firme, disposto e motivado, na tentativa de melhorá-la.

Ser cubano de forma responsável, consciente e voluntária tratava-se de não se deixar encantar pelas influências norte-americanas que, desde o período neocolonial, convocava o povo a ser o que não era, de acordo com padrões pré-estabelecidos. Significava persistir em uma identidade própria, “Cubanidad” era a “qualidade do cubano”, ou seja, sua maneira de ser, seu caráter, sua índole, sua condição distintiva, sua individualidade dentro do universal. Era a peculiaridade adjetiva de um substantivo humano, que designava a especificidade do ser cubano, não só de nascimento, mas de o escolher ser por orgulho.

A consolidação da cubanía, por meio do movimento alfabetizador, propagou o pressuposto de que a identidade cubana está além de questões contextuais ou de personalidades individuais, mas relacionada à consciência do

que é ser cubano e da vontade de querer sê-lo. Está centrada na capacidade de resiliência e transformação do ser cubano, em constante movimento e construção, no contexto dos ideais da Revolução e do processo educacional a seu serviço.

5.1.1.1. A construção da identidade latino-americana

A nova identidade cubana refletiria no âmbito social, reproduzindo uma identidade latino-americana que se expressaria na prática do internacionalismo, ou seja, na solidariedade entre os povos. Não poderia existir um novo modelo social sem que nas consciências não se operasse uma transformação que provocasse uma nova atitude fraternal frente à humanidade, tanto de índole individual na sociedade cubana, como de índole mundial em relação a todos os povos que sofriam a opressão imperialista.

A conscientização sobre a solidariedade entre os povos iniciou-se na Campanha de Alfabetização e o Manual *Alfabeticemos* foi instrumentalizado para contribuir nesse processo, uma vez que continha nele a Primeira Declaração de Havana onde tratava dessa temática:

[...] o dever de cada povo é a solidariedade com todos os povos oprimidos, colonizados, explorados ou agredidos, seja qual for o lugar do mundo em que esses países se encontram e a distância geográfica que os separe. Todos os povos do mundo são irmãos! A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba reafirma sua fé que a América Latina estará em breve, unida e vencedora, livre das ataduras que convertem suas economias em riquezas alienadas ao imperialismo norte-americano e que lhe impedem fazer ouvir sua verdadeira voz nas reuniões onde chanceleres domesticados fazem coro infame ao ditador despótico. Ela ratifica, portanto, sua decisão de trabalhar para esse destino comum latino-americano que permitirá aos nossos países construir uma verdadeira solidariedade, baseada na vontade livre de cada um deles e nas aspirações conjuntas de todos [...] (CUBA, 1961b, p.75, tradução nossa¹¹⁵).

¹¹⁵“[...] el deber de todo pueblo es la solidaridad con todos los pueblos oprimidos, colonizados, explotados o agredidos, cualquiera que sea el lugar del mundo donde se encuentren estos países y la distancia geográfica que los separe. ¡Todos los pueblos del mundo son hermanos! La Asamblea General Nacional del Pueblo de Cuba reafirma su fe en que América Latina pronto será

Para os líderes da Revolução Cubana, deveria existir, entre os países da América Latina, um só partido, o internacionalismo, que teria como objetivo central a valorização da cultura latino-americana. Assim, edificaria uma solidariedade verdadeira entre os mesmos, na luta pela liberdade. Esse pressuposto do Internacionalismo Proletário, defendido pela primeira vez na *Comuna de Paris*, pode ter feito de Cuba uma referência em atos de solidariedade na América Latina, como também em países da África e Ásia.

Para Castro, o determinante para se constituir uma unidade latino-americana seria o clamor pela liberdade que vinha de todos os povos e não a geografia (CUBA, 1961a). Afirmava que todos os povos teriam um inimigo comum: o imperialismo estadunidense. Isso porque, para ele, os problemas da América Latina e do mundo seriam os mesmos problemas: os interesses monopolistas que, por sua vez, desejavam apenas explorar os recursos naturais e o povo. A solidariedade entre os povos deveria ser de caráter militar e humanitário. Transformando-se em uma questão de necessidade estratégica (sobrevivência e luta pela liberdade - transformação social), sobretudo, em uma identidade.

Ensinava-se aos Cubanos que não deveria haver fronteiras nesta luta pela liberdade. Os cubanos não poderiam permanecer indiferentes frente ao que ocorria em qualquer parte do mundo. Isso porque uma vitória de qualquer país sobre o imperialismo caracterizava uma vitória dos próprios cubanos, assim como a derrota de uma nação qualquer seria uma derrota dos mesmos.

O exercício do internacionalismo proletário não era só um dever dos povos que lutavam por assegurar um futuro melhor. Ademais, era uma necessidade inevitável. Se o imperialismo norte-americano, ou qualquer outro, desenvolvesse sua ação contra os povos subdesenvolvidos e os países socialistas, eles deveriam proteger-se entre si. Portanto, a prática da solidariedade entre os povos era uma lógica elementar que determinava a necessidade da aliança dos povos

unida y victoriosa, libre de las ataduras que convierten sus economías en riquezas enajenadas al imperialismo norteamericano y que le impiden hacer oír su verdadera voz en encuentros donde cancilleres domesticados hacen coro infame al dictador despótico. Ratifica, por tanto, su decisión de trabajar por ese destino común latinoamericano que permitirá a nuestros países construir una verdadera solidaridad, basada en la libre voluntad de cada uno de ellos y en las aspiraciones conjuntas de todos [...] (CUBA, 1961b, p.75).

subdesenvolvidos e dos países socialistas. Se não houvesse nenhum outro fator de união, o inimigo comum deveria constituí-lo.

No texto *Cuba não está só*, da Cartilha *¡Venceremos!*, enfatizava-se o pressuposto da identidade latino-americana de que todos os povos teriam um inimigo comum e que, juntos (solidariedade entre os povos), venceriam: “Todos os povos nos ajudam. Unidos venceremos a agressão. Não poderão frear a Revolução. Clamores de liberdade vêm de todos os povos” (CUBA, 1961a, p.95, tradução nossa¹¹⁶).

Em 1965, na edição número 14 da Revista Bohemia, publicada em 02 de abril de 1965, a tentativa de se constituir uma identidade latino-americana expressa na prática como solidariedade entre os povos, pôde ser identificada quando o presidente Osvaldo Dorticós escreveu um comunicado para o Vietnã, no qual expressou que Cuba enviaria toda ajuda necessária mediante os ataques norte-americanos no país, inclusive seus próprios homens, porque os países socialistas deveriam apoiar uns aos outros:

[...] Uma coisa é quando cada estado funciona por si só e outra muito distinta quando atuamos formando uma frente única e nos apoiamos uns aos outros. A solidariedade dos estados socialistas, a sólida aliança da comunidade socialista com o movimento operário e o movimento de libertação nacional, é uma força que nada e ninguém poderá se contrapor (DORTICÓS, 1965, p.67, tradução nossa¹¹⁷).

O movimento de libertação não era apenas uma palavra demagógica, mas um princípio que os cubanos estavam dispostos a cumprir.

Em relação à identidade latino-americana enquanto união entre os povos, identificou-se um artigo na edição número 24, publicada em 11 de junho de 1965, com o título: Uma só raça: a raça humana. Nele, o racismo foi retratado como uma expressão falsa que servia apenas para disseminar o ódio e rivalidades a partir de noções equivocadas que se nutriam da ignorância.

¹¹⁶“Todos los pueblos nos ayudan. Unidos venceremos la agresión. No podrán frenar la Revolución. Clamores de libertad vienen de todos los pueblos” (CUBA, 1961a, p.95).

¹¹⁷[...] Una cosa es que cada Estado trabaje solo y otra muy distinta que actuemos como un frente único y nos apoyemos unos a otros. La solidaridad de los estados socialistas, la sólida alianza de la comunidad socialista con el movimiento obrero y el movimiento de liberación nacional, es una fuerza a la que nada ni nadie puede oponerse” (DORTICÓS, 1965, p.67).

A mensagem central era de que todos pertenciam a uma só espécie “[...] Todos os seres humanos hoje viventes pertencem a uma mesma espécie chamada homo sapiens, e procedem de um mesmo tronco” (DEBETZ, 1965, p.31, tradução nossa¹¹⁸).

O que unia os homens não era a nacionalidade, a cor, o sexo ou a religião, mas sim, o trabalho, ser trabalhador. Isso porque, o pressuposto era de que o trabalho constituía-se na natureza do homem.

Nessa perspectiva, o trabalho distingue os homens dos outros animais e o mesmo se constitui em todas as ações que realiza para a produção e reprodução de sua existência. Assim, para que o homem execute a produção de seus bens materiais (trabalho material), faz-se necessário refletir e antecipar em ideias os objetivos de suas ações (trabalho imaterial).

O racismo seria um sistema que falsificaria os dados científicos e transferiria automaticamente ao homem todos os fenômenos observados no mundo animal, sem levar em consideração que o homem, antes de tudo, reflete um ser social e que os fenômenos sociais que o determinam configuram o caráter fundamental de sua história.

Os povos da terra possuíam iguais condições biológicas para alcançar qualquer nível de civilização. A diferença estaria nas relações dos distintos povos que se explicariam por sua história cultural. Diante desse pressuposto, era comum que os líderes revolucionários, ao dirigir-se aos outros países da América Latina, tratassem-nos como irmãos.

Foi esse ideal de solidariedade enquanto identidade cubana que pode ter feito com que, mesmo quando todos os países, com exceção do México, forçados pelo imperialismo norte-americano, romperam suas relações diplomáticas, a Ilha não deixasse de exportar ajuda médica e educativa. Segundo Santos (2020), o pressuposto de solidariedade entre os povos em Cuba configura-se em:

[...] um princípio constituinte da Política Exterior no âmbito do Estado, mas sua prática e seu conteúdo transcendem a política diplomática. O internacionalismo não é apenas uma política de

¹¹⁸ “[...] Todos los seres humanos que vivimos hoy pertenecen a la misma especie llamada homo sapiens, y proceden del mismo tronco” (DEBETZ, 1965, p.31).

Estado, mas um conjunto de valores e princípios éticos internalizados na ação prática, ou seja, na práxis do próprio povo cubano (SANTOS, 2020, p.219).

A política das relações internacionais, nessa perspectiva, não deveria ser fixada pelo comércio exterior senão, pelo contrário, a mesma deveria estar subordinada a uma política fraternal em direção aos povos. E nesse sentido, far-se-ia necessário a construção do ser cubano, de sua autoestima e dignidade como cidadão.

5.1.2. A autonomia enquanto construtor de seu próprio destino

Dentre as categorias elencadas para a formação do homem novo em todos os materiais didáticos e também na campanha propagandista, pode-se observar a ênfase na categoria trabalho, na sua função social, em sua divisão enquanto mediação que permite romper com a alienação.

O homem novo deveria ser capaz, prática e teoricamente, de participar da construção do seu próprio destino, e o trabalho assume um papel preponderante nessa ação. Para isso, ele deveria compreender as forças produtivas e, sobretudo, controlá-las, sendo imprescindível o desenvolvimento de sua autonomia.

Para Che Guevara (1965), o ponto de partida que permitiria o homem desenvolver autonomia para construir o seu próprio destino seria a libertação da alienação e a transformação da base econômica. Porque para ele, na sociedade capitalista o homem era conduzido por uma ordem que lhe escapava ao domínio de sua compreensão. Sistematizou Che Guevara (1965) para o homem novo:

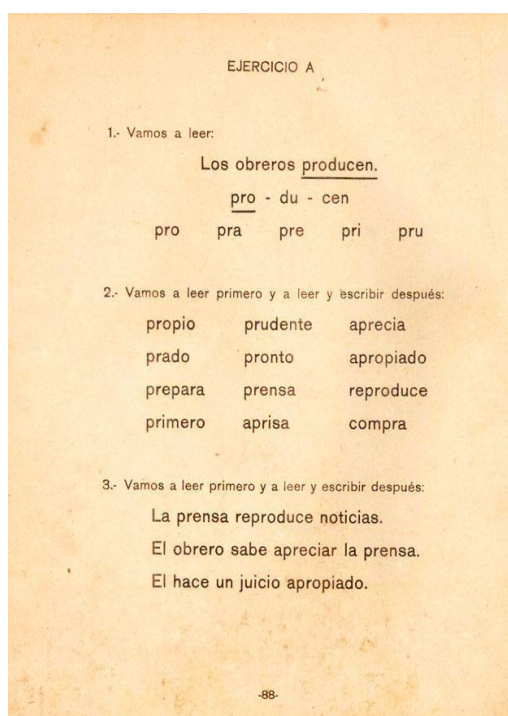
O homem, no socialismo, apesar de sua aparente padronização, é mais completo; apesar da falta de mecanismo perfeito para isso, sua possibilidade de se expressar e de influir no aparato social é infinitamente maior. Mas é preciso ainda acentuar sua participação consciente, individual e coletiva em todos os mecanismos de direção e produção, e ligá-la à ideia da necessidade da educação técnica e ideológica, de maneira que sinta como esses processos são estreitamente interligados e seus avanços paralelos. Desse modo alcançará a total consciência de seu dever social, o que equivale à sua plena realização como

criatura humana, uma vez quebradas as correntes da alienação (GUEVARA, 1965, p.14).

Na formação do homem novo, era necessário que o mesmo compreendesse muito bem as relações de trabalho, rompendo com o sistema dual entre trabalho material e intelectual, essa relação não poderia ser invisível ao homem, como no capitalismo. O homem novo deveria atuar na sociedade percebendo e se reconhecendo em suas ações, sabendo onde estava e para onde desejava ir. E, para isso, deveria dominar o conhecimento da produção e do manejo das técnicas modernas de industrialização, que eram até aquele momento de domínio apenas do imperialismo estadunidense.

A relação entre trabalho manual e intelectual pôde ser identificada no exercício A, tarefa de leitura e cópia número 3, da lição *O Povo Trabalha*:

Figura 54 - Exercício A da Lição O Povo Trabalha de *¡Venceremos!*



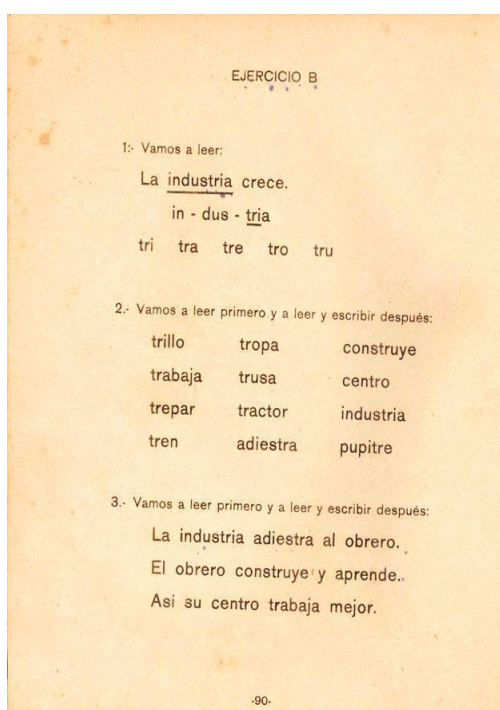
Fonte: CUBA, 1961a, p.88.

O texto do exercício da figura 61 indica a relação entre trabalho manual, representado pelos operários, e intelectual, representado por aqueles que produzem as notícias para o jornal. A valorização da categoria trabalho é

colocada no mesmo patamar de importância, quando afirma que o operário está habilitado a apreciar e julgar as notícias, no sentido de que possui as condições necessárias para não somente ler como interpretar e julgar, capacidades que superam a alienação.

No exercício B, representado na figura 55, pode-se observar a alfabetização conjugada a essa discussão:

Figura 55 - Exercício B da Lição O Povo Trabalha de *¡Venceremos!*



Fonte: CUBA, 1961a, p.90.

Na figura 55, a ênfase estava em uma práxis que permite ao trabalhador usar tanto as habilidades manuais como intelectuais, fazendo e repensando o seu fazer, em uma articulação entre teoria e prática; ao mesmo tempo em que o trabalho é coletivo, na indústria ele aprende e ensina aos seus pares. De forma diferente da indústria capitalista que subdivide o trabalho e expropria do trabalhador essa capacidade, gerando alienação, o que faz com que ele não se reconheça em sua produção.

No texto da lição, a mensagem transmitida ao leitor é a de que o trabalhador, quando articula o trabalho manual e intelectual, quando ao produzir

não deixa de estudar, repensando sua prática e aprendendo com ela, não apenas o seu trabalho se configura melhor, mas todo o seu núcleo trabalhista ganha com esse aprendizado. O crescimento da fábrica torna-se coletivo, no seu todo, porque as relações interpessoais ocorreriam de forma diferenciada. O homem nessa perspectiva de trabalho não caminharia sozinho e a recompensa não se trataria de uma conquista individual, mas coletiva.


Os esforços para que o trabalho assumisse essa nova condição foram intensificados a partir da sistematização do homem novo por Che Guevara, em 1965. Perpassando ainda, como aconteceu de 1961 a 1964, pela tentativa de desenvolvimento e capacitação dos recursos humanos, especialmente do aluno do magistério e da qualificação operária e camponesa.

Cabe ressaltar que, em 1965, as propagandas do Centro Vocacional para Maestros Primários, em lugar de utilizarem os termos “nova geração” ou “homem do futuro”, faziam uso da expressão “homem novo”.

Na revista Bohemia de 16 de abril de 1965, a propaganda ressalta:

Figura 56 - Propaganda em 1965 do Centro de Vocacional de Maestros Primários

¡CUANTO ENSEÑAN ESTOS LIBROS EN LAS MANOS DE UN MAESTRO...!



FORMAR MAESTROS: UNA DE LAS TAREAS MAS IMPORTANTES DE LA REVOLUCION
El Gobierno Revolucionario ofrece:
7000 BECAS
PARA GRADUADOS DE SEXTO GRADO
 en el Centro Vocacional para Maestros Primarios
 "Sierra Maestra", en Minas del Frio

Debemos crear una generación de maestros capaces de formar el hombre nuevo y un formador de hombres nuevos; debe ser un individuo desarrollado en todos los aspectos: educado intelectual, moral, artística, física y técnicamente, capaz de enseñar, orientar y formar a los jóvenes de nuestra Patria y abrirles el camino hacia la técnica, las ciencias y todas las ramas del saber humano.

Requisitos para las becas

- * Haber aprobado la prueba de nivel del 6to. grado.
- * Tener no menos de 12 años ni más de 20.
- * No tener defectos físicos que imposibiliten el ejercicio de la profesión

* Un Curso en el Centro Vocacional para Maestros Primarios "Sierra Maestra" en Minas del Frio...
 * Dos cursos en la Escuela para Maestros Primarios "Manuel Ascunce Domenech" en Topes de Collantes y
 * Dos cursos en el Instituto Pedagógico Makrenko, en Tarará...
 forman un ¡Maestro Revolucionario!

¡Tú puedes ser uno de ellos!
Solicita la Planilla de beca en tu escuela a partir de Abril 15.
SER MAESTRO ES SER CREADOR

CONSEJO NACIONAL DE EDUCACION
 1965

Debemos crear una generación de maestros capaces de formar el hombre nuevo y un formador de hombres nuevos, debe ser un individuo desarrollado en todos los aspectos: educado intelectual, moral, artística, física y técnicamente, capaz de enseñar, orientar y formar a los jóvenes de nuestra Patria y abrirles el camino hacia la técnica, las ciencias y todas las ramas del saber humano.

Na foto pode-se destacar que a imagem dos livros, aparentemente em uma biblioteca, e a mão do maestro, articulados com a frase “Quanto ensinam esses livros nas mãos de um maestro...!”, representava o trabalho intelectual e o poder do trabalho pedagógico de um professor.

O professor continuava a ser exaltado, mesmas estratégias utilizadas no período da Campanha de Alfabetização para o recrutamento de jovens maestros, quando o maestro era comparado como aquele que iluminaria o caminho para a liberdade e essa profissão era divulgada como motivo de orgulho da Revolução. Contudo, o objetivo dessa formação aparece não apenas para que a luz da cultura fosse levada a toda Ilha, mas voltado para a formação do homem novo de forma mais explícita: “criar uma geração de maestros capazes de formar o homem novo e um formador de homens novos”.

As habilidades que esse aluno do magistério deveria atingir, com o curso do Centro Vocacional para Maestros Primários, para ser esse formador de homens novos, também aparecem bem definidas na propaganda. O professor deveria constituir-se em um indivíduo desenvolvido em todos os aspectos: intelectualmente, moral, artística, física e tecnicamente. Deveria ser capaz de ensinar, orientar e formar os jovens, abrindo-lhes o caminho da capacitação técnica e científica, enfim de todas as áreas do saber humano. Ou seja, o professor deveria ser o próprio referencial do homem novo.

E ao mesmo tempo esse professor era o aluno, porque o homem novo estava em construção, conscientizando-se, a cada dia, de sua importância como motor das transformações sociais.

A frase “Ser maestro é ser criador”, na propaganda, deixava implícita a mensagem de que ser maestro era poder criar seu próprio destino, esse era o perfil do homem novo - homens capazes de serem construtores de seus próprios destinos.

Na Edição número 27 da Revista Bohemia de 02 de julho de 1965, na reportagem de J. Lopez Carlon, foi possível identificar na discussão, como se deveria formar o homem novo, ao mesmo tempo aluno e um mestre:

Figura 57 - Reportagem *Como se forma um maestro na sociedade socialista*

- **La Revolución está creando una nueva pedagogía, gestada en las montañas; y una generación de maestros revolucionarios capaces de formar el hombre nuevo multifacéticamente desarrollado, que necesita la nueva sociedad**

Fonte: CARLON, 1965, p.4.

Um homem novo multifacetado teria habilidades variadas e demonstraria em atitudes práticas, ao buscar melhorar a sociedade em que vive, essas habilidades. Isso corresponderia a um desenvolvimento integral, teria ampla capacidade de reflexão e produção no campo das artes, política e trabalho, sobretudo teria uma índole moral impecável, como também seria desenvolvido espiritualmente e não se deixaria levar pelas imposições religiosas e morais da velha sociedade.

A nova pedagogia visava a formar a vanguarda dos trabalhadores intelectuais, os maestros. Trabalhadores esses que deveriam compreender a importância e saber praticar o trabalho manual. Por isso, a nova pedagogia os fazia iniciar seus estudos em Minas del Frío, participando da vida nas montanhas até chegarem ao Instituto Pedagógico Makarenko para aprenderem a ensinar.

Segundo as informações da reportagem, já era possível verificar a maturidade social e política dos alunos que chegavam ao Instituto Pedagógico Makarenko para concluírem seus estudos: “Uma das características do aluno do Instituto Pedagógico Makarenko é a maturidade docente social e política” (CARLON, 1965, p.5, tradução nossa¹¹⁹). Essa maturidade permitia que as aulas da prática profissional que recebiam fossem melhor aproveitadas. Era possível que nos grupos de estudo sobre a metodologia e a prática do ensino acontecessem discussões e análises dos temas de formação coletiva.

Procurava-se desenvolver uma práxis revolucionária, onde teoria e prática, trabalho intelectual e manual, configuravam-se em ações simultâneas. A

¹¹⁹“Una de las características del alumno del Instituto Pedagógico Makarenko es la madurez docente social y política” (CARLON, 1965, p.5).

autonomia desse novo professor - novo homem - seria consolidada na medida em que essas discussões e análises o fizessem agir de forma consciente, não desconectando seu trabalho educativo das relações de luta para superação da sociedade de classes. O aluno do magistério deveria compreender que sua prática educativa estaria inscrita na essência da realidade humana.

Para que pudesse ser autônomo e construir seu próprio destino, não poderia dispersar-se da ciência, instrumento valioso para ampliar a capacidade criadora do homem. Não poderia deixá-la de lado para não se tornar impotente diante dos embates da própria vida e da nova sociedade. Nessa lógica, a edição número 27 da Revista Bohemia de 02 de julho de 1965, na mensagem do Ministério da Educação foi incentivada a leitura:

Todo o saber humano está ao teu alcance. Agora que se iniciam as férias debes ir às bibliotecas. Nas bibliotecas escolares, há centenas de livros nos quais puedes aprender coisas maravilhosas, centenas de livros que podem te ajudar nos teus estudos, que põem ao teu alcance um mundo de conhecimentos. Esses livros estão lá para ti, para que tu leias, para abrir-te o caminho rumo a todo saber humano. Estudante: Vai até as Bibliotecas escolares; adquira o hábito da leitura; aprenda a amar os livros. O livro é um manancial em que todos devem beber (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1965, p.74, tradução nossa¹²⁰).

A leitura possibilitaria que esse homem não se afastasse da ciência e lhe permitiria uma percepção crítica da prática do trabalho humano. Enfatizar a importância do ato de ler, inclusive nas férias, demonstra que havia o entendimento, por parte do governo revolucionário e do Ministério da Educação, de que o livro e a leitura, constituía-se em um instrumento pedagógico, social e histórico capaz de contribuir para que o indivíduo se tornasse capaz de compreender e agir na sociedade cubana.

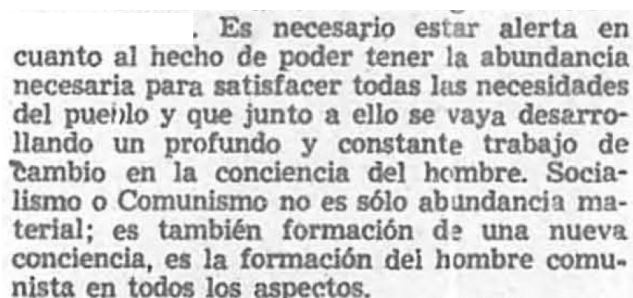
¹²⁰“Todo el conocimiento humano está a tu alcance. Ahora que empiezan las vacaciones, deberías ir a las bibliotecas. En las bibliotecas escolares hay cientos de libros de los que puedes aprender cosas maravillosas, cientos de libros que te pueden ayudar en tus estudios, que ponen a tu alcance un mundo de conocimientos. Esos libros están ahí para ti, para que los leas, para abrir el camino a todo el conocimiento humano. Estudiante: Ve a las Bibliotecas Escolares; adquirir el hábito de la lectura; aprender a amar los libros. El libro es un manantial del que todos deben beber” (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 1965, p.74).

É possível que a leitura fosse compreendida como um instrumento humanizador, que proporcionaria ao homem novo informações a respeito da humanidade e estabeleceria uma intertextualidade entre passado e presente, contribuindo para um processo autoeducativo de crítica e autocrítica, permitindo ao indivíduo um olhar diferenciado sobre o mundo e uma postura autônoma para construir seu destino.

Na mesma revista, a edição número 36, de 03 de setembro de 1965, a reportagem de Comandante Ramiro Valdés: *O PURSC no MININT Comunismo*, ressaltou a formação de uma nova consciência. A preocupação em enfatizar a formação de uma nova consciência centrava-se na perspectiva de que nem todo homem que pudesse ter sofrido com os longos anos de luta revolucionária teria se convertido de fato em um bom revolucionário. Sobretudo se seu esforço e autoformação ainda não tivessem sido suficientes. Essa constatação evidenciava a necessidade de as iniciativas de formação para um homem novo tornarem-se constantes, em todos os aspectos e etapas da vida do cidadão cubano.

Sabendo que era possível alcançar profundas transformações na estrutura da sociedade cubana sem que o fator consciência tivesse se mantido de acordo com essas mudanças, uma das tarefas atribuídas às instituições do partido foi a de fiscalizar o papel que todos deveriam desempenhar na formação do homem novo:

Figura 58 - Trecho 01 da Reportagem O PURSC no MININT Comunismo



Es necesario estar alerta en cuanto al hecho de poder tener la abundancia necesaria para satisfacer todas las necesidades del pueblo y que junto a ello se vaya desarrollando un profundo y constante trabajo de cambio en la conciencia del hombre. Socialismo o Comunismo no es sólo abundancia material; es también formación de una nueva conciencia, es la formación del hombre comunista en todos los aspectos.

Fonte: VALDÉS, 1965, p.55.

O partido deveria garantir a produção desses bens materiais, o processo educativo desse homem, o contínuo investimento na formação dos alunos do

magistério e avaliar constantemente as ações do povo, no intuito de diagnosticar se o homem novo estava nascendo.

Para que o homem novo pudesse ser reconhecido na sociedade cubana era necessário avaliar se as atitudes dos cidadãos haviam se convertido em atitudes coerentes entre trabalho intelectual e manual, entre teoria e prática, entre palavras e ações:

Figura 59 - Trecho 02 da Reportagem O PURSC no MININT Comunismo

—Se es comunista cuando se tiene una actitud integral, cuando se mantiene esa actitud uniformemente, independiente de las condiciones, el lugar o el momento. Para un comunista no puede haber separación entre las palabras y los hechos.

Fonte: VALDÉS, 1965, p.55.

Ter uma atitude integral, como destaca o trecho da reportagem, quesito para ser um homem novo, conforme propagado pela campanha publicitária, significava ir além de saber articular o trabalho intelectual e manual aos interesses da Revolução, significava ter uma atitude leal e afetuosa para com os companheiros de trabalho. Essa lealdade e afetividade materializavam-se quando os interesses próprios não se sobressaiam aos princípios da coletividade, quando mesmo tendo oportunidades não se procedia mal, de maneira corrupta. A capacidade de saber receber críticas e criticar de forma humanitária também expressava uma atitude de um homem desenvolvido em sua integralidade.

Se é na realidade um comunista [homem novo] quando junto a essa disposição de entregar a sua vida pela Revolução, sabemos manter uma atitude e uma conduta adequada em todos os demais aspectos da vida. Um comunista [homem novo] deve ter sempre presente que não apenas com as lutas heroicas se constrói a sociedade que aspiramos, senão que junto a elas é necessário ter claro que esta sociedade nova se constrói também com o aporte pequeno, às vezes aparentemente insignificante, de cada um na tarefa que nos foi designada. Um comunista [homem novo] deve ser capaz de ser o mais sincero, mais simples e franco, o mais feliz dos homens. Não lhe importará que as condições em que se encontre sejam piores que as dos demais, mas lhe importará

saber se realizou maior trabalho revolucionário que os demais ou se lutou mais duro (VALDÉS, 1965, p.55, tradução nossa¹²¹).

Para que o cidadão cubano pudesse construir seu próprio destino, requeria-se, além de uma identidade cubana e a devida articulação entre trabalho intelectual e manual, o desenvolvimento de valores morais que deveriam predominar de forma coerente em sua práxis. Caso, esse desenvolvimento não ocorresse, uma possível consequência seria o fracasso na materialização do homem novo e de sua causa.

Che Guevara ,em 1965, enfatizou a necessidade de desenvolver uma nova moral: “como já disse, num momento de perigo é fácil potencializar os estímulos morais; para manter sua vigência, é necessário que se desenvolva uma consciência na qual os valores adquiram categorias novas” (GUEVARA, 1965, p.9). Pode-se considerar como uma possível categoria nova o valor moral de lealdade destacado na reportagem da revista:

Figura 60 - Trecho 03 da Reportagem O PURSC no MININT Comunismo

—Un comunista es aquel que combina los grandes intereses de la Revolución con el trabajo práctico, aquel que mostrará lealtad y ardiente afecto a todos sus compañeros, a todos los revolucionarios y a todo el pueblo trabajador y no perjudicando jamás a ninguno de ellos en beneficio de sus intereses propios.

Fonte: VALDÉS, 1965, p.55.

A lealdade consistiria em assumir um compromisso com a Revolução e com os trabalhadores, um compromisso com a coletividade, o que poderia

¹²¹ “Si en realidad eres comunista cuando combinas esta voluntad de dar la vida por la Revolución, sabemos cómo mantener una actitud y una conducta adecuadas en todos los demás aspectos de la vida. Un comunista siempre debe tener presente que no sólo a través de luchas heroicas se puede construir la sociedad que aspiramos, sino que junto a ellas es necesario tener claro que esta nueva sociedad se construye también con el pequeño aporte, a veces aparentemente insignificante, de cada uno en la sociedad tarea que nos ha sido asignada. Un comunista debe poder ser el más sincero, el más sencillo y el más franco, el más feliz de los hombres. No le importará que las condiciones en que se encuentre sean peores que las de los demás, pero sí le importará saber si realizó más labor revolucionaria que los demás o si luchó más” (VALDÉS, 1965, p.55).

contribuir para a libertação do individualismo típico da sociedade capitalista. A lealdade faria com que o homem novo demonstrasse retidão e fidelidade em todas as suas ações:

Figura 61 - Trecho 04 da Reportagem O PURSC no MININT Comunismo

—Un comunista cuida siempre de no proceder mal cuando está trabajando independientemente y sin supervisión, cuando se le ofrecen amplias oportunidades para todas las formas de proceder mal. Nunca se verá que su labor sea incompatible con los intereses de la Revolución, por muchos años que pudieran transcurrir antes de que esa labor sea revisada.

Fonte: VALDÉS, 1965, p.55.

O homem novo, destacado na reportagem, dedicar-se-ia ao trabalho baseado em uma conduta ética e na importância do seu significado para a sociedade. Desse modo, praticaria a lealdade em todas as suas atitudes individuais.

Outro valor moral destacado pela reportagem foi a sinceridade:

Figura 62 - Trecho 05 da Reportagem O PURSC no MININT Comunismo

—Un comunista no le teme a la crítica de los demás y a su vez critica a estos con valor y sinceridad.

Fonte: VALDÉS, 1965, p.55.

Expressar uma opinião com sinceridade abriria caminhos à aprendizagem da discussão. E, para Che Guevara, o homem novo deveria saber discutir sem humilhar, porque uma discussão poderia apresentar diferentes aspectos e objetivos sobre determinado tema. Tratava-se de uma forma de confrontar ideias, o que permitia uma autoavaliação, como também avaliar e melhorar propostas.

Além dos valores morais de lealdade e sinceridade destacados na reportagem, Tirso Saenz (2012) salienta para o homem novo guevarista os valores de solidariedade, generosidade, austeridade, exemplo pessoal,

sensibilidade humana, decisão e disposição de oferecer até a própria vida pela libertação dos povos.

Quando os valores morais adquirissem tais categorias novas, o predomínio dos valores mercantis (desejos de satisfação individual) seria superado. Haveria, por esse ângulo, um rompimento com os valores capitalistas.

Outra característica na formação desse homem novo seria a conscientização do valor social do trabalho. Para Fidel Castro, esse entendimento já estaria acontecendo, quando argumentou: “O número de homens que hoje trabalham em obras públicas é 465 vezes superior; o número de homens que trabalham nas diversas frentes da agricultura é muito maior; desapareceram os desempregados” (CASTRO, 1965a, p.62, tradução nossa¹²²).

Ser consciente do valor social do trabalho implicava em compreender que o homem novo alcançaria sua plena condição humana quando produzisse sem a necessidade física de vender-se como mercadoria.

5.1.3. A formação da consciência do valor social do trabalho

Na Formação do homem novo, o trabalho adquiria um novo conceito na nova sociedade que se pretendia construir; era essencial ensinar aos cubanos que a força física do trabalho, nessa sociedade, não assumiria mais a categoria de mercadoria e sim de dever social: “a mercadoria homem cessa de existir e se instala um sistema, que outorga uma quota pelo cumprimento do dever social” (GUEVARA, 1965, p.15). O trabalho deixaria de ser uma ação mecânica e compulsória pela necessidade de subsistência. Tornando-se uma atividade produtiva livre, coletiva e prazerosa. Um instrumento pelo qual os cubanos poderiam externar algo concebido por eles mesmos, sendo assim, sujeitos e não espectadores de sua história.

Os meios de produção agora pertenciam à sociedade e a máquina era “apenas a trincheira onde o dever é cumprido” (GUEVARA, 1965, p.14). Então

¹²²“El número de hombres que trabajan en obras públicas hoy es 465 veces mayor; el número de hombres que trabajan en los diversos frentes de la agricultura es mucho mayor; los parados desaparecieron” (CASTRO, 1965, p.62).

requisitava-se que o homem se libertasse da ideia de trabalho enquanto obrigação penosa e passasse a realizá-lo como uma atividade de vontade própria, pelo querer fazer de Cuba um lugar melhor e, dele mesmo, um homem novo.

Fazer do trabalho uma atividade livre e voluntária faria com que o trabalhador não estivesse mais sob os ditames (ritmo) da máquina, como se ele fosse uma peça de engrenagem, ao contrário, ela se constituiria apenas em um instrumento no qual poderia materializar o que havia sido planejado e elaborado por ele mesmo:

Ela deveria ser, primordialmente, o instrumento através do qual os seres humanos poderiam materializar algo concebido por eles, algo que tenha emanado de seu espírito criador - reflexivo material externo de seu interior. Como a decisão de fazê-lo e a concepção do produto partiram do próprio homem, o novo trabalhador exerce a sua atividade livremente, não a pratica simplesmente para poder sobreviver. Ele optou, conscientemente, por assim fazer, como um dever social e não mais um sacrifício (SILVA, 2011, p.57).

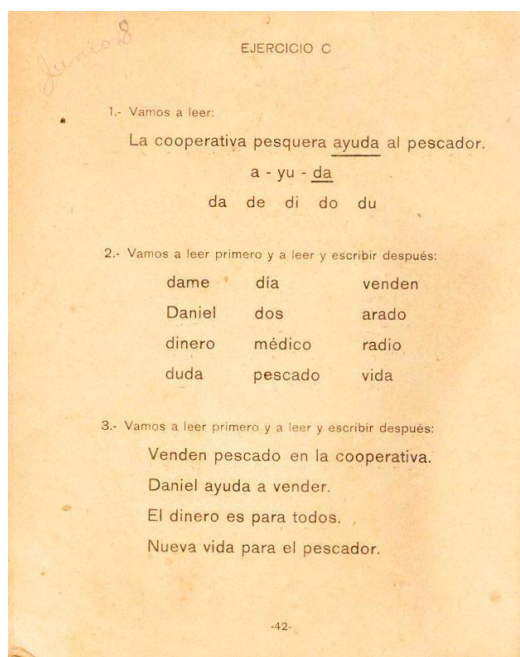
Um dos aspectos formativos para desenvolver no homem novo a consciência do valor social do trabalho, para Che Guevara, constituía-se na prática do trabalho voluntário. Por meio dessa prática os cubanos poderiam efetivar os novos valores que foram apreendidos nos cursos de formação. Ao mesmo tempo, extrair dessa prática outros valores humanitários. Nesse sentido, o trabalho voluntário não apenas refletiria o nível de consciência do valor social do trabalho já adquirido como também estimularia o desenvolvimento da mesma.

Fazemos todo o possível para dar ao trabalho esta nova categoria de dever social e uni-lo, por um lado, ao desenvolvimento da técnica que dará condições para uma maior liberdade e, por outro lado, ao trabalho voluntário, embasado na concepção marxista de que o homem realmente alcança sua plena condição humana quando produz sem a compulsão da necessidade física de se vender como mercadoria (GUEVARA, 1965, p.15).

Ao praticar o trabalho voluntário ao mesmo tempo em que se construiria a nova sociedade, o homem novo teria a identidade solidária reafirmada pelo que presenciava e vivenciava na realidade objetiva. Na Cartilha *¡Venceremos!* essa

característica para a formação do homem novo pôde ser identificada no exercício C, tarefa número 3 da Lição *Os Pescadores Cubanos* de *¡Venceremos!*

Figura 63 - Exercício C da Lição *Os Pescadores Cubanos* de *¡Venceremos!*



Fonte: CUBA, 1961a, p.42.

O texto da tarefa número 3 com a consigna: vamos ler primeiro e escrever depois, indica o trabalho voluntário ao relatar que Daniel ajuda a vender peixe na cooperativa. Outro aspecto que chama a atenção para o trabalho voluntário é a palavra escolhida para trabalhar as sílabas da-de-di-do-du: ajuda.

A ajuda (trabalho voluntário), exercido aos sábados, domingos, feriados ou horas de folga sem qualquer tipo de remuneração, configurava-se em uma forma de praticar o despojo do individualismo, do egoísmo e dos acúmulos de bens apenas para ostentação individual. As frases do exercício “*O dinheiro é para todos*” e “*Nova vida para o pescador*” traziam o pressuposto de trabalho enquanto uma atividade que poderia proporcionar autonomia, posicionando o sujeito como um agente de transformação, como contribuição à vida comum em âmbito coletivo.

O trabalho voluntário articulado à combinação do trabalho manual e intelectual, para Che Guevara, constituía-se em um instrumento para superar o

caráter mercantil e alienado do trabalho, uma forma de desenvolver uma nova consciência: “O trabalho voluntário, fundamentalmente, é o fator que desenvolve a consciência dos operários mais que nenhum outro” (GUEVARA, 1970, p.334).

O objetivo com a prática do trabalho voluntário era estimular o rompimento com o pressuposto de divisão social do trabalho consolidado pelo imperialismo. Era, além de possibilitar as condições materiais e morais para que esse rompimento acontecesse, também motivar o homem cubano, ao participar de outras tarefas, a querer dominar a técnica e a ciência, para que pudesse participar da elaboração e da produção de um produto, para que pudesse aprender a criar e não apenas reproduzir.

O trabalho voluntário pode ser compreendido como um possível elo entre os trabalhadores, que abriria o caminho para uma sociedade na qual não deveriam mais existir as divisões entre as classes e, portanto, não poderia haver nenhum tipo de diferença, distanciamento ou preconceito entre trabalhador manual e trabalhador intelectual, entre operário e camponês ou ainda entre patrão e empregado.

Em sua carta para Carlos Quijano, Che Guevara argumenta que o trabalho voluntário já seria uma prática em Cuba:

Nossos bolsistas fazem trabalho físico durante suas férias ou simultaneamente com o estudo. O trabalho em certos casos é um prêmio, em outros um instrumento de educação, mas nunca um castigo. Uma nova geração nasce (GUEVARA, 1965, p.21).

Os jovens maestros da Campanha de Alfabetização já tinham o trabalho voluntário como prática, ajudavam os camponeses com o trabalho do campo, contribuíam na área da saúde ao realizarem exames de vista e ajudavam a construir poços e banheiros. Com o trabalho voluntário, além de ganharem a confiança dos alfabetizados muitas vezes resistentes, estimulavam-nos a adotarem essa prática, contribuindo para o desenvolvimento da consciência social do trabalho e ao processo autoeducativo.

Sobre o trabalho voluntário, Tirso Saenz, vice-ministro da Indústria de Cuba, quando o ministro era Ernesto Che Guevara, em seu relato pessoal publicado no livro intitulado *O ministro Che Guevara: testemunho de um*

colaborador, em 2012, explicou que no Ministério de Indústrias foi organizada uma brigada Vermelha para o trabalho voluntário. O compromisso de quem participasse dessa brigada, liderada pelo próprio Che Guevara, era o de cumprir 240 horas voluntárias durante um semestre. Horas essas que deveriam ser em trabalho manual em alguma atividade produtiva que respondia ao cumprimento de metas de produção as quais poderiam estar em risco de não se realizarem.

O autor relata que certa vez foi colocado atrás de cada trabalhador um medidor para controlar a quantidade de cana cortada por unidade de tempo, sendo o último colocado motivo de chacota dos colegas. Logo, permite-se considerar que, mesmo sendo o trabalho voluntário uma prática que deveria partir do próprio indivíduo e não deveria ser executado por imposição ou pressão, pode ter existido a prática desse tipo de trabalho de forma coercitiva. O próprio Che Guevara reconheceu essa problemática:

Claro que existem ainda aspectos coercitivos no trabalho, mesmo quando é voluntário; o homem não transformou toda a coerção que o rodeia num reflexo condicionado de natureza social, e produz ainda, em muitos casos, sob a pressão do meio (compulsão moral, como a chama Fidel). Ainda lhe falta conseguir a plena recriação espiritual diante de sua obra, sem a pressão direta do meio social, mas ligado a ele pelos novos hábitos. Isto será o comunismo (GUEVARA, 1965, p.15).

Outro aspecto sobre a existência de práticas coercitivas do trabalho trata-se das premiações para os trabalhadores que haviam produzido mais. A edição número 31 da Revista Bohemia, publicada em 30 de julho de 1965, traz um quadro com os nomes dos premiados e suas respectivas produções.

Figura 64 - Cortadores de Cana premiados pelo bom desempenho no trabalho voluntário

MACHETEROS MAS DESTACADOS	
Pinar del Río:	Juan Carboneli, 116 días en corte; 81,635 arrobos.
La Habana:	Freddy Cartaya, 157 días en el corte; 80,000 arrobos.
Matanzas:	Esteban Cabrera, 105 días en el corte; 126,272 arrobos.
Las Villas:	Humberto Fernández, 135 días en el corte; 82,495 arrobos.
Camagüey:	José Mariano Mora, 117.5 días en el corte; 129,932 arrobos.
Oriente:	Graciliano Rondán, 130 días en el corte; 132,201 arrobos.
Machetero más destacado: José Mariano Mora, de la provincia de Camagüey.	
MEJORES BRIGADAS	
Pinar del Río:	"Noveno Festival", con 1.778,267 arrobos.
La Habana:	"Julio Antonio Mella", con 2.166,549 arrobos.
Matanzas:	"Camilo Cienfuegos", 1.786,478 arrobos.
Las Villas:	"Luis Silva Tablada", 2.281,363 arrobos.
Camagüey:	"La Internacional", 1.646,170 arrobos.
Oriente:	"Quintín Banderas", 1.138,453 arrobos.
Mejor Brigada nacional: "Camilo Cienfuegos", de Matanzas.	

Fonte: KORDA, 1965, p.34.

Criar estratégias para premiar um trabalhador estimularia a competição entre os pares, podendo até alcançar alto nível de produtividade, mas, concomitantemente, abria caminho para que o indivíduo buscasse satisfazer apenas seu desejo de autorreconhecimento individual, caracterizando um possível distanciamento do objetivo de desenvolver a consciência social do trabalho, o qual visava a recompensas coletivas e não individuais. Este fato poderia impedir o desenvolvimento de uma consciência coletiva, requerida para o homem novo, bem como, fomentar a rivalidade e não a solidariedade tão discutida, inclusive como uma característica que deveria constituir a identidade do homem ideal.

Entretanto, mesmo em meio a contradições, não se pode negar que houve um esforço intenso para que o trabalho voluntário efetivasse sua função pedagógica na formação do homem novo.

A edição número 21 da Revista Bohemia de 21 de maio de 1965, demonstra a participação da classe operária no trabalho voluntário da safra da cana-de-açúcar e possíveis resultados de sua função pedagógica, em uma

reportagem de Mario G. Del Cueto. De acordo com as informações dessa reportagem, o setor sindical teria se destacado na participação do trabalho voluntário. No início da safra da cana-de-açúcar haveria, por todo o território cubano, aproximadamente 66.240 cortadores de cana voluntários; depois, juntaram-se a esse número mais 100.000, que se mobilizavam aos sábados e aos domingos, todos trabalhadores sindicalmente organizados.

Além do aumento da produção, ganhou destaque no artigo o relacionamento humano que estaria se estabelecendo com essa prática do trabalho voluntário, contribuindo para a formação da consciência do valor social do trabalho:

A consciência revolucionária, quer dizer a formação do homem cubano socialista, vai adquirindo um maior desenvolvimento em cada golpe da mocha, em cada batalha que se ganha do imperialismo. Os massivos deslocamentos ao campo dos trabalhadores das cidades importantes fortalecem a Aliança Operário-Camponesa, tendo citado centenas de milhares de casos onde o vínculo efetivo entre o operário urbano e o dos campos, promovido pelo trabalho comum, produziu episódios de um alto conteúdo humano que algum dia nossos romances citarão (DEL CUETO, 1965, p.18, tradução nossa¹²³).

A reportagem enfatizava que o trabalho voluntário estaria, como esperava Che Guevara e foi proposto pela Lição *O Povo Trabalha* da Cartilha *¡Venceremos!*, aproximando os trabalhadores e aperfeiçoando o relacionamento humano entre eles, na medida em que se distanciavam da divisão entre trabalhador intelectual e manual ou da estigmatização entre operário e camponês. Esse relacionamento humano apontava para saltos qualitativos no desenvolvimento da consciência revolucionária porque somente por motivações ideológicas e morais o homem sujeitar-se-ia a permanecer e a enfrentar condições que interfeririam em sua zona de conforto (o trabalho da cidade).

¹²³La conciencia revolucionaria, es decir, la formación del hombre socialista cubano, adquiere mayor desarrollo con cada golpe de moka, con cada batalla ganada contra el imperialismo. Los desplazamientos masivos de trabajadores de importantes ciudades hacia el campo fortalecen a la Alianza Obrero-Campesina, habiéndose citado cientos de miles de casos donde el vínculo efectivo entre el trabajador urbano y el trabajador rural, promovido por el trabajo común, produjo episodios de alto contenido humano. que algún día nuestras novelas citarán" (CUETO, 1965, p.18).

No intuito de fomentar esse relacionamento humano e a aproximação entre chefe do escritório (trabalho intelectual) e operário (trabalho manual), foi elaborado um Plano Especial de Integração ao Trabalho. Nesse plano era estabelecido que cada chefe de escritório deveria, por um mês no ano, trabalhar em outro local que não estivesse sob sua responsabilidade. Nesse mês, ele deveria assumir uma função que estivesse um ou dois níveis mais baixos do que costuma exercer. Essa mudança de ares o levaria a ter uma visão mais humana sobre funções subalternas e melhorar sua liderança. Segundo Saenz (2012), Che Guevara não teve tempo de efetivá-lo devido à sua partida.

Outro ponto para destacar em relação à formação da consciência do valor social do trabalho, necessária ao modelo de homem ideal pretendido, era a de que o amor ao trabalho e aos trabalhadores deveria tornar-se virtude moral do homem novo. Por isso, nos programas e métodos do trabalho docente deveria incluir-se a formação politécnica dos alunos, pois seria esse tipo de formação que colocaria o estudante em contato direto com teoria e prática, com trabalho intelectual e manual.

Sobre essa perspectiva, a edição número 18 da Revista Bohemia, de 30 de abril de 1965, na reportagem de Oscar F. Rego, *O Ensino e o Trabalho Frutífero e Criativo*, enfatizava como surgiria a consciência do valor social do trabalho: “O amor ao trabalho e aos trabalhadores não surge de maneira espontânea, senão da vinculação necessária entre a educação e a vida” (REGO, 1965, p.4, tradução nossa¹²⁴).

Essa vinculação necessária entre a educação e a vida destacada na reportagem consistia nas práticas educativas que contemplariam o ensino geral com a formação politécnica e o trabalho. A ênfase do artigo está no Plano Piloto que o governo revolucionário havia elaborado, com o objetivo de intensificar a nível nacional a articulação entre trabalho manual e intelectual:

¹²⁴“El amor al trabajo y a los trabajadores no surge espontáneamente, sino del vínculo necesario entre la educación y la vida” (REGO, 1965, p.4).

Figura 65- Reportagem *O Ensino e o Trabalho Frutífero e Criativo*

PLAN PILOTO

El Instituto Pre-universitario de Marianao, en vista de los éxitos logrados en el cumplimiento de su trabajo y el entusiasmo con que profesores y alumnos iniciaron las nuevas fórmulas pedagógicas recomendadas para completar la enseñanza general con la politécnica y laboral, ha sido seleccionado oficialmente para que desarrolle un Plan Piloto a nivel nacional e intensifique la unión del trabajo físico con el trabajo intelectual y de ambos con la vida, vinculen la teoría con la práctica y ayuden a inculcar a los alumnos el amor al trabajo y a los trabajadores y los preparen con sólida base cultural y científica y destrezas y hábitos necesarios a la producción, para la actividad socialmente útil. Estas proyecciones constituyen los primeros pasos.

Fonte: REGO, 1965, p.5.

Além de os alunos visitarem e realizarem trabalho voluntário nas fábricas, nas aulas dos Institutos eles passariam a ter oficinas, para que pudessem se familiarizar com os princípios da maquinaria, eletricidade e desenho. As atividades regulares nas salas de aula contribuiriam para o desenvolvimento intelectual, enquanto as atividades extraescolares e de orientações práticas promoveriam o desenvolvimento do caráter e ajudariam na preparação para a vida profissional. É possível, à vista disso, que os líderes revolucionários compreendiam que educar não era apenas informar, senão essencialmente formar caráter, orientar e preparar para enfrentar e resolver os problemas da vida prática, sendo essa a forma como a alfabetização foi sistematizada no período da Campanha, numa articulação entre teoria prática.

Na tentativa de intensificar a conscientização sobre o trabalho enquanto uma contribuição pessoal, moral e política do trabalhador para com a sociedade, a edição número 15 da Revista Bohemia de 09 de abril de 1965, traz uma propaganda do Conselho Nacional de Educação para impulsionar o estudo e o trabalho nas ciências agropecuárias:

Figura 66 - Propaganda do Conselho Nacional de Educação para estimular o estudo e o trabalho nas Ciências Agropecuárias



Fonte: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1965b, p.72.

A frase da figura 66: “*Esses tomates podem ter todas as vitaminas que esperamos... ou apenas a metade, depende do equilíbrio mineral do solo, dos cuidados científicos de seu cultivo*”, indica uma tentativa de demonstrar a importância da articulação entre trabalho intelectual (cuidados científicos) e manual (cultivo), conscientizando sobre o valor social do trabalho. Logo abaixo, buscava-se elucidar ao jovem a responsabilidade desse tipo de trabalho para manter o abastecimento nutritivo da população, bem como a necessidade do país de mão de obra especializada nessas áreas.

Tentava-se, ao mesmo tempo, conscientizar sobre o valor social do trabalho e suprir uma carência produtiva imediata. As frases: “*Você deve ser um*

desses importantes técnicos. Por mais produção. Por mais abundância. Por uma melhor alimentação. Mais jovens a estudar ciências agropecuárias”, reiteraram esses objetivos, bem como expressam o trabalho ideológico por parte do governo revolucionário para atingir o objetivo de formação do homem novo e o de desenvolvimento técnico científico da Ilha, os dois pilares na perspectiva de Che Guevara para a construção da nova sociedade: “a teoria resultante dará maior importância aos dois pilares da construção: a formação do homem novo e o desenvolvimento da técnica (GUEVARA, 1965, p.16), ideal este que foi expresso, como mencionado no capítulo anterior, nas lições da Cartilha *¡Venceremos!*.

A capacitação técnico-científica era em caráter de urgência porque se requeria um maior rendimento das instalações industriais que já existiam, bem como, o planejamento e construção de novas fábricas. A edição de 21 de maio de 1965 da Revista Bohemia, apontou como resultado desse esforço em capacitação técnico-científica dos jovens, a inauguração de duas oficinas, uma no campo das telecomunicações e outra no automotivo. Ambas com o objetivo de cuidar da manutenção de suas maquinarias e desenvolver peças de reposição:

Na Oficina de Telecomunicações poderão se reparar aparatos telegráficos, transmissores e receptores de rádio, equipamentos de microondas, transferências automáticas, transformadores e outros equipamentos. Poderão ser fabricados: peças de reposição telegráficas e telefônicas, amplificadores de áudio, cristais de quartzo, transformadores de baixa potência, retificadores e vários equipamentos não padronizados [...] Cerca de mil veículos, entre carros, caminhões, motocicletas, carretas e reboques, receberão as manutenções e reparos necessários nas dependências da Oficina Central Automotiva com os mais modernos equipamentos técnicos (NAVARRO, 1965, p.37, tradução nossa¹²⁵).

Em outra edição da Revista Bohemia, publicada em 18 de junho de 1965, na seção *A Semana dos Municípios*, escrita por Serafin Marrero, destacava-se a elaboração por parte de dois trabalhadores de uma dependência de frangos:

¹²⁵“En el Taller de Telecomunicaciones se pueden reparar aparatos telegráficos, transmissores y receptores de radio, equipos de microondas, transfers automáticos, transformadores y otros equipos. Se pueden fabricar: repuestos telegráficos y telefónicos, amplificadores de audio, cristales de cuarzo, transformadores de baja potencia, rectificadores y diversos equipos no estándar [...] Cerca de mil vehículos, entre automóviles, camiones, motocicletas, remolques y semirremolques , recibirá el mantenimiento y las reparaciones necesarias en las instalaciones del Taller Central de Automoción con el más moderno equipamiento técnico” (NAVARRO, 1965, p.37).

Rafael Mendoza e Orencio Escalona, trabalhadores da Oficina de Equipamentos Avícolas "Antonio Guiteras Holmes", construíram uma depenadeira de frangos a um custo aproximado de 220 pesos - \$ 480 menos que os construídos em Havana - depenando mil frangos por hora. Enquanto as habaneras só depenam ao mesmo tempo, cerca de 800 (MARRERO, 1965, p.73, tradução nossa¹²⁶).

A reportagem, ao ressaltar que o homem da cidade e do campo já demonstrava ter autonomia para cuidar da manutenção e elaboração de peças de reposição desses equipamentos, assim como criar uma depenadeira de frangos com baixo custo e com maior capacidade de produtividade, tendo em vista que todas essas produções seriam para o usufruto das próprias fábricas nacionais, indicava o desenvolvimento da consciência do valor social do trabalho, bem como bons resultados dos cursos de capacitação técnico-científica. E ainda, que o homem novo estaria ganhando forma; uma articulação visível ao discurso de Che Guevara (1965, p.26): “O esqueleto da nossa liberdade completa está formado; falta-lhe apenas a substância protéica e a roupagem; nós as criaremos”.

Desse modo, ao discutir sobre as três características ideais para a formação do homem novo elucidadas por Che Guevara em 1965, foi possível concluir que as mesmas estavam expressas nas lições da Cartilha *¡Venceremos!*, bem como, que havia um trabalho da mídia para evidenciá-las e incentivar a população em geral a visualizar a crescente autonomia do homem cubano para efetivar produções técnico-científicas para satisfazer suas necessidades, na tentativa de confirmar o que Che Guevara explicitou sobre o homem novo que estava nascendo em Cuba.

5.2. O homem novo: O Arquiteto Da Sua Própria Libertação

Ao observar produções científicas, em 1965 Che Guevara fez referência ao nascimento do homem novo, apontou que já era possível vislumbrar o seu

¹²⁶“Rafael Mendoza y Orencio Escalona, trabajadores del Taller de Equipamiento Avícola "Antonio Guiteras Holmes", construyeron una máquina desplumadora de pollos a un costo aproximado de 220 pesos -480 dólares menos que las construidas en La Habana- desplumando 1 000 pollos por hora. Mientras que las habaneras solo se arrancan al mismo tiempo, unas 800” (MARRERO, 1965, p.73).

nascimento em Cuba, ainda que sua imagem não estivesse muito bem definida porque sua construção deveria acontecer paralelamente ao desenvolvimento das forças econômicas.

Em sua perspectiva, as tentativas de formação desse modelo de homem aconteceram a partir do investimento massivo nos processos educacionais e o seu nascimento, mesmo que incipiente, materializou-se nas práticas cotidianas dos cubanos, ao tentarem, de forma autônoma e criativa, desenvolver estratégias para superarem as dificuldades que o bloqueio econômico lhes colocava.

Na tentativa de procurar evidências desse homem, analisaram-se 55 edições da Revista Bohemia publicadas no ano de 1965, período em que Che Guevara afirmou que esse homem já havia nascido em Cuba. As reportagens abordavam os mais variados assuntos como moda, acontecimentos em outros países socialistas, especialmente da União Soviética e Coreia, campeonatos esportivos, receitas culinárias, história de Cuba, textos de José Martí e Karl Marx, campanhas de vacinação, poemas, contos e charges, bem como assuntos relacionados à solidariedade entre os povos, a dignidade de ser cubano, a autonomia do homem como construtor do seu próprio destino e o papel do trabalho produtivo no processo de construção de uma nova sociedade, trabalhados nos tópicos anteriores dessa pesquisa. Dessas edições, foram selecionadas 4 reportagens que enfatizavam produções técnico-científicas, as quais estariam acontecendo na Ilha.

Quadro 05 - Reportagens que enfatizavam as produções técnico-científicas em 1965

Reportagem	Autor	Data
<i>La Recompensa: Primer Pastoreo en Rotación Verdaderamente Científico</i>	Marta Rojas	19/02/1965
<i>Primera Microplanta En Cuba de Fermentación Continua</i>	José Vázquez	30/04/1965
<i>Científicos Cubanos investigan sobre el cancer</i>	Gregorio Hernández	25/06/1965
<i>El Pueblo Inventa: Diez casos, entre cientos de obreros que inventan o innovan - La fuerza anónima del ingenio popular frente al bloqueo imperialista</i>	Agustin Del Riesgo	25/06/1965

Fonte: Elaborada pela autora.

Na edição número 08, de 19 de fevereiro de 1965, Marta Rojas tratou, em sua reportagem, sobre o primeiro pastoreio rotativo de gado instalado em Artemisa, denominado de *La Recompensa*. O plano para a criação desse pastoreio desenvolveu-se após o Ministro do Trabalho, Basílio Rodríguez, identificar a escassez de leite para as crianças em Artemisa, uma das quinze províncias de Cuba, região de longa planície natural que, naquele momento, apresentava uma condição alimentícia precária, e compreender a necessidade de instalar laticínios naquela região.

Segundo informações da reportagem, as organizações de massa em conjunto com o Partido e trabalhadores voluntários estudaram sobre pastagens e rotação de gado ou pastoreio intensivo, sobretudo nos livros do professor francês André Marcel Voisín (1903-1964). Com esses estudos, procurou-se desenvolver técnicas que equilibrassem solo – pastagem – gado, de modo que cada um pudesse ter efeito positivo sobre os outros, com rotação do gado por piquetes e com tempo adequado de descanso. Por colocar em prática a teoria de Voisín, *A Recompensa* ficou conhecida como “primeiro pastoreio em rotação verdadeiramente científico” de Cuba (ROJAS, 1965, p.5, tradução nossa¹²⁷).

A reportagem enfatizava que os trabalhadores do laticínio não executavam apenas o trabalho manual, mas também, eram investigadores:

¹²⁷ “[...] primer pastoreo de rotación verdaderamente científico” (ROJAS, 1965, p.5).

Figura 67 - Reportagem *A Recompensa: primeiro pastoreio em rotação verdadeiramente científico*

Los cinco obreros de La Recompensa, de los cuales los son ejemplares y militantes del PURSC y los otros con condiciones para aspirar a serlo, no sólo realizan una función manual. También son investigadores, puede decirse que técnicos. Compilan datos y experiencias nuevas para trasladarlas a Fidel cuando visita el pastoreo. Ellos no descuidan un momento el régimen de vida de reses a su cuidado, atienden su alimento, limpieza y salud.

Fonte: ROJAS, 1965, p. 6-7.

Sob essa ótica, pode-se considerar que os trabalhadores envolvidos com as atividades do laticínio eram destacados pela reportagem como pioneiros do desenvolvimento da agropecuária cubana, demonstrado ânimo, altivez e austeridade. Entre acertos e erros, mas sem deixar de lado o processo de crítica e autocrítica, iam detectando as melhorias necessárias na aplicação da nova técnica e buscavam aperfeiçoar as singularidades que surgiam a partir das respostas positivas que alcançavam com os fertilizantes aplicados no solo, nos cuidados com os bezerros e ao analisarem as plantações de pagola e seu valor proteico.

A reportagem, alinhada ao discurso de homem ideal dos líderes revolucionários, apresentava resultados positivos em relação aos esforços educativos iniciados com as lições da Cartilha *¡Venceremos!* para a formação integral do camponês, colocando como se já estivesse sido alcançado esse ideal, uma vez que o camponês recém alfabetizado que cursava o Plano de Seguimento, ou seja, que estava concluindo o nível primário de ensino, era apresentado como alguém que já possuía habilidades investigativas, muitas vezes adquiridas apenas no ensino superior.

O nascimento desse ideal de homem na área rural foi enfatizado pela reportagem, também, nas atitudes dos trabalhadores do laticínio. Atitudes que não foram apresentadas como passividade, mesmo deixando claro que aconteceram, em certa medida, com uma pré-orientação já estabelecida pelos estudos do professor Voisín e pelas ordens de Castro. Ao executarem o que lhes

foi designado, o autor do artigo da Revista argumenta que esses trabalhadores do campo, ressalta-se, recém alfabetizados, faziam observações que lhes permitiam tirar conclusões e determinar mudanças e, especialmente, por meio do seu exemplo, estimulavam seus companheiros.

À vista disso, colocou-se em pauta a educação pelo exemplo, que foi sistematizada durante a Campanha de Alfabetização, nas lições da Cartilha *¡Venceremos!* e apresentada por Che Guevara como um dos instrumentos necessários à formação do homem novo: “[...] em nossa ambição de revolucionários, tentamos caminhar tão depressa quanto possível, abrindo caminhos, mas sabemos que temos de nos nutrir da massa, e esta somente poderá avançar mais rápido se a animamos com o nosso exemplo” (GUEVARA, 1965, p.12). Nessa proposta, ao observar o exemplo dos outros, o homem, de forma consciente e voluntária, teria a iniciativa de buscar meios para tentar mudar a sua prática social, o que corresponderia à sua plena realização, tendo em vista que dessa forma teria de fato rompido com as amarras da alienação.

A importância da educação pelo exemplo para o líder revolucionário pode ser observada no trecho de sua carta à Fidel Castro, quando realizou sua renúncia aos cargos que exercia no partido, bem como da função de Ministro e seu grau de Comandante, ao se despedir de Cuba:

Saiba que o faço com uma mistura de alegria e dor, aqui deixo o mais puro de minhas esperanças de construtor e o mais querido entre meus seres queridos... e deixo um povo que me aceitou como um filho; isso dilacera parte do meu espírito. Nos novos campos de batalha, levarei a fé que tu me inculcaste, o espírito revolucionário do meu povo, a sensação de cumprir o mais sagrado dos deveres: lutar contra o imperialismo onde quer que ele esteja; isso me reconforta e compensa qualquer dilaceramento. Digo mais uma vez que libero Cuba de qualquer responsabilidade, exceto a que emane do seu exemplo. E se chegar minha hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para esse povo, e especialmente para ti. Te agradeço pelo teu ensinamento e pelo teu exemplo, ao qual tratarei de ser fiel até as últimas consequências dos meus atos (GUEVARA, 2011c, p.300-301).

Para ele, o exemplo viria do grupo de vanguarda, ou seja, dos primeiros a terem participado do partido que, por sua vez, deveriam ser ideologicamente mais evoluídos.

Na reportagem, esse estímulo do exemplo foi ressaltado quando o autor relatou que em 18 de janeiro de 1965, para o primeiro ordenho mecânico do laticínio, estiveram presentes jovens de Las Villas e Pinar Del Río, procedentes de escolas de laticínios de Escambray e Guiné, para adquirirem experiência sobre a rotação de gado colocada em prática pelos trabalhadores. E quando Rojas (1965) escreveu: “no futuro, muitos outros estudantes de qualquer especialidade da ciência ou técnica agropecuária, irão também aprender neste campo de experimentação e produção magnífica” (ROJAS, 1965, p.12, tradução nossa¹²⁸).

Os camponeses que trabalhavam nesse laticínio, ao mesmo tempo que contribuíam para um possível crescimento dos bens de consumo e uso de tecnologias, uma vez que naquele momento a produção teria aumentado para 7 litros de leite por vaca, também desenvolviam uma consciência solidária, ao distribuírem esse mesmo leite diretamente para a população, sem intervenções de qualquer tipo, satisfazendo assim as necessidades mais urgentes.

Os meios de comunicação da época ressaltavam que havia iniciativas de produção científica na indústria açucareira para o desenvolvimento com derivados da cana-de-açúcar de fermento para o consumo animal. A Edição número 18, de 30 de abril de 1965, da Revista Bohemia traz em destaque uma reportagem sobre os estudos do Instituto Cubano de Investigações de Derivados da Cana-de-Açúcar.

Na reportagem intitulada, *Primeira Microplanta em Cuba de Fermentação Contínua*, a ênfase está nos estudos que duas técnicas cubanas do Laboratório de Análise Instrumental da ICIDCA estariam realizando com o melado final do açúcar para tentar encontrar na tecnologia de produção condições técnico-econômicas para produzir “em escala industrial no processo de fermentação

¹²⁸“en el futuro, muchos otros estudiantes de cualquier especialidad de la ciencia o técnica agrícola, aprenderán también en este campo de experimentación y magnífica producción” (ROJAS, 1965, p.12).

contínua, fermento para o consumo animal, que representa uma fonte rica de proteína para a alimentação pecuária” (VÁZQUEX, 1965, p.49).

Cabe ressaltar que, devido às condições econômicas especiais vivenciadas pelo bloqueio, para realizar esses estudos Cuba recebeu apoio financeiro e equipamentos do Instituto de Microbiologia da Academia de Ciências da Checoslováquia, dentre eles destaca-se uma microplanta desenhada e desenvolvida especialmente para Cuba, que poderia ser usada em qualquer tipo de processo fermentativo.

Ao destacar que essa iniciativa científica das técnicas cubanas contou com o incentivo tanto do governo revolucionário como também do checoslovaco, a reportagem procurava demonstrar as preocupações e tentativas da Revolução para superação das condições especiais de matéria-prima vivenciada em Cuba, para que pudessem ter como alimentar o gado com baixo custo e continuar os investimentos na área da agropecuária. Indicava ao leitor que os esforços educativos estariam proporcionando ao trabalhador ligado aos assuntos do campo uma possível habilidade de planejamento, como também, um processo de percepção do novo poder social e das adequações que seriam necessárias à sua sobrevivência. E, sobretudo, uma conscientização sobre a importância de sua incorporação enquanto agente de transformação da sociedade, enquanto sujeito histórico social, como participante e não espectador do seu destino.

Investir cientificamente na produção autônoma de uma alimentação animal barata e rica em proteínas significava que, além de superar as dificuldades imediatas impostas pelo bloqueio, propiciaria condições que pressupunham um aumento significativo das forças produtivas, o que, para Marx e Engels (1986), consistia em um pressuposto prático e essencialmente necessário para que no comunismo não acontecesse o retrocesso ao nível anterior de antagonismo de classes e miséria:

[...] esse desenvolvimento das forças produtivas (que já implica que a existência empírica real dos homens se desenrole no plano da história mundial e não no plano da vida local) é uma condição prática prévia absolutamente indispensável, pois, sem ele, a penúria se generalizaria, e, com a necessidade, também a luta

pelo necessário recomeçaria, e se cairia fatalmente na mesma imundície anterior (MARX; ENGELS, 1986, p.31).

É possível que a intencionalidade em enfatizar esse esforço de procurar meios de desenvolvimento das forças produtivas, apesar das carências das instituições, era apontar que o homem do campo havia compreendido o que Che Guevara (1965) elucidou sobre uma nova forma do homem de fazer história, uma história em coletividade, como um conjunto de indivíduos que pelejam por uma mesma causa e que contribuem à vida comum, refletindo dessa forma no cumprimento do dever social do homem novo.

Na cidade, uma iniciativa de produção científica foi destacada na Edição número 26 da Revista Bohemia com data de 25 de junho de 1965. Nessa Edição, o primeiro artigo em destaque é o de Gregorio Hernández intitulado *Cientistas cubanos investigam sobre o câncer e novas tecnologias medicinais*. Nele, os cientistas cubanos da área da medicina e da bioquímica são retratados como se estivessem trabalhando de forma obstinada com o objetivo de contribuir em âmbito internacional com os demais homens da ciência.

De acordo com a reportagem, os cientistas foram motivados às investigações a fim de obter resultados positivos para o enfrentamento dos fenômenos patológicos, devido aos princípios da Revolução em lutar a favor do homem e as circunstâncias desafiadoras de intercâmbios mercantis para a compra de remédios. Naquele momento, os estudos já tinham alcançado alguns resultados que estavam em processo de experimentação. Havia sido descoberto pelos cientistas o princípio ativo chamado *VELVAN*, usado para o tratamento do câncer, em uma planta ornamental de crescimento silvestre em Cuba: a Vicária Rosada:

Figura 68 - Reportagem *Cientistas cubanos investigam sobre o câncer*

EL PRINCIPIO ACTIVO DE LA VICARIA ROSADA

“Es conocido por todos los médicos el principio activo que se usa como tratamiento del cáncer llamado “VELVAN”, producido por una firma norteamericana —expresan los científicos del Laboratorio—. Este principio activo se obtiene de la Vicaria, planta ornamental que crece silvestre en nuestra patria.

Conscientes de las necesidades de este producto en Cuba —agregan— comenzamos a trabajar en el año 1963 en el aislamiento de los distintos principios activos que posee la planta, habiéndose aislado hasta el presente 27 componentes con características diferentes, los que se encuentran en este momento en ensayo biológico en animales enfermos de cáncer para conocer exactamente las propiedades curativas de los mismos...”

Fonte: HERNÁNDEZ, 1965, p.5.

Em sua reportagem, também explicou sobre os estudos realizados no desenvolvimento de uma tecnologia cubana para a produção de um tipo de antibiótico para tratamento de gengivoestomatite e infecção genitourinária causada por gonorreia ou clamídia a Terramicina ou Oxitetraciclina. Cuba já estaria produzindo 95% dos recursos materiais utilizados na produção desse medicamento, como também dando saltos na produção de progesterona por meio de transformações químicas da mistura de esteróides obtidos da cera da cana-de-açúcar. A produção de Vitaminas B-12, a partir de uma farinha produzida com cascas de lagosta, de cafeína e de aminoácidos contidos nas penas das aves também foram assuntos destacados na reportagem.

Nessas produções, é possível identificar que a reportagem procura incentivar o leitor a inferir que o homem cubano, sob a influência da pressão das possíveis consequências do bloqueio econômico e da educação indireta, bem como por meio dos princípios da educação direta (apropriação da técnica e da ciência), havia se autoeducado ou estava em processo de consolidação de sua

autoeducação. Isso porque, esse trabalho criador em relação às investigações sobre o câncer e às tecnologias medicinais expressava a força de vontade e a disciplina de cada indivíduo para buscar dentro de si e trazer à sociedade formas de superar as dificuldades.

Entretanto, cabe questionar quem eram esses cientistas da cidade que, em certa medida e de maneira implícita, foram retratados pelo artigo da revista como possíveis homens novos. Uma vez que devido à imigração, Cuba enfrentava problemas sérios, pois a maioria dos que poderiam exercer tal função, por terem formação adequada, tinham deixado o país. E os operários que haviam participado da Campanha de Alfabetização tinham acabado de concluir o curso de Superação Obreira e estavam iniciando os cursos técnicos nas Faculdades Obreiras, uma formação elementar a qual a investigação exigia.

Tal reflexão permite concluir que ainda que essas iniciativas fossem reais e que, de fato, estivessem contribuindo para a melhoria de vida dos cubanos, esses “cientistas”, elucidados na reportagem, não poderiam ser o homem novo idealizado pelos líderes da Revolução, ainda que tivessem tido contato com a proposta formativa da Cartilha *¡Venceremos!*, que mesmo apresentando uma perspectiva de formação omnilateral, apresentava limitações e não correspondia a uma formação científica em seu sentido pleno, mas apenas à aquisição de conhecimentos básicos.

A premissa da autoeducação pode ser identificada na reportagem de Austin Del Riesgo: *O povo inventa: Dez casos, entre centenas, de operários que inventam ou inovam - A força anônima da criatividade popular frente ao bloqueio imperialista*, da Edição número 26 da Revista Bohemia, publicada em 25 de junho de 1965. No texto, o autor discute como a necessidade motivou os cubanos da cidade a tornarem-se inventores e inovadores:

Figura 69 - Trecho da Reportagem: *O povo inventa: Dez casos, entre centenas, de operários que inventam ou inovam - A força anônima da criatividade popular frente ao bloqueio imperialista*

ALGUIEN dijo que "La necesidad crea el órgano", y con la frase no inventó nada. Pero la necesidad si es inventora o, al menos, innovadora. Frente a la realidad diaria de un bloqueo económico que nos impuso la soberbia y la crueldad de los Estados Unidos de América, el cubano —que además de festivo y cordial, es despierto— se dispuso a resolver sus problemas inmediatos. Y la imaginación popular, sumada a la razón de una causa patriótica, se convirtió en fiebre. Los trabajadores de la industria del azúcar y los del transporte dieron muestras de su ingenio. Cuando las piezas sin repuestos de un país montado con productos norteamericanos empezaron a paralizar trabajos menores y talleres completos, poniendo a punto de colapso la economía nacional si no contamos con la línea de nuevas máquinas y utensilios fabricados en los países socialistas, el obrero demoró y, al fin, evitó el golpe crítico a golpe de ideas.

Fonte: RIESGO, 1965, p.15.

Tentava-se mostrar, pela reportagem, que a necessidade de manter em funcionamento as máquinas das indústrias pode ter despertado nos moradores da zona urbana uma motivação profunda, que a própria falta de conhecimento e condições materiais os impediam de sentir anteriormente. A mensagem transmitida ao leitor estava muito bem articulada ao trabalho ideológico dos líderes revolucionários, por meio dos processos educativos, de que o homem cubano havia deixado de ser escravo e instrumento do meio e se convertido em arquiteto do seu próprio destino. Essa motivação profunda consistia na autoeducação e, na reportagem, é expressa como o que estaria proporcionando ao homem, em sua práxis social, realizar o trabalho criativo, não porque lhe foi ordenado, mas sim, porque compreendeu, entendeu e quis fazer, tornando-se, dessa forma, em homem de ação consciente.

Mais uma vez, o meio publicitário apresentava resultados positivos dos esforços realizados na formação do modelo de homem pensado pelos líderes revolucionários. Mas, tendo em vista que a reportagem da revista estava a cumprir o papel que lhe fora designado, ou seja, estava a serviço do próprio governo revolucionário, o que interessa saber é se o cidadão cubano da zona urbana estaria realizando esse tipo de trabalho criativo apresentado pela reportagem sem nenhum tipo de coerção, ao considerar que a própria

necessidade de sobrevivência pode se configurar em um certo grau de imposição e não de motivação.

A proposta formativa da Cartilha *¡Venceremos!* e o ideal sistematizado por Che Guevara indicavam que o homem novo deveria agir livremente, por ter internalizado valores solidários e um espírito de sacrifício, um elevado grau de conscientização que permitiria a ele decidir tudo por meio da reflexão e ponderação, sem nenhum tipo de coerção.

Todavia, é possível que muitos dos cubanos apontados pela reportagem só se dedicaram a inovar e inventar por existir uma pressão do meio em sobreviver, e não por já terem internalizado os novos valores e necessidades da Revolução. Quando não se tem o que comer, agir para satisfazer tal necessidade torna-se uma obrigação ou uma atitude de desespero e não uma motivação.

Algumas dessas realizações de inovação e invenção, Riesgo (1965), elucidou em sua reportagem. Segundo ele, ao sair pelas ruas de Havana conseguiu coletar o testemunho de dez trabalhadores integrantes da Comissão de Investidores e Inovadores criada pelo Ministério do Comércio Interno. A esses, ele chamou de pais, mães ou ainda criadores de um achado.

Retratou, em um primeiro momento, o cubano Rubén de Pino Suárez, que ao unir teoria e prática em seu local de trabalho, a Empresa Metropolitana de Servicentros (Via Blanca e San Indalecio), economizou aproximadamente \$160.000,00 nas oito mil bombas de gasolina da Ilha ao “[...] preparar as bombas de gasolina para calcular até um determinado valor, para calcular o preço indicado como medida de nivelamento” (RIESGO, 1965, p.15, tradução nossa¹²⁹). Já Aramis Zurbano ganhou destaque no artigo por ter sido o inventor de um dispositivo de verificação de bobinas de dínamo e de um mecanismo que poderia determinar a corrente de um dínamo aplicada a um regulador de tensão para obter uma corrente desejada.

O cubano Guillermo Reyes Pizey ganhou seu espaço na reportagem, por ter conseguido, mediante a troca de uma válvula, de sua criação, fazer funcionar

¹²⁹ “[...] preparar las bombas de gasolina para calcular hasta cierto valor, para calcular el precio indicado como medida de nivelación” (RIESGO, 1965, p.15).

centenas de máquinas de refrigeração de alta velocidade que estavam fora de uso por causa da falta de peças de reposição norte-americanas.

Neyda Rodriguez Céspedes, por sua vez, desenvolveu um creme de cabelo, não tóxico, para alisar o cabelo de suas clientes que frequentavam o salão de cabeleireiro “Nieves”, localizado na Avenida 19, em Marianao. Em Marianao, na Ceiba, René Meynardiez Pérez destacou-se por ter sido o construtor de uma máquina de bobinas de rolar ou reconstruir motores elétricos, tarefa que era realizada manualmente e, com a criação de René, quadruplicou-se a produção nas mesmas horas trabalhadas.

No setor de Serviços e Equipamentos Comerciais e Domésticos, encontrou-se Enrique Sampson Pérez, que criou “[...] uma 'embreagem' neutralizante para a máquina abrir unidades seladas de geladeiras e adaptou correias a cabeçotes de alta velocidade, colocando em funcionamento máquinas inutilizáveis” (RIESGO, 1965, p.16, tradução nossa¹³⁰). Na oficina *Lámparas Estilo*, Julio Iglesias e Alberto Sánchez elaboraram um aparelho de fabricar pinos em telas e duplicaram a produção ao deixar suas mãos livres para outras tarefas.

A reportagem elucidou o operário Santiago Martínez Cotorro, das Confecções Esportivas, em Muralla, que deu mostras do seu trabalho criador ao racionalizar a força do trabalho quando utilizou as sobras dos tecidos das franjas e flâmulas das bandeiras importadas para resolver o problema dos artefatos para o time de beisebol, bem como ao marcar as letras nos uniformes dos jogadores. E comparou Julián Mena de Armay como um peixe na água, por enfrentar um torno mecânico, de sua criação, manejando-o com precisão ao usar pedaços de madeira, ferro ou outros metais. Enquanto Gustavo Vieta Benítez (trabalhador da oficina de recuperação de automotivo, Pedro Pernas e Concha) foi retratado como o homem dos freios porque criou um sistema de freio duplo, garantindo a segurança ao veículo e outro sistema com idêntico fim.

Diante os dados apresentados nas edições da Revista Bohemia de 1965, é possível compreender que as mesmas foram articuladas ao discurso de Che

¹³⁰ “[...] un 'embrague' neutralizador de la máquina para abrir unidades selladas de frigoríficos y correas adaptadas a cabezales de alta velocidad, poniendo en funcionamiento máquinas inservibles” (RIESGO, 1965, p.16).

Guevara, quando explicitou que já se podia ver o homem novo nascendo em Cuba. Ele referia-se às produções que esse homem revelava em sua práxis, estimuladas pelo processo de conscientização iniciado na Campanha de Alfabetização e instrumentalizado em seus materiais didáticos, bem como pelo amplo apelo do governo revolucionário para esse homem continuar seus estudos. As reportagens elucidavam essas produções, ora enfatizavam as realizações do campo, ora da cidade.

Pressupõe-se que essas reportagens fizessem parte de uma estratégia governamental para manter o contexto de mobilização educativa das massas populares iniciado durante a Campanha de Alfabetização, para criar empatia do leitor e demonstrar que o homem novo já era uma realidade, num momento histórico em que se entendia como urgente a sua consolidação.

Assim, pode-se afirmar que quando os homens cubanos da cidade e do campo, em processo de consolidação da alfabetização, são colocados como cientistas que investigam a cura para o câncer, procuram produzir seus próprios medicamentos, investem em laticínios, tentam produzir alimentação para seu próprio gado a partir das técnicas de fermentação dos derivados da cana-de-açúcar e criam peças de reposição para carros e maquinarias em geral, transmite-se a mensagem de que, de fato, tornaram-se arquitetos do seus próprios destinos (homens novos), libertaram-se da dependência política e econômica norte-americana, atitude tão sonhada por José Martí, Fidel Castro e Che Guevara.

Contudo, cabe lembrar que a proposta de formação de um homem novo contida na Cartilha *¡Venceremos!* em 1961 e sistematizada em 1965, devido à sua complexidade, era um objetivo a ser alcançado a longo prazo, porque o caminho para atingi-la não era tão facilmente mensurável e deveria acontecer não apenas por meio da educação, mas com o desenvolvimento das forças produtivas, em especial, no que diz respeito à satisfação das necessidades básicas.

As reportagens analisadas evidenciavam que apenas a mobilização educativa das massas por meio da Campanha de Alfabetização, do Plano de Seguimento de Estudos, do Curso de Superação Obreira e das Faculdades

Obreiras já eram o suficiente para atingir esse modelo de homem ideal, atribuindo uma condição salvacionista à educação e uma mensagem de marketing.

Ainda que esse processo educativo de alfabetização e sua continuidade apresentasse uma proposta a um elevado nível de conscientização, não garantiu a consolidação do homem novo, mesmo que tenha contribuído para que tanto camponeses e operários, em proporções distintas, cada um dentro de suas limitações e capacidades, desenvolvessem um certo grau de maturidade política, autonomia e uma possível mudança de mentalidade em relação ao trabalho. Esse processo educativo, ainda que estivesse contribuindo para uma melhoria da justiça social, vale a pena lembrar que não garantia a consolidação do homem novo, porque para isso era necessário o desenvolvimento em conjunto com a sua formação, o desenvolvimento das condições econômicas, sociais, políticas e culturais.

Dentre as condições econômicas que impediam a concretização do homem novo, cabe destacar as limitações causadas pelo bloqueio econômico que dificultavam a produção de bens materiais suficientes para satisfazer todas as necessidades do povo.

A criação da lei número 1.015 de 12 de março de 1962, para regularizar o racionamento e a forma de distribuição de carne de boi, frango e ovos indica essas dificuldades. Não seria necessário racionalizar comida se o pressuposto de garantir ao homem cubano o acesso de forma abundante aos bens de consumo estivesse se efetivando de forma qualitativa. Se era necessário concentrar esforços para superar o constante perigo da fome e a escassez de outros produtos essenciais à sobrevivência, como efetivar o homem novo?

Ao ser necessário racionalizar alimentos, pôde-se inferir que se tornava mais difícil o caminho para superar a resistência de alguns trabalhadores que se refletia em absenteísmo e indolência ao próprio trabalho. A edição número 13 da Revista Bohemia de 30 de março de 1962 informava a população sobre como deveria ocorrer o trabalho de distribuição dos alimentos:

Figura 70 - Reportagem da Revista Bohemia: Tem que se fazer um trabalho adequado na distribuição dos alimento

Primero: La carne de res por persona a la semana será suministrada a las mismas en la proporción siguiente:

C A R N E			
	<u>Carne de primera</u>	<u>Carne de segunda</u>	<u>TOTAL</u>
1 persona	7 onzas	5 onzas	$\frac{3}{4}$ libras
2 personas	15 "	9 "	$1\frac{1}{2}$ "
3 "	22 "	14 "	$2\frac{1}{4}$ "
4 "	30 "	18 "	3 "
5 "	37 "	23 "	$3\frac{3}{4}$ "
6 "	45 "	27 "	$4\frac{1}{2}$ "
7 "	52 "	32 "	$5\frac{1}{4}$ "
8 "	60 "	36 "	6 "
9 "	67 "	41 "	$6\frac{3}{4}$ "
10 "	74 "	46 "	$7\frac{1}{2}$ "
11 "	81 "	51 "	$8\frac{1}{4}$ "
12 "	89 "	55 "	9 "

La distribución del pollo se hará en la siguiente forma:

<u>No. de personas</u>	<u>Primera semana</u>	<u>Segunda semana</u>	<u>Tercera semana</u>	<u>Cuarta semana</u>
1	1	—	—	—
2	1	1	—	—
3	1	1	1	—
4	1	1	1	1
5	1	1	1	2
6	1	1	2	2
7	1	2	2	2
8	2	2	2	2
9	2	2	2	3
10	2	2	3	3
11	2	3	3	3
12	3	3	3	3

H U E V O S

Tercero: La distribución de los huevos se hará según las normas siguientes:

<u>No. de personas</u>	<u>Primera semana</u>	<u>Segunda semana</u>	<u>Tercera semana</u>	<u>Cuarta semana</u>
1	5	—	—	—
2	5	5	—	—
3	5	5	5	—
4	5	5	5	5
5	5	5	5	10
6	5	5	10	10
7	5	10	10	10
8	10	10	10	10
9	10	10	10	15
10	10	10	15	15
11	10	15	15	15
12	15	15	15	15

Fonte: RODRIGUEZ, 1962, p.44.

Não satisfazer de forma abundante as necessidades mais básicas dos indivíduos, dificultava ainda mais o processo de conscientização sobre o trabalho ser uma atividade emancipatória, que poderia fazer com que o sujeito se desenvolvesse e se realizasse enquanto ser humano, tornando-se sujeito no processo coletivo. O próprio Che Guevara, quando afirmou ser possível ver o homem novo que estava nascendo, não deixou de destacar que existiam os trabalhadores que preferiam o caminho da autossatisfação de suas necessidades pessoais: “[...] tirando aqueles cuja falta de educação os faz tender para o caminho solitário, para a autossatisfação de suas ambições” (GUEVARA, 1965, p.11).

Tentou-se resolver esse problema por meio dos estímulos materiais ao realizar as premiações aos trabalhadores que se destacavam. Nesse sentido, observa-se a utilização das mesmas estratégias do sistema capitalista.

Essas estratégias geraram divergências entre Che Guevara, que era contrário a esses tipos de estímulos, e os apoiadores soviéticos, inclusive entre ele e o próprio Fidel Castro, uma vez que existe um período de silêncio de Fidel Castro em relação à partida do líder revolucionário. O que gerou especulações de que os dois teriam cortado as relações de amizade:

Segundo o que transpirou a seguir, toda uma plethora de conspirações, rumores e boatos - alguns plausíveis, a maior parte não - veio à superfície nos anos seguintes, embora a maior parte das fontes aponte para dois dias de acaloradas discussões. Pela sua parte, Fidel nunca falou sobre isso, nem nenhum dos que estiveram presentes ou mesmo perto, incluindo Aleida, apesar de incontáveis súplicas para que o fizessem. No limite do que parece ser plausível, o mais pormenorizado relato da monumental discussão entre Fidel e o Che, envolve um ouvido encostado à porta a apanhar Che a dizer: 'Tudo bem, a única alternativa que me resta é sair daqui para um sítio qualquer dos infernos e, por favor, se me podes ajudar de alguma maneira naquilo que pretendo fazer, fá-lo imediatamente; se não, diz-me para que eu procure quem possa' (REID-HENRY, 2009, p.121).

Enquanto para Che Guevara os estímulos materiais fariam com que persistissem os princípios capitalistas de vincular a produtividade individual com a probabilidade de ter acesso a mais e melhores mercadorias, para Fidel Castro era necessário manter o apoio da União Soviética¹³¹, seguindo suas orientações: “para nós o prêmio que se outorga aos trabalhadores é uma questão de honra [...] antes não se honrava o melhor, senão ao pior; as melhores honras recebiam os ladrões e os exploradores” (CASTRO, 1965b, p.34, tradução nossa¹³²).

Ao mesmo tempo em que os esforços educativos procuravam formar um homem novo, portador de uma consciência coletiva na qual trabalho manual e

¹³¹Para Augusto Buonicore (2008, p.64) “toda a tradição de construção do socialismo na URSS e no leste europeu baseava-se, fundamentalmente, na concessão de estímulos materiais para os trabalhadores que atingissem, ou ultrapassassem, as metas impostas pelos órgãos centrais de planejamento”.

¹³² “para nosotros el premio que se le da a los trabajadores es una cuestión de honor [...] antes no se premiaba a los mejores, sino a los peores; ladrones y exploradores recibieron los mejores honores” (CASTRO, 1965b, p.34).

intelectual teriam o mesmo valor, ao enfatizar as diferenças individuais na produção, por meio das premiações no intuito de impulsionar o desenvolvimento econômico, também se produziam contradições.

A educação, enfatizando a importância da alfabetização e de sua continuidade, cumpria seu papel de propiciar condições para a formação de um homem novo; entretanto, a estrutura econômica criava exigências de produção e de modernização industrial que eram necessárias, mas que as condições de subdesenvolvimento, agravadas pelo bloqueio econômico, seriam incapazes de atender, fazendo com que os esforços se concentrassem mais em defender a própria Revolução do que no amadurecimento do homem novo: “[...] tanto o povo como os dirigentes tenderam a preocupar-se compreensivelmente, com assuntos de ‘pão com manteiga’ do que com esperanças de longo prazo” (GILLETTE, 1977, p.41).

Sendo assim, se na perspectiva de Che Guevara esse homem novo estava nascendo, considera-se que na realidade era um objetivo a ser atingido. O que comprova a necessidade de Fidel Castro, em 1967, apontar um exemplo concreto desse homem.

Ainda que em 1965, reportagens da Revista Bohemia, como a de Victor Rico Galán, discutida anteriormente, já indicassem Che Guevara como um modelo de homem novo a ser seguido, foi somente em 1967, depois de sua morte, que ele foi apresentado por Fidel Castro como o modelo ideal de homem novo:

[...] Se quisermos um modelo de homem, um modelo de homem que não pertence a esse tempo, um modelo de homem que pertence ao futuro, De cor eu digo que este modelo sem uma única mancha em seu comportamento, sem uma única mancha em sua atitude, sem uma única mancha em sua performance, esse modelo é Che! [...] (CASTRO, 1967, p.7, tradução nossa¹³³)

¹³³ “[...] Si queremos un modelo de hombre, un modelo de hombre que no pertenece a este tiempo, un modelo de hombre que pertenece al futuro, ¡de corazón digo que ese modelo sin una sola mancha en su conducta, sin una sola mancha en su actitud, sin una sola mancha en su actuación, ese modelo es el Che! [...]” (CASTRO, 1967, p.7).

Se o modelo de homem novo a ser seguido era representado pelo próprio Che Guevara, defende-se que os primeiros a engajarem-se foram os jovens maestros, porque demonstraram, em suas ações cotidianas, envolvimento e comprometimento com a causa ao despojarem-se dos interesses individuais e dedicarem-se à coletividade.

Além da participação ativa no processo alfabetizador, o engajamento dos jovens maestros pode ser identificado no esforço aplicado em enfrentar os desafios do campo, pois a maioria deles era da cidade e atuaram em áreas afastadas e de difícil acesso. Muitos, segundo Pereira (1989), além de chorarem à noite, em suas redes de dormir, com saudades de casa, por medo ou porque enfrentavam dificuldades para realizar suas necessidades fisiológicas, uma vez que na maioria das casas dos povoados não havia banheiros, mantiveram-se firmes, assumindo um papel de relevância política e social.

Tornaram-se um modelo prático para a sociedade cubana do que significava romper com as práticas individualistas, advindas de um passado capitalista, e assumir uma condição solidária, bem como, uma postura resiliente, tão propagada pelos líderes revolucionários como necessária à construção de uma Cuba livre e soberana.

Esses, por sua vez, foram treinados a conduzirem, por meio da alfabetização, um processo de conscientização, o qual contribuiu para que os cubanos recebessem o impacto do novo poder social que se pretendia construir. Mesmo sem formação erudita ou - naquele momento - ousadia intelectual para sistematizar a formação de um homem novo, foram mobilizados em seu treinamento e, por meio de seu exemplo contribuíram para aumentar essa mobilização da sociedade, sobretudo, na esfera do campo, a assumir em conjunto com o Estado, a responsabilidade por um dos instrumentos principais de formação do homem novo: a educação do povo.

Além disso, os jovens maestros adotaram, como princípio de vida, uma conduta que se aproximava dos objetivos sistematizados para o homem novo, como por exemplo: o trabalho coletivo junto às famílias camponesas e à saúde, a entrega pela causa, uma vez que enfrentaram os obstáculos do campo com o

qual não estavam acostumados, a disciplina em cumprir com as obrigações e o amor à Pátria.

E ao partirem para a área rural, foram eles que instrumentalizaram a Cartilha, conquistaram por meio de sua conduta a confiança dos camponeses, ou seja, foram o elo para o desenvolvimento de um relacionamento humano coletivo, incentivadores da cultura do estudo, do dever social, da cultura de como deveria ser a conduta do ser humano, influenciando a mentalidade de uma geração.

Nesse sentido, os jovens maestros, ainda que estivessem longe de atingir o ideal de Che Guevara para o homem novo, foram os que mais se aproximaram desse ideal naquele momento, inclusive foram eles que mais se assemelhavam ao comportamento do líder, seguindo seu exemplo, e foi a partir deles que o próprio Che Guevara afirmou vislumbrar o homem novo.

Ainda que guiados pelo espírito aventureiro e romantizado da juventude, assumiram a ideologia da Revolução e sacrificaram-se em busca de um objetivo comum, participaram de forma ativa, coletiva e consciente do processo alfabetizador.

A dificuldade se impõe na medida em que é difícil separar em que momento eles eram mestres ou educandos, pois ao mesmo tempo eles eram os dois. Gramsci (2000) observou as relações pedagógicas entre mestre e estudante: o mestre é aprendiz assim como o é o aluno, que também é mestre.

Essa perspectiva perpassa uma formação moral e intelectual, técnica e, sobretudo, econômica. Moral porque as concepções de mundo implicam formas de comportamento e valores que lhe são adequados; intelectual porque a reforma intelectual e moral não podem existir sem uma reforma econômica articulada à técnica, que culmina com uma formação também para a mudança nas posições sociais e no mundo econômico (GRAMSCI, 2000).

Nesse sentido, cabe acrescentar que nas análises realizadas no decorrer da pesquisa, sobre a gênese teórica do homem novo (as discussões de Marx sobre a omnilateralidade e o trabalho como princípio educativo) e, sobre a sua gênese prática (a conduta e demonstração da consciência revolucionária dos jovens maestros), não se pode negar que houve um esforço em capacitar os cidadãos, especialmente os maestros, para produzirem transformações

circunstanciais na sociedade, mudanças necessárias para a construção revolucionária. E, nesse aspecto, era necessária uma educação modificada, para que o fruto desse esforço resultasse no modelo de homem ideal pensado pelos líderes revolucionários.

Defende-se, portanto, que a forma como *¡Venceremos!* foi instrumentalizada desenvolveu condições para um relacionamento entre professor-aluno que contribuiu de forma significativa para a formação da identidade, autonomia e autoestima do povo cubano, uma formação que se aproximou do homem omnilateral e objetivava o nascimento do homem novo, principalmente porque fomentou o trabalho enquanto categoria mediadora que permitiu a superação do imediato e o vislumbre do homem que cria, livre e conscientemente, a realidade, bem como permite a ele dar um salto da mera existência orgânica à sociabilidade (LUKÁCS, 1981, p.12).

Em termos educacionais, a história absolve Cuba, uma vez que, quantitativamente, erradicou o analfabetismo e sistematizou a alfabetização enquanto quesito de conscientização e liberdade. Mas e em relação ao homem novo?

No que diz respeito à proposta de homem novo contida na Cartilha *¡Venceremos!* e sistematizada em 1965, pode-se considerar que as próprias condições econômicas os impediram de concretizar. Como o próprio Che Guevara argumentou em 1965 sobre o processo de construção da nova sociedade e de construção do homem novo:

A mudança não se produz automaticamente na consciência como também não se produz na economia. As variações são lentas e não são rítmicas; há períodos de aceleração, outros de estagnação e inclusive de retrocesso (GUEVARA, 1965, p.15).

A experiência cubana pode-nos ensinar que o homem novo não é institucionalizado por lei, ou ainda, produto automático das transformações sociais e que experiências e exemplos vivos do mesmo, como foram Che Guevara e os jovens maestros, podem ser cristalizados na memória ou convertidos como um projeto de futuro, uma abstração, na medida em que as forças produtivas, aos

poucos, deixaram de apontar para uma nova sociedade e tornaram-se uma porcelana que necessitava de proteção a qualquer custo.

Entretanto, não se pode negar o exemplo educacional do povo cubano em buscar desenvolver um homem consciente produtor de ideias e atitudes revolucionárias. Cumpriu-se, se não em totalidade ao menos em parte, o que evocou Fidel Castro:

Nada poderá destruir o exemplo do nosso povo [...] queriam que ficássemos na politicagem e na ignorância, queriam perpetuar nesta terra o passado, mas, que equívoco dos imperialistas: diziam que o marxismo-leninismo era uma ideia exótica, uma ideia estrangeira. As ideias, desde antes, são patrimônio universal; as ideias da Revolução Francesa se espalharam pelo mundo; as ideias burguesas dos Estados Unidos surgiram da filosofia que não foi obra de autores e nem de filósofos norte-americanos, senão europeus. Diziam que eram exóticas, mas o que não sabiam era o bem que se davam neste clima as ideias chamadas marxistas-leninistas. Porque tampouco aqui, quando chegou Colombo, havia cana-de-açúcar e quão boa é a cana-de-açúcar desse país! E somos o maior produtor de açúcar, e nossa cana é a cana de mais rendimento em açúcar. Pois assim também se dão, quão boas são as ideias revolucionárias neste país! E seremos um dos primeiros produtores de ideias revolucionárias! (CASTRO, 1965b, p.72, tradução nossa¹³⁴).

Não se pode negar que, se não todos ao menos grande parte dos trabalhadores, compreenderam o trabalho enquanto uma atividade importante dentro do mecanismo social, que deveria ser praticado pela consciência do dever de contribuir para o desenvolvimento pessoal e contínuo da sociedade. Compreenderam a tal ponto de, ao apresentarem problemas de saúde, recusarem-se a faltar ao trabalho para se tratarem, para não diminuírem a

¹³⁴ "Nada puede destruir el ejemplo de nuestro pueblo [...] querían que nos quedáramos en la política y en la ignorancia, querían perpetuar el pasado en esta tierra, pero qué error cometieron los imperialistas: dijeron que el marxismo-leninismo era una exótica idea, una idea extranjera. Las ideas, de antes, son patrimonio universal; las ideas de la Revolución Francesa se extendieron por el mundo; las ideas burguesas de Estados Unidos surgieron de la filosofía que no era obra de autores o filósofos norteamericanos, sino europeos. Decían que eran exóticos, pero lo que no sabían era qué tan bien les iba en este clima a las llamadas ideas marxistas-leninistas. Porque hasta aquí, cuando llegó Colón, no había caña de azúcar y ¡qué buena es la caña de azúcar en ese país! Y somos el mayor productor de azúcar, y nuestra caña es la caña de azúcar de mayor rendimiento. Porque eso también es así, ¡qué buenas son las ideas revolucionarias en este país! ¡Y seremos uno de los primeros productores de ideas revolucionarias!" (CASTRO, 1965b, p.72).

produção coletiva, colocando a obrigação, o trabalho, as metas e o entusiasmo pela safra acima de tudo:

Figura 71- Fala de Fidel à Revista Bohemia sobre o Temperamento de um Trabalhador Revolucionário

*Temple de un trabajador
revolucionario*

El número de trabajadores que ha pasado de las 100 mil arrobos creo que pasa de 18. Y todavía queda alguna cañita que cortar por ahí y puede ser que alguno más alcance 120 mil, 130 mil. Y hay un compañero machetero, el compañero Mora, que calcula tener en estos momentos unas 190 mil arrobos cortadas, a pesar de que el compañero Mora tuvo que perder algunos días, tenía algunas dificultades en la vista.

Pero creo que para probar el temple de un trabajador revolucionario y la extraordinaria calidad humana de compañeros como éstos, basta decir que este compañero, a pesar de ser la vista algo que tanto apreciamos todos y tener serias dificultades en un ojo, problemas en el otro: a él era casi imposible persuadirlo que se quedara 3 días para atenderse con el médico. Y le preguntaba yo si el tratamiento lo estaba siguiendo y dijo que lo había seguido hasta que vino para aquí para Oriente y que está esperando terminar la zafra para hacer el tratamiento.

Es decir, que hasta incluso, y por encima de lo que nosotros deseamos —porque nosotros cuando nos encontramos ciudadanos de esa calidad lo que quisiéramos es precisamente que su salud se preservara por encima de todo—, y por encima de lo que nosotros deseáramos, para él su obligación, su trabajo, sus metas, su entusiasmo, estaba por encima de todo: por encima de su salud, por encima de su propia vista.

Fonte: CASTRO, 1965a, p.62.

É possível que Fidel Castro, ao explicitar esse fato para a edição da Revista Bohemia publicada em 11 de junho de 1965, procurou demonstrar para os cubanos que quem escreveria a história da Pátria seriam os trabalhadores: “com esforços como esses, com espíritos como esses, é que se está escrevendo hoje a história de nosso país, porque em cada momento tem que cumprir um dever. Muitos jovens morreram na luta” (CASTRO, 1965a, p.62, tradução nossa¹³⁵).

E pode-se afirmar que os líderes revolucionários defendiam e enfatizavam a ideia de que o povo era capaz de construir seu próprio destino. Para que os próprios cubanos acreditassem nessa afirmação de que eles, mesmo em

¹³⁵“Es con esfuerzos como estos, con espíritus como estos, que hoy se escribe la historia de nuestro país, porque en cada momento hay un deber que cumplir. Muchos jóvenes murieron en la lucha” (CASTRO, 1965a, p.62).

condições de subdesenvolvimento e pobreza, poderiam olhar adiante e empreender esforços para conquistar o poder de construir seu próprio destino, era necessário o entendimento do trabalho enquanto categoria de mediação, que permitiria escrever uma nova história, posto que a sociedade é organizada a partir da inserção do homem nas questões econômicas, políticas e sociais.

Defendia-se, ainda que com limitações, a atividade humana como uma atividade objetiva e o homem enquanto produto e produtor das circunstâncias e da educação. Não apenas como produto passivo do meio, mas condicionado por suas ações. Por isso, a ênfase às ações educativas que objetivavam a formação de um homem novo a partir dos acontecimentos da vida real e da atenção especial à educação do educador. Sobre esse princípio educativo Marx (1986), que criticava o pensamento materialista anterior a ele, expôs:

A doutrina materialista da transformação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias têm de ser transformadas pelos homens e que o próprio educador tem que ser educado. Daí que ela tenha de dividir a sociedade em duas partes - uma das quais fica elevada acima dela. A coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana ou da autotransformação só pode ser tomada e racionalmente entendida como práxis revolucionária (MARX, 1986, p.100).

A proposta cubana conseguiu desmistificar essas duas condições ao propor um processo educativo que objetivava, por meio da alfabetização, a união entre teoria e prática, ao concretizar a consigna, quem sabe, ensina; quem não sabe, aprende; e quando no próprio processo de ensino da língua escrita, o professor alfabetizador aprendia com o camponês as práticas do trabalho do campo, como também, novos valores e cultura.

Houve, de fato, um empenho para que a coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana, ou a automudança, fosse apropriada e compreendida de forma racional e como práxis revolucionária pelos jovens maestros, o que possibilitou condições para que experimentassem o autoeducar-se a serviço da coletividade e o entendimento dos vínculos recíprocos de modificação entre educador e educando como prática transformadora.

Destarte, permite-se concluir que o homem novo vislumbrado por Che Guevara pode ter sido o jovem maestro, ou os professores brigadistas que, cotidianamente, tanto para ensinar quanto para aprender, instrumentalizavam a Cartilha *¡Venceremos!*.

6. CONCLUSÃO

Ao analisar o processo educacional cubano entre 1961-1965 foi possível identificar que a alfabetização em Cuba foi sistematizada enquanto prática libertária, ao desenvolver o ensino-aprendizagem da língua escrita articulado à conscientização do aluno camponês e operário enquanto ser social.

Na Cartilha *¡Venceremos!* foi possível identificar esse princípio a partir das imagens e dos textos de suas lições, bem como por meio das frases guias dos exercícios de internalização da estrutura da palavra: as sílabas e as letras. Temas como a *Organização dos Estados Americanos - OEA* foram apresentados na Cartilha não só com o objetivo pedagógico de ensinar as vogais, mas com o objetivo político e social de desvelar ao camponês e ao operário a condição de exploração vivenciada por eles até a derrubada da ditadura de Fulgencio Batista em 1959.

Ou seja, procurava-se desnaturalizar a ideia de que os interesses do povo cubano eram os mesmos interesses dos Estados Unidos e que os cidadãos em Cuba tinham direitos iguais no que dizia respeito ao trabalho, educação, segurança e liberdade econômica. Objetivava-se, nesse sentido, conscientizar o trabalhador rural e urbano sobre qual era sua classe e como a Revolução havia sido importante para a transformação dessa situação de opressão.

Temas como por exemplo, *A Reforma Agrária, As Cooperativas e O Povo Trabalha*, dentre outros, para além do processo de alfabetização, buscavam demonstrar a importância do trabalho produtivo, incentivando a compreensão de como o trabalho, ao ser realizado para si, poderia transformar suas condições de vida ao proporcionar-lhes o usufruto das riquezas que construíam.

A conduta dos professores voluntários foi essencial para referendar e conscientizar o camponês e o operário, demonstrar como acontecia esse processo do trabalho produtivo e encorajá-los a aceitarem a instrução intelectual proposta pelo governo a partir da alfabetização. No contexto da revolução, a instrução intelectual, pretendida para os camponeses e operários, consistia na aprendizagem de conhecimentos básicos da Língua Materna, da Matemática, Ciências e Geografia.

Na Cartilha *¡Venceremos!*, foi possível observar lições que traziam, de forma simples e didática, por meio das instruções do Manual *Alfabetecemos*, temáticas que procuravam enfatizar sobre a necessidade de cuidar do corpo e da mente - formação física - para tornar-se um trabalhador bem preparado tanto física, quanto emocionalmente, bem como para tornar-se um defensor disciplinado e vigilante da nação. Dentre essas lições destacam-se as que receberam como título: *As milícias e Um povo saudável em uma Cuba Livre*.

A importância de estudar e a sua articulação com o trabalho também foi ressaltada na Cartilha *¡Venceremos!*, nas lições que faziam do Rifle; Cartilha e pá símbolos nacionais e instrumentos de superação de todas as dificuldades enfrentadas, até então, devido aos movimentos contrarrevolucionários, e nas que demonstravam o professor voluntário e outros agentes da sociedade trabalhando em conjunto com o camponês, como por exemplo, o médico. Nesse ideal, destacaram-se as lições intituladas: *Um povo saudável em uma Cuba Livre, A Terra, A Revolução ganha todas as batalhas e O povo trabalha*.

A Campanha de Alfabetização, portanto, foi o ponto de partida das iniciativas para formar o homem cubano, tanto no trabalho material quanto no intelectual (meio pelo qual aconteceria a desalienação), possibilitando-lhe os conhecimentos básicos e noções técnicas para realizar sua atividade material, o que permitiu, naquele momento, que a produção e o consumo não estivessem em mãos diferentes (produção nas mãos do povo cubano e consumo nas mãos do imperialismo estadunidense). Mas também, nas mãos dos trabalhadores rurais e urbanos que passaram a se reconhecer no fruto de seu trabalho, enquanto sujeitos históricos sociais, como autores e atores de sua própria história.

Na lição número 3 da Cartilha, exercício A, *O povo trabalha*, também foi possível identificar essas iniciativas, ao abordar um texto para leitura que enfatizava que o trabalhador sabia apreciar as notícias e fazer o julgamento adequado, ou seja, sabia ler e refletir sobre o que lia, articulando o texto a uma imagem que demonstravam os trabalhadores produzindo e a indústria cubana crescendo.

Na Cartilha *¡Venceremos!*, e nos demais materiais pedagógicos, ao analisar textos como “[...] O pescador já não é explorado. Os pescadores agora

vivem melhor (CUBA, 1961a, p.37, tradução nossa), e ainda: “[...] Vendem peixe na cooperativa. O dinheiro é para todos. Nova vida para o pescador (CUBA, 1961a, p.42, tradução nossa), pode-se observar a operacionalização da estratégia ideológica de associar o trabalho à felicidade.

Várias figuras na Cartilha *¡Venceremos!* e na Cartilha de Matemática *Producir-Ahorrar-Organizar*, expressavam que o povo estaria produzindo para si, ou seja, o fruto do trabalho estaria retornando para as suas mãos, e, ao poder satisfazer suas necessidades materiais, nessa perspectiva, realizava-se e sentia-se plenamente feliz, o que justificava a expressão sorridente dos trabalhadores das imagens das Cartilhas. Nessa proposta educacional e também ideológica, os textos visavam a atender os ideais revolucionários, na tentativa de integrar o homem do campo e da cidade na nova sociedade socialista.

Além das lições da Cartilha *¡Venceremos!*, foi possível identificar as iniciativas de formar o homem cubano na educação politécnica, por meio das entrevistas com os trabalhadores das *Faculdades Obreiras*, que foram publicadas nas Revistas *Bohemia* e *INRA*, demonstrando como estudavam no mesmo ambiente do trabalho, no qual se dedicavam ao trabalho no período da manhã, à tarde assistiam às aulas e à noite participavam de grupos de estudos, formando-se assim num processo de práxis pedagógica integral, de maneira teórica e prática.

O pressuposto do trabalho enquanto realização plena do homem, que o dignificava e enobrecia permeava as lições: *INRA, As Cooperativas da Reforma Agrária, Os pescadores Cubanos, A Loja é do povo, Cada cubano dono de sua casa e INIT*; em todas elas o trabalhador aparecia feliz, usufruindo das riquezas produzidas por ele, de onde se conclui que a felicidade, nessa perspectiva, estava ligada às realizações que o trabalho poderia permitir.

Os pressupostos apresentados na Cartilha *¡Venceremos!* de instrução intelectual, física, politécnica, artística cultural e a articulação entre estudo e trabalho, aproximavam-se de uma formação omnilateral. Anos mais tarde, essa teoria foi sistematizada por Che Guevara como essencial para a formação de um homem com consciência coletiva, capaz de pensar e agir em prol dele mesmo e, especialmente, para o benefício da humanidade. Desse modo, pode-se

considerar que a Cartilha *¡Venceremos!* apresentava, de forma significativa, uma proposta para a formação do homem pretendido em Cuba: o homem novo, na medida em que articulava o ensino mecânico da língua escrita ao papel emancipador da internalização do mundo letrado, bem como o trabalho enquanto categoria mediadora de produção de riqueza e desenvolvimento humano.

A alfabetização, portanto, foi compreendida como um dos condicionantes essenciais à cidadania revolucionária que estava em construção na Ilha, porque proporcionou condições para que os cubanos pudessem tornar-se conscientes de seu direito de acesso à linguagem escrita que antes lhes era negado. Foi compreendida, também, como processo de conquista de poder político e não de forma neutra desarticulada aos interesses sociais. Um dos interesses sociais, naquele período, cabe ressaltar, era o desenvolvimento econômico da Ilha e a sobrevivência da Revolução.

Nesse sentido, a alfabetização em Cuba tornou-se um bem cultural fundamental à conquista da cidadania, na medida em que se alfabetizou para possibilitar ao homem cubano condições de compreender as transformações sociais pretendidas pela Revolução. E, foi marcada pela associação entre sistema de escrita alfabética e aquisição de direitos sociais, civis e políticos.

Desse modo, o material didático criado para alfabetizar, tornou-se um protótipo de Cartilha que atendia aos interesses da Revolução. Porque, por meio das lições do material seus idealizadores, conseguiram motivar os maestros à prática do trabalho voluntário, a articularem trabalho intelectual ao manual e a utilizarem a Cartilha de forma revolucionária, no sentido de buscar conscientizar, politizar e preparar o alfabetizando para a nova sociedade socialista.

Na utilização do material didático, os jovens maestros tinham como objetivo superar a ingenuidade transformando-a em criticidade e, também, contribuir para o entendimento das relações sociais. No processo alfabetizador, ao fazer de todo mestre um aprendiz e de todo aprendiz um mestre, como objetivaram os líderes revolucionários, buscou-se desenvolver uma certa autonomia.

Alguns anos depois, em 1963, Paulo Freire (1980 e 1987) apropriou-se desse método de alfabetização de adultos e, com algumas adaptações,

alfabetizou aproximadamente 380 trabalhadores em 40 horas, em Angicos, no Rio Grande do Norte.

Na Cartilha *¡Venceremos!* e nos meios publicitários da época, essa forma de compreender a alfabetização foi apropriada por Fidel Castro, que transformou a máxima de José Martí “*Ser Culto para ser livre*” em slogan da Revolução e aparato ideológico. E, pela prática da consigna “*Se sabes, ensina; Se não sabes, aprende*”, a Campanha de Alfabetização tornou-se um processo de responsabilidade coletiva e não apenas educacional.

Isso porque houve a participação ativa do governo, dos profissionais da educação, mas, sobretudo, do próprio povo que se engajou na Campanha. A participação coletiva aconteceu pela atuação de todos os segmentos da sociedade na Campanha de Alfabetização e, principalmente, pela expansão do trabalho alfabetizador na última etapa da Campanha, quando os professores brigadistas (povo) intensificaram suas horas de trabalho, ao serem criadas as Avançadas Revolucionárias (aqueles que iam até as regiões mais afastadas e de difícil acesso) e os Repassadores (que atuavam aos finais de semana e iam aos seus campos de atuação a pé ou com seus próprios meios de transporte).

Pode-se considerar, nesse sentido, que o êxito da Campanha só foi possível porque a alfabetização foi compreendida como uma questão político-social e não somente como um método alfabetizador, como acontece na maioria dos países da América Latina, incluindo o Brasil, que na formação de professores enfatizam apenas uma parte do todo do processo, ou seja, discutem a eficácia do método utilizado e não abrangem as discussões para além da causalidade aparente, não aprofundam as reflexões sobre a necessidade da atuação mais efetiva do Estado, como também a competência técnica e o compromisso político necessário enquanto professor, para além de uma formação erudita.

Essa forma de entender a alfabetização em Cuba entre 1961-1965 atendia ao projeto de construção do socialismo cubano, no qual o homem novo ajudaria a construir, ao mesmo tempo em que se desenvolvia em todos os seus sentidos e alcançava sua plena emancipação, libertando-se das amarras da alienação ao desvendar a divisão do trabalho que expropria do trabalhador o conhecimento de todo o processo de produção, fazendo-o conhecedor apenas de uma parcela, e,

por isso, impedindo-o de reconhecer-se no produto final do seu trabalho, como também de consumir o que ele mesmo ajudou a produzir.

Entretanto, ainda que as ações educativas em Cuba tenham contribuído para promover no homem cubano valores humanitários e resultados significativos tenham sido alcançados em relação à erradicação do analfabetismo, esse pressuposto de liberdade revolucionária e autonomia difundidas durante a Campanha tornou-se mais um slogan intencionalmente propagado pelos líderes da Revolução para a manutenção de seus interesses.

Não é leviano fazer essa afirmação porque, atualmente, o que se tem em Cuba não é uma sociedade livre e soberana, tão pouco uma educação que contribua para a plena emancipação do sujeito. Tem-se um Estado que apresenta caráter autoritário, principalmente no que diz respeito ao acesso à globalização e à liberdade de imprensa, e uma educação doutrinária.

Pode-se afirmar que a história absolve Fidel Castro no que diz respeito a uma educação de qualidade, mas não no que diz respeito aos pressupostos filosóficos educacionais de emancipação e liberdade com o intuito de formar o educando para traçar seu próprio destino, como autor e ator de sua história.

O direito de acessar o mundo letrado, garantido pelo governo naquele período, possibilitava ao camponês e ao operário certa autonomia para realizar ações que antes dependiam de outros, como ler cartas de familiares e escrevê-las, fazer listas de compras e manter-se informado ao poder ler os jornais e revistas.

A Cartilha *¡Venceremos!* demonstrou essa identidade que estava em construção ao enfatizar que Fidel Castro, ao apropriar-se das ideias de Martí, estaria cumprindo a liberdade que ele havia prometido no poema de Nicolás Guillén, último texto da Cartilha antes das páginas que continham o alfabeto nos quatro tipos de letras e os numerais de 0 até 9. Enfatizava-se que a bandeira cubana agora estaria limpa porque ninguém de fora tinha mais poder sobre Cuba. Uma identidade social de perseverança e coletividade que estaria garantindo-lhes, portanto, a libertação do domínio estrangeiro e do homem vil e desprezível (rufião) que tinha como índole moral o engano e a fraude.

Foi no processo de alfabetizar-se, sobretudo em como ele foi conduzido pelos agentes envolvidos que se permitiu, em nossa perspectiva de análise, a recuperação da autoestima do povo cubano, incentivando-o a construir uma nova identidade social, na medida em que o novo conceito de trabalho, para a sociedade socialista, foi discutido por meio das lições de *¡Venceremos!* e dos meios publicitários a partir de uma categoria nova: a de mediação da práxis social, que contribuiria para libertar o homem da alienação, possibilitando-lhe condições de assumir uma postura de sujeito histórico-social. Essa concepção permite inferir a educação transformadora, que teve no ensino possibilidades de superação, umas das chaves fundamentais para estabelecer uma nova atitude em relação ao trabalho.

Por meio da análise realizada, pôde-se concluir que os recursos didáticos utilizados na Campanha Nacional de Alfabetização, e os meios de comunicação da época demonstraram que a alfabetização foi o primeiro passo para a tentativa de formação omnilateral.

Na Cartilha *¡Venceremos!* foram encontrados dados concretos de uma perspectiva de alfabetização que objetiva a formação integral do sujeito, ao trazer nos textos de suas lições exemplos práticos de como deveria acontecer a articulação entre trabalho intelectual e manual, sobre a reflexão de sua própria ação. Com isso, os líderes revolucionários tinham como objetivo motivar os trabalhadores rurais e da cidade a unirem-se nas milícias buscando o controle das forças produtivas para superar a propriedade privada e o trabalho alienado na Ilha.

Encontraram-se também, em *¡Venceremos!*, textos de exercícios que apontavam para uma tentativa do governo revolucionário em formar um homem novo para a sociedade socialista, possuidor de uma nova identidade cubana e latino-americana.

Textos para leitura e cópia destacavam a resistência, altivez e austeridade, características essenciais para uma identidade latino-americana. Outros ainda enfatizavam a relação entre trabalho intelectual e manual sem distinção de hierarquia, ao ilustrarem o trabalhador usando suas habilidades manuais e

intelectuais, atributo fundamental para desenvolver autonomia e aprender a produzir e não apenas copiar, ou seja, construir sua própria história.

Em *¡Venceremos!* pôde-se encontrar as bases formativas omnilaterais expressas em textos que abordavam as categorias trabalho, práxis, contradição, totalidade, fundamentos de um processo de transformação social.

A alfabetização em Cuba ao fazer uso de textos com contextos que aproximavam o estudante da sua realidade social, bem como aos interesses do governo, expressava uma formação omnilateral que objetivava contribuir para o nascimento do homem novo cubano pretendido pela Revolução.

Os meios publicitários foram empregados como estratégia de convencimento da população para participarem dos cursos de formação e de marketing, para demonstrarem os feitos da Revolução. Mostraram os esforços empreendidos, pelo governo revolucionário, para a formação de um homem do futuro, investindo nos cursos do magistério, na instrução técnico-científica e na instrução revolucionária, incentivando a defesa da Pátria a qualquer custo.

A publicidade foi amplamente utilizada para tentar formar no homem cubano, por meio da educação indireta, uma nova identidade cubana e latino-americana ao exaltar as atitudes de Che Guevara, dado como modelo de homem novo, e incentivar a prática do internacionalismo proletário, a solidariedade entre os povos. O processo educacional estava a serviço dos ideais da revolução. Era um projeto pedagógico que tinha um modelo ideal de homem, já destacado pelos meios de comunicação e que foi, a princípio, referenciado em Che Guevara, e com o andamento da Campanha foi assumindo identidade própria nos jovens maestros.

A Revista Bohemia, especialmente, incentivava o desenvolvimento da autonomia do homem cubano, ao trazer reportagens que destacavam a importância da leitura e da articulação entre trabalho manual e intelectual, bem como, procurava contribuir para a conscientização do potencial transformador do trabalho, tanto do homem quanto da sociedade, ao enfatizarem a prática do trabalho voluntário, o amor ao trabalho e aos trabalhadores.

Também foi possível analisar que as reportagens da Revista Bohemia de 1965 estavam alinhadas às tentativas expressas tanto na Cartilha *¡Venceremos!*

como também aos meios publicitários de 1961, imbuídos na formação de um homem novo, e ao discurso de 1965 de Che Guevara, no qual manifestava-se que esse homem estava nascendo, uma vez que enfatizavam produções técnico-científicas como investigações para a cura do câncer e produção de medicamentos próprios, produção de alimentação animal a partir de derivados da cana-de-açúcar, novas técnicas de pastoreio de gado e elaboração e produção de peças de reposição para carros e maquinarias.

As reportagens cumpriam o seu papel, pois faziam parte de uma Revista que estava a serviço do governo revolucionário. Entretanto, é questionável se o camponês, recém-alfabetizado, cursando o último ano do Plano de Seguimento de Estudos e o operário que havia terminado o Curso de Superação Obreira e ingressava nos cursos técnicos das Faculdades Obreiras já tinham condições acadêmicas suficientes para realizarem tais investigações.

Essas produções, elucidadas pelas reportagens, afiguravam-se mais como ações cotidianas de busca pela sobrevivência do que produções realizadas de maneira consciente em prol da nação, como os líderes do governo revolucionário idealizavam para o homem novo cubano. Sendo assim, ainda que Che Guevara tenha argumentado que o homem novo já estava nascendo, ele ainda era um ideal a ser alcançado, a longo prazo.

Mesmo apresentando crescimento no nível cultural e intelectual (nos moldes dos ideais revolucionários), tanto o camponês quanto o operário que foram alfabetizados durante a Campanha de Alfabetização, cada um dentro de suas limitações, ainda não tinham atingido a representação do homem novo vislumbrado por Che Guevara. Esse homem requeria uma formação complexa e cientificamente aprofundada, difícil de ser alcançada apenas com a aprendizagem de conteúdos básicos da língua materna e da matemática.

O que se tinha de mais próximo a esse modelo de homem ideal em 1965 eram os jovens maestros, ou professores brigadistas, que assumiram a ideologia revolucionária e cumpriram para além do papel que lhes foi designado, uma vez que, ao alfabetizarem, demonstraram uma conduta moral e disciplinada, bem como, uma força de vontade para superar as dificuldades e transformar qualquer espaço em uma sala de aula. Isso indicava que haviam aprendido a amar e a

defender a Revolução a qualquer custo, colocando em prática o princípio vocacionado por Fidel Castro de “Pátria ou Morte”.

Outro aspecto a destacar que os aproximavam do ideal de homem novo era a forma como desenvolveram um relacionamento humano de confiança e amizade entre professor-aluno que permitiu que ambos fossem, ao mesmo tempo, mestres e aprendizes, demonstrando um engajamento motivador ou a importância da educação pelo exemplo, ao incentivarem que os alunos também internalizassem os princípios do homem novo.

Sendo assim, é possível que Che Guevara tenha vislumbrado o nascimento do homem novo a partir da conduta dos jovens maestros, quando os mesmos sacrificavam seu conforto da cidade, quando diante das dificuldades não desistiam e exerciam com empenho suas atividades laborais junto ao camponês e ao operário, bem como, ajudavam a construir poços, banheiros e identificar problemas de visão. E, como intencionalmente divulgado nas Revistas *Bohemia* e *INRA*, seguiam alfabetizando.

Os jovens maestros demonstravam, em suas atitudes, um sentimento de pertença, um engajamento em um propósito maior do que eles mesmos, ao se despojarem dos bens materiais e dos privilégios que poderiam ter no conforto dos seus lares. Rompendo com práticas individualistas e dedicando-se à coletividade, que consistia no pleno desenvolvimento da consciência revolucionária, o que estava além de saber conviver em grupo, mas na superação da cultura burguesa e no entendimento do trabalho enquanto promotor de riqueza social e não apenas individual. O comportamento dos jovens maestros materializou o homem novo pretendido para a sociedade socialista, que rompia com o individualismo e dedicava-se ao coletivo.

Ao observar o comportamento dos jovens maestros, Che Guevara pode ter identificado empenho não apenas em realizar de forma satisfatória a tarefa da alfabetização, mas no engajamento com os objetivos e valores da causa revolucionária, o que expressava que tinham adquirido uma consciência da importância do seu trabalho para a sociedade e os tornavam modelos a serem seguidos.

Eles foram exemplos que contribuíram para a construção da identidade social de um povo resistente, guerreiro, forte e unido ao encorajar os alunos a agirem de forma a defender sua libertação do jugo imperialista, a qualquer custo.

A força do exemplo do comportamento dos professores e seu engajamento na causa foi um dos instrumentos propulsores para que o aluno buscasse dentro de si a motivação necessária para que, aos poucos, fosse internalizando os valores necessários para construir sua identidade, tornando-se um sujeito possuidor de certo grau de autonomia e entendimento do valor social do seu trabalho.

Desse modo, o professor alfabetizador assumiu, na prática, o projeto socialista de sociedade ao exercer um papel ativo e não passivo na sua própria vida e também em comunidade. Essa prática social permitiu que os jovens maestros assumissem uma identidade singular, de conscientização de que era necessário libertar o povo da situação em que vivia submisso, fazendo com que o engajamento deles nas questões políticas, econômicas, sociais e educacionais se tornassem destaques.

Nesse sentido, a alfabetização contribuiu para o desenvolvimento da autonomia e identidade do povo cubano daquele período, ao proporcionar o acesso ao mundo da cultura mas, principalmente, ao visualizarem na conduta do professor alfabetizador, ou seja, no seu trabalho, o exemplo de persistência, força de vontade, disciplina, amor e consciência do seu papel social.

E a partir dos resultados obtidos, pode-se considerar que, do ponto de vista teórico-prático, por meio de uma práxis revolucionária, a alfabetização em Cuba, ao ser materializada enquanto fator de conscientização, politização e uma suposta liberdade em seus recursos didáticos pedagógicos, tinha como objetivo formar um homem novo quando desenvolveu um relacionamento humano entre professor-aluno que buscava atingir os princípios da coletividade, incentivando uma identidade cubana e latino-americana, incentivando ainda, naquele período, a autonomia e a consciência do valor social do trabalho, ao instituir uma proposta de formação omnilateral.

Ao compreender que é possível aprender com a experiência educacional cubana no âmbito da alfabetização, respeitando as devidas proporções de tempo

e espaço e sem fazer apologia ao seu sistema econômico, destaca-se que as considerações finais deste trabalho não se encerram em si mesmas, mas que a motivação foi contribuir no caminho das novas e sucessivas discussões sobre as práticas da alfabetização e suas influências no projeto de formação de um homem omnilateral.

FONTES

FONTES PRIMÁRIAS

CUBA, Ministério de la Educación. *¡Venceremos*. La Habana: Imprenta Nacional, 1961a.

FONTES SECUNDÁRIAS

AGÜERO, Salvador García. *San Antonio de Los Baños: Territorio Libre de Analfabetismo*. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

ALGUESVIVES, Eduardo. Orientaciones sobre las Lecturas. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 54, 26 de outubro nº 43, 1962.

ALONSO, Dora. Informe al enemigo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961.

ANTE, Gilberto. El Brigadista enseña y aprende. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 03 de dezembro nº 49, 1961a.

_____. El Escambray: Territorio Libre de Analfabetismo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961b.

_____. Bohemia, Territorio Libre de Analfabetismo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961c.

AVALOS, Arturo Acevedo. *Una luz distinta en el faro de Maisí*. In: **Revista INRA**. Cuba, Año 53/II, noviembre, nº 11, 1961.

ARIAS, Santiago Cardosa. *Ellos se forjan en las montañas*. In: **Revista INRA**. Cuba, Año II, agosto, nº 8, 1961.

BARRERA, Aniba. C.M.Q. Revolucionaria - Territorio Libre de Analfabetismo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

BAUZÁ, Blanca Rosa Pina. *Educación significa libertad de espíritu*. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 8 de janeiro nº 2, 1961.

BOHEMIA, Revista. *Pausas de felicidad*. Cuba, Año 53/II, 12 de fevereiro nº 7, 1961a.

_____. **Nuestra Portada.** Cuba, Año 53/II, 22 de outubro nº 43, 1961b.

_____. **La Alfabetización en la recta final: ahora hay que hacer el verdadero esfuerzo máximo.** Cuba, Año 53/II, 19 de novembro nº 47, 1961c.

_____. **Compañeros de lucha.** Cuba, Año 53/II, 5 de fevereiro nº 6, 1961d.

_____. **Reporte del Ejercito de Alfabetizadores.** Cuba, Año 53/II, 15 de outubro nº 42, 1961e.

_____. **Guerra al analfabetismo.** Cuba, Año 53/II, 24 de setembro nº 39, 1961f.

_____. **En la recta final de la Alfabetización.** Cuba, Año 53/II, 03 de dezembro nº 49, 1961g.

_____. **Repugnante, cobarde y estúpido el asesinato del niño brigadista Manuel Ascunce** Cuba, Año 53/II, 03 de dezembro nº 49, 1961h.

_____. **Acrecentaremos los esfuerzos para defender a la Patria y a la Revolución.** Cuba, Año 53/II, 03 de dezembro nº 49, 1961i.

_____. **No habrá Pescadores Analfabetos en 1962.** Cuba, Año 53/II, 03 de dezembro nº 49, 1961j.

_____. **Una Caravana nocturna de Alfabetizadores.** Cuba, Año 53/II, 03 de dezembro nº 49, 1961k .

_____. **Los brigadistas de la Alfabetización: una generación de vencedores.** Cuba, Año 53/II, 24 de dezembro nº 52, 1961l.

_____. **La Dignidad de Ser Cubano.** Cuba, Año 57, 12 de novembro nº 52, 1965.

CANO, Panchito. Estampas de la Alfabetización. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961.

CASTRO, Fidel. **Discurso Do Comandante Fidel Castro Ruz, Primeiro-ministro do Governo Revolucionário, na Sede da Nações Unidas, Estados Unidos, 26 de Setembro de 1960a.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260960e.html>>. Acesso em: 01/03/2021.

_____. **Discurso Pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el Acto De Inauguración de La Ciudad Escolar “Abel Santamaria”, donde Antes estaba el Cuartel Militar “Leoncio Vidal”, en la Ciudad de Santa Clara, el 28 De Enero De 1961a.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso em: 02/03/2021.

_____. Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en la concentración celebrada en la Plaza de la Revolución "José Martí", para proclamar a Cuba Territorio Libre de Analfabetismo, el 22 de diciembre de 1961e. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f221261e.html>>. Acesso em: 08/09/2021.

_____. Exorta. In: **Revista Verde Olivo**, Cuba, Ano II, Abril, 1961h.

_____. Por Eso Decimos: ¡Patria o Murte!. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 55, 11 de janeiro nº 02, 1963.

_____. Estamos Muy Conscientes Del Papel Que Desempeña El Maestro En La Creación De La Sociedad Socialista. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 11 de setembro nº 37, 1964.

_____. Con Esfuerzos Como Estos Se Esta Escribiendo La Historia De Nuestra Patria. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 11 de junho nº 24, 1965a.

_____. Antes No Se Honraba Al Mejor, Sino Al Peor: Las Mayores Honras Las Recibían Los Ladrones Y Los Explotadores. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 30 de julho nº 31, 1965b.

CARLON, J. Lopez. La Formación Emergente de Maestros En Cuba: Una entrevista con el Secretario General del Sindicato de Trabajadores de la Enseñanza y la Ciencia, doctor Gaspar J. García Galló. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 28 de fevereiro nº 09, 1964.

_____. Como se forma un Maestro en la Patria Socialista. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 02 de julho nº 27, 1965.

COLLI, Josefina. En la recta final de la Campaña: el triunfo es del pueblo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961.

COMISSÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO. *10 Respuestas a 10 Preguntas sobre las brigadas de alfabetización Conrado Benítez*. In: **Revista Verde Olivo**, Cuba, Ano II, Abril, 1961a.

_____. Unidos en la batalla final contra el analfabetismo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 17 de setembro nº 38, 1961b

COMPANHIA CUBANA DE ELETRICIDADE. *“¡Usted también puede hacer que haya más técnicos cubanos!* In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año I, 14 de agosto nº39, 1961.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Propaganda de 6.000 bolsas de estudo para o Centro Vocacional para Mestres Primários Sierra Maestra em Minas de Frío. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 08 de maio nº 19, 1964a.

_____. Propaganda de 6.000 bolsas de estudo para o Centro Vocacional para Mestres Primários Sierra Maestra em Minas de Frío. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 15 de maio nº 20, 1964b.

_____. Mensagem do Conselho Nacional de Educação. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 05 de junho nº 23, 1964c.

_____. Mensagem do Conselho Nacional de Educação. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 03 de julho nº 27, 1964d.

_____. Propaganda de 7.000 bolsas de estudo para o Centro Vocacional para Mestres Primários Sierra Maestra em Minas de Frío. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 16 de abril nº 16, 1965a.

_____. Propaganda do Conselho Nacional de Educação para estimular o estudo e o trabalho nas Ciências Agropecuárias. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 09 de abril nº 15, 1965b.

CUBA, Ministério de la Educación. **Alfabetizamos manual para el Alfabetizador**. La Habana: Imprenta Nacional, 1961b.

CUBILLAS, Vicente. Una Norteamericana Alfabetiza. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 24 de setembro nº 39, 1961.

CUETO, Gómez. La Alfabetización en el Escambray. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

DAGOBERTO. La Epopeya Alfabetizadora. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 17 de setembro nº 38, 1961.

DÁVILA, Agustin Lage. ¡Adelante, Venceremos! Notas de un Brigadista 'Conrado Benítez'. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 26 de novembro nº 48, 1961.

DEBETZ, Georghi. Una Sola Raza: La Raza Humana. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 11 de junho nº 24, 1965.

DEL CUETO, Mario G. En la Ciénaga de Zapata es heroica la guerra contra el Analfabetismo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

_____. Grandes Logros De La Revolución Saludan Su 6to. Aniversario. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 01 de janeiro nº 01, 1965.

_____. Impresionante Participación De La Clase Obrera En El Trabajo Voluntario De La V Zafra Del Pueblo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 21 de maio nº 21, 1965.

DEPARTAMENTO DE ENSINO E DIVULGAÇÃO DO INRA. Propaganda para o Mínimo Técnico. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 55, 22 de março nº 12, 1963.

DORTICÓS, Osvaldo. Solidaridad Frente Al Agresor. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 02 de abril nº 14, 1965.

ESCOBAR, Oswaldo Salas. Mínimo Técnico. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 54, 04 de maio nº 18, 1962.

FUENTES, Fulvio. 4 Campamentos de Alfabetización. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

GALÁN, Victor Rico. El Che Guevara: La Revolución Como Amor. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 12 de novembro nº 46, 1965.

GALLÓ, Gaspar J. García. La Formación Emergente de Maestros En Cuba. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 28 de fevereiro nº 09, 1964.

GONZÁLEZ, Rubén. Las Brigadas en Palmarito. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 26 de novembro nº 48, 1961.

_____. *Obreros en la Universidad*. In: **Revista INRA**. Cuba, Año III, 3 de julho, nº 3, 1962.

GRAJALES, Mariana. Acto de la Federación de Mujeres Cubanas. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 52/I, 04 de setembro nº 36, 1960.

GUERRA, Juan F. Instrucción Revolucionaria: La Escuela Armando Mirabal de la Federación de Mujeres Cubanas. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 54, 21 de janeiro nº 03, 1962.

GUEVARA, Ernesto Che. O socialismo e o homem em Cuba. **Semanário Marcha**, Montevideo. Março de 1965.

_____. **O Que Deve Ser Um Jovem Comunista**. Discurso do Comandante Ernesto Che Guevara na comemoração do segundo aniversário da integração das organizações juvenis, em Havana, Cuba, em 20 de outubro de 1962. Disponível em: << <https://averdade.org.br/novo/wp-content/uploads/2020/08/Documento-77-ernesto-che-guevara-o-que-deve-ser-um-jovem-comunista.pdf>>>. Acesso em: 08/09/2021.

HERNÁNDEZ, Gregorio. El Plan Santiago. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 17 de janeiro nº 03, 1964.

_____. Científicos Cubanos Investigan Sobre El Cáncer. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 25 de junho nº 26, 1965.

KORDA, F. C. Macheteros Mas Destacados. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 30 de julho nº 31, 1965.

LAMADRID, José Gil de. Nueva Promoción de Maestros se Forja en el Escambray. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 55, 08 de marzo nº 10, 1963.

MARCER, Manuel. La Ciencia Orienta La Produccion. In: **Revista INRA**. Cuba, Año53/II, dezembro nº 12, 1961.

MARTINEZ, Manuel Diaz. *Otra gran realización revolucionaria: Los Círculos Sociales Obreros*. In: **Revista INRA**. Cuba, Año II, nº.3, marzo de 1961.

MARRERO, Serafin. La Semana en los Municipios. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 18 de junho nº 25, 1965.

MATANZAS, Bacunayagua. Mensajes de Brigadistas. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

M.G.C. Me Quiero Inscribir ¡Ya! En El SMO. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 55, 29 de novembro nº 48, 1963.

MICHELENA, Humberto. Habla un Padre Hijos Utiles. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Propaganda para divulgar bolsas de estudo no Centro Vocacional de Mestres Primários. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 55, 24 de maio nº 21, 1963.

_____. Todo El Saber Humano Esta a Tu Alcance. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 02 de junho nº 27, 1965.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO DE CUBA; SINDICATO DOS TÉCNICOS INDUSTRIAIS. Mensagem do Ministério de Educação de Cuba e do Sindicato dos Técnicos Industriais. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 19 de junho nº 25, 1964.

NAVARRO, Luiz. Avanzamos Hacia La Revolución Tecnica A Paso de Vencedores. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 21 de maio nº 21, 1965.

NUEZ, L. Diaz de la. Ahora si hay alegria. In: **Revista INRA**. Cuba, Año53/II, dezembro nº 12, 1961.

NUÑEZ, Carlos. La Habana, triunfadora - Territorio Libre de Analfabetismo. In:

Revista Bohemia. Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961.

PEREZ, M. M. Clodomira Crisol: donde se forja una nueva generación cubana. In: **Revista INRA.** Cuba, Año 53/II, 06 de junho nº 06, 1961.

POMAR, Carlos Nicot. Una Escuela Para Guia Del Pioneros. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 54, 21 de janeiro nº 03, 1962.

PORTA, Guilherme Rivas. Los Futuros Milicianos de La Patria. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 53/II, 13 de agosto nº 33, 1961.

POSADA, C. En solo tres años, la revolución ha engendrado un nuevo tipo de hombre. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 54, 21 de janeiro nº 03, 1962.

RAMOS, Ruben Castillo. Un Faro Redentor en el Corazón de la Sierra. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 53/II, 1 de outubro nº 40, 1961a.

_____. Los Alfabetizadores Populares Infantiles. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 53/II, 26 de novembro nº 48, 1961b.

_____. Así se forja una nación. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 53/II, 24 de dezembro nº 52, 1961c.

REGO, Oscar. Alfabetización. In: **Revista Bohemia,** La Habana, Año II, nº. 46, 12/11/1961a.

_____. El regreso triunfal de las Brigadas Alfabetizadoras. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961b.

_____. Ahora Los Futuros Maestros Se Forjan En La Sierra. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 53/II, 13 de agosto nº 33, 1961c.

_____. Maestros de Primaria LPV. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 56, 28 de agosto nº 35, 1964a.

_____. El Nuevo Curso Escolar: 1.280.000 Escolares a Las Aulas. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 56, 11 de setembro nº 37, 1964b.

_____. La enseñanza y el trabajo fecundo y creador. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 57, 30 de abril nº 18, 1965.

REGUERAL, José Gonzalez. Analfabetos, Hoy. Alfabetizadores, Mañana. In: **Revista Bohemia,** La Habana, Año II, nº. 12, 19/3/1961.

RESÍLLEZ, Antonio. Una nueva generación se define en Minas del Frío. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 56, 05 de junho nº 23, 1964.

RIESGO, Agustín Del. El Pueblo Inventa: Diez Casos, Entre Cientos De Obreros Que Inventan O Innovan - La Fuerza Anónima Del Ingenio Popular Frente Al Bloqueo Imperialista. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 25 de junho nº 26, 1965.

RODRIGUÉZ, Félix Pita. Eternamente joven, para siempre maestro. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961a.

_____. Para siempre su nombre. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 17 de dezembro nº 51, 1961b.

RODRÍGUEZ, Javier. La Escuela Patricio Lumumba: Forjando Administradores Para La Patria Socialista. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 54, 30 de março nº 13, 1962.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Hay Que Hacer Un Trabajo Adecuado En La Distribucion De Los Alimentos. . In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 54, 30 de março nº 13, 1962.

ROJAS, Marta. La Recompensa: Primer Pastoreo en Rotación Verdaderamente Científico. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 19 de fevereiro nº 08, 1965.

RUEGO, Oscar. Todos con Fidel a Saludar a las Brigadas .In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

RUBIN, José Sánchez. Cuba marcha hacia la Educación Integral. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 14 de agosto nº 33, 1964.

SALAS, María López. Alfabetización en Cabañas. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

SARABIA, Ernesto. *Niños que enseñan y adultos que aprenden*. In: **Revista Bohemia**, La Habana, Año II, nº. 16, 16/4/1961.

SUAREZ, Pedro Garci. *2 Armas Contra La Ignorancia*. In: **Revista Bohemia**, La Habana, Año II, nº. 15, 09/4/1961a.

_____. *¡Todas a la batalla final!*. In: **Revista Bohemia**, La Habana, Año II, nº. 15, 09/4/1961b.

TORROELLA, Gustavo. Como Escoger Una Profesión. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 56, 07 de agosto nº 32, 1964.

VALDÉS, Ramiro. El PURSC en el MININT Comunismo: Es la formación de una nueva conciencia. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 03 de setembro nº 36, 1965.

VÁZQUEX, José. Primera Microplanta En Cuba de Fermentación Continua. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 57, 30 de abril nº 18, 1965.

VERDE OLIVO, Organo de las Fuerzas Armadas Revolucionarias. **Revista Verde Olivo**, Cuba, Año II, Abril, 1961a.

_____. **Revista Verde Olivo**, Cuba, Año II, Junho, 1961b.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. (Des) Construção da identidade latino-americana: heranças do passado e desafios futuros. **Revista Intercâmbio**, 2016.

ARDAO, Arturo. **La idea de la magna Colombia de Miranda a Hostos**. Centro de Estudios Latinoamericanos, Facultad de Filosofía y Letras, Coordinación de Humanidades, Universidad Nacional Autónoma de México, UDUAL, 1978.

AYERBE, Luis Fernando. **A revolução cubana**. Unesp, 2004.

BAIA HORTA, José Silvério. A pesquisa e o ensino de História da Educação no Brasil: onde fica a política? In: SIMÕES, Regina Helena; GONDRA, José Gonçalves (Orgs.). **Invenções, tradições e escritas da História da Educação**. Vitória, ES: Edufes, 2013. p. 123-171.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995).

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Editora Record, 2009.

BARRIGUELLI, José Cláudio. **Investigação Histórica**. Universidade Federal de São Carlos: São Paulo, 1982.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p.475-491, set./dez. 2004.

BLANCO, Abelardo; DÓRIA, Carlos A. **Revolução Cubana: de José Martí a Fidel Castro (1868 – 1859)**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os arautos do liberalismo. Imprensa paulista 1920-1945**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Silvia Aparecida Santos de. **O ensino da leitura e da escrita: o imaginário republicano (1891-1920)**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CASTELO, Rodrigo. Gramsci e o conceito de crise orgânica. **Revista Margem Esquerda nº. 19**. São Paulo: Boitempo Editorial, out/ 2012.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade, v. II, **Paz e Terra**, São Paulo, 1996, p. 22 -28.

CASTRO, Fidel. **Discurso Pronunciado Por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el Acto de Graduación de Los Maestros Voluntarios a su Regreso de la Sierra Maestra, Celebrado en el Teatro Auditorium, la Habana, el 29 de Agosto de 1960b**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f290860e.html>>. Acesso em: 17/04/2021.

_____. **Discurso Pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Clausura de la Primera Plenaria Estudiantil de Jóvenes Rebeldes, en el Teatro Payret, el 27 de Marzo de 1961b**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f270361e.html>>. Acesso em: 01/03/2021.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de Doble República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, frente al cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961c**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acesso em: 03/03/2021.

_____. **¡Cumpliremos! Temas sobre la Revolución para los Alfabetizadores**. La Habana, Cuba. 1961d. Disponível em: <<http://cubamuseo.net/inferior-samples/148>>. Acesso em: 17/07/2021.

_____. **Discurso Pronunciado Por El Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro Del Gobierno Revolucionario, En El Resumen De La Plenaria Obrera De Alfabetización, Efectuada En El Teatro “Chaplin”, El 16 De Agosto De 1961f**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160861e.html>>. Acesso em: 16/09/2021.

_____. **Discurso Pronunciado Por El Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro Del Gobierno Revolucionario, En La Clausura De La Reunion Del Comité Ejecutivo De La Unión Internacional De Estudiantes, Efectuada En El Capitolio Nacional, El 8 De Junio De 1961g**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f080661e.html>>. Acesso em: 16/09/2021.

_____. **Educação em revolução**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976.

_____. **O homem novo e a nova mulher em Cuba**. 1ª ed. São Paulo: Global, 1979.

_____. **A História me absolverá**. Tradução: Pedro Pomar. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

CATELLI JR, Roberto. Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: de programa em programa In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; DA SILVA FRADE, Isabel Cristina Alves (Ed.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?**. Editora Oficina Universitária, 91-108, 2014.

CASTELO, Rodrigo. Gramsci e o conceito de crise orgânica. **Revista Margem Esquerda**, n. 19.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A identidade social e suas relações com a ideologia**. 1977.

_____. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Identidade humana e as metamorfoses das metamorfoses. **Comunicação apresentada no Simpósio “Metamorfoses da Identidade no mundo contemporâneo” do Encontro Nacional da ABRAPSO de 1997**. mimeo, 1997.

CHAMON, Carla Simone. Uma questão de método: O Ensino Individual, Mútuo e Simultâneo no Império Brasileiro. **Historia de la Educación**. Anuário, Argentina, 0, ene. 2020. Disponível em: <<https://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/anuario/article/view/17165>>. Acessado em: 16 abr. 2021.

COMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS – Organización de los Estados Americanos. Cap. XIV – **El derecho a la educación**, 1983. Disponível em: <<http://www.cidh.org/countryrep/cuba83sp/capitulo14.htm>>. Acessado em: 03/07/2021.

CORAZZA, Gentil. O todos e as partes: Uma Introdução ao Método da Economia Política. EST. **Econ**. São Paulo, v. 26, n. ESPECIAL, p. 35-50, 1996.

CUBA, **CubaMuseo.net**. Disponível em: <http://cubamuseo.net/inferior-samples/148>. Acesso em jul/2021.

_____, Ministerio de la Educación. **Producir-Ahorrar-Organizar**. La Habana: Imprenta Nacional, 1961c.

_____, Ministerio de la Educación. **Congreso Nacional de Alfabetización**. La Habana: Imprenta Nacional, 1961e.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

DANGIÓ, Meire Cristina dos Santos; MARTINS, Lígia Márcia. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico: contribuições didáticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

DEL TORO, C. **La alta burguesia cubana 1920-1958**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2003.

DELLA FONTE, Sandra Soares. **Formação omnilateral e a dimensão estética em Marx**. Editora Appris, 2020.

DIGIOVANNI, Alayde Maria Pinto. **Brasil e Cuba: um estudo comparado sobre políticas públicas de educação básica e as articulações com a psicologia, entre as décadas de 1960 e 1990**. (244 f.). Tese de Doutorado em Ciências - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. Orientador: Prof.^a Dr.^a Marilene Proença Rebello de Souza. São Paulo, 2016.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. O conceito de América Latina: uma visão francesa. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 12, p. 129-148, 2007.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura Latino-America e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. América ibérica na história universal. **Revista Occidente**, nº. 25, Madrid, 1965.

ENGELS, Friedrich. **Princípios Básicos do Comunismo**. Traduzido do inglês por José BARATA-MOURA, 1847. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1847/11/principios.htm>>. Acesso em: 11/10/2021.

FARRET, Rafael Leporace; PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. **Topoi**, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 30-42.

FÁVERO, Osmar. Memória das campanhas e movimentos de educação de jovens e adultos (1947-1966). **Texto apresentado no V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em Évora, Portugal, de**, v. 5, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. **O que é Revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FIOL, María Julia Jiménez. Mujer y sociedad cubana. Retos hacia la equidad de género. In: SUÁREZ, Mayada Álvarez; MEDINA, Yenelis Diaz. **Mujeres en Cuba una revolución en marcha**. Cuba: Editorial de la Mujer, Centro de Estudios de la Mujer, Federación de Mujeres Cubanas, 2021.

FLEURY, Sonia. **Estado sem cidadãos: seguridade social na América Latina**. FIOCRUZ, 1994.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação dos trabalhadores. In: COSTA, Hélio da Conceição, **Martinho. Educação Integral e Sistema de Reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005.

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. Prefácio de Paulo Freire - 2.ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire. 1998.

GALEANO, Eduardo. **As Veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas, 6ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARCÍA, Antonio. **Dinâmicas das reformas agrárias na América Latina**. Bogotá: Universidade Nacional de Colombia, 1986.

GAVIÃO, Leandro. A Construção da Identidade Latino-Americana: uma análise da contribuição dos intelectuais ibero-americanos (1889-1932). **Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil**, v. 2, n. 1, p. 39-46, 2013.

GIAMBIAGI, IRENE. **A Campanha Nacional De Alfabetização Em Cuba: Uma Estratégia Bem-Sucedida De Combate ao Analfabetismo** 01/08/1992 143 f.

Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: undefined.

GILLETTE, Arthur. **A Revolução Educacional Cubana**. 1ª ed. Lisboa-Portugal: Moraes Editores, 1977.

GODOY, Josina Maria de; COELHO, Norma Porto Carreiro. **Livro de Leitura para Adultos: Movimento de Cultura Popular**. Recife: Gráfica Editora do Recife S.A., 1962.

GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler (1961-64): uma escola democrática**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980.

GONDRA, José Gonçalves; MACHADO, Maria Cristina Gomes; SIMÕES, Regina Helena. (Orgs). **História da Educação, Matrizes interpretativas e Internalização**. Vitória, EDUFES, 2017 (p. 227-271).

GOTT, Richard. **Cuba: Uma Nova História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GOYANNA, Bianca. Por que a Revolução não caiu? In: DOS SANTOS, Fabio Luis Barbosa; VASCONCELOS, Joana Salém; DESOTTI, Fabiana Rita (Ed.). **Cuba no Século XXI: dilemas da revolução**. Editora Elefante, 2019.

GUEVARA, Ernesto Che. O que deve ser um jovem comunista. In: SADER, Eder (org). **Che Guevara: política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011a.

_____. O socialismo e o homem em Cuba. In: SADER, Eder (org). **Che Guevara: política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011b.

_____. A Fidel Castro. In: SADER, Eder (org). **Che Guevara: política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011c.

_____. Una actitud nueva ante el trabajo. In: GUEVARA, E. **Obras (1957-1967). Tomo II. Colección Nuestra América**. La Habana: Casa de las Américas, 1970.

GRAMSCI, Antônio. §17 - Análise das situações: relações de força. In: **Cadernos do Cárcere**. vol 3. Maquiavel - notas sobre o Estado e a política. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (p.36-46).

_____. **Cadernos do cárcere, v. 2 — Antonio Gramsci: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Ed. e trad. de Carlos N, Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Concepção dialética da história**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HART, Armando. Viva nuestra juventud gloriosa, nuestra juventud heroica: pueblo de Cuba proclama ante el mundo que Cuba es territorio libre de analfabetismo. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 31 de dezembro nº 53, 1961.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERRERA, Claudia Ximena; BUITRAGO, Bertha Nelly. Manuales Escolares de Educación Física para la escuela primaria en colombia entre 1870 y 1915. In: SAUTER, Gabriela Ossenbach; RODRÍGUEZ, José Miguel Somoza. **Manuais escolares como fonte para a história da educação na América Latina**. Editorial UNED, 2009.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Sobre história**. Editora Companhia das Letras, 2013.

_____. **Viva la Revolución: A era das Utopias na América Latina**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HUTEAU, Michel; LAUTREY, Jacques. **Cuba: revolução no ensino**. Trad. De Manuela Leandro e Fernanda Campos. Coimbra: Centelha, 1976.

JOLLY, Richard. Cuba: The Economic and Social Revolution. **Education**. Chapel Hill, North Carolina, 1964.

KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1996.

LANGER, Shirley. **A Revolução de Anita**. Tradução de Geraldo Fontes. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

LEAL, Leovegildo Pereira. **Marxismo e Socialismo-Análise crítica da Revolução Cubana**. Belo Horizonte: Fórum, 2008.

LEITE, Maria do Carmo Luiz Caldas. Relações Entre O Estudo E O Trabalho Em Cuba: Um Modelo Permeado Por Manifestações Do Marxismo-Leninismo E Do Ideário De Martí. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 283-294, abr 2011 - ISSN: 1676-2584.

_____. A Educação como pedra angular na construção da nacionalidade cubana. In: **Revolução, Modernidade e Memória: Caminhos da História da Educação**. XIV

CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Associação de História da Educação de Portugal – HISTEDUP, Lisboa, julho de 2021a. ISBN - 978-989-54039-1-2.

_____. **Educação como pedra angular da nacionalidade cubana. Escola e Cubanía do colonialismo à insurgência pedagógica.** 357f. Tese (Doutorado em Educação) Orientadora: Profa. Dra. Ivanise Monfredini - Universidade Católica de Santos, 2021b.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LÓPEZ, Margarita Quintero. A educação em Cuba: seus fundamentos e desafios. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 72, p. 55-72, 2011.

LORENZO, Yanesy de la Caridad Serrano. La Federación de Mujeres Cubanas y su labor con las familias. **Trabajo Social 20 (2): 55-75.** Bogotá: **Departamento de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Humanas**, Universidad Nacional de Colombia. doi: <https://doi.org/10.15446/ts.v20n2.74414>, 2018.

LUKÁCS, Georg. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. In: **Temas de Ciências Humanas.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

_____. **Para uma ontologia do ser social II.** São Paulo: Boitempo, 2013.

LÚRIA, Alexander Romanovich. **Curso de psicologia geral: linguagem e pensamento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, v. IV.

MACHIN, Ana Nuñez. ¡Ahora más que nunca hay que estar firmes y no dar ni un paso atrás!. In: **Revista Bohemia.** Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna.** Trad. Newton Ramos de Oliveira. Campinas: Alínea, 2007.

_____. Marx e a formação do homem. Tradução: Newton Ramos de Oliveira e Paulo Nosella. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p.6-15, abr 2011 - ISSN: 1676-2584.

MAO JUNIOR, José. A crise do sistema oligárquico de dominação em Cuba: a revolução de 1933. **Projeto História**, v. 31, p. 207-236, 2005.

MARTÍ, José. Projeto de instrução pública - Artigos de fé - O ensino obrigatório. In: STRECK, Danilo Romeu (org). **Educação em Nossa América: textos selecionados.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2007, p.95-98.

_____. Maestros Ambulantes. In: MARTÍ, José. **Obras Completas - Edición Crítica**. Centro de Estudios Martinianos, Habana: CLACSO, 2016.

_____. **En la universidad. (Selección y prólogo de Cintio Vitier)**. La Habana: Ed. Pueblo y Educación, 2002.

_____. Honores a Karl Marx, que ha muerto. **La Nación de Buenos Aires**, v. 29, 1883. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/en-los-estados-unidos-escenas-norteamericanas--0/html/fef234ce-82b1-11df-acc7-002185ce6064_33.htm>. Acesso em: 15/10/2022.

MARTINS, Fabiana de Oliveira. **Martí e Fidel: Apropriações e Negociações**. Rio de Janeiro: PUC, 2016.

MARTINS, André Saboia. Anotações sobre a Intervenção na Guatemala em 1954: uma análise de suas projeções sobre as práticas sistemáticas de violação aos direitos de asilo e refúgio durante a guerra fria. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.10, nº. 2, 2016. ISSN: 1984-1639.

MARX, Karl. **A Questão Judaica**. 2. ed., São Paulo: Moraes, 1991.

_____. **Instruções para os Delegados do Conselho Geral Provisório. As Diferentes Questões**. Traduzido do inglês por José BARATA-MOURA, 1982. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1866/08/instrucoes.htm>>. Acesso em: 11/10/2021.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. 2º Ed. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Crítica do programa de Gotha**. Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 5. ed. Tradução de José Carlos Bruni SAVIANI e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **Crítica da educação e do ensino**. Introdução e notas de Roger Dangeville. Lisboa, Portugal: Moraes, 1978.

_____. **Textos sobre educação e ensino**. Centauro, 2011.

MECHI, Patricia Sposito. Quais os limites e as potencialidades da educação em Cuba? In: DOS SANTOS, Fabio Luis Barbosa; VASCONCELOS, Joana Salém; DESOTTI, Fabiana Rita (Ed.). **Cuba no Século XXI: dilemas da revolução**. Editora Elefante, 2019.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

MORTATTI, Maria Rosário. História Dos Métodos De Alfabetização No Brasil. **Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me03178a.pdf>. Acesso em: 18/09/2021.

MURPHY, Catherine; CAIRO, Carlos Torres. **Un Año Sin Domingos: La Imagen de La Alfabetización En Cuba/A Year without Sundays: Images from the Literacy Campaign in Cuba**. 2014.

NABORI, Indio. Marcha triunfal del ejército de Alfabetización. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 24 de dezembro nº 52, 1961.

NEPOMUCENO, Eric. **Cuba: Anotações sobre uma Revolução**. São Paulo: Alfa – Omega, 1981.

NETO, Artur Bispo dos Santos. **Estética e Ética na perspectiva materialista**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

NOA, José Antônio Gell. **Cronología para la historia de los Comités de Defensa de la Revolución**. Habana: Editora Política, Escuela Nacional de Cuadros de los CDR, 2011.

NOSELLA, Paolo. Compromisso político e competência técnica: 20 anos depois. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 223-238, 2005.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara. **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: escrituras, 2002, p.11-31.

OLIVEIRA, Lisye R.; TRINCHÃO, Glaucia C. **Desenho, registro e memória visual: ideias preliminares sobre saberes**. In. Produção visual: criatividade, expressão gráfica e cultura. Feira de Santana-BA: UEFS, 2010.

ORTIZ, Fernando. **Los factores humanos de la cubanidad**. Impreso por Molina y cia., 1940.

PALACIOS, Rodríguez Beatriz. **La campaña de Alfabetización en Cuba revolucionaria**. Tesina, Facultad de Filosofía y Letras. Colegio de Pedagogía: UNAM, 1989.

PAULSTON, Rolland. Revolutionary Change in Cuba: Economy, Policy, and Society. **Education**. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1971.

PAZ, Juan Valdéz. A Revolução Agrária Cubana: conquistas e desafios. **Estudos Avançados**, v. 25, p.73-87, 2011.

PEREIRA, Manuel. **Rebeldes sem armas: alfabetizadores cubanos em ação**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PEREIRA MELO, José Joaquim. **De Cuba a Tenochtitlán. A busca dos “segredos da terra”. Estudo da trajetória de Fernando Cortés no México (de 18 de fevereiro a 8 de novembro de 1519)**. Maringá: Eduem, 2017.

PEREIRA MELO, José Joaquim; AMARAL, RG. Roseli Gall do Amaral da Silva. A questão teoria e prática e suas implicações para a formação docente. In: **VI Congreso Internacional de Salud Mental Y Derechos Humanos**, 2007, Buenos Aires. Trabajos 6º Congreso, 2007.

PÉREZ-CRUZ, Felipe de Jesús. La Campaña Nacional de Alfabetización en Cuba. **VARONA**, núm. 53, julio-diciembre, 2011, p.10-23. Universidad Pedagógica Enrique José Varona La Habana, Cuba.

PÉREZ, Manolo M. **Che Guevara: Contribuição ao pensamento revolucionário**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

Huteau e Lautrey (1976), Vera Maria Vidal. **A campanha de alfabetização em Cuba'** 01/05/1994 250 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPO GRANDE Biblioteca Depositária: undefined.

_____. **A Campanha de Alfabetização em Cuba**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da memória: estratégias de legitimação da revolução cubana (1959-2009)**. 2013. ix, 258 f., il. Tese (Doutorado em História) —Universidade de Brasília. Orientadora: Jaime de Almeida. Brasília, 2013.

PUELLES, Manuel Benítez. Estudio preliminar: política, legislación y manuales escolares (1812-1939) in: VILLALAIN, José Luis. **Manuales escolares en España, Tomo I. Legislación (1812-1939)**. Madrid: UNED-MANES, 1997.

QUENTAL, Pedro de Araújo. A latinidade do conceito de América Latina. **GEOgraphia**, v. 14, n. 27, p. 46-75, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E.(ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REID-HENRY, Simon. **Fidel e Che: uma amizade revolucionária**. Lisboa: Casa das Letras, 2009.

RESILLEZ, Antonio. La voz del brigadista ante la muerte de Manuel Ascunce. In: **Revista Bohemia**. Cuba, Año 53/II, 10 de dezembro nº 50, 1961.

RODRIGUES, Elaine. A imprensa pedagógica como fonte, tema e objeto para a história da educação in: In: COSTA, Célio Juvenal; PEREIRA MELO, Joaquim José; FABIANO, Luiz Hermenegildo (Org). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010.

ROJAS ARAVENA, Francisco. Chile: mudança política e inserção internacional, 1964-1997. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 40, n. 2, p. 49-75, 1997.

ROJO, Ricardo. **Meu Amigo Che**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ROSA, Dayane de Freitas Colombo. **Cuba e a Formação Docente Revolucionária: A Construção Do Homem Novo**. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo. Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Roseli Gall do Amaral da Silva. Maringá, 2019.

ROSA, Dayane de Freitas Colombo; AMARAL, Roseli Gall do; PEREIRA MELO, José Joaquim. Considerações Sobre A História Da Educação Revolucionária Na América Latina: Um Estudo Da Campanha De Alfabetização Cubana. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 14, n. 3, p.83-91 jul/set 2017. DOI: 10.5747/ch.2017.v14.n3.h323.

RUAS, Luís Eduardo Mergulhão. **Cuba: o poder popular e as reformas políticas no período especial**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Currículo: Uma Reflexão Sobre a Prática**. 3. ed. Tradução Ernani Ferreira da Fonseca Ro sa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SADER, Eder (org). **Che Guevara: política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAENZ, Tirso. **O Ministro Che Guevara. Testemunho de um colaborador**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

SANTOS, Luciano dos. **A identidade da América Latina: o projeto intelectual de Leopoldo Zea**. Goiânia: IFG, 2016.

SANTOS, Judite Elaine dos. **O Internacionalismo Proletário e a Revolução Cubana**. 2020. 396 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-graduação Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTOS, Fábio Luis Barbosa; VASCONCELOS, Joana Salém. O que é a Revolução hoje?. In: DOS SANTOS, Fabio Luis Barbosa; VASCONCELOS, Joana Salém; DESOTTI, Fabiana Rita (Ed.). **Cuba no Século XXI: dilemas da revolução**. Editora Elefante, 2019.

SAUTER, Gabriela Ossenbach; RODRÍGUEZ, José Miguel Somoza. **Manuais escolares como fonte para a história da educação na América Latina**. Editorial UNED, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à Consciência filosófica**. 14ª ed. Campinas: Autores Associados. 2002.

_____. **Pedagogia histórico – crítica: primeiras aproximações**. 8. Ed. Campinas, Autores Associados, 2003.

_____. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SCOCUGLIA, A. C. **Histórias inéditas da educação popular: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB; São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

SCHUELER, Alessandra Frota de. Representações da docência na imprensa pedagógica na corte imperial (1870-1889): o exemplo da instrução pública. **Educação e Pesquisa**, v. 31, p. 379-390, 2005.

SILVA, José Herculano da, et al. **Quem sabe, ensina; Quem não sabe, aprende: A educação em Cuba**. Campinas, SP: Papirus, 1986.

SILVA, Larissa Limeira Grutes da. **Breve histórico do jornalismo em Cuba: algumas reflexões sobre o conceito de liberdade de imprensa.** Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo** / Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. – 2ª reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, Newton Ferreira da. **O pensamento de Che Guevara: um homem novo, trabalho e consciência na Revolução Cubana.** (152 f.). Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Orientador: Prof. Dr. Paulo Rodrigues Ribeiro da Cunha. Marília, 2011.

_____. “Educação para a Revolução: Che Guevara e a construção do homem novo cubano”. **VII COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS.** Anais: Vol. 1, Nº 1. ISSN: 2238-9156. Marília, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. Alfabetização: o saber, o fazer, o querer. In : MORTATTI, Maria do Rosário Longo; DA SILVA FRADE, Isabel Cristina Alves (Ed.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?**. Editora Oficina Universitária, 91-108, 2014.

SOUZA, Ailton. América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP,** Macapá, n. 4, p. 29-39, dez. 2011.

STRECK, Danilo Romeu. José Martí e a educação popular: um retorno às fontes. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.34, n.1, p. 011-025, jan./abr. 2008.

SUÁREZ, Mayada Álvarez. Políticas para el adelanto de la mujer y con perspectiva de género en Cuba. In: SUÁREZ, Mayada Álvarez; MEDINA, Yenelis Diaz. **Mujeres en Cuba una revolución en marcha.** Cuba: Editorial de la Mujer, Centro de Estudios de la Mujer, Federación de Mujeres Cubanas, 2021.

SWEEZY, Paul M.; HUBERMAN, Leo. **Cuba: anatomia de uma revolução.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1960.

TAJFEL, Henri. Some developments in European social psychology. **European Journal of Social Psychology,** 1972.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952 a 1958).** Tese

(Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História. Orientador: Prof. Dr. Luis Sérgio Duarte. Goiânia, 2009.

TERTULIAN, Nicolás. **Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

TROJAN, Rose Meri. Educação Básica e Formação Docente em Cuba: Prós e Contras. **Jornal de Políticas Educacionais**. Nº 3, p. 53 – 54, jan - jun. 2008.

TROPICAL. Para el hombre que sabe lo que quiere: *¡y ahora lo está haciendo!*. In: **Revista Bohemia**, La Habana, Año II, nº. 6, 5/2/1961.

_____.Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. **La batalla de la alfabetización**. UNESCO: Paris, 1965a.

UNESCO, Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. **Informe sobre los métodos y medios utilizados en Cuba para eliminar el analfabetismo**. Informe oficial de la UNESCO. Ciudad Libertad 6 de Julio 1965b.

_____.Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. **Alfabetización 1965-1967**. UNESCO: PARÍS, 1968.

_____.Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. **Estudio Sobre La Eficacia Y La Viabilidad Del Método De Alfabetización “Yo Sí Puedo”**. UNESCO: PARÍS, 2006.

VALENTIN, Renato Beschizza. Esporte e Revolução Cubana: ensaio sobre o fenômeno esportivo e a construção do socialismo em Cuba (1959-1990). **Record**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-18, jan./jun. 2021.

VASQUEZ, Adolfo Sanches. **Ética**. 25ª. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

VIEIRA, Vera Lucia; CASTAÑEDA, Eugenia Cecilia Gomez. Identidade latino-americana: dualismo ou integração. **VI Jornadas Latinoamericanas de Historia de las Relaciones Internacionales: “Regiones y Naciones. Las Relaciones Internacionales en el Espacio Latinoamericano y en el Mundo”**. Universidad Católica de Santiago del Estero. Argentina, 2009.

VILLELA, Fábio Fernades. Experiências Comparadas Na Educação Do Campo Entre Brasil E Cuba E As Possibilidades De Formação Omnilateral Na América Latina. **Ideação: Revista Do Centro De Educação E Letras Da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu**, v. 14 nº 1 p. 87-106, 1º semestre de 2012.

WEINBERG, Gregório. **Modelos educativos en la historia de América Latina**. Buenos Aires: A-Z, 1984.

WERTHEIN, Jorge; CARNOY, Martin. **Cuba: mudança econômica e reforma educacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ZANATTA, Loris. **Uma breve História da América Latina**. São Paulo: Cultrix, 2017.

ZOTTA, Donatella. **Experiencia pedagógicas en Cuba**. Havana: Sociedad de Educación Atenas, 1976.